

NOITES
COM OS
METHODISTAS
E OUTROS PROTESTANTES

RESPOSTA A SEYMOUR

AUTOR DO LIVRO

“NOITES COM OS ROMANISTAS”

PELO PADRE

HENRIQUE BRANDÃO C. S. S. R.

TOMO II

◡ APROVAÇÃO ECCLESIASTICA ◡



A. CAMPOS — EDITOR
CENTRO DE PROPAGANDA CATHOLICA
SÃO PAULO

NOTES
COM OS
METHODISTAS
E OUTROS PROTESTANTES
RESPONDA A SEYMOUR

ALTO DO LUGAR

"NOTES COM OS ROMANISTAS"

PELO AUTOR

HENRIQUE BRANDÃO C. S. R.

TOMO II

E APROVAÇÃO ECLESIASTICA



L. C. SMITH - EDITOR

GENERO DE LUGAR E DISTRIBUICAO

NO LUGAR

APPROVAÇÕES

Imprima-se. Por commissão do Exmo. e Revmo. Snr.
Arcebispo Metropolitano de S. Paulo.

S. Paulo, 20 de Janeiro de 1909.

ARCIPRESTE EZECHIAS GALVÃO DA FONTOURA.

Imprima-se o segundo volume das *Noites com os Methodistas* pelo Revmo. Padre H. B. Redemptorista.

Rio de Janeiro, 20 de Janeiro de 1909.

PADRE AUGUSTO BEUKERS C. S. S. R.

Visitador

APPROVAÇÕES

Impressão e por comissão do Excmo. e Ilmo. Sr. Governador
do Estado do Maranhão de S. Paulo
em 21 de Janeiro de 1861.
Auctoridade Executiva: João de Deus

Impressão e a segunda edição em 1861
e por João Baptista de S. Paulo
Rio de Janeiro 20 de Janeiro de 1861
PARECE APROVADO: João de Deus



CAPITULO VIII

A ORAÇÃO AOS SANTOS

Nos tres artigos que vão seguir o autor das *Noites com os Romanistas*, trata successivamente da oração aos Santos, da invocação dos Santos e do culto dos Santos.

Embora seja muito difficil indicar a razão porque quiz consagrar tres artigos a um assumpto que facilmente pudera tratar n'um só, quer me parecer que, além do desejo de aproveitar a occasião opportuna que lhe offereceu esta divisão para repetir muitas vezes as mesmas objecções, tambem contribuiu muito o de encarar a questão sob differentes pontos de vista. Com effeito; na *Oração aos Santos* seu fim é mais provar a inutilidade d'uma tal oração feita a Santos que não nos pôdem vêr e ouvir; na *Invocação dos Santos* o perigo ao qual nos expomos de nos dirigir não a um Santo do Céu, mas a um condemnado ao inferno; no *Culto dos Santos* a origem pagã desta pratica catholica.

Tratemos, pois, neste artigo DA ORAÇÃO AOS SANTOS.

Occasião para protestar contra a dita oração achou o autor n'uma conversa que teve um dia com um homem de character muito elevado, tido por todos em grande reputação por causa da sua moralidade. Querendo averiguar o principio desta moralidade, pediu-lhe o autor, que lhe explicasse como podia resistir ás tentações a que tantos de seus visinhos cediam sempre?

Respondeu o honrado camponez (pois tal era sua profissão)

- * que se tinha consagrado a S. Pedro, principe dos Apostolos,
- * sobre quem, como sobre um rochedo N. S. Jesus Christo
- * tinha edificado sua Igreja; que procurava viver como se S.
- * Pedro estivesse sempre a seu lado, e que desejava anciosa-

« mente evitar tudo aquillo que pudesse desagradar-lhe; que, sempre que sentia alguma tentação, sempre que estava em perigo de cahir em algum peccado, recordava a presença desse Apostolo, e perguntava a si mesmo se o acto o des-gostaria; e ajuntou que a idéa de entristecer a S. Pedro bastava sempre para fazel-o fugir ao peccado. »

Exemplo tão particular, em que, segundo a opinião errada do autor, que nada comprehende do culto que aos Santos tributam os catholicos, « toda a consideração terminava em S. Pedro, sem que houvesse uma palavra, parece até que nem se quer um pensamento a respeito de Deus, » o estranhou sobremaneira. Dahi seus esforços caridosos (?) para tirar seu interlocutor do pretenso erro em que dava.

« Disse-lhe eu, então, continua o autor, com a maior brandura que me foi possível, que elle punha S. Pedro em lugar do seu Deus e Salvador »; [pobre homem! de que susto devia ser tomado ao ouvir esta sentença!] « que a verdadeira religião exige de nós que tenhamos esta piedade de sentimento para com Christo, que nos compenetrems da sua presença, que busquemos o seu favor, e que evitemos o pensamento de fazer qualquer cousa que possa ferir o amor de tão affetuoso Salvador, mas que elle tinha elevado S. Pedro ao lugar que só a Christo pertence, que tinha substituido pela creatura o Creador, e que, além disto, tinha feito de S. Pedro o seu Deus e Salvador. »

E, como o bom lavrador persistiu em sua affirmacão, dizendo, « que estava certo de que sua consagração a este Santo não se devia reputar como offensa de Deus, » o ministro evangelico procurou impressional-o, apresentando-lhe como exemplo, o facto de que será faltar « á lealdade » devida a um soberano da terra o desthronisal-o para coroar algum subito substituindo-o no seu lugar e tributando-lhe a honra, a homenagem, a obediencia e a lealdade que devem pertencer exclusivamente ao soberano legitimo, e que, do mesmo modo, « o principio religioso pelo qual elle se regia importava de facto desthronisar o Rei dos reis e exaltar outro, creatura cahida e peccaminosa, no throno do Creador. Disse-lhe mais que isto constituia uma das differenças essenciaes entre a igreja protestante [melhor era dizer a seita protestante] « e a romana » [leia-se Catholica, Apostolica, Romana] « a primeira exalta sempre o Salvador » [bonita exaltação essa de revoltar-se contra a Igreja instituida por Elle!!!] « a outra, os Santos » [sim; mas não á custa do Salvador] « uma adora o Creador » [isto é a Catholica, Apostolica, Romana, sim; adora o seu Divino Fundador] « a outra põe a creatura no lugar della » [é o que faz o protestantismo, seguindo a doutrina de Lutero cum suis e rejeitando a de Jesus Christo].

Eis, pois, a primeira objecção contra o culto dos Santos, que neste artigo e nos que seguem, será repetida a cada instante e sob todas as fórmãs.

Será ainda preciso tornar a refutal-a depois das respostas esmagadoras que lhe tem sido dadas desde a Reforma? Ou é verdade que, invocando os Santos, os catholicos adoram a creatura em lugar do Creador? Decerto, dar-se-ia este caso se, invocando os Santos, os catholicos pretendessem obter delles o favor pedido *como proveniente delles proprios por um poder innato, sem dependencia alguma de Deus*. Assim, porém, não fazem. Esperam a graça desejada UNICAMENTE DE DEUS E EM VIRTUDE DOS MERECIMENTOS DE JESUS CHRISTO; mas *pela intercessão do Santo a quem dirigem sua oração*. Valem-se, por conseguinte, do Santo e da sua intercessão junto ao throno de Deus do mesmo modo que nós nos valemos *do ministro e da sua intercessão* para obtermos uma graça do rei. E assim como o recurso ao ministro não desthronisa o rei ou eleva aquelle acima deste, tão pouco o faz com respeito a Deus o recurso ao Santo. Muito pelo contrario; este recurso honra e glorifica a Deus e o move a conceder aos homens por meio do Santo que invocam, a graça pedida.

Protestantes sinceros, que não se deixam levar pelo espirito de partido, reconhecem-no, e, longe de considerar a oração aos Santos como derogatoria ao culto de latria que devemos a Deus, a aprovam e praticam. Quem quizer ler alguns de seus testemunhos veja de Laet «Heresia Protestante» p. 67-70.

Por isso não é verdade o que sustenta o autor, que a razão do feliz exito do systema de seu amigo (isto é, da pratica de nas tentações lembrar-se de S. Pedro e recomendar-se-lhe,) não passava d'um desvio de seus pensamentos para outro objecto; não; este feliz exito é a consequencia necessaria *do amor á virtude* que produz na alma do catholico a lembrança das virtudes heroicas praticadas pelos Santos, e *da força para pratical-as*, que elles, sendo invocados, lhe alcançam. E quando o autor prosegue, dizendo com tanta unction evangelica, que elle tinha por costume, quando se sentia disposto a murmurar, a queixar-se ou ceder a qualquer tentação, chamar á memoria o amor, os soffrimentos e a morte de Christo, occupar-se na recordação de suas palavras affectuosas, seus doces convites e suas preciosas promessas, etc., etc., concedemos de bom grado que este modo de combater as tentações na realidade é mais elevado; porém, accrescentamos que é applicado pelos catholicos tambem, *mesmo pelos que se consagram a qualquer Santo*; A UNICA COUSA DE QUE DUVIDAMOS É, SE TAMBEM É PRATICADO PELO AUTOR, cuja veracidade, como vemos a cada

instante, não merece fé alguma, e que apprehendeu com « o pae da mentira » o segredo de transformar em anjo de luz.

Mas a dita objecção é proposta pelo autor ainda sob outra fórma. Para que a oração ao Santo possa ser proveitosa a quem o invocar, é preciso que o Santo do alto do céu o possa ouvir, conheça sua necessidade, interceda por elle junto ao throno de Deus e tenha o poder de lhe alcançar a graça pedida. Ora, attribuir taes poderes a qualquer Santo no céu, creatura finita como é, seria, na phrase d'elle, adorar a creatura como se fosse o Creador, seria revesti-lo da essencia divina. Por isso, *nega absolutamente que os Santos no céu possam ouvir as nossas supplicas e, por consequente, responder-lhes com sua intercessão.* E para fazer sobresahir esta impossibilidade allega muitas razões.

São as seguintes: a) *a multidão das pessoas que a um tempo e em varios logares do mundo fazem oração ao mesmo Santo.* Eis as suas palavras: « Prosegui, dizendo que me parecia irracional e impossivel que, quando os homens na China, no Canadá, no Egypto, na Russia, na Italia e na Inglaterra faziam oração ao mesmo santo no céu, e todos a um tempo, que quando milhões de pessoas se occupavam nisto, o Santo os ouvisse e entendesse a todos. »

b) *a natureza da oração que muitas vezes é toda interna.* « Acontecendo ainda que a oração não é sómente a expressão de palavras articuladas, mas muitas vezes o suspiro, o desejo e a aspiração da alma, é impossivel que alguem veja e saiba a devoção e a sinceridade de alguns, sem saber os pensamentos secretos e penetrar nos animos e corações de todos. »

c) *a necessidade do Santo saber tudo o que se passa nos corações dos homens sobre a terra.* « E não pôde haver utilidade de alguma em fazer oração a um Santo, ao menos que este, desde a altura da sua gloria no céu, possa vêr, ouvir e saber, não uma parte mas tudo o que se passa nos corações dos homens sobre a terra. Deve saber todas as provações, fraquezas e tentações afim de apreciar todas as circumstancias que aggravam seus peccados e todas as particularidades que attenuam suas faltas. »

Todas essas razões juntas, e mais outras que veremos ao depois, fazem, segundo o autor, que os Santos não podem ouvir as nossas supplicas e, por consequente, nem interceder por nós e ainda menos obter-nos a graça pedida. Attribuir-lhes estes poderes seria elevá-los á altura da Divindade, revesti-los da essencia divina.

Respondo: E não obstante estas graves (??) razões allegadas pelo sabio (?) autor, *é certo, absolutamente certo, que os Santos no céu sabem o que se passa neste mundo, ouvem as supplicas de seus devotos servidores, intercedem por elles junto ao*

throno de Deus e lhes alcançam as graças pedidas. Donde se segue forçosamente que invocal-os não é, como assevera o pastor protestante, um acto inútil, e ainda menos um acto que derogue ao culto de latría que deremos a Deus ou que lhe tire a sua divina essencia.

E' evidente. Ou não poderá Deus que, sem despojar-se da sua divina essencia para com ella revestir suas proprias creaturas, revelou AOS SANTOS, EM QUANTO AINDA VIVOS NESTA TERRA, *cousas que não presenciaram e naturalmente não puderam saber naquelle momento*, como por exemplo a idolatria de seu povo a Moyses no monte Sinai (Exod. XXII. 7), a infidelidade de seu criado Giesi e os planos secretos do rei da Syria ao propheta Eliseu (IV Reg. V. 26; VIII. 23), a fraude de Ananias e de sua mulher Zephira ao Apostolo S. Pedro (Act. V: 3-9), a oração de S. Paulo a Ananias (Act. IX, 11) — não poderá este Deus com mais forte razão revelar AOS SANTOS NO CÉO *as cousas que não pôdem saber naturalmente*, sem por isso despojar-se da sua divina essencia e revestir della os Santos? Negal-o é simplesmente absurdo. *Não ha, pois, contradicção alguma em admittir nos Santos o conhecimento do que vae por este mundo.* Ha mais; o que a razão já admite como possível e muito racional *é posto para fora de toda a duvida pela palavra infallivel do proprio Deus*, o qual na Escripтура Sagrada nos apresenta os Santos no céu *como conhecedores do que se passa no mundo e empenhados em interceder por nós.* Basta appellar para a parábola do rico avarento, sepultado no inferno (Luc. XVI: 19-31). D'ella se depreheende que o patriarcha Abrahão, que vivera e morrera muitos seculos antes de nascerem o pobre Lazaro, o mau rico, Moyses e os Prophetas, *não sómente sabia que todos elles tinham existido*, — v. 29 «E Abrahão lhe disse: Elles (os irmãos ainda vivos do mau rico a quem fallava) lá têm Moyses e os Prophetas; ouçam-os, — *senão tambem que do logar da paz onde estava, presenciára, a differente sorte que tinham tido neste mundo*, — v. 25. «E Abrahão lhe respondeu (ao mau rico), filho, lembra-te que recebeste os bens em tua vida e que Lazaro não teve senão males».

D'esta mesma parábola deduz-se tambem *que os Santos no céu ouvem as supplicas de seus devotos servidores.* Pois se, *estando ainda no limbo*, o justo Abrahão ouvia as supplicas que lhe fez *um condemnado ao inferno a quem não mais podia valer* — v. 24 «E gritando elle lhe disse: Pae Abrahão, compadece-te de mim e manda a Lazaro para que molhe a ponta de seu dedo afim de me refrescar a lingua, pois sou atormentado nesta chama»; e v. 27 «E disse o rico: Pois eu te rogo, pae, que o mandes á casa de meu pae, pois que tenho cinco irmãos, para que não succeda virem tambem elles para este logar de tormentos» — não será absurdo negar que este mesmo Abrahão,

admittido depois da morte de N. S. Jesus Christo AO CÉO, possa ouvir as supplicas. não de um condemnado, *mas d'um seu de-roto que implora seu auxilio?* E se não podemos negar este poder a Abrahão podel-o-hemos negar aos outros Santos?

A mesma parabola insinua tambem o *facto* (aliás provado por outros passos da Escriptura Sagrada, como por exemplo II Maccab. XV : 12-14), *da sua intercessão em prol de seus devotos servidores.* Pois a supplica do mau rico respondeu Abrahão,—v. 26, «E demais (lembra-te) que entre nós e vós está firmado um grande abysmo de maneira que os que querem passar d'aquí para vós não o podem, nem os de lá passar para cá». — Não é como se dissesse: de muito bom grado eu intercederia por ti; mas tu mesmo não ignoras, que por um condemnado ao inferno não posso mais interceder. Só posso interceder pelos vivos que imploram meu auxilio.

Segue-se d'isto, que não é um acto *inutil* fazer oração aos Santos, os quaes, como acabamos de provar, sabem o que vae por este mundo, ouvem as nossas supplicas e intercedem por nós. Muito pelo contrario; é um acto *utilissimo*, como provam os *innumeros milagres*, que todos os annos á invocação da SS. Virgem Maria se operam em Lourdes, milagres *scientificamente examinados e reconhecidos por juizes competentes, entre os quaes muitos atheos e incredulos.* (*)

(*) Estão publicadas as curas milagrosas effectuadas em Lourdes durante as procissões com o SS. Sacramento, desde a epocha das celebres aparições. *E' digno notar-se que todas foram constatadas pela sciencia.* São as seguintes:

Tuberculose de diferentes classes.	747
Curas do aparelho digestivo.	583
" " " circulatorio.	76
" da medula espinhal.	137
" dos ossos, tumores, chagas	1928

«A clinica, chamada *Escriptorio das verificações medicas*, estabelecido em 1886, está installada junto á gruta. Nella os medicos se reúnem, trabalham, examinam, discutem, estudam das 8 ás 11 horas da manhã e de 1 ás 6 da tarde. Entre elles ha catholicos, porém muito mais incredulos e atheos, que para alli se dirigiram afim de explicar o segredo das curas. A composição heterogenea d'aquelle meio scientifico vai admiravelmente com o fim da instituição; assegura a imparcialidade, que deve presidir ás conscienciosas pesquisas, jugula os entusiasmos ardentes; impede que triumphem preconceitos; deixando lugar apenas á *verdade scientifica*, ao methodo essencialmente critico. A primeira sala serve de gabinete de espera dos enfermos e curados. Alli os soccorridos pela SS. Virgem vem refugiar-se contra os ardores entusiasticos das multidões; e os enfermos vêm para serem examinados *antes de descerem ás piscinas.* As duas salas seguintes servem para o exame detido dos curados. Comissões medicas, compostas de dois ou mais clinicos fazem um trabalho elimatorio. Os casos pouco interessantes são afastados, após um exame summario. Os casos verdadeiramente extraordinarios são estudados com notavel minuciosidade; examinam-se os papeis do enfermo; attestados medicos, cartas explicativas, documentos que provam sua identidade, etc. Depois, entra-se no estudo das mudanças affirmadas. Terminado este trabalho preparatorio, os medicos

Esses milagres, feitos pela intercessão da SS. Virgem e de outros Santos a pedido de seus devotos, provam por sua vez, não sómente que os Santos conhecem as misérias humanas, ouvem as orações de seus afeiçoados, intercedem por elles junto ao trono de Deus, SENÃO TAMBEM QUE LHES ALCANÇAM AS GRAÇAS PEDIDAS.

Mais: provam com a evidencia da luz do meio dia que, INVOCANDO OS SANTOS, NÃO DEROGAMOS AO CULTO DE DEUS. Pois, como poderia Deus, *que é o autor de todos os milagres*, recompensar com os milagres mais assombrosos um culto, que, na phrase do autor, *o desthronasse, elevasse a creatura á altura do Creador e a revestisse da essencia divina?*

Não: a oração aos Santos em nada contradiz ao culto que devemos a Deus; pelo contrario, contribue poderosamente para honrar e glorificar seus divinos attributos, sua Omnipotencia, sua Sabedoria, sua infinita Bondade; e todo o erro do autor, reprovando esta oração, provém unicamente da falsa idéa que elle se faz da sua natureza. Sim; se, recorrendo á intercessão dos Santos, os catholicos cressem, *que elles por propria virtude, por um poder innato e inherente, e sem dependencia alguma de Deus*, podem saber o que se passa no mundo, ouvir as supplicas dos mortaes, e recompensal-as com milagres de sua munificencia, o autor teria pleno jús de invectivar contra tal crença e reprovar a oração aos Santos como derogatoria ao culto que devemos a Deus.

Assim, porém, não é. O Concilio Tridentino (Sess. XXV, de invoc.) ensina com expressas palavras o contrario. Reconhece que os Santos offerecem a Deus suas orações em pról dos homens; diz, que é bom e util invocal-os e esperar d'elles beneficios; — mas ao mesmo tempo define que o conhecimento das nossas misérias e orações LHES VEM DE DEUS; que Aquelle que concede a graça pedida não é o Santo, MAS DEUS; e que o motivo porque Deus á intercessão dos Santos a concede são os

conduzem o curado ao salão. Alli fazem o relatorio do que verificaram, só então é que se abre a discussão geral e contradictoria.

As opiniões são expressas com grande liberdade; os methodos mais diferentes são applicados e as testemunhas sujeitas a interrogatorios minuciosos. Cada qual toma nota, faz perguntas, levanta objecções, tira conclusões como lhe apraz. A synthese dos debates é geralmente resumida pelo presidente, que dita em voz alta e sob a fiscalisação de seus collegas a acta de cada parte da sessão. Muitas vezes os enfermos são convidados a submeter-se a novos exames nos dias immediatos. Sempre se decide que continuem as pesquisas no decurso dos mezes seguintes... Todos os medicos que se apresentam no Escriptorio, são admittidos, sejam quaes forem suas idéas ou sua religião, e todos têm prestado homenagem á imparcialidade verdadeiramente scientifica que alli preside aos exames medicos» (T. Mondin contra Barreto).

Que dirá sobre isto o autor? Conhecem ou não conhecem os Santos o que vai por este mundo?

INFINITOS MERECIMENTOS DE N. S. JESUS CHRISTO, NOSSO UNICO REDEMPTOR E SALVADOR.

E se, para nos confundir, o autor exige de nós, assim como exige de seu interlocutor, que lhe expliquemos o modo por que os Santos no céu vêm o que se passa no mundo e ouvem as supplicas dos necessitados, exigimos que *elle primeiro nos explique o modo por que os Santos, enquanto vivos nesta terra, os Anjos glorificados ao Céu, e os demonios condemnados ao inferno ticeram e ainda têm este conhecimento?*

Com effeito, se Moysés no monte Sinai (Exod. XXII: 7) soube da idolatria de seu povo; se Elizeu, embora ausente teve conhecimento do que se passára entre Giezi e Naaman (IV Reg. v. 26-27), do que se tinha dito em concilio secreto no gabinete do rei da Syria (IV Reg. VIII: 23), se o Apostolo S. Pedro não ignorava a fraude de Ananias e de sua mulher Zephira (Act. V: 3-9); se os Anjos (I Cor. IV: 9; I Timot. III: 16; Math. XVIII: 10, etc.) e até os proprios demonios estão ao par dos successos terrenos (Job II: 1-3; I Pedr. V: 8; Apoc. XII, 10), sem que o autor, ADMITTINDO ESTES FACTOS BIBLICOS, POSSA EXPLICAR O MODO PORQUE CHEGARAM A ESTE CONHECIMENTO TÃO MINUCIOSO E CIRCUMSTANCIADO SENÃO POR REVELAÇÃO DIVINA, poderá exigir de nós que lhe expliquemos *de outro modo* o conhecimento que têm os Santos das cousas d'este mundo? Seria simplesmente absurdo.

Muito de proposito diz certo autor: « Ha um grande numero de cousas nesta vida das quaes é impossivel duvidar e que não podemos por forma alguma explicar. Vivemos, dormimos, alimentamo-nos, sentimos frio e calor... Mas que é a vida? Que o somno? Como succede que o que comemos se transforma em sangue, carne, ossos, cabellos etc.?... Como se dá que o calor que endurece os ovos, derrete o chumbo? Todas estas cousas e uma infinidade de outras de que não podemos duvidar são profundos mysterios que por forma nenhuma podemos explicar.

« O mesmo succede no caso de que tratamos. Os Anjos e Santos nos ouvem e comtudo não sabemos a maneira porque isto se dá. O que podemos affirmar é que, segundo a expressão de S. Paulo (I Cor. XIII: 12), ELLES VEEM A DEUS FACE A FACE; tudo o mais é profundo mysterio ».

D'ahi a doutrina dos theologos, que apoiados neste texto, ensinam unanimemente que o *objecto primario* da visão beatifica dos Santos no céu é o *proprio Deus* assim como *elle é em si mesmo*, porém o *objecto secundario* as creaturas. (*)

(*) Segundo os theologos catholicos o *objecto primario* da visão beatifica é Deus, cuja simplicissima essencia os Santos vendo intuitivamente, ao mesmo tempo vêm tudo o que realmente se identifica com esta essencia, isto é, as perfeições divinas e as pessoas divinas. Embora, porém, Deus

De tudo quanto ficou dito vê-se quão ridícula é a primeira razão allegada pelo autor para provar a impossibilidade d'este conhecimento nos Santos do céu, a saber: a multidão das pessoas que a um tempo e em varios paizes do mundo fazem oração ao mesmo Santo. Ou será, porventura, mais difficil a Deus revelar-lhe as supplicas de *milhões* de homens do que a *d'um só*? Não poderá o mesmo Deus que na hora de nossa morte — (é muito salutar que o autor e seus afieitados se compenetrem d'isto) — nos mostrará *como num espelho e num só golpe de olhos* todos os nossos peccados, commettidos desde o despertar de nosso juizo até nosso derradeiro alito, por pensamentos, desejos, palavras, acções e omissões, — não poderá elle tambem mostrar aos Santos em sua divina essencia e *como num espelho num só golpe de olhos* as petições de todos os seus devotos, por mais numerosos e mais espalhados por varios paizes que forem?

Negal-o seria negar a Omnipotencia de Deus!!!

Ainda mais ridícula e pueril é a segunda razão por que o autor se esforça por derrubar a doutrina catholica do conhecimento dos Santos; quero dizer: que a oração muitas vezes é só interna. Esta objecção suppõe nelles a necessidade de órgãos corporaes, suppõe que para conhecerem as nossas neces-

tudo é visto por todos os Santos, nenhum d'elles *o comprehende*, mas todos *o veem com diversa intensidade de visão*.

O *objecto secundario* da visão beatifica são as cousas distinctas de Deus que os Santos veem na essencia divina. Todavia, embora todas as cousas distinctas de Deus, tanto as que existem como as que são possiveis, se possam conhecer na essencia divina, a causa prima e o exemplar de todas, *nenhum dos Santos vê em Deus todas essas cousas*, porque nenhum d'elles *o comprehende*. Em geral pode-se dizer que a visão intuitiva dos objectos secundarios *será conforme á intensidade com que veem a Deus, e ás exigencias do estado de cada um d'elles e do grau que possui na hierarchia celestial*.

D'ahi se depreheende: a) que *todos os Santos veem todos os mysterios e verdades que nesta terra constituem o objecto de nossa fé*, pois á fé, como principio, succede no céu a visão como perfeição.

b) *Que todos veem o universo creado, em quanto consta de substancias permanentes*, afim de que pela vista da grandeza, ordem, belleza, das especies e substancias das cousas creadas cheguem a vêr a essencia, o poder, a sabedoria, a bondade, a belleza de Deus, que de todas as cousas creadas é a causa exemplar, efficiente, conservadora e final.

c) *Que todos veem a Jerusalém celestial com todos os seus habitantes, Anjos e Santos, que veem seu numero, os merecimentos, a dignidade, a gloria de cada um d'elles*, pois tudo isto está na mais intima connexão com o estado perfeito de cada um dos bemaventurados, que constituem os cidadãos da Jerusalém celestial.

d) *Que do que se passa entre os homens, sobretudo na Igreja Militante e Purgante cada um d'elles vê o que lhe toca*, conforme o estado e o grau que alcançaram na hierarchia celestial e na communhão dos Santos. Por isso, cada um d'elles conhece o que lhe dizia respeito emquanto ainda vivia neste mundo, como tambem o culto que lhe é tributado por seus devotos servidores e as orações que elles lhe dirigem.

sidades e ouvir as nossas supplicas os Santos *precisem de olhos, de ouvidos!!!* Que enormidade!!!

Se isto fosse verdade, como então os Anjos e os demonios que são *puros espiritos* e, por conseguinte, não têm corpos nem órgãos corporaes, poderiam saber o que se passa neste mundo? E como o puderam Abrahão no limbo e o mau rico no inferno, sendo fóra de duvida que seus corpos depois da morte foram sepultados, por outras palavras ficaram nesta terra? Não; se a privação dos órgãos corporaes não impediu *a um condemnado ao inferno* saber o que se passava neste mundo (a impenitencia continuada de seus cinco irmãos), impedil-a-á porventura *aos Santos que estão no céo*? Muito pelo contrario; esta privação *facilitar-lhes-á este conhecimento*, como parece insinuar o grande Apostolo S. Paulo, dizendo, I Cor. XIII: 9-12: « nós « agora vemos a Deus como num espelho em enigmas, mas « então face a face. Agora conheço-o em parte: mas então « hei-de conhecê-lo, como eu mesmo sou d'elle conhecido ».

Tão pouco adianta dizer com o autor, em terceiro lugar, que os Santos para poderem soccorrer a seus devotos servidores que com elles se apegam, devem saber tudo o que se passa nos corações dos homens sobre a terra. Pois é uma asserção gratuita que não repousa em fundamento sério. Os Santos absolutamente não precisam *d'esta sciencia universal*; basta que conheçam as necessidades e orações dos que imploram seu auxilio. E, supposto mas não concedido, que d'ella precisassem porventura Deus *lh'a negaria*?

Fica pois, provado, que os Santos no céo sabem o que vae por este mundo, ouvem as supplicas de seus afeiçoados, intercedem por elles junto ao throno de Deus, lhes alcançam as graças pedidas, sem que nisto haja derogação alguma ao culto de Deus.

Mas o autor, seguindo o costume 20 vezes secular de todos os herejes, teima; apresenta outra objecção. Eil-a: Admittir nos Santos o conhecimento do que se passa neste mundo é fazer-se dos Santos uma idéa muito baixa: *é admittir que elles no céo não são perfeitamente felizes*. E porque? Porque este conhecimento, ao seu vêr, *lhes perturbaria e amarguraria toda a sua felicidade*.

Ouçamos como elle mesmo desenvolve seu argumento: « Respondi que formava da felicidade e da gloria dos Santos « no céo idéas muito mais elevadas do que as que elle [o tal « consagrado a S. Pedro] parecia ter, e que elle era quem os « privava dos privilegios e da bemaventurança mais verdadeira « e assignalada.

« Parecia não poder entender como isto pudesse ser » [não ha de estranhar] « e pediu que me explicasse, pois elle sempre « pensára » [e pensou bem] « que a igreja romana tributava aos

« santos muito mais reverencia do que a igreja » [a seita] « protestante : os protestantes, disse elle, não lhes dirigem nem a elles nem ás suas imagens » [??] « oração alguma, e, ao que parece, não pensam nelles mais do que o fariam se não houvesse santos na gloria ». [É isto mesmo].

« Em contestação, disse-lhe, com toda a expressão de benevolencia, que me compadecia » [dispensamos de tal compadecimento] « de todos aquelles que vivem no erro por terem sido nelle educados desde a infancia » [como por exemplo os protestantes e outros sectarios] — « que me parecia que os catholicos romanos tinham um muito baixo e inexacto conceito do estado glorificado dos santos, ao passo que os protestantes tinham idéas mais elevadas e cabaes sobre este assumpto ». [Veremos].

« Cremos, segundo varias passagens das Sagradas Escrituras, que os santos estão no céo, desfructando a sociedade de Jesus Christo »... [Segue-se agora uma descripção da bemaventurança dos Santos que o autor conclúe com a pergunta : « Se não é verdade que os protestantes se fazem uma idéa elevada da gloria e bemaventurança dos Santos ? » — Sem perceber que, negando-lhes o conhecimento das orações dos necessitados e o poder de os soccorrerem, *nega a communhão dos Santos, banne do céo a caridade, a unica virtude que sobreviverá a todas, e faz dos celicolos uns isolados, que não se importam com os membros da Igreja Militante, a quem são unidos pelos laços mais fortes.* Depois, vendo que seu interlocutor parecia impressionado do que ouvira, continúa:] « Aproveitei, pois, a occasião para dizer que, eu pensava que se os santos vissem, ouvissem e soubessem tudo o que se passa na terra, isto turbaria e amarguraria toda a sua felicidade. Se um pae ou uma mãe, olhando aqui para baixo, visse ou soubesse de todos os peccados, loucuras, dôres e vergonha de seus filhos, se visse ou soubesse de todos os trabalhos, misérias e infortunios que lhes sobrevêm, isto certamente enristeceria e escureceria suas horas brilhantes, mesmo no céo. Se um marido ou uma mulher que tenha vivido santamente na terra e agora seja um santo no céo tivesse de vêr e saber a vida posterior d'aquelle que por tanto tempo tinha sido participante de toda a sua sollicitude e sentimento e seu companheiro em todos os prazeres : se tivesse de vêr e saber que elle mesmo está esquecido e que não se pensa mais em si — e vêr que outro occupa o seu lugar na familia e nos affectos dos objectos queridos, tudo isto tenderia a diminuir a felicidade no céo. Não é razoavel suppôr que os santos não saibam mais do que aquillo que pôde concorrer para a sua felicidade? E, se pudessem ouvir as supplicas que lhes fazemos para que nos livrem da enfermidade, desgraça o :

« soffrimento, ouviriam tambem os nossos suspiros na desgraça,
 « os gemidos que o soffrimento nos arranca e as nossas queixas na enfermidade. Se nos pudessem vêr em nossas horas
 « de afflicção, tambem nos veriam em nossas horas de abandono; e se pudessem lêr os pensamentos santos de nossos
 « corações, não poderiam ignorar tambem os nossos sentimentos e desejos impuros; e accrescentei que, se consideramos
 « que em cada um de nós, ainda nos melhores e mais santos, ha sempre mais mal do que bem, mais impureza do que santidade, mais cousas dignas de lastima do que de louvor, devemos concluir que não contribuiria para a felicidade dos
 « santos no céu o poderem vêr e saber o que acontece entre aquelles que deixaram na terra.

« O meu companheiro ouviu-me muito attentamente emquanto eu desenvolvia este ponto; e, embora nada dissesse ao principio, vi que o meu argumento ia produzindo o seu effeito. Dir-se-hia que os seus sentimentos estavam contra mim, ao passo que sua razão se declarou por mim. Lembrei-lhe então que nossa conversação tinha tido origem na sua exposição do modo porque evitava o peccado, pensando que suas faltas entristeceriam a S. Pedro. Sem duvida, lhe disse eu, se S. Pedro se entristecesse pelos peccados de todos que nelle creem » [??] « teria mesmo no estado celestial, mais tristeza do que gozo. A felicidade do céu parece exigir que alli estejamos alliviados eternamente, não só dos negocios d'este mundo, como tambem do conhecimento d'elles. Tudo isto parece ser essencial para a verdadeira felicidade do homem ».

A esta objecção que, proposta em termos tão patheticos, talvez tenha impressionado os que costumam deixar-se arrastar mais pelo sentimento do que pela razão, respondo:

1. Que a ignorancia das cousas terrenas *não é nem pôde ser* uma condição essencial para a verdadeira felicidade dos Santos. E' evidente. Pois, se como acabamos de vêr, é certo que os Santos têm este conhecimento, é impossivel que *sua falta* constitua uma condição essencial para a sua felicidade.

2. Que, se o conhecimento das iniquidades, torpezas, desgraças e misérias terrenas fosse um obstaculo á verdadeira felicidade do céu, *o proprio Deus*, que vê e sabe infinitamente melhor que todos os Santos juntos o que vae por este mundo, *devia ser o mais infeliz de todos os celicolos*.

3. Que, assim como não diminúe a felicidade dos Santos a sciencia certa, *que tem da condemnação eterna (a maior das desgraças possiveis)* de muitos de seus parentes, amigos e conhecidos que os precederam na morte, tão pouco a diminúe o conhecimento que têm dos soffrimentos e peccados dos vivos, tanto mais porque os soffrimentos supportados com resignação a seu

er não são males mas provações que contribuem muito para os tornar depois da morte mais felizes no céu; e os peccados ainda podem ser perdoados e, uma vez perdoados, *os excitarão a mais amarem a Deus.*

4. Que, se pôde parecer duro que o Santo conheça a desgraça de alguém a quem ama, *é indubitavelmente mais duro para elle, ficar, a respeito d'um ente bem querido, em total ignorancia e horrorosa incerteza.*

5. Que negar aos Santos o conhecimento das cousas terrenas, para ao depois poder negar a sua intercessão em prò dos necessitados, *é offuscar nos Santos o esplendor da caridade,* d'aquella UNICA VIRTUDE que, segundo S. Paulo (I Cor. XIII: 8) JAMAIS HADE ACABAR. (*)

6. Que a impressão que fazem nas almas dos mortaes as cousas terrenas *não é medida adequada* para julgar da impressão que fazem nas almas dos bemaventurados, como se prova pela resposta que deu Jesus aos judeus, quando lhe perguntavam ao qual dos 7 maridos, que tivera successivamente, pertenceria certa mulher, depois da sua morte, no céu? (Math. XXII: 29) E, respondendo, Jesus lhes disse: «Errais, não sabendo as escripturas, *nem o poder de Deus*» (v. 20) «Porque «na resurreição nem as mulheres têm maridos, nem os maridos mulheres; mas serão como os Anjos de Deus no céu».

Refutada esta objecção, ouçamos outra que tambem tem por fim negar aos Santos o conhecimento do que se passa neste mundo.

Em sua discussão com o autor seu interlocutor, talvez arrastado pelo argumento especioso que os Santos estavam privados de órgãos corporaes, isto é, de olhos, de ouvidos, dissera que, embora os Santos não pudessem escutar as nossas supplicas, era possível que Deus lh'as revelasse. D'ahi as palavras do autor: «Respondi que tal conjectura em nada podia apoiar «o seu costume (de invocar S. Pedro); que elle suppunha que «Deus diz aos Santos as nossas orações, e os Santos então as

(*) S. Paulo — pondera sobre este assumpto o douto Cardeal Wiseman, citado pelo Exmo. Dr. Carlos de Laet (Heresia Protestante, pg. 5) — S. Paulo nos diz que as virtudes ora existentes têm de anniquilar-se no céu, excepto uma, a caridade ou o amor. Não de extinguir-se a esperança e a fé; mas a caridade, o affecto, permanecerão inalteraveis, e hão de tornar-se o alimento, a essencia d'esse estado de bemaventurança. Quem, pois, imaginará, quem por um só momento terá esta idéa, que o filhinho arrebatado no seio materno por Deus, que o quiz libertar d'um mundo de sofrimentos, não continue a bem querer a quem elle deixou no mundo e de sympathizar com a dôr que a pobre mãe verga sobre o tumulto do filho? E, si é o privilegio do amor neste mundo, si é um dos seus deveres mais sagrados orar ao Senhor da vida pelos que mais ternamente amamos — nem por isto se nos pôde accusar de fazermos injuria a Deus ou de menosprezarmos os meritos de Jesus Christo, — porque é que tal dever de caridade tão sagrado, tão admiravel terá cessado no céu?

« revelam de novo a Deus. Disse-lhe que a sua supposição era
 « irracional, e que, em vez de defender a pratica, parecia an-
 « tes zombar d'ella.

« Porém, perguntou emphaticamente, não se chegaria o
 « senhor a um rei ou uma rainha por meio de seus favoritos
 « e cortezãos? Atrever-se-hia por si só a ir á presença real
 « e fazer sua petição? Não lhe parece, do mesmo modo, que
 « é mais humilde approximarmo-nos de Deus, o grande Deus
 « do céo, por meio dos Anjos e dos Santos que são seus fa-
 « voritos e amigos?

« Repliquei-lhe, dizendo que, mesmo sendo bom e são o
 « seu principio, o que eu não concedia, resultava que elle
 « mesmo não praticava segundo este principio, nem d'elle ba-
 « seava o seu systema, pois que este consistia em dirigir uma
 « petição a um Santo que não podia ouvi-la, tendo Deus de
 « ouvir-a primeiro e dar parte ao Santo, e então este a apre-
 « sentar de novo a Deus. Acontece exactamente como se o
 « senhor tivesse de apresentar ao rei uma petição e quizesse
 « apresentar-lh'a por meio d'um de seus favoritos, o qual, no
 « entanto não pudesse recebê-la senão das mãos do mesmo rei:
 « assim é que o seu systema suppõe que o rei entrega a sua
 « petição ao favorito e então este a entrega de novo ao rei
 « em seu favor. O seu systema, pois, está em aberta contradição
 « com o seu argumento».

Respondo, que li e reli as palavras do autor sem poder
 atinar com esta aberta contradição entre o systema do devoto
 de S. Pedro e seu argumento. Ou haverá contradição em ad-
 mittir que Deus, que por si ouve as nossas orações e tem o
 poder de deferil-as, *muitas vezes, para honrar e glorificar os San-
 tos que tanto o honraram e glorificaram nesta terra, não as queira*
defirir SENÃO POR INTERMEDIO D'UM SANTO, A QUEM PRIMEIRO
 DEVE REVELAR NOSSAS NECESSIDADES E NOSSAS SUPPLICAS? Não
 costumam os reis d'esta terra proceder de modo analogo? Quan-
 tas vezes não acontece que, entregando qualquer misero, na
 occasião d'uma visita real, uma supplica ao rei, este, depois de
 se ter inteirado de seu conteúdo, a entrega a seu ministro, para
 que faça o requerimento, o qual mais tarde será deferido, as-
 signado pela firma do proprio rei? E não aprovou e seguiu o
mesmo Deus esta pratica, quando mandou aos amigos de Job
 que fossem ter com esse santo varão para que, intercedendo
 por elles, lhes alcançasse perdão de seus peccados? (Job.
 CLII: 8), e quando revelou a Moysés no monte Sinai a idola-
 tria do povo israelita para que com suas supplicas abran-
 dasse a ira de Jehovah que estava prestes a descarregar-se so-
 bre elle? (Exod. XXII: 7).

Ora bem; se Deus não julgava contradição alguma em
 revelar aos Santos, *emquanto ainda vivos nesta terra*, as neces-

sidades de seu proximo, para que intercedessem por elles e lhes alcançassem graças e beneficios, atrever-se-ha então o obscuro rabiscador das *Noites com os Romanistas* a discutir com o proprio Deus e *sustentar que ha contradição onde Deus, a Sabedoria Infinita, não acha contradição alguma?* Eis o extremo ao qual sempre leva o fanatismo heretico!

Até aqui o autor se limitou a propôr as difficuldades que elle tinha para admittir nos Santos no céu o conhecimento do que se passa neste mundo. Agora vae responder aos argumentos com que o consagrado a S. Pedro procurou provar a sentença contraria. Estas respostas são muito instructivas porque nos ensinam a *tactica de todos os protestantes, methodistas etc.... em suas discussões com os catholicos.*

«Depois de uma breve pausa, continúa o autor, que de «proposito» occasionei para lhe dar logar a pensar no que eu «acabava de dizer-lhe, respondeu-me deprehender-se claramente da mesma Escriptura que os Santos sabem quando nos «arrependemos, porque o bemdito Salvador disse que ha gozo «no céu, em presença dos anjos de Deus, por um peccador «que se arrepende, e que, se sabem quando um peccador se «arrepende, devem tambem saber das orações que se lhes dirigem. Perguntou-me como eu explicava esta declaração da «Escriptura em harmonia com as opiniões que lhe apresentára.

«Respondi immediatamente, dizendo que as palavras de «Nosso Senhor não se referem aos Santos, mas sim aos Anjos» [ora essa!!], «àquelles que são ministros e mensageiros da sua «vontade, e de quem se nos diz expressamente que são espiritos administradores, enviados para exercer o seu ministério a favor d'aquelles que hão de receber a herança da salvação (Hebr. I: 14). Póde, portanto, ser razoavel suppôr que «andam por toda a terra, para saber as circumstancias d'aquelles que nella estão. Os Anjos, porém, são bem distinctos dos Santos, que não são espiritos angelicos, mas homens glorificados, e, embora depois da resurreição» [a Biblia diz NA *Resurreição*, e esta resurreição já principia com sua assumção no céu] «fiquem iguaes aos Anjos, só ficarão assim na santidade, na felicidade e no amor de Deus, e não nos officios «que desempenham.

«Compreendeu claramente a distincção, e, reconhecendo «a sua exactidão» [??] «disse que nunca tinha ouvido tal «argumento».

Respondo, que comprehendo muito bem a estranheza que causou ao honrado lavrador o argumento do autor; pois entre os catholicos este modo de argumentar *que se chama sophisticar*, é desconhecido. Elles para provarem a sua fé sempre seguem a *estrada real*; apoiam-n'a em argumentos tomados da Escripura Sagrada e da Tradição, confirmam-n'a pela Razão theo-

logica, pela Historia etc...., porém não andam por *desvios* nem usam, como aqui faz o autor, de *argumentos capciosos e sophismas especiosos*.

Em S. Lucas, cap. XV, v. 7, leem-se as seguintes palavras: « Digo-vos que haverá maior jubilo no CÉO sobre um « peccador que fizer penitencia que sobre noventa e nove justos « que não hão de mister penitencia ».

Ora bem; que é o céu? A *côrte* celestial de Deus. De que *consta* esta *côrte*? Não sómente de Anjos SENÃO TAMBEM DE SANTOS. Logo, digo com o Exmo. Sr. Dr. C. de Laet, segundo este texto: não só os Anjos mas « *tambem OS SANTOS* conhecem « o labutar dos homens em busca da salvação, porquanto, si « assim não fosse, não poderia haver tal regosijo ». E quanto à famosa *distincção entre os Anjos e os Santos* com que o ministro heretico fez pasmar a seu interlocutor — *nego quæ ella exista*. Os Anjos, sim, são espiritos angelicos, e os Santos homens glorificados; os Anjos estão incumbidos d'um ministerio que não têm os Santos; *no céu, porém, e já antes da Ressurreição, são iguaes aos Anjos*, e não sómente como o quer o autor, na santidade, na felicidade e no amor de Deus, senão *tambem no conhecimento de Deus* e d'ahi NO CONHECIMENTO DAS CREATURAS.

Por isso a theologia catholica para provar o conhecimento dos Santos se serve promiscuamente dos passos da Escriptura Sagrada, quer digam respeito só aos Santos, quer só aos Anjos.

Mas a resposta victoriosa (??) que ao devoto de S. Pedro deu o autor, segundo elle, não era de forma alguma a melhor e mais adequada. A seu vêr toda a referida passagem de S. Lucas XV. 7, era muito malentendida e se achava perversa para aquelles que melhor deviam saber-a. Vae, pois, restituir ao dito texto sua verdadeira significação, prometendo a seu interlocutor que, se elle tivesse a paciência de escutá-lo por alguns minutos enquanto lh'a lia e explicava, conviria com elle a respeito de seu verdadeiro sentido; pois, nunca, conclue cheio da humildade evangelica, tinha conhecido pessoa alguma, realmente devota e religiosa, que não acceitasse esta interpretação quando lhe era apresentada. Ouçamos, pois, sua *celebre* (?) interpretação.

« Indiquei-lhe então que a passagem a que elle se referira « se acha no capitulo 15.º de S. Lucas, e que occorre em uma « das tres parabolâs contidas no dito capitulo para ensinar a « mesma verdade. Nas Sagradas Escripuras o nosso Deus « mostra-se terno e compassivo para com o infeliz peccador, « e regosija-se quando este se arrepende e volta para Elle. « E' esta a verdade que o Senhor ensina em cada uma destas « parabolâs.

« A primeira parabola é a do pastor e da ovelha desgarrada, na qual se manifesta o cuidado do pastor pela ovelha

« que tinha perdido, e a sua grande alegria ao achal-a. E sendo, como é, Jesus o « Bom Paetor » e o « Bispo e Pastor de nossas almas », o fim da parábola é mostrar-nos o Seu gozo ao tornar a receber o peccador extraviado; e, para que o Seu gozo seja mais patente, elle se representa como dizendo-o a todos os seus amigos, desejando que participem de seu regosijo, como se nosso Senhor proclamasse por todos os céos a boa nova do arrependimento e conversão do peccador perdido: « Digo-vos que assim haverá maior jubilo no céu sobre um peccador que se arrepender. » A parábola põe o gozo do pastor acima do de seus amigos, e deste modo nos ensina que o gozo de Deus é superior ao de Seus anjos.

« A segunda parábola, que começa no verso 8.^o, mostra-nos o apreço em que a mulher tinha a moeda de prata que perdera, o cuidado e a solicitude com que a buscava, e a sua grande alegria em achal-a, chamando as suas amigas e participando-lhes o seu gozo. O fim do Salvador é o mesmo que tinha na parábola anterior. « Assim vos digo eu que haverá jubilo entre os anjos de Deus por um peccador que se arrepender ». Nosso Senhor quiz representar mais o gozo de Deus do que o dos anjos.

« A ultima d'estas notaveis parábolas, que é universalmente conhecida e entendida, começa no verso 11. O ponto desta parábola, tomada em conexão com as antecedentes, acha-se onde se descreve o pae vendo seu filho voltar para casa, e, quando estava ainda longe della, correndo ao seu encontro, tomando-o em seus braços, abençoando-o e recebendo-o tão affectuosamente como se nunca se tivesse transviado; estando tão cheio de gozo e alvoroço em receber o seu filho prodigo e extraviado, o qual voltava arrependido e contricto, e a quem não diz uma só palavra de reprehensão ou aspereza. E' impossivel ler a parábola sem conhecer que o seu fim é mostrar-nos o coração affectuoso e paternal de Deus, compadecendo-se da alma perdida e extraviada, e regozijando-se com o seu arrependimento. Elle não quer a morte do peccador, mas que este se converta e viva. De tudo isto fica patente que o objecto de Nosso Senhor não era ensinar-nos meramente o gozo e conhecimento dos Anjos » [e dos Santos, como vimos] « mas, o que é incomparavelmente mais importante para nós, o conhecimento, o amor, o gozo de Deus mesmo ».

Eis pois a *celebre* (!) interpretação do perspicaz autor. Confesso ingenuamente que não atino com a razão que o levou a gastar nella tantas palavras. Ou haverá catholico que negue que a primeira, a principal verdade que Jesus nos ensina, tanto no referido texto de S. Lucas como nas tres parábolas, seja o gozo de Deus pela conversão do peccador? Os catho-

licos, por consequente, não entendem muito mal, nem pervertem esse passo. Mas, se elles se valem do texto de S. Lucas, é porque d'elle se deprehende claramente que os celicolas, isto é, os Anjos e os Santos se alegram com Deus dessa conversão, e, por consequente, devem ter conhecimento della, por outras palavras, *devem saber o que vaie por este mundo*, cousa que o autor nega. Sua tatica, portanto, consiste em desviar dextra-mente a attenção de seu contendor do ponto de litigio para outro que não pertence á questão e é concedido por todos, *afim de se furtar deste modo á obrigação de responder ás difficuldades!!*

A mesma tatica, porém, ainda lhe offerece outra vantagem: a d'uma transição disfarçada para muitas outras objecções contra a oração feita aos Santos, objecções que todas se baseiam no SEU FALSO PRINCIPIO, que os Santos no céo não podem ver as nossas necessidades, nem ouvir as nossas supplicas; razão por que é inutil invocal-os. Tornar a refutar uma por uma essas objecções ridiculas e pueris, me repugna; tambem não é preciso fazel-o. O judicioso leitor que, lendo minha refutação, se convenceu da falsidade do principio seymouriano, não achará difficuldade em lhes responder cabalmente.

Todavia não posso deixar de destacar algumas opiniões do autor, que sem isso podiam passar sem contestação. Assim, por exemplo, elle faz dizer a seu interlocutor: «Sentimos intimamente que somos indignos de chegar-nos a Deus, ou de « que elle nos ouça, e, portanto, nos chegamos humildemente « a elle por meio dos Santos », ao que elle mesmo accrescenta que « sabia ser essa a doutrina dos catholicos romanos ».

Ora, estas palayras, assim como soam, *não contém a doutrina catholica*. De certo, os catholicos estão intimamente convencidos da sua indignidade de chegar-se a Deus, e por isso muitas vezes se valem da intercessão da SS. Virgem Maria e dos outros Santos, — mas esta intima persuasão da sua indignidade *não os impede de se dirigirem ainda mais vezes directamente a Deus*, como provam a *Liturgia* da Igreja Catholica, Apostolica, Romana e a *praxe geral* de todos os fieis.

Nem tem maior valor as increpações que nos faz o autor porque pedimos aos Santos que *roguem por nós* (ora pro nobis — ora por nós) e dizemos no *Confiteor*: Eu, peccador, me confesso a Deus Todo Poderoso, á bemaventurada Virgem Maria, ao bemaventurado Miguel Archanjo, a S. João Baptista, etc. . . que pequei muitas vezes . .

Pois, embora não neguemos que « dirigindo-nos aos Santos lhes dirijamos alguma cousa mais do que um simples « *ora pro nobis*, pois que lhes pedimos a graça, a santidade, « a piedade, a santificação, a salvação », não ha nisto motivo

algum de reprovação, visto como já provamos a realidade da sua intercessão em nosso beneficio e explicamos a sua natureza. Na verdade, se é certo que os Santos conhecem nossas necessidades, ouvem as nossas supplicas, intercedem por nós e nos alcançam a graça pedida; e se, pedindo-lhes graças, não lhes attribuimos algum poder proprio innato, inherente e independente de Deus, mas esperamos tudo de Deus, em virtude dos infinitos merecimentos de Nosso Senhor Jesus Christo, por ventura não lhes poderemos pedir que nos valham com sua poderosa intercessão na consecução da salvação, no progresso das virtudes, no exercicio da perfeição? É quanto ao « *confiteor* », o famoso cavallo de batalha do autor, a resposta é muito facil; pois, provamos que os Santos sabem o que se passa no mundo; alem disto explicamos seu sentido no 1 tomo, cap. VI, sobre a confissão e absolvição, p. 220.

Com este « *confiteor* » o autor conclue a serie das suas objecções contra a oração feita aos Santos, e das contestações ás respostas do devoto de S. Pedro. Agora convencido de ter provado (vimos como?) a inutilidade da oração feita aos Santos, que não nos podem ver e ouvir (!!!), o ministro evangelico, para quem o passado não tem segredos, julga ser da sua obrigação, explicar *o modo porque a Igreja Catholica, Apostolica, Romana chegou á crença e á pratica da invocação dos Santos*, para acabar para sempre e com um só golpe com esta superstição romana.

A dita crença como tambem a sua pratica, na sua opinião, não são senão restos do paganismo!!! Quem ainda duvidar leia sua resposta ás palavras do devoto de S. Pedro, o qual disséra que tinha medo de Deus, porém confiança em Maria Santissima e em S. Pedro e que, por isso, lhe parecia mais natural dirigir-se a elles do que a Deus.

« Respondi-lhe, dizendo que temos muitas necessidades e « desejos ardentes, aos quaes a nossa religião deve satisfazer, « e que o facto do christianismo reconhecer e satisfazer taes « necessidades e desejos do homem sempre me havia parecido uma poderosa prova interna da sua origem divina; que « o sentimento de que elle tinha fallado, isto é, o desejo da « sympathia e soccorro dos santos, que são mais da nossa « natureza do que o é Deus, que é infinitamente superior a « nós, é um sentimento desta mesma classe — um desejo « ardente que nos parece natural, e parece exigir que a verdadeira religião nos subministre alguma coisa para satisfazer o « zel-o. Disse, em seguida, que os systemas mythologicos dos « antigos pagãos da Grecia e de Roma reconheciam e de « algum modo satisfaziam esta necessidade, pondo entre o numero dos semi-deuses os homens que tinham sido grandes « e uteis, como Esculapio, Romulo, Baccho e mil outros. Acre-

« ditava-se que os deuses maiores — *Dii Majores* —, como
 « Jupiter, etc., estavam demasiadamente elevados para sentir
 « interesse ou sympathia pelos mortaes », [Como explica o au-
 tor os adulterios de Jupiter e dos outros deuses maiores com
 os mortaes? Será falta de interesse, de sympathia?] « e, por-
 « tanto, os homens chegavam-se aos *Dii Minoribus* », [*Dii Mi-
 noribus*; que latim é este? De certo latim protestante!] « ou
 « semi-deuses, aos quaes julgavam capazes de sympathisar
 « com elles e servir-lhes de medianeiros e intercessores para
 « com os deuses maiores.

« Aqui o meu amigo interrompeu-me com uma observa-
 « ção, tão natural como verdadeira, dizendo que isto é exa-
 « ctamente o que a igreja romana pratica, accrescentando
 « que era para elle incomprehensivel como os pagãos, que
 « não teem a luz nem o ensino da igreja, pois que já exis-
 « tiam antes da fundação della e muito antes que ella tivesse
 « canonisado santos para serem intercessores e medianeiros
 « entre nós e Deus, tivessem podido corroborar esta verdade
 « e imital-a de antemão; que lhe parecia ter havido entre
 « elles alguns vislumbres da verdadeira religião. Perguntou-
 « me então se eu lhe podia dar alguma razão.

« Divertiu-me não pouco, a mistura de verdade e de erro
 « que havia em suas palavras, e não deixou de impressionar-
 « me a simplicidade que as ditára » [O que me impressiona a
 mim é a *simplicidade do autor*, que julga a seu leitor bastante
 bôbo para não perceber á primeira vista, que todo este trecho
 não é do devoto de S. Pedro mas *d'elle mesmo*]. « Disse-lhe com
 « a maior placidez e delicadeza de que me era possível usar
 « quando tinha de dizer verdades que não podiam ser muito
 « gratas » [exemplo d'estas duas virtudes evangelicas nos dá o
 autor a cada pagina de seu livro. Lembre-se o leitor a *placi-
 dez e a delicadeza* com que *invecta* contra a pretença prohibi-
 ção da Igreja de lêr a Biblia, a Confissão, o uso d'uma lingua
 desconhecida na Liturgia, etc.] « que o sentimento de que elle
 « já tinha fallado, dessa necessidade e desejo da nossa natu-
 « reza interior, era tão natural aos pagãos como aos catholi-
 « cos » [porque tambem não aos protestantes, se é necessidade
 e desejo de nossa natureza?] « e que, tanto uns como outros,
 « tinham procurado satisfazer aquelle sentimento d'um modo
 « muito similhante, ou, pelo menos, por meios que quadra-
 « vam com seus respectivos systemas religiosos; que os pagãos
 « escolhiam certo numero dos maiores, mais uteis e melhores
 « homens, e, pondo-os entre o numero dos semi-deuses, os fa-
 « ziam seus medianeiros de intercessão, e que a Igreja Romana
 « tambem escolhia os que haviam sido mais notaveis entre os
 « seus membros, por motivo da sua religião, seu zelo ou seus
 « grandes feitos, e os canonisava, pondo-os no calendario dos

« Santos, e fazendo-os medianeiros de intercessão : assim pois, « o principio fundamental dos dois systemas é um só. Disse- « lhe que, embora lhe parecesse uma opinião severa, eu estava « intimamente convencido » [eu — Sr. Seymour, pastor evangelico sem missão ; que arrogancia !] « de que o systema da Igreja « Romana não era senão a continuação do systema pagão, isto « é, que ella em vez de satisfazer as necessidades da alma do « modo porque as satisfaz a religião de Christo » [será o protestantismo ? religião *do demonio*, sim ; (*) religião de Christo, não] « sanccionava o antigo systema dos pagãos, transferindo « para os Santos o culto anteriormente tributado aos semi- « deus, e substituindo com Pedro, Paulo, Catharina e Maria, a « Romulo, Mercurio, Minerva ou Juno ».

A esta explicação tão especiosa da origem da invocação dos Santos, respondo com esta unica palavra : a dita invocação nada tem que vêr com o paganismo (como provarei longamente no artigo X sobre o culto dos Santos) ; *ella é a consequencia natural e necessaria da Communhão dos Santos*, dogma já claramente expresso no Symbolo dos Apostolos : « creio na Communhão dos Santos ».

Segundo este dogma, já crido e ensinado pelos Apostolos, ha a communhão mais intima entre os membros da Igreja *Militante* (isto é, entre nós que ainda vivemos nesta terra e militamos pela salvação) e os da Igreja *Triumphante* (isto é, os que por terem morrido na graça de Deus, já alcançaram a salvação e triumpham com Christo no céo). Admittido este dogma é impossivel negar a intercessão, e, por consequente, a invocação dos Santos. Embora, portanto, haja certa analogia entre a pratica dos pagãos e dos catholicos, d'ella não se pôde concluir *d procedencia d'esta d'aquella*.

Seria peccar contra as regras mais comesinhas da logica, que diz : « a posse ad esse non valet illatio », isto é, da *possibilidade* d'uma cousa não se pôde concluir á sua *existencia*. Por isso, quando o autor diz ao seu interlocutor, « que, embora lhe « pareça uma opinião severa, elle está intimamente convencido « de que o systema da Igreja Romana não é senão a continuação do systema pagão », podemos dizer, sem medo de errar, que sua convicção não repousa em nenhum fundamento solido.

E se o autor, para concluir seu artigo, appella para a Escriptura Sagrada que ensina claramente que não ha senão um só Medianeiro, Jesus Christo, o Filho de Deus feito homem, respondemos que tambem os catholicos admittem este dogma ; porém, que estão intimamente convencidos de que em nada

(*) O demonio é mentiroso e pae da mentira (João VIII 44).

contradiz á oração feita aos Santos, como veremos longamente nos seguintes artigos.

«Cheguemo-nos, pois, confiadamente ao throno da graça, «conclúo com o autor, afim de alcançar misericórdia e de achar «graça para sermos soccorridos com tempo opportuno» — porém, accrescento, cheguemo-nos a este throno TAMBEM PELA MEDIAÇÃO DOS SANTOS.





CAPITULO IX

A INVOCACÃO DOS SANTOS

Embora encimado por outra epigraphie o presente artigo não é senão uma continuação do assumpto anterior. As mesmas objecções alli levantadas contra o conhecimento que têm os Santos do que vae por este mundo, voltam aqui. Ha, porém, entre estes dois artigos uma differença caracteristica. Se em seu artigo sobre «a oração aos Santos» o autor antes de tudo quiz provar a *inutilidade desta oração*, sustentando que os Santos não nos podem vêr nem ouvir, neste, primeiro que tudo, quer-nos convencer *do perigo d'esta oração* insistindo no facto que nunca podemos estar certos de que uma pessoa é santa e está no céu, e, por isso, sempre corremos perigo de nos dirigir a um condemnado ao inferno em vez de a um bemaventurado do céu.

Vejamos de que modo, como contraversista muito experimentado, entra no assumpto.

«Tive outra conversação sobre o assumpto anterior, porém, com espirito mui differente, e com uma pessoa muito distincta. Era este um homem bem conhecido por sua violencia contra as Sagradas Escripturas e contra o protestantismo» [Devia, pois, ser para o autor um adversario temivel. Que gloria para elle se chegar a impôr-lhe silencio!] «Algumas pessoas pensavam que elle tinha relações com certas sociedades politicas e secretas, que conservavam o paiz sempre perturbado e excitado; era, sem duvida, um homem atrevido e violento, e exercia consideravel influencia entre grande parte da população como chefe de todos os movimentos politicos e populares da visinhança» [Por isso, subentende o autor]. «Era favorito dos sacerdotes catholicos romanos, de quem era mui zeloso partidario, e por quem era constante-

« mente empregado como instrumento apropriado para fomen-
 « tar a agitação entre o povo » [E' muito natural ; pois,
 segundo os pastores protestantes (coitados!) os padres catho-
 licos romanos nada tomam tanto ao peito que fomentar agita-
 ções, sobretudo contra o protestantismo, *tão santo, tão innocen-*
te !]. « Este homem tomava uma parte muito activa em impedir
 « a circulação das Escripturas, e muitas vezes conseguiu des-
 « viar o animo do povo do exame religioso, occupando-o com
 « questões politicas.

« N'aquelle tempo muitos catholicos romanos costumavam
 « reunir-se até ao numero de vinte, em casa de algum d'elles,
 « para lerem o sagrado volume e conversarem a respeito de
 « seu sentido » [E' divertido ! Simples camponezes talvez anal-
 phabetos pela maior parte, discutindo questões religiosas e
 aprofundando o sentido escondido das Escripturas Sagradas, na
 qual os doutores mais illustrados debalde se queimaram as pestan-
 nas !]. « Este systema ia desenvolvendo rapidamente entre o
 « povo o conhecimento das Sagradas Escripturas » [A que ponto
 chegou este conhecimento vemos claramente na *mixordia* pro-
 testante : tantas cabeças, tantas crenças !]. « O espirito de in-
 « vestigação ia crescendo e estendendo-se mais e mais, e o
 « numero dos que se retiravam da igreja romana demonstrava
 « ao sacerdocio que não eram mal fundados os seus temores a
 « respeito da circulação da Biblia » [E não obstante isto, o au-
 tor vomita cobras e lagartos contra a Igreja Catholica, Apos-
 tolica, Romana, quando veda aos fieis a leitura da Biblia em
 lingua vulgar sem approvação do Bispo e sem notas explicati-
 vas ! Que inconsequencia !] « Em consequencia d'isto, concerta-
 « ram um plano para atalhar o movimento. Este homem e mais
 « dois ou tres, inteiramente sujeitos ao mando sacerdotal » [po-
 rém, não tanto como os ministros protestantes, methodistas e *tutti*
quanti ás libras esterlinas da Inglaterra e aos dollars da Ame-
 rica do Norte], « adoptaram o systema de visitar todas estas
 « pequenas reuniões, e, antes de se abrir a Biblia, começavam
 « a lêr os periodicos que continham os discursos de Mr. O' Con-
 « nell, Mr. Sheil e outros dos oradores mais populares do dia.
 « N'aquelle tempo estes celebres homens oravam semanalmente
 « nas reuniões da Associação Catholica, discorrendo sobre os
 « soffrimentos reaes ou imaginarios » [*Imaginarios ?... que vi-*
leza protestante ! Houve jámais povo mais oprimido pelos pro-
testantes até nos tempos actuaes que os pobres Irlandezes ?]
 « dos catholicos romanos irlandezes. A leitura d'estes discurs-
 « sos occupou o logar da leitura da Biblia, e as conversações
 « sobre a politica em breve substituíram as conversações sobre
 « a religião.

« O modo atrevido e audaz por que este homem seguia o
 « exemplo dos sacerdotes, vituperando as pessoas que se ti-

« nham retirado da igreja romana » [como se os sacerdotes não estivessem obrigados a vituperar nos catholicos a apostasia da fé! Que este modo, na phrase do autor, era atrevido e audaz é uma illustração protestante com a qual já estamos acostumados], « fez com que algumas d'estas, mesmo antes de me « consultarem, acceitassem em meu nome um desafio d'elle ». [Que confiança illimitada! Parece que o autor é um Santo]. « Arranjaram tudo, o logar, a hora e o assumpto; e, embora « eu sentisse muita repugnancia em ter de tratar com esse « homem, vi que não havia outro modo de satisfazer o povo.

« Reunimo-nos em casa de um protestante, porque o meu « contendor tinha dito que nunca entraria em casa de nenhum « convertido ou apostata » [Mais uma d'essas illustrações]. « O « assumpto combinado foi a *oração aos santos*, e achavam-se « presentes cerca de trinta pessoas.

« Seu porte embaraçado e ao mesmo tempo mui respeitoso, « particularmente para commigo, me dava a entender que elle « teria evitado a entrevista de tão bom grado como eu » [Palavras mui expressivas com as quaes o autor já prelude sua pretensa victoria. E' humildade de rotulo protestante].

Eis, pois, os dois adversarios prestes a principiar a lucta na presença d'um numeroso auditorio. A quem caberá por sorte a primeira palavra? Ao manso ministro do puro (?) Evangelho, o qual « procurando dar á reunião um caracter conciliador, sincero e solemne [??] diz algumas palavras sobre a importancia que a salvação tem por todos, e sobre o valor e consolação de fazer-se oração a nosso Pai e Deus ».

D'isto toma occasião para estabelecer « o grande principio « protestante, que a oração é uma parte principal do culto que « pertence exclusivamente a Deus, e que como tal só deve « ser tributado ao Creador e não á creatura. Na Igreja Romana, porém, continúa, tem se adoptado um principio differente: ella ensina que a oração deve ser feita, *não só ao « Creador como tambem á creatura* — aos Santos e aos Anjos.

Que esta asserção seymouriana é como tantas outras enganoso protestante já vimos no artigo anterior e teremos ainda occasião de vêr neste e nos dois seguintes sobre « o culto dos Santos » e « a Virgem Maria ».

Os catholicos não fazem oração a creaturas como si ellas pudessem dar alguma cousa de si proprio, mas só para ellas *intercederem* junto ao Creador.

Dito isto, já podemos gozar pacificamente da discussão entre o *manso* ministro evangelico e seu contendor *arreatado*.

O que o autor antes de tudo quer estabelecer como principio inabalavel é, *que os catholicos nunca podem saber com toda certeza se uma pessoa é santa e está no céu, e, por isso, sempre*

correm perigo de invocar como santa uma pessoa que está no purgatorio ou no inferno. Citemos suas próprias palavras.

« Lembrei então que, para principiarmos a nossa discussão
« de um modo conveniente, seria bom que o meu antagonista
« repetisse uma parte da ladainha de todos os Santos, come-
« çando por S. Lourenço. Esta proposta foi do agrado de to-
« dos, e o meu antagonista começou logo a rezar a ladainha,
« em voz alta, acompanhado pela maior parte dos catholicos
« romanos presentes.

« S. Lourenço orae por nós

« S. Vicente orae por nós

« S. Fabiano e S. Sebastião orae por nós, etc. etc....

« A recitação d'esta ladainha produziu um effeito notavel
« nos protestantes presentes, que jámais a tinham ouvido » [Na-
turalmente ; fallai ao cego de côres o effeito será notavel].
« Eram, pela maior parte, homens sérios e religiosos » [mas en-
ganados] « que em seu animo » [de protestante] « não podiam as-
« sociar a oração com outro objecto senão Deus » [coisa em que
andavam muito errados]. « Sentiam plenamente que só ha um
« Deus, e só ha um Mediador entre Deus e os homens, que é
« Jesus Christo homem (I Timoth. II : 5) » [Como se não o sen-
tissem plenamente tambem os catholicos!!]. « Conheciam bem
« estas palavras » [Como se este conhecimento faltasse aos ca-
tholicos!!] « Se alguém peccar, temos por advogado para com
« o Pae a Jesus Christo justo (I João II : 1). E criam » [con-
cordando nisto com os catholicos] « que elle pôde salvar per-
« petuamente aos que por elle mesmo se chegam a Deus, vi-
« vendo sempre para interceder por nós (Hebr. VII : 25). Assim
« pois » [por não entenderem bem os textos citados], « ficaram
« mui surprehendidos ao ouvirem enumerar a série de media-
« neiros e intercessores, cujos nomes, pela maior parte, nunca
« tinham ouvido. A surpresa manifestava-se nos semblantes de
« todos ».

D'ella, pois, astucioso controversista, aproveitou-se o autor.

« Dirigi-me então, escreve, aos circumstantes, no meio da
« mais profunda attenção, dizendo que se tinha recitado uma
« parte da ladainha, rogando a muitas pessoas para que oras-
« sem por nós ; que, entre os nomes invocados, muitos havia
« de homens e mulheres de quem algumas das pessoas presentes
« jámais tinham ouvido fallar e de quem os mais bem infor-
« mados de entre elles sabiam mui pouco » ; [esta ignorancia por
ventura é obstaculo á sua santidade ?] « que, portanto, desejava
« perguntar ao meu antagonista como é que elle sabia que es-
« tas pessoas são santas e habitam no céu » [a resposta é muito
facil, será dada neste artigo, logo que chegar o tempo pa-
ra isso].

«Disse mais que, se algumas das pessoas invocadas não fossem santos do céu, eram condemnados do inferno, e que, neste ultimo caso» [que nunca se realizará] «seria idolatria mui grosseira o fazer-lhe oração» [passa sem commentarios], «e por isso lhe perguntava *como sabia* que são realmente SANTOS DO CÉU».

Eis-nos, pois, chegados ao grande ponto de litigio entre os dois antagonistas. Ouçamos a resposta. «Respondeu-me, immediatamente, que eram pessoas que tinham vivido na fé de Jesus Christo e morrido na communhão da unica verdadeira Igreja — a Igreja Romana» [Catholica, Apostolica, Romana], «que tendo ellas vivido santamente, feito boas obras e operado milagres sobre a terra» [assim não fallou nem pôde fallar — com os milagres operados por elles *durante a sua vida*, não *ganharam* o céu — porém, os milagres feitos por elles *depois da morte* provam que elles *estão* no céu], «tinham recebido do em premio o serem trasladados para o céu» [isto é, quanto á alma]; «que, sendo ellas amadas por Deus, por causa da sua religião, suas orações e intercessões por nós, são necessariamente efficazes, e que as invocamos afim de alcançar a sua intercessão a nosso favor diante de Deus» [Muito bem; por uma primeira resposta não precisava mais].

O ministro evangelico, porém, não a acha sufficiente. «Adverti-lhe, continua, que não era esta a resposta á minha pergunta, a qual era, como elle sabia, se todas essas pessoas invocadas eram Santos do céu — questão esta que é muito importante, porque a Igreja Romana sustenta que, quando os homens morrem, os iníquos vão para o inferno e os justos para o purgatorio» [Que mentira voltairiana!! Segundo o ensino da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, os justos vão ou para o purgatorio ou para o céu, conforme tiverem satisfeito plenamente ou não á justiça divina. Em escrevendo as citadas palavras o ministro se esqueceu de *seu* (??) *costume* que no artigo anterior recommendára tanto ao devoto de S. Pedro *de revoçar-se á memoria nos momentos de tentação*, em nosso caso a *de mentir voluntariamente, a morte e paixão de Jesus Christo* e por causa desta negligencia cedeu á tentação e *mentiu impudentemente*]. «Se, pois, os justos vão para o purgatorio, afim de soffrer ali todo o castigo que é devido a seus peccados, como sabe o senhor que estas pessoas já sahiram do purgatorio e estão agora no céu?»

O effeito d'esta pergunta, baseada em principio tão falso, não deixou de se fazer sentir nesta reunião heterogenea. «Toda dos, diz o autor, pareciam interessar-se vivamente, até divertir-se pela resposta que seria dada» [Renovava-se alli, decerto, o espectáculo que se repara numa feira, quando um charlatão ou habil prestigiador *engana* um simples espectador

que, *não suspeitando o engano*, fica boqueaberto e não sabe o que responder á grande hilaridade dos circūstantes]. «O pobre do homem estava completamente perplexo, mas, passado algum tempo, recobrou animo e disse que os Santos nunca iam para o purgatorio, que tinham merecimentos sufficientes, e algumas vezes mais do que sufficientes para sua propria salvação e para expiação de todos os seus peccados, e que, portanto, era seu privilegio, como o era dos martyres, o irem directamente para o céu depois da sua morte» [Refutando d'este modo, talvez sem dar por isso, o falso principio em que se baseava a pergunta do autor]. Sentindo este a muita verdade que encerravam estas palavras, larga mão da objecção do purgatorio, para o qual haviam de ir *todos* os justos depois da morte, mas insta em que seu antagonista responda a algumas perguntas. «O senhor disse-me, que essas pessoas são santas. Como o sabe? Que auctoridade tem para dizel-o? O senhor disse tambem que os Santos têm o privilegio de ir directamente para o céu, sem passar pelo purgatorio; e eu pergunto: Como é que o senhor o sabe? Quem é que tem averiguado o facto de que todas essas pessoas agora estão no céu? Não basta dizer: Viveram santamente na terra e agora estão no céu, porque nós podemos enganar-nos. Nós não podemos julgar de nada senão pela apparencia exterior: o Senhor Deus é só quem conhece o coração. Sabemos que o coração é mais enganador do que todas as cousas, e que é muito mau: quem pôde conhecê-lo? Sabemos que só Deus pôde esquadrinhar o coração, e, portanto, sabemos tambem que só elle pôde conhecer os que são Santos: O Senhor conhece os que são d'elle» [Mas não poderá Deus communicar sua sciencia a outrem?] «Ha no mundo tanto engano, tanta falta de profissão de religião e tanta hypocrisia» [mormente nos sectários] «que, embora possamos esperar e desejar, nunca poderemos saber com segurança quaes são os Santos de Deus» [os Santos não canonizados, concedo; — canonizados, nego]. «Pôde descobrir-se no futuro que tenha um throno no céu, uma pessoa a quem tinhamos julgado no inferno, e que gema no inferno uma pessoa a quem tinhamos julgado no céu» [julgando assim baseados em nossa propria auctoridade privada, sim — baseados na auctoridade da Igreja, não]. «Perguntamos pois: Como se descobriu que Gervasio e Proto, que Francisco e Domingos, que todos esses monjes e anachoretas são realmente Santos e estão no céu? Como é que se chegou a saber que Agatha e Lucia, que Cecilia e Catharina, que todas essas virgens e viúvas (as *casadas* foram todas deixadas de parte)» [mentira] «são realmente santas e habitam no céu?» [paciencia, sr. autor, responderemos quando chegar a hora, apenas esperaremos até que tenha desabafado todo seu odio de se-

etario]. «Temos fortes e bem fundadas razões» [nós as conhecemos, essas razões já tantas vezes refutadas victoriosamente!] «para suppôr que muitos d'esses Santos não foram Santos, e nunca, portanto, entraram no céu. Temos fortes e bem fundadas razões» [??] «para suppôr que S. Domingos, o fundador da odiosa instituição da inquisição, que se tem embriagado com o sangue dos santos e martyres» [?!] «de Jesus» [onde achou s. s. estas particularidades? Decerto nos centuriadores de Magdeburgo, ou em outro escriptor protestante e parcial, ou talvez num romance] «está em uma região menos appetecível do que o céu. Julgo que nos é permittido duvidar que o arcebispo Lourenço, que fomentou a rebellião na Irlanda; que Thomaz de Becket, que transtornou a paz da Inglaterra com facções» [perdão, sr. pastor, não foi Thomaz quem fez isto; foi o proprio rei Henrique II]; «que Garnet que imaginou a conspiração da pólvora e outros sejam realmente Santos» [Quanto a Lourenço e Garnet a duvida é permittida, porque a Igreja nunca os canonizou — quanto a S. Thomaz de Becket, não: pois é Santo canonizado]. «E quando lemos a lista dos Santos romanos — quando lemos ahí os nomes de pessoas a quem a historia e seus proprios escriptos manifestam como blasphemos, perseguidores, rebeldes e traidores» [por favor, sr. ministro evangelico, os nomes — que logo responderemos], «julgamos que temos alguma razão para suspeitar que se invocaríamos e nos confessarmos a elles» [graças a Deus, temos outra vez o seu fumoso *confiteor* (Tomo I: vêr cap. VI pag. 220), já esperámos por elle; veio muito tarde!], «estaremos invocando e confessando-nos talvez a espiritos condemnados, que estão no inferno e não a almas bemaventuradas no céu» [Que felicidade para nós de termos tal *Mentor*! agora que estamos prevenidos, andaremos muito acautelados].

«E' este, continúa o autor, um dos inconvenientes que se acha á primeira vista» [protestante, sim: — catholica, não], «na pratica da invocação dos Santos. A mesma igreja romana reconhece as verdades d'este inconveniente» [risum teneatis amici] «e para evitar todas as duvidas e suspeitas a respeito d'este assumpto determinou» [que ladina!!] «que o papa escolhesse as pessoas que, segundo o seu juizo e o da sua corte, podem ser reputadas Santas; que então as canonizasse, isto é, que as puzesse na lista dos Santos, e que os Santos assim canonizados fossem invocados pelos membros da igreja romana e estes se confessassem» [esta confissão é o seu pesadello meu caro] «a elles e lhes fizessem oração. Assim, pois, quando duvidamos que Francisco seja Santo, respondem-nos [e com direito, assim como logo veremos] «o papa os canonizou, e a nossa duvida tem de desvanecer-se como o fumo diante do vento! Se suspeitamos que Domingos o per-

« seguidor » [segundo a estimação protestante], « não é santo, respondem-nos » [outra vez com todo direito] « que o papa o canonizou, e a nossa suspeita tem de desaparecer como as trevas diante do sol! Segundo o que fica dito, vê-se que tudo depende do juízo do bispo romano — de um homem como qualquer outro — de um homem que não pôde vêr dentro do céu um apice além do que nós também podemos vêr » [coisa bem triste, se fosse verdade] « e, no entanto, exige-se que ar- risquemos a salvação de nossas almas nesta matéria » [coitados!] « abandonando-nos ao mero juízo do bispo romano » [mas o que o autor omite de dizer, preservado de todo erro pela assistência do Espirito Santo].

Durante esta philippica do pastor evangelico, seu adversario mui indignado do que ouviu, decerto, não deixou de fazer mentalmente os reparos que deixámos griphados. E mal acabou suas palavras, replicou, com um espirito obstinado (!) e enraivecido diz o autor, que Sua Santidade, o Papa, successor de S. Pedro, Pedra sobre que estava edificada a verdadeira Igreja, os tinha canonisado — os tinha declarado Santos.

« Perguntei-lhe então, prosegue o autor, se nada mais tinha a seu favor senão a vontade do papa. Os nomes d'esses Santos não se acham nas Escripturas Sagradas, e, portanto, não tem por seu lado a palavra de Deus, e sim sómente a palavra do papa — de um homem mortal.

« Julgo que isto » [isto é, esta resposta ridicula e pueril], « o impacientou e irritou muito, pois que respondeu calorosamente que o papa nunca canonisa um santo sem ter boas razões para fazel-o; que, para evitar todo e qualquer equívoco, são adoptados todos os meios e feitas todas as indagações possíveis que tudo se faz lentamente e com segurança no decurso de alguns annos; que o acto da canonisação nunca se verifica senão muito tempo depois da morte do individuo, e que nesse tempo se comprova não ter havido erros em seus escriptos, e ter elle obrado milagres em sua vida ou depois de sua morte; que tudo isto se examina e comprova por um exame mui rigoroso e demorado, sendo este tão rigoroso, que se nomeia um advogado *ad hoc*, ordinariamente chamado « o advogado do diabo », cujo officio especial é oppôr-se a toda a canonisação e pôr objecções contra todas as provas de orthodoxia, de santidade e de milagres; e, finalmente, que o santo não é canonisado pelo papa senão depois de ser tudo comprovado satisfactoriamente ».

Provocado d'este modo por seu antagonista, o autor procura contestar o valor d'esses processos e sustenta que a canonisação dos Santos é desde o principio até o fim um assumpto em que mais intervem o dinheiro que a santidade. Para provarlo apresenta todas as despesas feitas na beatificação e ca-

nonisação dos Santos como MERAS PROPINAS; diz que essas propinas que, segundo elle excedem a alguns milhares de libras esterlinas são pagas AOS OFFICIAES da corte papal; e conclúe d'ahi que elles, para não perderem negocio tão lucrativo ACCEITAM TODAS AS CAUSAS SEM LHES OPPÔR SEIHOS IMPEDIMENTOS. Mais; accrescenta que, aproveitando-se d'essa conhecida venalidade dos officiaes da corte romana, OS REIS E IMPERADORES, MÓRMENTE OS DA HESPAÑHA E AS ORDENS MONASTICAS não deixaram de propôr cada anno um novo Santo para ser canonisado, *aquelles para fins politicos, estes por rivalidade com outras ordens*; numa palavra, attribue todos os processos de beatificação e canonisação á *corrupção por dinheiro*.

Ora, proceder d'este modo não só é calumniar grosseiramente, é mais: É PRATICAR UMA VILEZA PROTESTANTE.

O modo por que são feitos os processos de beatificação e canonisação é, como veremos mais atraz, EM EXTREMO RIGOROSO; EXCLUE TODO O MEDO DE ERRO E ENGANO; NÃO DEIXA NEM SEQUER O MENOR LOGAR PARA CORRUPÇÃO POR DINHEIRO.

As chamadas propinas NÃO SÃO MERAS GORGETAS, como parece indicar o termo, mas representam o TOTAL DAS DESPEZAS, que são feitas desde os primeiros processos preparatorios realisaes perante os tribunaes dos Bispos em cujas Dioceses nasceram, viveram e morreram os servos de Deus até a introdução das suas causas em Roma, e depois desde esta introdução até seu feliz desfecho; ESPAÇO DE TEMPO QUE ABRANGE DEZENAS E DEZENAS DE ANNOS; ÀS VEZES UM MEIO SEculo E MAIS.

Que essas despesas às vezes são BASTANTE GRANDES não póde extranhar a quem considera, que são causadas: a) *pelas indemnizações* devidas ao grande numero de testemunhas que são citadas para depôr durante todo o tempo que dura o processo, e para poderem depôr perdem muitos mezes de trabalho e muitas vezes têm de fazer viagens muito longas e muito dispendiosas, como por exemplo nos processos de Santa Rosa de Lima e muitos outros canonisados, cujas testemunhas foram chamadas da America para Europa — e isto naquelle tempo!

b) *pelas gratificações* pagas aos medicos, scientistas e profissionais que devem examinar os escriptos dos servos de Deus, e os milagres attribuidos á sua intercessão depois da morte e dar sobre elles um parecer imparcial; quer pró, quer contra.

c) *pelo custeio* das grandes e pomposas solemnidades com que, naquelles tempos de fé, o enthusiasmo religioso do povo celebrava as beatificações e canonisações.

d) *pelos ordenados* dos officiaes e empregados de que o tribunal ecclesiastico precisa tanto como qualquer tribunal civil.

Por isso, ainda que fossem verdadeiros os pormenores que

a respeito das despesas feitas na canonisação de S. Bernardino de Sena, de S. Boaventura, etc., desume o autor da obra de Moroni — obra em que aliás formigam as inexactidões e os erros, — veja-se Herder. *Conversations-Lexicon*; Wetze und Welte-Kirchenlexicon; Ceccaroni-Dizionario Ecclesiastico in voce Moroni — de forma nenhuma seriam extraordinarias.

E assim como é vil calunnia methodista e protestante asseverar que essas despesas foram meras propinas, gorgetas, é tambem celeuma, só possível a sectarios, dizer que *ELLAS FORAM PAGAS A CERTOS OFFICIAES DA CÔRTE ROMANA*, que têm a sou cargo o arranjo mais importante nesse negocio (dos processos). Muito pelo contrario; as chamadas propinas eram gastas, como já acabamos de dizer implicitamente, na indemnisação das testemunhas na gratificação dos medicos, etc., na amortisação das dividas causadas pelas solemnidades, e por fim no pagamento dos ordenados dos officiaes empregados no tribunal, os quaes tão pouco como os do tribunal civil pôdem viver só do ar.

Segue-se d'ahi, que não ha lugar para a baixa insinuação do autor dizendo: « que é facil de vêr que os officiaes que recebem as propinas *NÃO BUSCARÃO COM MUITO EMPENHO IM-PEDIMENTOS PARA SUSPENDER A OBRA* » (isto é os processos). Para isto basta lembrar que o pagamento das despesas feitas *sempre se faz*, quer sejam coroadas de feliz exito QUER NÃO as causas introduzidas.

A mesma nota de infame calunnia deve-se dar á asserção do pastor protestante, QUE OS REIS E IMPERADORES, MORMENTE OS DA HESPAÑHA E AS ORDENS MONASTICAS, APROVEITANDO-SE DA CONHECIDA VENALIDADE DOS OFFICIAES ROMANOS, COSTUMAVAM PROPÔR QUASI TODOS OS ANNOS UM SANTO PARA SER CANONISADO, AQUELLES PARA FINS POLITICOS, ESTAS POR RIVALIDADE COM OUTRAS ORDENS. Pois, como lhes era possível propôr *quasi todos os annos* um Santo para ser canonisado, sendo um facto historico que os processos da canonisação dos Santos *levam dezenas e dezenas de annos, ás vezes meio seculo e mais?*

E pelo que toca aos reis e imperadores, mormente aos da Hespanha, dizer que elles não tinham interesse religioso algum na canonisação d'um Santo mas só o propunham para ser canonisado afim de poder dar aos officiaes da côrte um dinheirão para com elle obter influencia sobre elles para fins politicos é tornar-se de novo culpado de mentiras impudentes, falsificações propositaes da historia. Ou houve jámais paiz cujo povo e cujo rei eram mais *affeiçoados aos Santos* do que a Hespanha? e não foram os reis da Hespanha *justamente os que sempre pediam e tornavam a pedir dinheiro ao Papa* afim de poderem continuar as guerras que julgavam necessarias para o bem de seu paiz e da Santa Sé? Como elles, pois, não teriam tido *interesse* na canonisação d'um Santo? E como poderiam ter proposto um

Santo para ser canonisado (elles que sempre precisavam de dinheiro) unicamente para poderem *comprar com um dinheirão que lhes offereciam as boas graças dos officiaes romanos em favor de sua politica?* Além d'isso, os reis e príncipes costumam apoiar o pedido de canonisação sim, mas não pagar as despesas do processo. Tudo é calúnia e nada mais.

O mesmo é applicavel á pretensa RIVALIDADE DAS ORDENS MONASTICAS. Essa rivalidade, se talvez se tenha mostrado em outros pontos, *de certo não se patenteou na canonisação dos Santos.* O que fez desejar a cada ordem que seus membros que mais se distinguiram por sua eximia santidade e pelo heroismo das suas virtudes fossem elevados á honra dos altares, não foi a rivalidade mas a *piedade.*

Por isso é só ao odio fanatico do autor protestante e á sua má fé que se devem attribuir as seguintes palavras: « Este « ponto [o da venalidade dos officiaes romanos] era então tão « bem entendido como agora, pois que todas as pessoas inte- « ressadas sabiam que a collecção dos fundos para pagar a « canonisação era a primeira cousa que deviam fazer, porque, « reunidos estes, nenhuma difficuldade haveria para conseguil-a.»

Não; essa collecção dos fundos *não era a primeira cousa necessaria, nem era sufficiente* para conseguir a canonisação d'um Santo; a prova mais cabal nos fornece a HISTORIA, que attesta que MUITOS PROCESSOS SE FIZERAM DE GRAÇA; e que MUITOS OUTROS, PARA OS QUAES NÃO FALTOU O DINHEIRO NECESSARIO PARA VENCER AS DESPEZAS, NÃO FORAM LEVADOS A FELIZ EXITO.

Será, portanto, de admirar que depois de tantas mentiras o autor conclúa sua contestação das palavras de seu antagonista com esta outra? « Comtudo, durante os ultimos annos poucas canonisações se têm verificado — não mais, segundo creio, « do que quatro ou cinco nos ultimos cincoenta annos — mas « a razão é a seguinte: Depois da revolução franceza e das « guerras de Napoleão, as immensas possessões das ordens monasticas têm sido confiscadas, e, por conseguinte, estas ordens perderam os meios de promover a canonisação de novos « Santos ». Escrever d'este modo é mentir impudentemente.

Ou não sabe o autor que no seculo passado, isto é, de 1800 até 1900 houve 81 CANONISAÇÕES E 391 BEATIFICAÇÕES? E se estes algarismos talvez fossem menos elevados do que os dos seculos anteriores, será devido como sustenta *a confiscação dos bens monasticos?* ANTES NÃO SERÁ DEVIDO Á DESORDEN GERAL QUE CAUSARAM NA EUROPA A REVOLUÇÃO FRANCEZA E AS GUERRAS DE NAPOLEÃO, E Á ABSOLUTA NECESSIDADE DE RESTABELECEER PRIMEIRO QUE TUDO A ORDEM NOS PAIZES QUE TINHAM SIDO ABALADOS EM CONSEQUENCIA DESSES SUCCESOS?

De tudo quanto ficou dito se tornou pois evidente que a phrase do autor: — « A canonisação dos Santos é desde o prin-

« cipio até ao fim, um assumpto em que intervem mais o di-
« nheiro do que a santidade » ; — É UMA VIL CALUMNIA, DIGNA
D'UM FILHO DO PAE DA MENTIRA.

Mas a discussão ainda não acabou.

« O meu antagonista, escreve o autor, ouviu tudo isto com
« o maior interesse, parecendo até ter-se esquecido do argumento
« em que estava empenhado. Parecia que a idéa da corrupção
« por dinheiro, allegada contra a côrte romana, occupava toda
« a sua attenção, porque era grande reformador, embora a seu
« modo » [exactamente como o sr. Seymour, nosso autor] « entre os
« politicos da visinhança, e denunciava publicamente os officiaes
« do governo inglez, accusando-os de venalidade e corrupção.
« Eu tinha usado casualmente quasi as mesmas palavras de
« que elle se servia em taes occasiões, e parecia-me estar elle
« pensando ser este um caso de corrupção que gostaria muito
« de expôr. » [Que feliz coincidência ; sobre tudo no papel que
é, como diz o rifão, paciente, e acceita tudo quanto se imprime
nelle, quer seja verdade, quer mentira !].

« Como elle nada respondesse ao que lhe tinha acabado
« de dizer, continuei, depois de curta pausa, dizendo que o
« processo da canonisação é manejado por uma commissão de
« cardeaes e outros officiaes, que se põe avisos nas igrejas,
« dizendo que se vae proceder a um exame com o fim de
« demonstrar que não ha erro nos escriptos de alguma pessoa
« proposta para ser canonisada, que ella possui todas as vir-
« tudes moraes e theologicas, e que tem obrado milagres, etc.,
« e que todas estas proposições teem de ser sustentadas e
« demonstradas na igreja de algum convento, com certos in-
« tervallos de tempo. E' facil de crer que ninguem, a não
« serem os interessados, cuida do assumpto. Algumas vezes a
« igreja fica muito retirada, outras vezes o candidato é pessoa
« cujo nome não é lembrado senão pelo clero, accrescendo a
« tudo isto que ninguem tem interesse em contestar as asser-
« ções que se fazem a seu favor. As comissões de cardeaes
« e mais officiaes reúnem-se, arranjam o negocio e embolsam
« as propinas, e tudo o que o publico sabe é que o papa vae
« canonisar um novo santo. Tal systema não nos inspira con-
« fiança n'estes actos de canonisação, e, portanto, tornei a
« perguntar-lhe: Como sabe o senhor que essas pessoas, cujos
« nomes se acham nas ladainhas, são realmente SANTOS NO
« CÉO ? Ninguem tem razão para crel-o senão pela palavra
« do papa, e já temos visto que esta não nos inspira a menor
« confiança. » [Veremos mais atraz].

« Respondeu-me um tanto bruscamente, dizendo que não
« me acreditava » [e com razão] ; « que, embora soubesse que
« ha homens que tudo fazem por dinheiro, » [como por exem-
plo os emissarios inglezes e americanos que vem para o Brasil]

« e que tanto podia haver pessoas destas em Roma como em
« qualquer outra parte, comtudo, não cria em uma só palavra
« de tudo o que eu havia dito sobre a canonisação dos Santos; »
[oxalá assim fallassem todos os catholicos na presença desses
emissarios!] « que estava certo que o papa, que era um homem
« santo, e os cardeaes e bispos, que tambem eram homens
« santos, não tomariam parte em um trafico como o que eu
« acabava de descrever; » [tem muito bom senso nosso homem]
« que Jesus Christo, que prometteu nunca abandonar a sua
« Igreja, não permittiria que o papa, os cardeaes e os bispos
« se deixassem levar pelo amor do dinheiro, nem que fossem
« enganados por seus officiaes, [passe sem commentario] « e
« que, por tanto, » [isto é, baseado na força probatoria dos
processos e na assistencia de Jesus promettida á Igreja até o
fim dos seculos] « não acreditava nas minhas asserções.

« Era bem manifesto que as pessoas presentes » [engana-
das pelos sophismas, pelas mentiras e pelas falsificações da
historia de que se servira o autor] « não ficaram muito satis-
« feitas com esta resposta, e, sendo o meu objecto impressional-
[tatica commun de todos os sectarios] « embora não tivesse
« esperanza de causar impressão alguma ao meu oppositor,
« depois de fazer novamente a mesma pergunta, dirigi-me aos
« circumstantes, dizendo: Tendes ouvido, senhores, que per-
« guntei como se sabe que estas pessoas são Santos do ceo, e,
« portanto, estou certo de que a insufficiencia da resposta dada
« pelo meu antagonista, de que a palavra do papa deve bastar-
« nos, não passará desaperecebida entre nós. »

Pois bem, se a resposta de seu oppositor não lhe satisfez,
permitta-nos o autor que respondamos em lugar d'elle.

Pergunta: como se sabe que essas pessoas canonizadas
pela Igreja são Santos e agora estão no céo?

Sabemol-o: 1) *pelos processos da beatificação e canonização*
que precedem a solemne canonização d'um servo de Deus.
Esses processos são instruidos com tanta prudencia, imparcia-
lidade e rigor que dão ao espirito humano inteira certeza e
excluem todo o perigo de erro ou engano.

Na verdade, tendo fallecido um servo de Deus que se
distinguiu de seus semelhantes pelo heroismo das suas virtudes
e pelo brilho de seus milagres, a piedade dos fieis que o co-
nheceram ou d'elle ouviram fallar, e a gratidão dos que sen-
tiram em si ou seus caros o poder de sua intercessão, desejam
que elle, para exemplo e auxilio dos membros da Igreja, seja
elevado á honra dos altares. Não é, pois, o *Papa*, como im-
pudentemente calunhia o autor, que escolhe as pessoas que,
segundo seu juizo e o da sua côrte, pôdem ser reputados Santos,
— o *Papa só se reserva o juizo final*; quem dão o primeiro
impulso a este movimento *são os fieis e o clero dos logares onde*

nasceu, viveu e morreu o beatificando. Elles como tributo de honra e de gratidão lhe procuram a honra do culto publico.

Crescendo, pois, a fama da sua santidade e de seus milagres a causa é levada *aos tribunaes dos Bispos* em cujas Dioceses nasceu, viveu e morreu, e instruem-se perante elles na devida forma os *primeiros processos*. Nelles são recolhidos os depoimentos, *tão pró como contra*, sobre as virtudes e os milagres attribuidos ao fallecido feitos por testemunhas *juradas* que o conheceram ou experimentaram seus favores e para este fim são citadas. A esses depoimentos junta-se uma declaração official, chamada de « *non cultus* » na qual os Bispos declaram que, em obediencia ás ordenações de Urbano VIII, não foi tributado ao beatificando culto publico.

Concluidos esses processos as Actas são enviadas *para Roma* e entregues ao secretario da Congregação dos Ritos, o qual por sua vez as entregue ao notario da mesma congregação *com o fim de se proceder á sua abertura* (apertio processuum). Ella se faz solememente pelo Cardeal da mesma Congregação a pedido dos chamados postuladores, isto é, dos que se interessam pela beatificação (ou de seus delegados) *pela verificação dos sellos e das firmas*.

Para este fim são citados, além do notario, o *promotor fidei*, (advogado official) que tem por incumbencia levantar todas as difficuldades que do depoimento das testemunhas surgirem contra a beatificação do servo de Deus e por isso, em caso, contra a authenticidade dos sellos e das firmas. Faltando essas testemunhas a authenticidade dos processos episcopaes deve ser estabelecida de outra maneira aprovada por um decreto especial da Congregação dos Ritos.

Aberto o processo e nomeado pelo Papa dentre os Cardeaes da Congregação dos Ritos um relator, o qual se escolheu um interprete ou revisor dos processos escriptos em lingua estrangeira, se procede *aos exames de todos os escriptos* do beatificando. Emquanto dura esse exame a causa está parada. Estende-se a todos os seus escriptos quer impressos quer não, tem por fim averiguar se nelles não se encontra alguma coisa que mereça uma nota theologica, e é feito conforme o volume desses escriptos ou pelo relator nomeado *ad hoc* pelo Papa ou por um ou mais revisores secretamente escolhidos pelo proprio relator.

Terminado o exame e ouvido o parecer do relator, a Congregação dos Ritos dá sua sentença. Sendo ella propicia, exige-se a *assignatura commissionis*, isto é, exige-se que o Papa dê authorisação para principiar-se, depois de obtida certeza de que se satisfaz ás ordenações de Urbano VIII ácerca do « *non cultus* », o *processo apostolico* tanto sobre a fama das virtudes e milagres do beatificando em geral, como sobre as virtudes e mi-

lagres em particular. Com isto a causa é dependente da Santa Sé, o que tem por consequencia que d'aquí em diante os Bispos, que instruem os processos preparatorios em suas respectivas Dioceses, não podem mais validamente e por propria auctoridade entremetter-se na causa. Fôra d'uma dispensa especial do Papa a dita *assignatura commissionis* não se pôde obter *senão dez annos depois da entrega das actas dos processos episcopaes* ao secretario da Congregação dos Ritos. Requer-se além d'isto que as actas entregues sejam *inteiras*, que nellas não haja *ricio irritante*, que prôvem evidentemente a *fama geral* da santidade e dos milagres do beatificando. Mais, de novas cartas dos respectivos Bispos deve constar que esta fama em logar de diminuir-se *cresceu com o andar do tempo*, que nenhum obstaculo imprevisto se levantou mais tarde contra a causa da beatificação. Emfim, *repetidas supplicas*, offerecidas espontaneamente á Santa Sé, pelo chefe do paiz ou por outras pessoas importantes, devem como órgãos do desejo geral do povo pedir para o servo de Deus a honra dos altares.

Satisfeitas todas estas condições, os postuladores hão de entregar seu pedido da *assignatura commissionis* á Congregação geral dos Ritos ou com licença do Papa á Congregação *ordinaria*. Feito isto, e annuindo o Papa, examina-se se ao beatificando não foi tributado *culto publico* contrario á lei de Urbano VIII. Para este fim a Congregação dos Ritos examina as Actas e a declaração dos Bispos Diocesanos.

Achando ella que a lei está cumprida, e confirmada a sentença dos primeiros Juizes (isto é, dos Bispos), os postuladores pedem á Congregação *litterae remissoriales*, isto é, a commissão incumbida a tres Bispos ou a um Bispo com dois dignatarios para instruirem juntos um *processo formal* sobre a heroicidade das virtudes e a milagrosidade do beatificando. Neste processo se trata mórmente de provar que o fallecido servo de Deus, *é tido por Santo*, se não por todo o povo pelo menos pela maioria, e mais especialmente no logar onde morreu ou está sepultado: que esta fama se apoia *em testemunhos fidedignos* e não em vagos rumores espalhados entre o povo; que partiu de *pessoas respeitaveis e dignas de fé* e não de pessoas levianas, arrebatadas ou ignorantes ou interessadas na causa; que a fama de santidade e milagrosidade *em logar de decrescer augmentou sempre*; que não ha *argumentos em contrario*; que ha graves razões porque, segundo o juizo de pessoas graves, o fallecido mereça ser invocado e alistado pela Santa Sé no numero dos bemaventurados.

Essas provas se dão *por testemunhas juradas, biographias e documentos historicos*, como por exemplo doações, ex-votos etc... As duas ultimas provas de per si não têm nenhuma força probatoria, só provam unidas aos depoimentos das testemunhas,

d'ellas sempre se exigem 6 ou 8, praticamente, porém, ha sempre mais, ás vezes 100, 150 até 200. Não é mister que todos deponham unanimemente a respeito dos mesmos factos, mas todos devem concordar em terem ouvido louvar as heroicas virtudes e milagres do servo de Deus; devem tambem declarar de quem ouviram o que attestam.

As actas d'este processo são enviadas pelos juizes delegados juntamente com um parecer sobre a credibilidade das testemunhas á Congregação dos Ritos, e depois de abertas examinam-se na presença do protonotario *a validade do processo e o argumento que d'elle procede em favor da beatificação*. Obtida depois d'um *debate contradictorio* entre os postuladores da causa e o promotor fidei, da Congregação dos Ritos uma *sentença favoravel* sobre esses dois quesitos, os postuladores hão de munir-se de *outras litterae remissoriaes* para que se proceda ao exame das virtudes e dos milagres attribuidos ao beatificando. Esta commissão se dá na mesma fórma que a primeira vez pela Congregação dos Ritos. Aqui o principal empenho é provar EVIDENTEMENTE que o futuro bemaventurado de facto possuia EM GRAU HEROICO as virtudes theologaes e cardiaes e operou DEPOIS DA MORTE VERDADEIROS MILAGRES. Estas provas se alcançam por testemunhas JURADAS, cuja audição SOB PENA DE NULLIDADE se ha de fazer conforme as ordenações mais prudentes, e cujos depoimentos são examinados e ponderados COMO SE SE TRATASSE DE PROVAR UM GRANDE CRIME E IMPOR UM GRAVE CASTIGO NUMA CAUSA CRIMINAL. Tendo os juizes de pronunciar-se sobre curas milagrosas procuram antes de tudo indagar, se a cura, do modo porque se deu, não possa ser explicada *naturalmente*. Para este fim pedem o parecer de profissionaes competentes, *mormente o dos medicos que trataram o curado na sua doença*.

Terminado devidamente o segundo processo sobre as virtudes e os milagres em particular, as actas são enviadas para a *Congregação dos Ritos* e alli abertas com a solemnidade já descripta. Em seguida, *todos examinam a validade do procedimento*.

E' do cargo do promotor fidei *insistir nos vicios* e o menor afastamento das ordenações minuciosas da instrucção pôde effectuar a *nullidade* de todo o processo.

Se as actas são aprovadas pôde-se proceder *á discussão de seu conteudo primeiro das virtudes em seguida dos milagres*. Esta discussão sem dispensa papal não se pôde realizar *senão 50 annos depois da morte do beatificando*. Ella se faz tanto com respeito ás virtudes como com respeito aos milagres em tres diversas congregações.

Primeiro uma congregação *ante-preparatoria*, isto é, numa reunião dos consultores e do mestre das ceremonias da Con-

gregação dos Ritos, a quem o cardeal relator, para seu proprio esclarecimento, convoca em sua casa; depois numa congregação *preparatoria* na residencia do Papa, á qual, por incumbencia do relator são chamados todos os cardeaes pertencentes á Congregação dos Ritos com os consultores da mesma Congregação e o mestre das Ceremonias, e na qual, porque propriamente serve para esclarecimento dos cardeaes, não estes mas os consultores dão seu voto; emfim, numa congregação *geral*, na qual, na presença e sob a presidencia do Papa, se reúnem as mesmas pessoas, sendo os consultores os primeiros a dar seu voto, antes dos cardeaes.

Depois de ter ouvido e reunido o voto de todos, o Papa, agradecendo a todos seus trabalhos e recommendando-lhes que orem por illuminação divina, se reserva a dar mais tarde sua sentença. Illuminado por uma fervorosa oração ao Espirito Santo, cuja assistencia lhe é prometida, o Papa ao depois se manifesta ao secretario da Congregação dos Ritos e ao promotor fidei e ordena que seja promulgada em forma de direito. Esta sentença nunca se dá em reconhecimento quer das virtudes quer dos milagres do fallecido se na Congregação geral duas terças partes dos votos não se pronunciaram em seu favor.

Emfim, antes da promulgação do decreto da beatificação, a Congregação dos Ritos se reúne outra vez para indagar *se não ha obstaculos* para proceder ao dito acto. E, sendo a resposta negativa, o Papa *dá sua sentença*, marca o dia destinado para a solemnidade da beatificação e encarrega o secretario dos breves da incumbencia de lavrar em forma de breve o *documento apostolico* com as clausulas e indultos costumadas.

Eis, pois, o procedimento do primeiro processo da beatificação.

A este segue o *segundo processo, o da canonisação*.

Se a beatificação apenas era uma *declaração preliminar* pela qual o Papa declara que um servo de Deus, já fallecido, por causa do heroismo das suas virtudes e do brilho de seus milagres *é tido por bemaventurado* e como tal póde ser venerado e invocado publicamente em certos logares, por certas pessoas e sob algumas considerações, — a canonização *é uma declaração solemne e definitiva* pela qual declara que um servo de Deus, já fallecido, deve ser considerado por toda a Igreja como um Santo reinando com Deus na gloria do céu e como tal merece veneração e póde ser invocado por todos. Esta declaração não se dá senão depois de novos processos em que são *examinados e reconhecidos ao menos dois milagres operados pelo bemaventurado* DEPOIS DA SUA BEATIFICAÇÃO.

Agora pergunto eu: estes dois processos que levam annos e annos antes de serem concluidos, em que são citadas tantas testemunhas e todas ellas juradas, em que a vida dos servos

de Deus é examinada com tanta minuciosidade, em que, com fim de excluir todo o perigo de erro, se busca antes provar sua falta de santidade do que sua santidade, em que os 6 milagres attribuidos á sua intercessão são examinados e reconhecidos pelos proffissionaes mais illustrados — NÃO NOS DÃO PLENA CERTEZA DA SANTIDADE DAS PESSOAS CANONIZADAS PELA IGREJA?

Se elles ainda não são sufficientes para banir de nosso espirito qualquer duvida do contrario, por leve que fôr, devemos duvidar de *toda a justiça humana*, pois não ha nesta terra tribunal perante o qual as causas sejam tratadas com tanta prudencia, tanta imparcialidade, tanto rigor. Protestantes sinceros não fazem a menor difficuldade em reconhecer a força probatoria desses dois processos e attestam publicamente que a Igreja Catholica, Apostolica, Romana em seus canonizados possui verdadeiros Santos que reinam com Jesus Christo na gloria dos céos. Só o odio sectario póde obcecar o espirito dos prevenidos, como por exemplo o do autor, a ponto de fazel-os negar o que todos reconhecem.

Em abono desta verdade um facto que se deu com o Papa Bento XIV, o então Cardeal Lambertini. Entregou um dia a um doutor protestante, o qual taxava a Igreja Catholica, Apostolica, Romana de leviandade neste assumpto, as actas d'um processo de canonização, para que as examinasse e dêsse seu parecer. Esse cavalheiro, depois de haver bem examinado todos os documentos, voltou para o Cardeal e lhe disse: Eminencia, se todas as virtudes e milagres dos Santos que a Igreja Catholica canonisa são tão claros e authenticos como estes, cumpre verdadeiramente dizer que Deus está com a Igreja Catholica, Apostolica, Romana; por outras palavras, que no seu seio ha verdadeiros Santos. Pois bem — retorquiu-lhe o Cardeal — saiba V. S. que nós em Roma somos muito mais severos; não achamos sufficientes estes documentos, e se não tivermos provas mais convincentes que estas, o processo será repellido.

Portanto, a primeira resposta á pergunta do autor: como se sabe que todas essas pessoas canonizadas pela Igreja são Santas e estão no céu? — é: *sabemol-o pelos dois processos que precedem a solemne canonização d'um serro de Deus.*

b) Mas esta resposta serve mais directamente para fechar a bocca aos protestantes e methodistas, que, negando ao successor de S. Pedro a prerogativa da infallibilidade, não querem vêr no Papa senão « um homem como qualquer outro — um homem que não póde vêr dentro do céu um apice além do que nós tambem podemos vêr ». Nós, os catholicos, temos mais outro fundamento, um fundamento d'uma ordem mais elevada, para crermos com toda a certeza na santidade dos canonizados. *Está na prerogativa da infallibilidade que reconhecemos no*

Papa. Para nós o Papa não é « um homem como qualquer outro », é um homem assistido pelo Espírito Santo. Se elle não pôde vêr dentro do céu com seus olhos corporaes, pôde-o com os da sua mente illustrada e preservada de todo o erro pela assistencia do mesmo Espírito Santo; por outras palavras, o Papa em certas circumstancias (que explicaremos no terceiro tomo desta obra, cap. XXII) é infallivel. Ora um dos objectos aos quaes se estende esta infallibilidade, segundo os theologos, é a canonização dos Santos. E a razão, em que se baseiam, é, que, se o Papa pudesse errar n'um negocio de tanta importancia qual é a solemne canonização dos Santos, arrastaria forçosamente consigo toda a Igreja no erro, o que fôra contrario á continua assistencia do Espírito Santo promettida por Jesus Christo á sua Igreja até o fim dos seculos.

E com isto respondemos cabalmente á pergunta: como se sabe que as pessoas canonizadas pela Igreja são Santas e estão no céu?

Mas o antagonista do autor, embora não chegára a refutar com tanta clareza as objecções protestantes contra o grau de certeza que nos dão os processos de beatificação e canonização da santidade dos canonizados, de todo não estava convencido do contrario. Por isso se valeu d'um argumento que lhe pareceu irrespondivel. O proprio autor nol-o narra. « Aqui, « diz elle, interrompeu-me meu adversario, dizendo, que, em « todo o caso, eu não podia negar que alguns delles são santos, que, embora eu tivesse minhas duvidas a respeito de « S. Domingos, S. Francisco e outros, não poderia duvidar de « que a bemaventurada Virgem Maria, Santa Maria Magdalena « e todos os Apostolos são Santos, e que, sendo impossível « negar isto, porque não havemos de invocal-os? »

Estas palavras de seu antagonista deram ao autor occasião de mostrar outra vez seu espirito sophistico e repetir todas as objecções ridiculas e pueris já refutadas no artigo anterior. Ouçamos o que escreve, respondendo no proprio contexto:

« Alegrei-me muito com a nova direcção que a discussão « tomava, e, tendo dito o sufficiente sobre o ponto anterior », [vimos como?] « disse-lhe que tinha muito prazer em concordar com elle no tocante á Virgem Maria, a Santa Maria « Magdalena e a todos os Apostolos, pois que são chamados « Santos nas Escripturas Sagradas », [como se a palavra « Santo » na Escriptura Sagrada fosse empregada no sentido de Santo CANONIZADO!! Que sophisma!!!] « porque, no tempo « dos Apostolos, todos os christãos, todos os crentes eram chamados por esse nome. (Veja-se Actos XXVI, 10; Rom. I, 7; « II Cor. I, 1; Ephes. I, 1, etc.) » [Não; sr. autor, no tempo dos Apostolos todos os christãos não eram chamados Santos

no sentido que ligamos actualmente a esta palavra. Eram chamados Santos *em opposição com os pagãos*; eram chamados Santos *por causa da santificação que lhes trouxe N. S. Jesus Christo, morrendo na cruz*; — não porque foram alistados na lista, no canon dos Santos e é neste sentido que falla seu adversario, fallando da SS. Virgem Maria, de Santa Maria Magdalena, dos Santos Apostolos, reconhecidos pela Igreja como pertencentes ao numero dos servos de Deus glorificados no céu. Por isto com seu sophisma o senhor não respondeu á objecção, ainda menos respondeu a ella satisfactoriamente].

« E porque, pois, me perguntou elle, não lhes havemos de « dirigir orações? — Porque não podem ouvir-as, lhe respondi « eu. Como podem elles, sendo, como são, seres finitos no céu, « ouvir as orações dos homens sobre a terra? O facto de se- « rem os santos seres *finitos* é uma objecção decisiva contra « a pratica da igreja romana. Pela mesma natureza das coisas « é impossivel que taes creaturas *finitas* tenham conhecimento « das orações e dos corações; não sómente de duas ou tres « pessoas, mas dos milhares e milhões de adoradores » [??]

« que as invocam; é absolutamente impossivel que saibam « quem as invoca ao mesmo tempo em todas as partes do « mundo, ao menos que sejam omniscientes e omnipresentes ». [Não precisam de tanto, meu caro; basta que Deus, como vimos no artigo anterior, lhes revele essas cousas, e por isso não ha contradicção alguma, em que seres finitos, mas glorificados no céu, saibam o que vae por este mundo. Moysés, Eliseu, S. Pedro, Ananias já sabiam, ficando seres finitos, e sem serem omniscientes e omnipresentes, por revelação divina, cousas que se passavam na sua ausencia e não o poderiam saber do mesmo modo os Santos no céu, sem deixar de ser seres finitos, sem precisar para isto de omnisciencia e omnipresença?] « Sabemos, porém, que só Deus, a cujos olhos « todas as coisas estão descobertas e patentes, póde ouvir « todas as supplicas e conhecer os corações ». [E' justamente o fundamento porque attribuímos nós, os catholicos, aos Santos o conhecimento das cousas terrenas; — vêem-nas pela lume da gloria na essencia divina]. « E, portanto, embora soubesse- « mos com certeza quaes são os Santos que estão no céu, a « pratica de nos confessarmos a elles » [quantas vezes teremos ainda de topar com esta confissão aos Santos; o senhor é mesmo pandego] « e invocarmos o seu auxilio seria necessa- « riamente uma invocação vã e inutil pela simples razão » [que só existe na mente obsecada do autor] « de não pode- « rem ouvir-nos ».

« Dirigindo-me então ao meu antagonista, perguntei-lhe « como é possivel que os santos no céu oiçam as orações que « lhes são feitas na terra.

« Todos os circumstantes o observavam, esperando ansiosamente a sua resposta. Elle, porém, conservou-se confuso e calado, e só, depois de algum tempo, disse que não sabia, nem se devia esperar que elle podesse responder a tal pergunta, porém que talvez Deus revelasse aos santos as orações que se lhes faziam na terra ». [E acertou muito bem, segundo vimos no artigo anterior. E tudo quanto o autor vae dizer em contestação desta resposta é bobagem e nada mais].

« Disse-lhe então que a sua resposta lançava por terra o alicerce em que se fundava o argumento a favor da oração aos santos. « Essa doutrina », lhe disse eu, « ensina que não nos devemos approximar directamente de Deus, e que não nos devemos chegar a Elle senão por intermedio dos santos », [E' mentira seymouriana; em nenhuma parte a Igreja falla deste modo. Muito pelo contrario, na maior parte das suas orações publicas ella se dirige *directamente* a Deus; só ensina que é *bom e util* MAS NÃO NECESSARIO approximar-mo-nos de Deus por meio de seus ministros, que são os Santos] « do mesmo modo por que os homens se chegam a um soberano da terra, não directamente, mas só por meio de seus cortezãos e ministros. Pois bem, esta supposição que o senhor fez, de Deus revelar nossas orações aos santos, prova que estes santos, ou, antes, que estes cortezãos e favoritos da côrte celestial não podem ouvir por si as nossas orações, e, portanto, não podem encommendar-nos á clemencia de Deus senão depois de lhes revelar Elle as nossas supplicas. Acontece, por exemplo, que o senhor faz uma oração á Virgem Maria ou a outro santo, para que a apresente a Deus em seu nome; sendo, porém, a Virgem uma creatura finita, não ouve a sua oração, nem sabe sequer que o senhor a fez; por este motivo, Deus, que tem ouvido suas supplicas, tem de revelal-as a Maria, antes que ella as possa apresentar a Deus: de modo que não são os santos os que apresentam as nossas orações a Deus, mas sim Deus que as apresenta aos santos. Este systema é mau » [Não o é.] « e inteiramente contrario ás Escripturas, » [E' conforme ás Escripturas por ser seguido pelo proprio Deus, como vemos, por exemplo, em Exod. XXII. 7, onde Deus revela a Moysés a idolatria de seu povo, *afim de que* interceda por este povo; etc., etc.] « e, além disto, constitue Deus como um mediador entre os homens e os santos » [do mesmo modo por que Deus quiz ser medianoiro entre os amigos de Job e o proprio Job. Job LII, 8]. « A declaração emphatica das Escripturas é esta: « Só ha um Deus, e só ha um Mediador entre Deus e os homens, que é Jesus Christo homem. I Timoth. II. 5. » [Outra declaração emphatica das Escripturas que só ha *um Mestre* e só ha *um Pae*. Ora, assim como não peccamos chamando os

homens mestres e paes *secundarios*, tambem não ha peccado em chamar os Santos medianeiros secundarios.]

« Isto, continua o autor, causou uma impressão mui profunda no animo das pessoas presentes ». [Assim como numa feira as habilidades d'um prestidigitador causam profunda impressão na multidão enganada]. « E, como o meu contrario se deixasse ficar perplexo, quieto e calado, os circumstantes começaram a conversar uns com os outros. Comtudo, depois de um colloquio particular com um companheiro seu, o nosso controversista, cobrando alento, disse que, embora não podesse explicar as difficuldades, não via nada de mal nesta pratica, pois que os catholicos romanos não fazem mais nada do que supplicar aos santos que façam oração por elles, do modo por que o pediriam a qualquer amigo; e ajuntou: « Nunca pede a seus amigos que façam oração pelo senhor? »

« Lembrei-lhe que « no *Confiteor* » [Por favor, sr. ministro protestante, mude uma vez de argumento, já estamos fartos deste « *confiteor* », o qual, como já vimos repetidas vezes, nada prova, e ao qual sempre volta e ainda voltará neste mesmo capitulo.] « os catholicos romanos fazem muito mais, pois que *confessam* seus *peccados* a Maria e aos santos, e depois lhes *fazem oração*, para que orem por elles. Haverá, porventura, entre as pessoas presentes, alguem que confesse todos os seus peccados secretos a seus amigos? Peço que me respondam ».

« Todos responderam immediatamente que não, á excepção de um homem que acabava de entrar, e que não tinha ouvido o argumento do meu oppositor nem a minha contestação. » [Graças a Deus! Temos mudança de scena.] « Era este um homem de grande reputação religiosa, membro de uma confraria ultimamente estabelecida a poucas milhas do logar em que estavamos: era alto e delgado, e apresentava-se sempre vestido como um sacerdote: os protestantes da visinhança o tinham em conta de homem teimoso, traíçoeiro e fingido. » [Não ha de admirar; é o conceito commun que dos padres catholicos se fazem os protestantes, enganados pelas calumnias de seus ministros] « porém os catholicos romanos, exceptuando-se poucos, o olhavam como um prodigio de sabedoria e um modelo de piedade. » [Que gloria para o autor se chegar a impôr silencio a tal adversario!] « Seu porte ao entrar foi cortez, e não sei se até servil, e, apesar de seu sorriso, não me impressionou mui favoravelmente, talvez por me achar preocupado pelo que tinha ouvido de dizer a respeito delle. » [Insinuação baixa, digna d'um filho primogenito do demonio.]

« A nossa conferencia ia-se aproximando do seu termo, pela pouca disposição que o meu contrario manifestou para

« dizer mais alguma cousa. Elle tinha começado com muita « confiança ; » [costume geral de todos os adversarios que o autor leva á scena, para realçar a gloria (??) de seu triumpho?!] « porém, conhecendo não ter logrado arrastar consigo as « opiniões e os sentimentos de seus ouvintes, » [como se na *verdade* do dogma dependesse do modo mais ou menos feliz porque é defendido!] « e que os convertidos ao protestantismo, » [não ha conversão ao protestantismo, só ha *apostasia* do catholicismo] « a quem esperava fazer voltar ao gremio da sua « Igreja, pareciam mais firmes » [melhor é, mais fanaticos] « que nunca em suas novas opiniões, » [é a palavra mais apropriada; — « *opiniões* », pois *dogmas* não ha em seita alguma.] « mostrava-se mais moderado e humilde.

« Então para concluir, comecei a fazer uma recapitulação « dos argumentos. [E' honra immerecida, sr. autor, v. s. não empregou nenhum argumento merecedor deste nome. Tudo foi sophisma, mentira, falsificação da historia e vileza.] « Lembrei « aos circumstantes que minha primeira pergunta, de como « sabia que as pessoas a quem se faz oração são realmente « Santos, habitantes do céu, tinha ficado sem resposta ; » [Nós lembramos aos nossos leitores o contrario] « e que minha segunda pergunta — como podem os Santos ouvir as orações « e conhecer os corações de todos os seus adoradores (??) em « todas as partes do mundo — tinha ficado no mesmo caso. » [A mesma lembrança.] « Continuei fazendo algumas observações « geraes contra a pratica de fazer oração á Virgem Maria e « aos Santos com menosprezo » [!!!] « da mediação de Jesus « Christo.

« Aqui, porém, fui interrompido pelo recém-chegado. Este, « depois de apresentar muitas desculpas e pedir mil perdões, « disse, com a maior brandura, rindo-se da minha simplicidade « e ignorancia por fazer tal objecção » [Que desaforo para o ministro do puro (?) e verdadeiro (?) Evangelho; mas saberá por sua vez tirar uma vingança terrível desta humilhação insupportavel para um humilde discipulo d'um Mestre tão humilde, pois guarda para ultima peça seu famoso cavallo de batalha, o « confiteor »] « que a Igreja Romana não exige que « seus membros façam oração a Maria e aos Santos, mas que « deixa tudo a seu livre arbitrio.

« A satisfação e a complacencia com que fez esta observação divertiu-me muito ; » [a certeza da sua futura victoria, ao que parece, consolou o autor da nota de simplicidade e ignorancia lhe dada por seu adversario] « repliquei, pois, que « muitas vezes se me tinha dito a mesma cousa, porém que « nunca me fôra dita por pessoas que me conheciam, » [por quem sou : debellador do Catholicismo, vencedor perpetuo]

em todas as controversias com papistas e padres romanos.]
 « e que eu estava certo de que elle não esperava que dêsse
 « credito ás suas palavras. « Esta pratica, » ajuntei eu, « é tão
 « geral na igreja romana que é preciso um homem cerrar
 « os olhos para não vel-a. »

« Replicou outra vez, no mesmo tom e como com fingida
 « compaixão, dizendo que se lhe devia perdoar o pensar que
 « entendia melhor do que eu a sua religião; que os protes-
 « tantes, muitas vezes, se enganavam a respeito da religião
 « catholica romana, e levantavam muitas calumnias contra
 « ella; que, com effeito, o concilio de Trento tinha declarado
 « sómente que é bom e proveitoso invocar os santos, sem
 « obrigar ninguém a seguir a pratica; e que elle empenhava
 « a sua palavra de honra de que se eu ou outro qualquer
 « protestante presente entrasse para a igreja romana, não
 « seria obrigado a lhes fazer oração. « Ninguém, » accrescentou
 « elle sorrindo-se, « está de baixo de obrigação alguma, pois
 « que esta pratica é deixada inteiramente a esse juizo pri-
 « vado que os protestantes tanto admiram. »

« Pedi-lhe então que tivesse a bondade de repetir o « Con-
 « fiteor » ou formula de confissão.

« Accedeu immediatamente, dizendo :

« « Eu, peccador, me confesso a Deus, Todo Poderoso, e
 « á bemaventurada sempre Virgem Maria, ao bemaventurado
 « S. Miguel Archanjo, ao bemaventurado S. João Baptista,
 « aos Santos Apostolos S. Pedro e S. Paulo, a todos os Santos,
 « e a vós; padre, » etc.

« « Assim, » lhe disse eu, « o sacerdote, antes de absol-
 « ver o penitente, exige que este repita esta formula de con-
 « fissão, em que necessariamente tem de confessar-se á Virgem
 « Maria e a todos os santos, e de fazer-lhes oração em se-
 « guida; e, sem que o penitente faça isto, não pode receber
 « a absolvição. Accresce ainda que, crendo os catholicos que
 « esta absolvição é necessaria para a salvação, o facto que
 « sem esta confissão não se póde ser absolvido é prova posi-
 « tiva de que a oração feita aos Santos é para os catholicos
 « romanos uma pratica obrigatoria.

« Isto fel-o vacilar, por não saber como contestar-me.
 « A refutação tinha sido peremptoria, e elle não se achou
 « capaz de responder. » [!!!] « As pessoas presentes manifesta-
 « ram que não estavam a seu favor. »

Respondo: que bôbo é esse padre « tido entre os catho-
 licos, na phrase do autor, por um prodigio de sabedoria! » um
 menino algum tanto pratico no cathecismo teria dado ao so-
 phismático pastor uma refutação peremptoria que o fizesse
 calar-se! Ou será verdade que « o sacerdote » antes de absol-
 ver o penitente *exige* que este repita o confiteor? Será ver-

dade que sem que o penitente faça isto, *não pôde receber a absolvição*? Cada catholico, que se confessou, sabe por propria experiencia que o padre *não exige* antes da confissão a recitação do « confiteor »: se elle talvez disser ao penitente « faz favor de resar a confissão geral », não a exige como *condição necessaria* para a confissão mas como *costume piedoso* e também como *meio excellente para excitar o espirito de compunção*; e quantas vezes esse mesmo catholico não terá experimentado que seu confessor, sobretudo quando ha grande affluencia de penitentes, não só o *dispensa* desta recitação, mas nem sequer *permite* que o rese. Por conseguinte, *não sendo necessaria a recitação do « confiteor » antes da absolvição, A PROVA POSITIVA* — de que a oração feita aos Santos é para os Catholicos Romanos uma pratica obrigatoria — NÃO É DADA.

Pior ainda se sae o ministro protestante d'uma outra prova contra a doutrina catholica tirada do « confiteor » no SS. Sacrificio da Missa. Eil-a: « Assim, pois, prosegui, fazendo-lhe observar que este mesmo « confiteor » é uma parte essencial do officio da missa, e que sem elle não ha communhão, pois que ninguem pôde receber a communhão senão depois de confessar-se a Maria e a todos os Santos, e de fazer-lhes oração; e todos » [que theologos fundos!!!] « convieram em que, por este meio, tal pratica é tornada obrigatoria. Não é certo, lhe perguntei então, que esta confissão é uma parte essencial » [!!] « do officio da missa ?

« Reconheceu que assim era », [que cabeça de vento] « n'um tom porém mui differente daquelle que antes tinha usado ». [eis o inimigo vencido e humilhado aos pés do vencedor! E' para rebeitar de rir.] « Vi que os circumstantes « estavam da minha parte »; [assim como os visitantes d'uma feira estão da parte d'um habil charlatão enganando a um freguez] « e assim lhe disse, que esperava que elle havia de confessar saber eu alguma coisa da sua religião », [que atrevimento no ignorante autor, que cada vez propõe como doutrina catholica as maiores asneiras!] « e que havia de admitir que a igreja romana faz alguma cousa mais do que ensinar que a oração aos Santos é boa e proveitosa, pois que a tem feito obrigatoria para receber a absolvição e tomar a communhão. [??]

« Elle nada mais disse, e, levantando-se, saiu, fazendo um signal ao meu antagonista, que logo o seguiu ». [E' o que ainda faltava á sua gloria de vencedor; com esta fugida precipitada de seus dois adversarios o catholicismo está morto e sepultado!!!]

Pois bem, tratemos de revogal-o á vida, sem que para isto se precise de milagre. — *O confiteor uma parte essencial da Missa!!!* — Parece que o autor não tem os conhecimentos

mais comesinhos da philosophia senão conheceria a differença entre uma parte *integral* e uma parte *essencial*. Uma parte integral não é *necessaria* para a existencia d'uma cousa; póde faltar sem que a propria cousa deixe de existir. Assim não é com uma parte essencial; ella é absolutamente necessaria; faltando ella a propria cousa não mais existe. Nos homens, por exemplo, as partes integraes são seus braços, suas pernas, etc.; as partes essenciaes seu corpo e sua alma. Estas são absolutamente necessarias, não aquellas. Faltando-lhe os braços, as pernas, etc., o homem fica sendo homem, faltando-lhe, porém, a alma, o homem não é mais homem; é um *corpo* humano, é um cadaver. O mesmo se dá no SS. Sacrificio da Missa. A essencia da Missa consiste na consagração, ou, como querem outros, (não tendo a Igreja se pronunciado sobre isto) na consagração e na communhão do padre. Estas partes são essenciaes; faltando a consagração, ou, segundo outros, a consagração e a communhão do padre não ha Missa. As mais cousas, como as cerimoniaes e as orações, e, por consequente, o CONFITEOR, são partes integraes; logo partes não necessarias, partes que podem faltar sem que por isso falte a Missa.

Ora, sendo isto assim, onde fica a prova de que a Igreja tem feito a oração aos Santos *obrigatoria* para receber a absolvição e tomar a communhão? Porventura, deixando o padre de resar o confiteor, não consagraria; e os fieis, commungando das mãos d'elle, não receberiam o Corpo e o Sangue de Nosso Senhor Jesus Christo?

Mas que fazer? E' o character proprio de toda a heresia; imitar Don Quixote, pugnar seriamente contra moinhos imaginarios! Em seu cerebro desequilibrado, imaginam uma asneira, dão-na por doutrina catholica e descarregam sobre a Igreja todo seu odio de sectarios fanaticos. Por isso posso transcrever sem me dar á pena de refutal-as as palavras com que conclue o autor o artigo presente.

« Então, para tirar uma utilidade positiva da conclusão « a que tínhamos chegado », [?] « continuei a dirigir-me ás « pessoas presentes, dizendo que Nosso Senhor Jesus Christo « é muito mais affectuoso e compassivo, e tem por nós mais « vivas sympathias do que nenhum santo »; [quem o nega? Mas esta asserção não authorisa o que segue] « e que o me- « lhor partido que podemos tomar não é o de pedir a Maria, « supplicar a Pedro e orar a Paulo, mas sim o de ir direct- « mente a Jesus, lançar-nos a Seus pés, confessar-Lhe todos os « nossos peccados e pezares e implorar-Lhe o perdão e o amor « de que necessitamos. Elle mesmo, em Sua misericordia, nos « fez a seguinte promessa :

« « O que vem a mim não o lançarei fóra ». (S. João

« 6: 37). » [Não; o melhor partido é fazermos uma coisa e não omitir a outra, isto é, recorrermos muitas vezes directamente e também muitas vezes indirectamente a Jesus pelo intermedio dos Santos. Oxalá o fizessem nossos irmãos enganados!]





CAPITULO X



O CULTO DOS SANTOS

« Ha varias circumstancias concernentes a tempo, logar
« e pessoas, que influem muito no modo de conduzir uma
« controversia. Os salões d'uma Universidade, as salas d'uma
« recebedoria, o gabinete do litterato, a officina do artista, a
« casa do camponez — cada um destes logares exige um estylo
« differente de raciocinios e exemplos; e nada é tão certo
« como ser o modo de fallar com uma pessoa sincera e reli-
« giosa muito diverso daquelle por que se deve fallar a uma
« que nenhum interesse tem no assumpto e só entra em dis-
« cussão por espirito de partido, ou para se entreter em uma
« luta intellectual. Nos capitulos anteriores referi uma con-
« versação que tive com uma pessoa sincera e religiosa, embora
« extraviada, e outra com um homem influido sómente pelo
« espirito de partido. Ha, além desses outros modos de tratar
« do culto dos Santos, de que me tenho servido muitas vezes,
« variando o modo segundo o character das pessoas com quem
« fallava.

E' com estas palavras que o autor das *Noites com os Romanistas* neste capitulo pretende dirigir-se mormente a catholicos, romanos intelligentes, especialmente aos d'entre elles que têm recebido uma educação classica.

Imitemos pois o autor e provemos, embora summariamente, com mais methodo a liceidade do culto do Santos, para em seguida refutar as objecções do autor.

ARTIGO I

Liceidade do culto dos Santos

Que o culto dos Anjos e Santos, assim como foi sempre praticado na Igreja Catholica, Apostolica, Romana, não contém nada que possa ser reprovado, mas deve ser considerado como muito honesto, muito pio prova-se:

1.º *Pelas Escripturas Sagradas.* Com effeito em toda a Biblia, tanto no antigo como no Novo Testamento, vemos que os homens mais illustres e piedosos, como sejam os Patriarchas, os Juizes, os Prophetas, os Apostolos tributavam culto aos Anjos e Santos. Assim por exemplo fizeram *Abrahão* (Gen. XVIII.), *Loth* (Gen. XIX.), *Jacob* (Gen. XXXII.), *Gedeão* (Juizes VI.), *Josué* (Josué V.), *Tobias* (Tob. XII.), etc., etc. — E este culto, como se vê pelo contexto, não era um culto meramente civil mas religioso. Ora, se este culto não fosse licito, a Escriptura Sagrada devia reprová-lo. Mas que vemos? Em nenhuma parte a Escriptura o reprova, como provarei refutando os textos que para este fim citam o autor e os protestantes, pelo contrario approva-o, como por exemplo em Exod. XXIII:20, onde Deus manda aos Judeos escutarem e honrarem o Anjo, que lhes mandará; e Jos. V:15, onde o Anjo exige signaes de mais veneração.

Logo se não queremos *accusar esses varões tão illustres e piedosos do crime de idolatria*, e dizer que o proprio Deus honestou este crime, não nos resta outra sahida, senão a de admittirmos, que o culto dos Anjos e Santos é licito e pio.

A' mesma conclusão chegamos guiados pela luz de nossa razão. Pois se Deus quer que honremos seus servos que ainda vivem nesta terra; se Elle abençoa aquelles que o honram (Gen. XXXIX. 5, IV Reg. I. 13); e castiga os que o desprezam (IV. Reg. I. 10, 12; II. 23); como então poderia ser crime honrarmos seus servos glorificados que estão no céu? Ou serão, por ventura, menos agradaveis a Deus os Santos do céu, que já estão para sempre confirmados na graça e não podem mais perder a amizade de Deus, do que os Santos na terra que, por perfectos que sejam, ainda não estão confirmados na graça e sempre podem perder a amizade de Deus?

Os innumerados e assombrosos milagres com que Deus recompensou o culto tributado aos Anjos e Santos dão a esta pergunta a resposta mais terminante.

Tambem a historia nos prova a liceidade do culto dos Santos. Com effeito, documentos certos e authenticos; factos irrespondiveis comprovam, que já desde os primeiros seculos a Igreja tributava culto aos Anjos e Santos. Basta lembrarmos das festas instituidas em honra dos Santos Martyres, de que,

entre outros, fallam as Constitutiones Apostolicæ, e da carta da Igreja de Smyrna escripta á do Ponto; dos *sacrificios* que nos anniversarios dos Santos Martyres em honra delles se offereciam a Deus, e de que fallam S. Chrysostomo, S. Agostinho, Tertulliano e S. Cypriano; dos *altares e capellas* chamadas tambem confessiones ou martyria, erguidas em honra dos Santos Martyres e descriptas pelos mais antigos autores; das *imagens e das reliquias* dos Santos Martyres achadas nas mais antigas Catacumbas de Roma e já veneradas pelos primeiros christãos. Tudo isto comprova com evidencia, *que já desde o principio do christianismo a Igreja tributava culto aos Anjos e Santos*. Por conseguinte se não queremos cahir no absurdo de dizer, que já logo no seu principio a Igreja de Jesus Christo cahiu em erro, devemos admittir que o culto dos Anjos e Santos é licito e pio.

Examinemos agora as difficuldades que lhe oppõe o autor.

ARTIGO II

Refutação das objecções do autor

A primeira dellas é formulada assim: «Tenho argumentado muitas vezes deste modo: um dos objectos da religião revelada é destruir toda a religião falsa e toda a mythologia, por mais antigas que sejam. O mundo pagão tinha uma mythologia que ensinava a existencia d'um sem numero de deuses e semideuses, e que variava segundo os costumes dos differentes paizes. A Asia, a Africa, e a Europa tinham seus systemas differentes, e, embora estes tivessem provavelmente a mesma origem, á medida que as conquistas e emigrações misturavam os povos de differentes religiões, seus systemas se modificavam por novas combinações, e afinal vieram a ser innumeraveis.

«Tenho tambem argumentado, dizendo que a grande particularidade distinctiva do christianismo, comparado com o paganismo, consiste em ensinar o primeiro que «SÓ HA UM DEUS, E SÓ HA UM MEDIADOR ENTRE DEUS E OS HOMENS», enquanto o ultimo ensinava que havia *muitos deuses e muitos mediadores* entre os deuses e os homens. A mythologia classica da Grecia e de Roma ensinava a existencia de *Dii Majores*, divindades superiores, e de *Dii Minores*, divindades inferiores. Os pagãos acreditavam que os primeiros possuíam todo o poder e auctoridade, e que os segundos serviam de mediadores entre aquelles e os mortaes, de modo que o rasgo caracteristico da mythologia daquelle tempo consistia em haver *muitos deuses e muitos mediadores*. O apostolo S.

« Paulo põe em contraste estes dois systemas, de uma maneira notavel, nas seguintes palavras: « Não ha outro Deus, senão só um. Porque, ainda que haja alguns que se chamam deuses, ou no céu, ou na terra (e assim sejam muitos os deuses e muitos os senhores), para nós comtudo ha um só Deus, o Pae, de quem tiveram o ser todas as cousas e nós nelle; e só um Senhor Jesus Christo, por quem todas as cousas existem, e nós outros por Elle. » (I. Cor. VIII, 4-6) Este, pois, é um ponto notavel de contraste entre a mythologia pagã e a revelação christã. O paganismo admittiu MUITOS DEUSES E MUITOS SENHORES ou mediadores, mas o christianismo não admite senão UM SÓ DEUS E UM SÓ SENHOR ou Mediador.

« Nós accusamos a Igreja Romana de ter renunciado esta particularidade distinctiva do christianismo e de ter apostatado até o ponto de chegar á idolatria do paganismo. Não a accusamos de ter *muitos deuses*, mas sim, de ter muitos *mediadores*. Em vez de manter illesa a unica mediação de Jesus Christo, tem uma longa lista de Santos, que ella mesma tem canonisado e constituido como mediadores e advogados «entre Deus e os homens».

« A resposta que se costuma dar a este argumento, continua o autor, é uma negativa emphatica e cheia de indignação; assegura-se que os santos não são tidos em conta de deuses e deusas; que a mythologia do imperio romano ensinava effectivamente que havia um sem numero de deuses e semideuses, que deviam ser adorados como divindades verdadeiras, cuja ira se devia aplacar e cujo amparo se devia supplicar; mas que na Igreja Romana os santos não são tidos em conta de divindades e aquelles mantem a unidade de Deus tão fortemente como nós, e, portanto repelle-se com a maior indignação a accusação, que lhe fazemos de ter deificado os santos e multiplicado os deuses pagãos.

« A isto tenho replicado, dizendo que sei bem não serem os santos deuses, nem deusas, e nem como taes serem tidos na Igreja Romana; que, se assim fosse, haveria em tal crença uma plena satisfação do culto religioso que se lhes tributa, e que *em tal caso* seria necessario adoral-os; mas que minha objecção se funda em que, tendo-os a Igreja Romana apenas como homens e mulheres que morreram, cujos corpos estão consumidos no sepulchro e cujas almas, segundo se crê, estão no céu, se lhes tribute um verdadeiro culto religioso, que identifica substancialmente esta pratica com a da mythologia classica do imperio Romano: até este ponto tem a Igreja Romana apostatado da religião christã!»

A esta objecção do autor das *Noites com os Romanistas*, que della se prometteu mundos e fundos, respondo: 1.º que o

culto dos Santos não tem nada, absolutamente nada, que vêr com os deuses e semi-deuses do paganismo. — Segue como consequencia legitima e necessaria dos proprios dogmas da Igreja Catholica, Apostolica, Romana: não lhe foi legado pelo paganismo e embora o paganismo não tivesse existido, embora nunca tivessemos conhecido a mythologia pagã, com seus milhares de deuses e semi-deuses, a Igreja teria tributado culto religioso a seus Santos. *Pois este culto nasce do dogma da communhão dos Santos*, desta viva e intima união, que a Igreja ensina existir entre os membros do Corpo mystico de Jesus Christo, entre os membros das Igrejas triumphante, militante e padecente. Admittida esta communhão, o culto dos Santos segue della como consequencia legitima e necessaria, explica-se por si mesma, sem que haja necessidade de buscar no paganismo seu prototypo. Por isso, *muitos theologos protestantes modernos rejeitam abertamente esta pretensa descendencia do culto dos Santos do culto tributado pelo paganismo aos deuses e semi-deuses e reconhecem connosco que este culto se funda na Biblia.* Assim por exemplo escreve Lange (Christ. Dogm. II. pag. 1258): « A Sagrada Escriptura nos obriga a reconhecermos que a « communidade dos espiritos triumphantes no céo está em « intima connexão e união com os fiéis, que estanciam sobre « a terra, e as almas piedosas que se purificam, e que as « benções dos primeiros aproveitam aos segundos sobre a terra. » « O mesmo sente Martensem (Christ. Dogm. pag. 436), que se exprime deste modo: « deve haver reciproca communhão entre « a outra e esta vida ».

Respondo: 2.º que *esta multidão de mediadores de todo não vae de encontro ao dogma do Unico Mediador Jesus Christo*, como provarei mais d'uma vez no que ha de seguir.

E com isto desmorona-se o fundamento de todos os mais argumentos, que o autor ainda vae tirar da pretensa identificação do culto religioso prestado pela Igreja Catholica aos Santos com o culto mythologico do imperio romano. Acompanhemol-o. « Esta apostasia [da Igreja Romana da religião christã pelo culto dos Santos] « parecerá ainda mais evidente se reflectirmos « que o character de mediação, que o Romanismo attribue a seus « Santos é o mesmo que caracterisava a mediação que o paganismo attribuia a seus semi-deuses. Entre os pagãos acreditava-se que, quando algum homem se fazia notavel por « seus feitos, conquistas, invenção, ou qualquer outra coisa, « que o distinguisse como Bemfeitor do genero humano. » [como p. e. os semi-Deuses Nero, Caligula etc, os maiores monstros que a humanidade jámais viu.] « podia ser canonisado e posto « no numero dos deuses inferiores e que então vinha a ser « um mediador, cujas sympathias por seus semelhantes, por « uma parte, e cujos meritos para com os deuses, por outra

« parte, o tornaram idoneo para desempenhar as funções de
 « intercessor com estes a favor d'aquelles. » [Que bons inter-
 cessores deviam ser os semi-deuses Domiciano, Caligula, He-
 liogabalo *attentas suas sympathias pelos homens e seus meritos*
para com os deuses!!!!] « Os philosophos pagãos Hesiodo,
 Platão, Apuleo, etc., fallam todos neste sentido. O philosopho
 ultimamente nomeado disse: « Os semi-deuses são intelligencias
 « intermediarias, por meio das quaes nossas orações e necessi-
 « dades chegam ao conhecimento dos deuses. São mediadores
 « entre os habitantes da terra e do céu, que levam para lá as
 « nossas orações e trazem para a terra os favores implorados;
 « que vão e voltam como portadores das supplicas dos homens,
 « e dos auxilios da parte dos deuses, etc. » Este era o credo
 « do paganismo, e em nada, a não ser no nome, differe do credo do
 « Romanismo, no que diz respeito á intercessão dos Santos. »
 « [Vamos vêr, sr. autor.] « Quando a Igreja Romana acha
 « entre os membros da sua communhão individuos tidos por
 « piedosos ou illustres em razão de certos poderes milagrosos,
 « sustenta que podem ser canonisados e contados entre os
 « seus Santos, como mediadores entre Deus e os homens; que
 « elles possuem influencia sufficiente para com Deus para obter
 « delle os favores, que sollicitamos; e que, portanto, são com-
 « petentes ou idoneos para acolher as nossas orações e supplicas;
 « ou antes, segundo o declarou o concilio de Trento: « Os San-
 « tos que reinam juntamente com Christo rogam a Deus pelos
 « homens: e é bom e util invocal-os humildemente e recorrer a suas
 « orações, intercessão e auxilio. « O principio do romanismo
 « pagão e o principio do Romanismo papal são uma e mesma
 « cousa, não havendo differença senão nos nomes dos objectos
 « de invocação. »

Respondo: que já provei, agora mesmo, que o culto dos
 deuses e semi-deuses no paganismo nada tem que vêr com o
 culto dos Santos na Igreja Catholica. O culto dos Santos não
 nasceu da idolatria pagã, nasceu como consequência legitima
 e necessaria do dogma da communhão dos Santos. Differe do
 culto dos semi-deuses não sómente *em sua origem*, senão tam-
 bem *em seu objecto*, pois, no passo que os Santos são heróes de
 perfeição christã, os semi-deuses muitas vezes eram monstros
 da iniquidade, opprobrios do genero humano; mas differe,
 sobretudo, *em sua natureza*, pois o culto dos semi-deuses era
 um culto divino, um culto de adoração, enquanto o culto dos
 Santos é um culto muito inferior, um culto de veneração. Ora
 sendo tão grande a differença entre estes dous cultos, não se
 pôde dizer, *por causa de certa analogia exterior*, com o autor:
 o principio do romanismo pagão e o principio do Romanismo
 papal são uma e mesma cousa, não havendo differença senão
 nos nomes e nos objectos de invocação. Não; a differença

é a do dia para a noite; estes dois cultos differem em tudo; têm só um ponto de comparação: certa analogia entre os officios, pois assim como os Santos intercedem por nós junto ao throno de Deus também os semi-deuses, segundo a mythologia, intercediam em prol de seus devotos perto dos deuses maiores. Mas esta analogia não dá ao autor direito de exclamar: logo o culto dos Santos é derivado do culto pagão; logo o principio do romanismo pagão e o principio do Romanismo papal são uma e mesma cousa, não havendo differença senão nos nomes e nos objectos da invocação.

Passemos agora a outra objecção tirada da historia: « A origem da pratica demonstra que isto é assim, pois que, quando se descobriu, depois do estabelecimento do Christianismo, nos tempos de Constantino, (quando o grande fim almejado pela côrte era estabelecer a uniformidade da religião) que muitos dos pagãos se conformariam exteriormente com o Christianismo se lhes fosse permitido conservar em particular o culto das suas divindades tutelares, concedeu-se-lhes permissão para isso, mudando tão sómente os nomes de Jupiter em Pedro e o de Juno em Maria; » [que falsificação da historia, toda esta objecção!] « e assim aconteceu que continuaram a adorar suas antigas divindades debaixo de novos nomes, conservando até suas antigas imagens depois de baptisadas sob nomes christãos. Os escriptos daquelles tempos tornam evidente o seguinte: » [que tudo o que aqui escreve o autor é mentira desde o principio até o fim, como provarei; agora ouçamos a mentira] « acreditou-se que aquella foi uma medida mui sabia e um golpe de habil politica, e que tendia a produzir a uniformidade da religião entre as massas ignorantes. A invocação de Juno se transformou na de Maria, as orações dirigidas a Mercurio foram então dirigidas a Paulo, etc. Não podemos comprehender como a simples substituição dos nomes de Mercurio ou Apollo pelos de Damião ou Cosme, ou a dos nomes de Minerva ou Diana pelos de Lúcia ou Cecília, » [risum teneatis amici!] « possa mudar o character essencialmente idolatra da pratica.

[Seu correligionario, sr. autor, Fessler (Consid. II, pag. 219) escreve « chamar *adoração idolátrica* essa veneração, é cousa que nestes dias de luzes e progresso *nos deve envergonhar*, porque mostra ao mundo todo não podermos nós doutro modo exaltar a nossa igreja senão *vilipendiando o Catholicismo* ». Ao que accrescenta Dordelein (Institut. Theol. I, 2): « Sustentar que os catholicos adoram os Santos, é deixar-se guiar não pela verdade e *sim pelo odio* ». Agora V. S. escolha que qualificativo mais lhe convier]. « Em alguns casos nem sequer mudaram os nomes, e Romulo e Remo são adorados mesmo na Italia sob os nomes modernos de S. Romulo

« e S. Remigio, fazendo-se acreditar á gente simples, que elles
 « foram dois bispos santos. Até o mesmo Baccho tem quem o
 « adore debaixo do nome ecclesiastico de S. Baccho! » [Seria
 engraçadissimo, sr. autor, se ao mesmo tempo não fosse tão
 triste este espectáculo d'um ministro evangelico falsificando
 abertamente a historia para vomitar cobras e lagartos contra
 o Catholicismo]. « O principio e a pratica de Roma papal são
 « identicos aos da Roma pagã; de sorte que todo o argumento
 « que justifica uma, justifica tambem a outra. Portanto, se o
 « principio e a pratica da Roma pagã eram idolatras, não sei
 « porque o mesmo principio e a mesma pratica na Roma papal
 « não hão de chamar-se tambem idolatras? »

Quanto á identidade do *principio* da Roma pagã com o
 da Roma catholica (o autor prefere dizer: papal) nada preciso
 mais dizer: acabo de provar agora mesmo que estes principios
 absolutamente não são identicos (*). Occupemo-nos, portanto,
 da *pratica catholica*, que elle diz ser identica com a de Roma
 pagã. O autor faz descer esta pratica dos tempos de Constan-
 tino, por conseguinte do anno 312, o da conversão de Constan-
 tino; então, segundo affirma, os imperadores, querendo por
 fins politicos a uniformidade da religião entre as massas igno-
 rantes, permittiram aos pagãos convertidos o culto das suas
 divindades tutelares, das suas antigas imagens depois de baptis-
 adas sob nomes christãos, e transformaram a invocação dos
 deuses e semi-deuses, por exemplo, a de Juno na de Maria, a

(*) Comtudo, vem muito a proposito lembrar-se aqui do divertido
 estudo sobre a *lenda de Napoleão*, espirituoso arrazoado devido á penna
 d'um letrado engenhoso, o Sr. Perès, bibliothecario de Agen, no qual o
 autor prova claramente como, *aproveitando-se de coincidencias fortuitas,*
agrupando com engenhosidade semelhanças mais ou menos afastadas e apro-
ximando os pormenores uns de outros, pôde-se chegar a *constituir uma*
historia falsa, que tem toda a apparencia de ser verdadeira. Na sua bro-
 chura intitulada « *Napoleão nunca existiu* » mostra como pelo correr do
 tempo se tornará possível identificar o grande Napoleão com o deus da
 mythologia Apollo. Napoleão, diz o Sr. Perès, não passa d'uma pessoa
 imaginaria representando Apollo, o deus do sol dos pagãos. O nome « *Na-*
poleão » não é senão a corrupção do de Apollo. Ambos nascem n'uma ilha.
 De Latone, mãe de Apollo, se fez Laetícia, mãe de Napoleão. As tres
 irmãs delle não são outras que as tres irmãs de Apollo, chamadas as tres
 Graças. Não pôde se duvidar de que os quatro irmãos do fingido Napoleão
 representem as quatro estações, e os doze marechaes que o acompanhava-
 vam os signaes zodiacaes. Conforme a lenda, Napoleão teve duas mulheres,
 o mesmo diz respeito ao Sol (isto é Apollo) a quem a mythologia egyp-
 ciaca attribue por mulher, a Terra, e a grega a Lua. Viram-no, isto é,
 Napoleão, nascer no Oriente (no Egypto) subir para o Norte (Moscovia)
 depois pôr-se nas aguas do Occidente (Santa Helena). Seu reino de doze
 annos symbolisava as doze horas durante as quaes o Sol brilha acima de
 nossas cabeças. Em resumo, é com toda a certeza do sol que se trata e
 de seu brilho glorioso, quando se falla constantemente a respeito delle do
 Sol d'Austerlitz. Eis o resumo deste estudo divertido; sómente accrescento,
 que o autor das *Noites com os Romanistas* segue aqui o mesmo caminho.

de Mercurio na de Paulo, etc. Ora tudo isto é mentira desde o principio até o fim. Pois a *invocação e o culto dos Anjos e Santos nasceu juntamente com a Igreja Catholica, Apostolica, Romana*, desenvolveu-se nella desde o principio como consequencia legitima e necessaria do dogma da communhão dos Santos. O culto dos Santos já estava na Igreja Catholica desde os tempos dos Apostolos. Este facto é tão claro que os protestantes sinceros, não sómente antigos senão também modernos, não podem nem querem negal-o. Assim, por exemplo, escreve Mósheim (Hist. Christ. 1.^a secc. § 32 n. 3.^o) « que o culto dos « martyres começou desde o primeiro seculo da Igreja ». Testemunho igual dá Brüchenes, quando confessa : « que na primitiva Igreja estavam em grande veneração as reliquias « dos Santos » ; e muitos outros. E como não ser assim ? Basta lêr o que escreveram *Wiseman* em seus « Documentos sobre a doutrina e usos da Igreja » ; *Wolter* em sua obra « As catacumbas romanas » ; *Martigny* em seu « Diccionario de antiguidades christãs » ; e sobretudo *Wilpert* em sua obra « Roma subterranea », para vêr como nas catacumbas, onde a vida da Igreja primitiva se desenvolveu durante os *tres primeiros seculos* de perseguição sanguinolenta, *tudo nos falla do culto dos Santos NO 1.^o, 2.^o E 3.^o SEculo DA IGREJA* — as *mais antigas inscripções* nos tumulos, que nos dizem que os vivos rogavam aos fallecidos ; *os vasos* que continham o sangue dos martyres ; *os pannos e esponjas* nelle embebidas ; *os frascos, figuras, imagens* representando não sómente Jesus Christo, mas também a SS. Virgem Maria e alguns Santos ; umas das quaes são attribuidas por sabios archeologos como Boldeti, Botari, Mamachi, Orsi e Labers ao 3.^o e 2.^o seculo ; outras, segundo Lenorwand, que as viu, estudou, examinou, com toda a certeza ao 2.^o ; e mais outras, mormente as mais novas, descobertas por Rossi e Wilpert, ao 1.^o seculo — tudo isto, mesmo se faltassem testemunhos directos sobre o culto dos Santos nos escriptores do 2.^o e 3.^o seculo, já seria bastante para provar em que crasso erro dá o autor, quando affirma que o culto dos Santos principiou na era de Constantino ; que então principiaram a venerar as imagens dos deuses tutelares e invocal-os debaixo de outros nomes christãos.

Mas não ; não foi erro ; *foi prevenção ; foi este espirito partidario que a torto e a direito quer reprovar o culto que o Catholicismo tributa aos Santos como derogatorio d mediação de Jesus Christo* e por isso lança mão de todos os meios, até das mais impudentes falsificações da historia, das mais vis zombarias como aquellas de Romulo e Remo, de S. Baccho, etc., para vilipendiar a Igreja Catholica e identificall-a com o paganismo. Debalde, porém ; a promessa de Jesus Christo : Tu és kepha e sobre esta kepha eu edificarei a minha Igreja, e as

portas do inferno não prevalecerão contra ella — esta promessa não póde ser confundida; por mais que se esforce o erro por combater a verdade, nunca chegará á realisação do seu intento; a resposta á ultima objecção tirada do paganismo vae mostral-o. « Tem-se-me dito, prosegue o autor, que os dois « systemas não são identicos; que na Roma pagã estas pessoas « eram consideradas como deuses e semi-deuses; e como taes « se lhes offerecia sacrificios e se lhes dirigia supplicas, em « quanto na Roma papal se considera os Santos como homens « e mulheres, amigos e favoritos de Deus que não podem « auxiliar-nos por si ou fazer outra cousa em nosso beneficio « senão usar da sua influencia para com Deus, intercedendo « por nós; que por isto a Igreja Romana não tributa aos « Santos um culto divino mas sim um culto inferior, chamado « *dulia*, offerecendo-se sómente a Deus o culto de *latría*, e á « Virgem Maria um culto intermediario, chamado *hyperdulia*. « A minha resposta tem sido sempre que o argumento não « trata de *nomes* mas de *coisas*. Se a homenagem ou culto que « se tributa aos Santos christãos é, por natureza e caracter, « igual áquelle que se tributava aos semi-deuses pagãos, de « pouca importancia é o nome que lhe dermos. » [Este culto nem por natureza, nem por caracter é igual áquelle que se tributava aos semi-deuses pagãos, é manifesto por minha resposta e pela dos catholicos allegada pelo autor; por consequente, o argumento dos catholicos trata de COISAS e não de nomes; e a este argumento o autor ainda não respondeu senão com falsificações de historia; mentiras e sophismas; logo tudo o que dissemos eu e os catholicos, fica ainda em pé. Porém continuemos a citação.] « Mas como se tem suscitado uma « questão a respeito do nome ou da especie do culto religioso « chamado *dulia*, que se tributa aos Santos, convem notar-se « que este é inteiramente igual áquelle que os pagãos tributavam a seus semi-deuses. O apostolo S. Paulo assim o declarou terminantemente; descrevendo o culto dos pagãos, « antes da sua conversão ao christianismo, diz: « Mas então, « que certamente não conheceis a Deus, servieis (ou, segundo « o grego tributaveis o culto de *dulia*) aos que, por natureza, « não são deuses » (Gal. IV, 8).

« Esta é uma declaração clara e decisiva, » [para os catholicos, sim, sr. protestante, como veremos] « demonstrando « que os galatas, nos dias do paganismo, tributavam a seus « falsos deuses o mesmo culto, que a Igreja Romana tributa, « segundo confessa, aos Santos que não são deuses. » [não, sr. autor, o texto de S. Paulo demonstra que os galatas nos dias do paganismo adoravam a seus falsos deuses, e este culto de adoração não é o culto que a Igreja Catholica confessa tributar-lhes] « e, portanto, vê-se que as palavras do apostolo

« representam com exactidão » [de todo não representam]
 « a pratica actual da Igreja Romana: « tributaveis o culto de
 « dulia [latria] aos que por natureza não são deuses ». Este
 « argumento não admite contestação; identifica completa-
 « mente a pratica da Roma papal com a da Roma pagã. »

Pois bem, com licença do autor das « *Noites com os Romanistas* » vou contestar este argumento ou para melhor dizer este sophisma, visto como o autor, contra as regras da logica, em logar de se servir de tres termos, se serve de quatro. — Toda a força de sua argumentação ou antes toda a habilitade de seu sophisma está na palavra « *edouleusate* » do verbo « *douleuein* » que propriamente significa « *servir* ». Do substantivo, derivado deste verbo, da palavra dulia se serve a Igreja Catholica, e ainda só nos ultimos seculos, para significar o culto que tributa aos Santos e distinguil-o do que tributa exclusivamente a Deus, e que na sua terminologia se chama latria. A palavra dulia e o verbo douleuein portanto, *hoje em dia*, significam exclusivamente o culto tributado aos Santos. Porém, assim não era no tempo de S. Paulo; no tempo de S. Paulo a palavra « *douleuein* » e a derivada « *dulia* » significavam *simplesmente servir*, podendo este serviço referir-se quer aos homens quer a Deus. Portanto, para estarmos certos do sentido ligado por S. Paulo á palavra *edouleusate* do texto citado é preciso lê-la no contexto. Ora pelo contexto é evidente que S. Paulo entende por ella não o culto que os catholicos chamam o de dulia, mas o que chamam o de latria; pois elle institue uma antithese entre o estado dos galatas antes da sua conversão ao Catholicismo e depois desta conversão e lhes pergunta: como é; quereis vós que antes de conhecerdes o verdadeiro Deus adoraveis como se fosse Deus o que não era Deus, quereis vós agora depois de terdes conhecido este Deus de novo adorar como Deus o que não é Deus? Logo neste texto a palavra *edouleusate* não significa na bocca de S. Paulo o culto de dulia que a Igreja Catholica tributa aos Santos, mas o culto de latria que tributa exclusivamente a Deus. E assim vê-se claramente que o argumento do autor não sómente admite contestação, mas nem póde ser admittido e que com seu argumento cae tambem sua asserção que a pratica da Roma papal se identifica completamente com a da Roma pagã, com outras palavras, que tudo quanto disse o autor a respeito da procedencia pagã do culto dos Santos, da sua identidade com o principio e a pratica pagã não vale nada e que podemos concluir sem medo de errar, QUE O CULTO DOS SANTOS NÃO TEM NADA, ABSOLUTAMENTE NADA QUE VÊR COM OS DEUSES E SEMI-DEUSES DO PAGANISMO.

Mas o autor tem ainda outras armas para combater o culto dos Santos; esforce-se por provar que, *admittindo o culto*

dos Santos, a Igreja Catholica tem desprezado um caracteristico capital e distinctivo da religião christã, e que em seu logar tem adoptado uma pratica inteiramente repugnante ao espirito e ao ensino das Escripturas Sagradas; e agora vae classificar umas passagens da Biblia e fazer algumas collecções de textos, que, segundo elle, provam ao claro o caracter geral de todos elles. Cada uma destas collecções, diz elle, encerra em si um argumento distincto.

« I. *A primeira classe*, continua, comprehende passagens, « que negam expressamente a mediação de outro, que não seja « Jesus Christo. Já citei a passagem: « Porque ainda que haja « alguns que se chamam deuses, ou no céo, ou na terra « (e assim sejam muitos os deuses e muitos os senhores), para « nós, contudo, ha um só Deus, o Pae, de quem tiveram o « ser todas as coisas, e nós nelle: e só um Senhor, Jesus « Christo, por quem todas as coisas existem, e nós outros por « elle » (I Cor. VIII. 5, 6). Esta passagem declara que assim « como não ha senão *um só Deus*, assim tambem não ha senão « um só Senhor ou Mediador, segundo o ensina claramente « esta outra passagem: « Porque só ha um Deus e só ha um « Mediador entre Deus e os homens, que é Jesus Christo « homem » (I Thimot. II, 5). Ha quem diga que, embora esta « passagem declare que ha « um Mediador », não diz, contudo, « que não possa haver outros mediadores além deste. Porém, « as palavras fallam por si mesmas, e como as palavras ha « « um Deus » querem dizer que só *ha um Deus*, segue-se que « a expressão « ha um Mediador entre Deus e os homens » « ensina-nos, de uma maneira terminante, que não ha mais « do que UM MEDIADOR. Esta observação é tambem applicavel « ás palavras: « Se alguém ainda peccar, temos por Advogado « para com o Pae a Jesus Christo justo, porque Elle é a propiciação pelos nossos peccados » (I João II. 1, 2). O fim destas « palavras é ensinar-nos que Jesus Christo é nosso unico Advogado para com o Pae. Não se faz menção na Biblia de « advogados taes como Santa Maria, ou Santa Luzia, ou Santa Cecilia, ou S. Damião, ou S. Proto, ou S. Thadeo. Ha um « só Advogado, um só Senhor, um só Mediador, do mesmo « modo que ha um só Deus ».

Eis pois a grande objecção que neste capitulo e nos anteriores é repetida, e ainda o será nos que seguem, a cada instante, e sob todas as formas. A Escriptura Sagrada reconhece um só Mediador, o Catholicismo reconhece mais Mediadores. A Escriptura Sagrada não admite outro Mediador que não seja Jesus Christo, o Catholicismo admite, tantos quantos Santos canonisa.

Será verdade? Não; absolutamente não; pois embora não possamos nem queiramos negar, que os Santos cuja intercessão

junto ao throno de Deus imploramos num certo sentido possam ser chamados mediadores; *não o são no sentido em que o é Jesus Christo.* Com effeito uma pessoa já não pôde ser chamada Mediadora só porque ora por uma ou mais pessoas; não; o Mediador é, o que *ora por todos sem que alguém ore por elle, que ora em seu proprio nome sem valer-se de outro mediador, que alcança o que pede só em vista da sua propria dignidade, de seu proprio merecimento.* Ora, neste sentido só Jesus Christo é e ficará sempre o Mediador dos catholicos. Os Santos não pedem a Deus graças por nós em seu proprio nome mas em nome de Jesus Christo; não se apoiam em sua dignidade ou em seus proprios merecimentos mas na dignidade de Jesus Christo e nos infinitos merecimentos d'Elle, portanto, *a invocação dos Santos em nada deroga á Mediação de Jesus Christo,* que fica sempre o Unico Mediador.

Além disto se a invocação dos Santos contradissem o Dogma de Um só Mediador, não o contradiria também a *invocação dos vivos* tão recommendada nas Escripturas Sagradas (Rom. XV, 30. Thess. V, 25, etc.) e admittida pelos protestantes; não lhe contradiria também a *oração dos Anjos* que segundo a Escriptura Sagrada, rezam por nós? (Zach. I. 12). Ou por ventura não são *mediadores*, no sentido protestante, *os vivos que rezam pelos vivos, os anjos que rezam por seus servidores?*

Logo se nem pelas orações de vivos, nem pelas dos Anjos se deroga ao dogma do Unico Mediador, nem se lhe pôde derogar pelo culto dos Santos.

Fica pois provado, que a primeira classe das passagens isto é das que negam expressamente a mediação de outros que não seja Jesus Christo, não impugna á doutrina Catholica do culto dos Santos, porque os Santos *não são mediadores no sentido em que fallam estas passagens.* E por isso embora «a Bíblia « não faça menção de advogados taes como Santa Maria, ou « Santa Lucia, ou Santa Cecilia, ou S. Damião, ou S. Proto, « ou S. Thadeo », podemos invocal-os com toda a confiança como nossos advogados de intercessão.

Vejamos agora qual é a *segunda classe de textos* allegados pelo autor contra o culto dos Santos? « E', diz elle, a dos que « declaram que os privilegios e as benções do Evangelho nos « vêm só por Jesus Christo. « Mas agora por Jesus Christo, vós, « que n'outro tempo estaveis longe, vos haveis avisinado pelo « Sangue de Christo. Por quanto por Elle un's e outros temos « entrada ao Pae em um Espirito » (Eph. II. 13, 18). « Tenha- « mos paz com Deus por meio de Nosso Senhor Jesus Christo, « pelo Qual temos também accesso, pela fé a esta graça, na « qual estamos firmes e nos gloriamos na esperança da gloria « dos filhos de Deus. » (Rom. VI. 1, 2). « Sede edificados em

« casa espiritual, em sacerdocio santo para offerecer sacrificios
 « espirituaes, que sejam acceitos a Deus por Jesus Christo »
 (I Pedr. II, 5). Os textos desta classe são innumeraveis e o
 « seu valor no presente argumento consiste em apresentar
 « Jesus Christo como o Mediador entre Deus e os homens, por
 « quem temos accesso ao Pae, em quem somos acceitos e por
 « quem são apresentadas a Deus as nossas orações. Não ha
 « em toda a Escriptura Sagrada nem uma palavra sequer que
 « nos ensine « que alguma pessoa tenha a mesma capacidade.
 « O mesmo Jesus declara: « Eu sou o caminho, e a verdade e
 « a vida, *ninguém vem ao Pae SENÃO POR MIM.* » (João, XIV. 6)

Que direi desta segunda classe de textos? Impugnam a doutrina Catholica a respeito do culto dos Santos? Não; pois ensinam apenas que todos os privilegios e benções do Evangelho nos vêm só por Jesus Christo, *causaliter*, isto é, como da sua causa, como da sua fonte — cousa que todos os catholicos admittem, mesmo quando oram aos Santos; pois não se dirigem aos Santos, *como a Mediadores e intercessores que tenham alguma virtude ou poder de si mesmos; nem esperam as graças pedidas como provenientes delles*; mas dirigem-se a Jesus Christo *por meio dos Santos*, esperam as graças *de Jesus Christo a pedido dos Santos*. Os Santos, portanto, no catholicismo, são considerados como outros tantos canaes, pelos quaes as graças da sua fonte, que é Jesus Christo, chegam até nós. E isto não é contrario aos ensinamentos do Evangelho, onde lemos que o proprio Jesus Christo se serviu d'um Anjo como *d'um instrumento* para ensinar a S. João as cousas narradas no Apocalypse (I, 1); e d'um homem, de Ananias, *como d'um instrumento* para manifestar a Paulo (S. Paulo) a sua vontade, etc. Por conseguinte embora nos dirijamos aos Santos, aquelle por quem temos accesso ao Pae, por quem somos acceitos, « por quem são apresentadas a Deus as nossas orações, afinal é Jesus Christo, e só Elle ».

A terceira classe de textos allegados pelo autor declara expressamente que é por meio de Jesus Christo que as nossas orações devem ser offerecidas a Deus. Eis as suas palavras: « São estas as palavras de Jesus: « Tudo o que pedirdes ao Pae *em meu nome* eu vol-o farei, para que o Pae seja glorificado no Filho. Se me pedirdes alguma cousa *em meu nome*, essa vos farei » (João XIV. 13, 14). « Em verdade, em verdade vos digo: Se vós pedirdes a meu Pae *alguma cousa em meu nome*, Elle vol-a ha de dar. Vós até agora não pedistes *nada em meu nome*: Pedi e recebereis para que vosso gozo seja completo » (João XVI. 23, 24). — Esta classe de textos é de mui grande importancia sobre este ponto, e, nelles não se faz a promessa de que serão ouvidas as nossas orações senão quando as fizermos em nome de Jesus Christo. Deus não promette ouvir as orações que lhe diri-

« girmos em nome de qualquer mediador, mas só aquellas que
 « lhe fizermos em nome do unico « Mediador entre Deus e os
 « homens. »

Eis, pois, a difficuldade do autor. Para mostrar a sem razão das suas palavras e o nenhum direito que tem de impugnar com os textos citados a doutrina Catholica do culto dos Santos, basta perguntar: a quem se dirigem os catholicos quando invocam os Santos e em cujo nome esperam as graças pedidas? Dirigem-se a Deus ou aos Santos; esperam as graças pedidas em nome dos Santos ou no de Jesus Christo? A resposta do Concilio Tridentino é terminante; ensina que é bom e util invocar os Santos, para alcançar beneficios DE DEUS, POR SEU FILHO JESUS CHRISTO, SENHOR NOSSO, QUE É O NOSSO REDEMPTOR E SALVADOR. Logo o catholico, invocando qualquer Santo, cumpre á risca a doutrina evangelica.

Até agora, graças a Deus, os textos citados pelo autor em nada enfraqueceram a doutrina Catholica sobre o culto dos Santos, mas *eis aqui outra classe*. Ouçamos o autor: « Isto, « porém, traz-nos á idéa a quarta classe de textos, a que « envolve outro argumento. Alludo ás passagens que referem « o rendimento de culto aos anjos, que o recusaram: « Eu « me prostrei a seus pés para o adorar. E elle me disse: Vê « não faças tal: eu sou servo contigo e com teus irmãos, que « teem o testemunho de Jesus. *Adora a Deus*. Porque o tes- « temunho de Jesus é o espirito de prophesia! (Apoc. XIX, « 10). E eu, João, sou o que ouvi e o que vi estas coisas. « E, depois de as ter ouvido e visto, lancei-me aos pés do « anjo, que m'as mostrava, para o adorar » [isto é, curvou-se até ao chão em signal de veneração religiosa] « e elle me « disse: Vê, não faças tal, porque eu servo sou contigo e com « teus irmãos, os prophetas, e com aquelles que guardam as « palavras da prophesia deste livro: *Adora a Deus* » (Apoc. « XXII, 8, 9). Aqui, S. João sentiu tal admiração ao ver a « gloria do anjo, que se prostrou a seus pés para lhe tributar « culto; o anjo, porém, o reprehendeu e lhe prohibiu o acto « immediatamente, allegando como razão ser elle um mero « servo d'Aquelle a quem só se deve adorar ou tributar culto « religioso, e por isso acompanhou esta reprehensão com a « solemne advertencia: *ADORA A DEUS*. Alguns dos advogados « da Igreja Romana sentem tanto a força desta advertencia, « que a teem cortado de seus catecismos, mutilando a passa- « gem e citando a adoração de S. João como prova de que « segundo o seu exemplo, nos é licito tambem adorar » [isto é, venerar, não é, sr. autor?] « os anjos ».

Respondo: que estou muito satisfeito de ter citado todas as palavras do autor sem ter mutilado passagem alguma; a victoria, por isso, será tanto mais gloriosa. Com effeito, que

ensinam estes textos? Porventura, que não podemos tributar culto religioso aos anjos? Não; e a razão é evidente. Basta perguntar: Quem conheceu melhor a doutrina ensinada por Jesus Christo? O Apostolo S. João, que ouviu esta doutrina da bocca do proprio Jesus Christo e passou tres annos na escola do Divino Salvador, ou o pastor evangelico, autor das *Noites com os Romanistas*? — Logo quando vemos que o Apostolo S. João, depois da morte de Jesus e depois de já ter recebido o *Espirito Santo*, que, segundo a promessa de Jesus, havia de ensinar aos Apostolos *toda a verdade*, se lança até por duas vezes diversas aos pés do anjo para o adorar, isto é, para em signal de grande respeito inclinar o rosto até ao chão (eis o sentido da palavra: adorar), não podemos suppôr que elle praticou uma acção *prohibida* por sua fé, mas antes *que procedeu conforme* sua fé; e então a resposta do anjo: « Vê não faças tal, eu sou servo contigo... adora a Deus »; é clara, porque não lhe foi inspirada senão por sua modestia, que, na presença de Deus, não o fez attender á sua elevada natureza (a natureza angelica) mas só á sua qualidade de servo de Deus, qualidade que lhe era commum com o Apostolo S. João, para confundir-se perante a face de Deus e dizer: « *Adora a Deus* ». — E que este é o verdadeiro sentido destes textos prova-se por outros logares da Biblia, onde *Deus* manda ao povo d'Israel *honrar ao Anjo* que lhe mandará (Exod. XXXIII, 20), onde os Anjos acceitam as adorações, isto é, os signaes de veneração dos homens, sem *reprehendel-os* (Josué V, 15, etc.) e exigem até que *deem maiores signaes* de veneração (logar citado).

Mas o autor já está prompto com outra objecção. « Ao passo, diz elle, que esta classe de passagens sustenta o nosso argumento com referencia aos anjos, *ha outra* que tambem o sustenta com referencia aos Santos. « E aconteceram que, quando Pedro estava para entrar, saiu Cornelio a recebê-lo: e, prostrando-se a seus pés, o adorou. Mas Pedro o levantou, dizendo: levanta-te, que eu tambem sou homem » (Act. X, 25, 26). « Tambem o sacerdote de Jupiter, que estava á entrada da cidade, trazendo perante as portas toiros e grinaldas, queria sacrificar com o povo. Mas os Apostolos Barnabé e Paulo, quando isto ouviram, tendo rasgado as suas vestiduras, saltaram no meio das gentes, clamando e dizendo: Varões, porque fazeis isto? Nós tambem somos mortaes: homens assim como vós, e vos prégamos que destas cousas vós vos convertaes ao Deus vivo, que fez o céu, e a terra e o mar e tudo quanto ha nelles » (Act. XIV, 12-14). Aqui vemos que tanto S. Pedro como S. Paulo, aos quaes na Igreja Romana dirigem orações, e em cuja honra celebram Missas, recusaram tanto a oração como o sacrificio, dando em ambos os casos uma mesma razão, a saber: *que eram meros homens*.

« Assim, pois, conhecendo que era mais razoavel dirigir-lhes
 « orações em quanto estavam na terra e podiam ouvi-las, do
 « que agora que estão no céo e não as podem ouvir » [gravís-
 simo erro, em que, como provei nos capitulos VIII e IX, o
 autor dá a cada instante] — « conhecendo isto, digo, e lem-
 « brando-nos de que elles mesmos, emquanto viviam, recusavam
 « as honras religiosas, que se intentou tributar-lhes, não pode-
 « mos deixar de concluir, que, se tivessem conhecimento do
 « que se passa na terra, recusariam as confissões, » [!!! o fa-
 moso cavallo de batalha] « invocações e orações que lhes são
 « dirigidas e até o sacrificio da Missa que a Igreja Romana
 « costuma celebrar em honra delles ».

Para firmar-me nesta ultima phrase do autor, posso ga-
 rantir-lhe que S. Pedro e S. Paulo têm conhecimento destas
 invocações, orações e Missas sem que as recusem, embora
 recusaram o que fizeram Cornelio e o sacerdote de Jupiter.
 E a razão é, porque este ultimo quiz tributar-lhes *honra divina,*
culto de latria, considerando-os como deuses e querendo tra-
 tal-os como deuses (v. 11: «E chamavam a Barnabé Jupiter e
 a Paulo Mercurio, porque era elle o que dirigia a palavra »)
 e por isso sacrificar-lhes como aos deuses toiros, etc.; nisto
 S. Paulo e S. Barnabé não puderam consentir de fórma alguma.
 Dahi suas palavras: «Varões, porque fazeis isto? Nós tambem
 somos mortaes, homens assim como vós». E quanto á adora-
 ção de Cornelio recusada por S. Pedro com as mesmas pala-
 vras «levanta-te, que eu sou homem», devemos dizer que
 ella foi recusada pelo Apostolo ou *porque, como alguns querem,*
nella talvez entrasse alguma especie de adoração (culto de latria);
 o que não é impossivel suppôr n'um homem que ainda era
 pagão e foi avisado milagrosamente por via d'um Anjo a cha-
 mar a S. Pedro; ou *porque, como querem outros, os signaes de*
veneração (culto de dulia) com que Cornelio cercou a S. Pedro,
 que lhe tinha sido recommendado por nuncios celestes, *eram*
tão excessivos, que confundiram a humildade e a modestia de
S. Pedro, e em ambos estes casos as palavras «levanta-te,
 que eu tambem sou homem» são muito naturaes e não contém
 nenhuma reprovação do culto dos Anjos ou dos Santos.

« Ha finalmente, diz o autor, uma *sexta classe de textos*
 « que mantem a doutrina de nossa igreja. Na igreja protes-
 « tante só fazemos oração a Deus; e justificamos esta pratica
 « com as innumeradas passagens da Sagrada Escriptura, que
 « conteem as orações e invocações dos homens santos de todos
 « os seculos da Igreja de Deus. Todas as orações de Moyses,
 « Abrahão, Anna, David, Salomão, Daniel e as dos Apostolos,
 « foram feitas, sem uma excepção, não aos anjos nem aos
 « santos, *mas só a Deus.* Nos psalmos declara David, repetidas
 « vezes a sua determinação de invocar a Deus, e a Deus só:

« Quanto a mim, invocarei ao Senhor em todo o espaço da
 « minha vida: cantarei psalmos a meu Deus enquanto eu
 « subsistir ». Em toda a Biblia não ha um só exemplo de in-
 « vocação aos anjos e aos santos. A unica passagem que se
 « parece alguma cousa com tal invocação, é a que se acha na
 « parabola de Lazaro e do rico, quando este, no meio dos tor-
 « mentos do inferno invocou o auxilio e a intervenção de
 « Abrahão. Este é o unico exemplo. O unico exemplo de um
 « homem que invocou a um santo é de um espirito condem-
 « nado ao inferno! O unico exemplo de uma supplica feita a
 « um santo é o de uma supplica que teve mau exito. A Igreja
 « Romana recusando o exemplo dos homens santos, como
 « Abrahão, David, S. Paulo e S. Pedro, escolhe para seu mo-
 « delo o exemplo de um homem que invocou um santo no
 « inferno! »

Respondo: que homem engraçado é o autor das *Noites com os Romanistas!* com que bonito rasgo de espiritualidade conclue a série das provas que nada provam! Pois bem, percorramos as paginas da Escripura Sagrada, talvez appareça aqui ou acolá algum exemplo de invocação dos Anjos ou Santos. E com effeito, já no primeiro livro da Biblia vemos que Abrahão *pede e tambem alcança* do principe dos tres anjos que lhe appareceram *o salvamento das cidades prevaricadores Sodoma e Gomorrha*, caso que nellas se achem dez justos. Porém se o autor teima em sustentar que o Anjo, chamado no sagrado texto Senhor « era o proprio Deus disfarçado em Anjo, citarei outros textos », como por exemplo Gen. XIX: 19, 20, onde *Loth pede e alcança do Anjo a licença de retirar-se não para a montanha mas n'uma pequena cidade que avistára*; Gen. XXXIII, 26 onde *Jacob pede e alcança do Anjo com que luctára a benção*; Juizes, IV, 13, onde *a pedido de Gedeão o Anjo lhe explica a causa dos males* que sobrevieram ao povo d'Israel; Tobias, IX, onde o Archanjo *Raphael a pedido do joven Tobias vai buscar o dinheiro*, que o velho Tobias deu emprestado a Gabelo, etc., etc.

Mas basta; o que citei servirá mais uma vez para confundir o autor, e para nos provar que DE TODO NÃO PODEMOS CONFIAR NAS SUAS ASSERTÇÕES, POR MAIS CATHEGORICAS E TERMINANTES QUE SEJAM, porque não passam de palavras; verba et voces. — E dito isto, passo em silencio as palavras com que elle conclue: « Cada uma destas seis classes de textos forma
 « por si só um argumento distincto contra a pratica da Igreja
 « Romana; e as seis, tomadas collectivamente, nos oppõem
 « uma barreira inseparavel á adopção da sua pratica. Não
 « nos atrevamos a abandonar a mediação de Christo para re-
 « correr aos santos, etc., etc. »

Não, sr. autor, se *cada classe de textos por si só não formou um argumento distincto* contra o culto catholico dos Santos,

nem o *poderão as seis juntas*; multiplica, quanto quizer, o numero dos zeros, nunca sahirá cousa que valha.

Depois destes seis argumentos, segundo elle, irrespondiveis, o autor vae jogar sua ultima carta, *sustentando que nos primeiros seculos da christiandade a oração aos Santos era desconhecida*. Porém antes disto quer responder a dois modos por que os catholicos procuravam contestar seus argumentos. Vejamos pois, tanto as contestações dos catholicos, como as respostas do autor.

Segundo elle os catholicos dizem: 1.^o «que o culto dos Santos está longe de ser uma deshonra para Christo e para a sua Mediação ou intercessão, porque a tendencia da pratica é totalmente opposta; pois que é um signal de humildade, e demonstramos assim que somos tão humildes que não queremos entrar directamente na alta e santa presença de Deus; e nos servimos de seus Santos para nos approximarmos d'elle, do mesmo modo que os homens não entram á presença de um Soberano senão pela influencia de seus favoritos e cortezãos.

«A isto tenho respondido, continua o autor, com as palavras da Sagrada Escriptura: «Ninguem vos desencaminhe, *affectando parecer humilde*, e dar culto aos anjos, que nunca viu no estado de viador, inchado vamente no sentido de sua carne» (Col. II., 18). Parece, segundo estas palavras, que desde os primeiros dias do Christianismo, os homens têm tentado justificar tal pratica, allegando o mesmo pretexto de humildade; e por isso a Sagrada Escriptura nos admoesta contra essa *affectada humildade*, ajuntando no verso 28: «As quaes cousas, na verdade têm *apparencia de sabedoria em culto indevido e humilde*»: não em uma verdadeira humildade christã, mas em uma mera apparencia e affectação della.

«E' este precisamente o sentido que se deu a este texto na Igreja primitiva. Theodoro,» [não é Theodoro, mas Theodoretto; o autor ouviu cantar o gallo mas não sabe aonde.] «que viveu no seculo IV, commenta do modo seguinte: «Por quanto algumas pessoas ensinavam que se devia adorar» [adorar não é venerar, sr. autor.] «os anjos, o apostolo mandou o contrario, a saber: que adornassem suas orações com o nome de Jesus, e apresentassem suas acções de graças a Deus por meio d'Elle, e não por meio dos anjos. O Concilio de Laodicea, seguindo esta regra, e desejando extirpar este mal inveterado ordenou, por uma lei, que os homens não fizessem orações aos anjos, apartando-se do Senhor Jesus Christo.» E em outro lugar, diz: «Este vicio durou por muito tempo na Phrygia e na Pisidia, e por esta razão o Concilio reunido em Laodicea, cidade principal da Phrygia vedou por uma lei a pratica de orar aos anjos»; e Theodoro accrescenta

« ainda que « esta pratica era seguida *sob pretexto de humildade*; e, em razão de ser Deus invisível, inaccessível, e incompreensível, os advogados desta pratica diziam, que nos « é mais conveniente chegarmos a Elle por meio dos anjos. » [Em breve vamos vêr, se tudo é assim, como sustenta o autor.] « Esta humildade porém é de tal natureza que offende muito « a Christo, pois que, se ha um rasgo distinctivo no seu caracter, se ha em seu diadema uma joia mais brilhante do que « outrá, é a de seu terno affecto e compaixão, que nos inspiram a confiança de que Elle quer admittir as nossas petições. « Tudo o que fez, tudo o que disse, e tudo o que soffreu é « uma prova da sua boa disposição para connosco. Elle nos « tem mostrado de todas as maneiras, que é accessivel. . . . Concluimos, portanto, que este pretexto de humildade, ao « passo que não vae além de uma apparente humildade » põe « realmente em duvida os convites de Jesus Christo, é uma « affronta á sua compaixão e um verdadeiro insulto á sua « ternura. »

Pois bem, respondamos a esta objecção, pedindo devida venia ao exmo. snr. dr. Carlos de Laet de transcrever o brilhante artigo, em que defendeu o culto dos Anjos contra os ataques do pastor protestante, Alvaro Reis.

« Um dos mais especiosos sophismas empregados pelos « protestantes para impugnar o culto de dulia devido aos Anjos, « consiste na falsa interpretação dada a um texto da Epistola « de S. Paulo aos Colossenses, cap. II, v. 18 : — « Ninguém « vos desencaminhe, affectando parecer humilde, a dar culto « aos Anjos, que nunca viu no estado de viador, inchado vãmente no sentido da sua carne. . . »

« Examinemos a questão. Sabido é que no Oriente, quando « prégava o Apostolo das Gentes, grassavam as erroneas doutrinas de Zoroastro, as quaes admittem numerosissimos *anjos* « ou espiritos intermediarios, mas não como simples creaturas « subordinadas a DEUS, e sim como outras tantas divindades, « constituindo o seu culto um verdadeiro polytheismo. Insinuou-se « este erro em imaginosas seitas, que trataram de amalgamar « as idéas gregas com as orientaes.

« Para taes philosophos a quem seguiram os hereges « Simão, Cerintho, Menandro, Valentino e outros, o mundo, em « em sua totalidade, abrange uma multidão infinita de deuses, « que, derramados pelo espaço, seguem os astros e vivificam « a natureza. DEUS a esses anjos ou espiritos de segunda ordem « delegaria o governo do universo, e como que abdicára de « sua divina soberania.

« A taes errados philosophos e á sua *religião de anjos* é « que allude S. Paulo no citado versiculo; e porque elles como « que abstrahiam da cabeça ou divino chefe, imaginando aquellas

« divindades secundarias, o inspirado autor da Epistola, depois
 « de lhes haver, no verseto 18, explorado a inflação philo-
 « sophica, ainda mais claramente no seguinte versiculo mostra
 « que, pondo Anjos no lugar de DEUS, esse erroneo culto ficava
 « separado da verdadeira cabeça da Igreja, que é o CHRISTO;—
 « E sem estar unido com a cabeça, do qual todo o corpo for-
 « nido e organizado pelas suas ligaduras, e juntas, cresce em
 « augmento de DEUS. »

« Prova deste asserto ainda nos depara o v. 8 do mesmo
 « capitulo, na citada Epistola, onde S. Paulo evidentemente
 « se refere aos mesmos erros:— « Estae de sobreaviso, para
 « que ninguem vos engane com philosophias e com os seus
 « fallaces sophismas, segundo a tradição dos homens, segundo
 « os elementos do mundo, e não segundo CHRISTO. »

« O sophisma dos protestantes versa, pois, na falsa accepção
 « attribuida ás palavras—*culto dos Anjos*—que não têm, como
 « elles maliciosamente pretendem, o sentido que nós catholicos
 « damos ao culto de dulia, mas devem ser entendidas como
 « designando a perniciosa opinião de Zoroastro e dos hereges que
 « o imitaram.

« Observa-se ainda que, no citado trecho, eu até aqui
 « adoptei a versão de Pereira de Figueiredo, que empregou o
 « vocabulo *culto*; mas tenho o direito de notar que o termo
 « usado pela Vulgata melhor se traduziria pela palavra *religião*.
 « E' o que lá se acha: « Nemos vos seducat, volens in humi-
 « litate et *religione angelorum*, quae non vidit ambulans, frustra
 « inflatus sensu carnis suae. » Verter *religião* por *culto* não
 « deixa de ser perigoso, e disto tem a heresia tirado armas,
 « applicando ao *culto dos Anjos*, orthodoxamente propugnado
 « pelos catholicos, o que contra a *religião dos Anjos*, qual a
 « entendiam certos hereges, inspiradamente escreveu S. Paulo.

« No original grego tambem não se acha vocabulo corres-
 « pondente a *culto*, e sim a *religião*:— Kai mè *threskeian* ton
 « aggélon. » *Threskeia*, como talvez não ignora o senhor pastor,
 « significa *religião* e não *culto*.

« A Biblia ingleza catholica traz a versão correcta: « Let
 « no man seduce you, walling in humility, and *religion of angels*,
 « walking in the things wich he has seen, in vain puffed up
 « by the sense of his flesh. »

« Mas a Biblia protestante aproveitou logo o equivoco:
 « Let no man bequile you of your reward in a voluntary
 « humility and *worshipping of angels*. »

« Nem por ventura se venha allegar que o inglez herege
 « traduziu o latim *religio* ou o grego *threskeia* pelo termo
 « *worshipping* unicamente porque mais exacta achou a equação
 « de sentido entre esses vocabulos; não, porquanto na Epistola
 « de S. Thiago, I, 26 e 27, onde igualmente occorrem no latim

« a palavra *religio* e no grego *threskeia*, a versão protestante, bem como a catholica, usam do termo *religion*, e o portuguez Pereira de Figueiredo tambem lá poz — *religido*.

« Com estas e outras subtilezas os sequazes da Reforma procuravam illudir, e desgraçadamente enlearam muitos christãos inespertos e pouco lidos nos idiomas em que foram escriptos os livros sagrados. Onde quer que o hebraico e o grego têm accepções diversas, elles constantemente empregavam aquella que mais infensa se lhes afigurava á doutrina catholica.

« Exemplo disto acabamos de vêr; e, se os leitores querem outro, hão de achal-o nas Biblias inglezas protestantes de 1562, de 1577 e de 1579, onde o v. 21, capitulo V, da I.^a Epistola de S. João, foi assim vertido: — Babes, keep yourselves from *images*, — isto é: Filhinhos, abstende-vos de *imagens*. Ora, o que está na Vulgata é: « Filioli, custodite vos a *simulacris*, o que a versão catholica de Rheims correctamente verteu: Little children, keep yourselves from *idols*; isto é: — Filhinhos, guardai-vos dos *idolos*. Nada mais simples: o Apostolo prohibe a adoração de *idolos*; os protestantes vedam o culto das *imagens*. Como uma cousa não era a outra, falseou-se um texto, e tudo ficou arranjado!

« A adulteração era tão escandalosa que nas Biblias inglezas posteriores a 1683, o verdadeiro texto foi restabelecido; mas não menos certo é que nas polemicas do tempo lá vem o texto falso, para provar contra o uso das imagens, e que de certo o leram os vandalicos iconoclastas das cathedraes catholicas, fanatisados por estas e outras *interpretações* protestantes.

« O sr. Alvaro Reis, não contente de repetir o famoso sophisma que ahi deixo rebatido ainda me dá canon XXX do Concilio de Laodicéa, (Leia-se canon XXXV do Concilio de Laodicéa).

« Tradução mascavada pelo sr. Alvaro, que a traduziu da traducção ingleza de um reverendo Lambert: « Os christãos não devem abandonar a Igreja de DEUS, e invocar os anjos, ou fazer ajuntamentos, que é prohibido. Se algum fôr encontrado, gastando o seu tempo nesta idolatria secreta, seja anathema, porque deixou a Nosso Senhor JESUS CHRISTO e se tornou idolatra. »

« Versão portugueza de A. Pereira de Figueiredo: « Importa que os christãos não deixem as suas igrejas, por irem, com uma idolatria abominavel, adorar os anjos em certos conventiculos. E todo o que se achar, que pratica esta idolatria, seja excommungado: porque, deixando Nosso Senhor JESUS CHRISTO, FILHO DE DEUS, foi adorar os *idolos*. »

« Como se vê, este canon repetiu a prohibição de S. Paulo, e aos christãos intimou que não adorassem divindades secun-

« darias, que a superstição oriental e depois a escola de Alexandria substituíram a DEUS na governação do mundo.

« Os *taes ajuntamentos, que é prohibido* (como elegantemente diz o sr. Alvaro) ou conventiculos, como traduz Pereira de Figueiredo, sem duvida alguma não podiam ser tolerados pelo Concilio, celebrado em lugar onde muito se peccava por semelhante idolatria; como tambem não os havia poudo S. Paulo.

« Não trataram, pois, nem o Apostolo das Gentes nem o Concilio de Laodicéa de prohibir como infenso ao CHRISTO o culto dos Anjos seus servidores, e administradores na obra da nossa salvação.

« Bateu em falso o sr. protestante; aparado se acha este seu golpe, já muito conhecido; e aqui permaneço em guarda esperando outros ataques que, eu o prevejo, vão ser egualmente inoffensivos. »

A esta brilhante defeza de pessoa tão auctorizada e de penna tão primorosa nada posso accrescentar.

Passemos, portanto, « á segunda contestação, que, diz o autor, tem sido apresentada frequentemente contra a consequencia que tenho tirado das passagens já citadas é a de que, embora estas demonstrem que Jesus Christo é o unico Mediador de redempção, não nos ensinam que é o unico Mediador de intercessão, e que, portanto, embora não haja senão um só Redemptor, isto não obsta a que os Santos sejam nossos intercessores. — A resposta, continua elle, que convem a isto é clara. A objecção suppõe que quando as Sagradas Escripturas nos dizem: « Só ha um Deus e só ha um Mediador entre Deus e os homens », não se referem a um Mediador de intercessão. Os versiculos precedentes, porém, põem fóra de toda a duvida, que nesta mesma passagem o apostolo se refere a Jesus Christo como Mediador de intercessão, como Intercessor, e tambem como Mediador de redempção! E em seguida cita I Thimot. I: 1-6, e conclue: « A exhortação versa sobre supplicas, orações, petições e acções de graças e anima-nos a perseverar na pratica das mesmas, com a segurança de que temos em Jesus Christo um Mediador por quem serão apresentadas a Deus d'um modo acceitavel, pois que Christo sacrificou a sua vida por nossa redempção ». E, apesar de serem as supplicas, as orações, as petições e as acções de graças o assumpto de que se trata nesta passagem, os advogados da Igreja Romana querem persuadir-nos de que o Senhor Jesus Christo não é designado aqui como o Mediador de intercessão ».

Respondo, que, sem occupar-me da questão, se o texto citado pelo autor tem ou não tem a virtude de provar o que elle quer, reconheço, com os catholicos, que ha muitos outros

textos que nos affirmam que Jesus Christo é nosso Unico Mediador, nosso Unico Intercessor *por merecimento, por direito*; porém, isto de todo não impede que os Anjos e Santos sejam os nossos mediadores, os nossos intercessores *por condescendencia divina, por favor especial*. Tal mediação e intercessão em nada deroga a intercessão de Jesus Christo, *por quem* os Anjos e Santos dirigem suas supplicas ao Pae Eterno, e *de quem* esperam os favores que pedem por seus devotos servidores, e além disto apoia-se, como já provei muitas vezes neste capitulo e nos anteriores, na *Escriptura Sagrada, onde Deus, a pedido dos Anjos e dos Santos, concede graças aos homens*.

E por isso tudo o que o autor ainda escreve sobre a consolação da alma, que nos dá o conhecimento da mediação e intercessão de Jesus Christo, e a desconfiança no seu amor infinito que envolve o systema Romano do culto dos Santos, não merecem seria resposta.

Mas apressemos-nos em refutar a sua ultima objecção contra o culto dos Santos. « E' digno de notar-se, que, segundo « dizem os modernos theologos da Igreja Romana, esta peculiaridade do antigo paganismo deu logar a que a adoração « dos Santos » [adoração, culto de latria, nunca foi e nunca será permittida] « não fosse permittida entre os primitivos « christãos. De la Hogue, pelo menos, assim o diz no seu livro, « que é adoptado como compendio no Collegio Catholico Romano de Magnooth, na Irlanda. E' este um facto a respeito « do qual concordam os homens eruditos de todas as igrejas. « Os mais esclarecidos theologos da Igreja Romana admittem « que a oração aos Santos era inteiramente desusada e desco- « nhecida entre os christãos dos primeiros seculos, » [mentira, falsificação da historia, como já provei e tornarei a provar] « e como tal facto é em si mesmo um argumento poderoso « contra essa invocação introduzida pela Igreja Romana, elles « vêem-se na necessidade de explicar a ausencia desta pratica nos tempos melhores e de maior pureza, dizendo-nos « que não era permittida afim de que não se confundisse com « a oração que se fazia aos semi-deuses — afim de que a pratica pagã e a pratica christã não se confundissem! » [Espera, sr. autor, vou servir-o de resposta] « Dizem-nos que, por este « motivo, não se permittiu a oração aos Santos senão depois « da abolição do paganismo, isto é, mais de trezentos annos « depois de Christo. Julgue-se o que se julgar ácerca da ingenuidade desta desculpa, pois que nunca passará de uma « plena prova de que o culto dos Santos não fazia parte da « pratica da Igreja de Christo nos primeiros seculos ».

Para refutar estas palavras mentirosas do autor bastaria citar os testemunhos dos proprios protestantes, como sejam *Leibnitz*, que em seu *Systema theologico*, pag. 160, escreve:

•E' certo que já no segundo seculo da Igreja christã eram celebrados os anniversarios dos Martyres e que junto aos seus tumulos havia santas reuniões » ; *Mosheim*, que em sua *Historia Christã*, I Secc. § 32, n. 3, escreve que o culto dos Martyres começou desde o primeiro seculo ; *Brückner*, que confessa : « que na primitiva Igreja estavam em grande veneração as reliquias dos Santos ». Poderia tambem repetir aqui o que já deixei explicado neste capitulo sobre os ensinamentos das Catacumbas, onde *nas inscripções dos tumulos os vivos invocam os Santos fallecidos*, etc., etc. ; ou apontar ao autor as obras de homens como *Oswald* « *Eschatologie* » ou *Specht* « *Die Wirkungen des H. Meozopfers* ». Mas não ; limito-me a dizer que nenhum autor catholico nega que *já desde o principio da Igreja os fieis recorriam á intercessão poderosa dos Santos* ; que nenhum delles sustenta que a invocação dos Santos foi introduzida na Igreja *só trezentos annos depois de Christo* ; e que todos ensinam que se *certas* invocações aos Anjos ou Santos foram condemnadas e prohibidas pela Igreja, foi *porque eram verdadeiras adorações*, actos do culto de latria exclusivamente devido a Deus — e não actos de veneração, actos do culto de dulia.



CAPITULO XI

A VIRGEM MARIA

« Aquillo, escreve o autor das *Noites com os Romanistas*, « que hoje em dia mais distingue a Igreja Romana é o culto « que ella tributa á Virgem Maria, e isto não porque este culto « seja uma invenção moderna, mas porque nos ultimos annos « tem assumido tal preponderancia que penetra e absorve tudo.

« Uma vez disse eu, em Roma, a um ecclesiastico, que, « segundo o meu modo de entender, a *religião de Christo*, como « é praticada naquella cidade, podia, com mais exactidão, « chamar-se a *religião de Maria*. Concordou inteiramente comigo, e ajuntou, que de anno para anno a religião se ia « tornando mais e mais na RELIGIÃO DE MARIA. »

Destas palavras do autor e das outras ou falsamente, attribuidas ao tal ecclesiastico ou provindo dum ecclesiastico apostata, já se vê, qual será a tactica por elle seguida em combater o culto da SS. Virgem Maria. Embora inimigo fidal da Divina Maternidade de Maria SS. e de todos os privilegios singularissimos que derivaram para a SS. Virgem desta dignidade excelsa e ineffavel tanto durante a sua vida como depois da sua morte, quer só para ella, quer tambem para nós, não renoverá mais as objecções protestantes contra este dogma, objecções já milhares de vezes pulverisadas pelos catholicos. Não; o que elle exprobra á Igreja Catholica é a sua Mariolatry, isto é, a sua tendencia de substituir o culto de Jesus, a sua adoração pelo culto, pela adoração de Maria Santissima.

Ora, para nós os catholicos essa asserção é absolutamente falsa. Sabemos que desde os mais antigos tempos, a Igreja, ao passo que recommenda e zela o culto de Maria, explicitamente proscreeve e condemna qualquer exaggeração que tende a confundir as honras tributadas a Nossa Senhora com as que unicamente são devidas a Deus. A energia com que S. Epi-

phanio, que aliás era um fervorosissimo devoto de Maria SS., se levantou contra os Collyridianos comprova-o. Além disto, basta examinar as *Mariologias* Catholicas, e as orações *liturgicas* que a Igreja dirige á grande Mãe de Deus, para que reconheçamos nitidamente distinctas as notas characteristics do culto de Jesus Christo (latria) e do da Virgem (hyperdulia).

Porém, como as objecções do autor não deixarão de impressionar alguns catholicos menos instruidos, queremos examinal-as uma por uma com o fim de as refutar e reivindicar para Maria SS., o culto, que lhe tributamos com tanto amor.

A primeira difficuldade contra o culto que a Igreja Catholica tributa a SS. Virgem Maria, é, segundo o autor, sua origem pagã. Ouçamos suas palavras: « O culto que se tributa a « Maria não tem precisamente a sua origem em uma mera « adulteração do christianismo, sendo tão profundas as suas « raizes como a mesma natureza humana. Sua origem acha-se « em um synbolo, que tem sido universal entre as nações « pagãs. Entre ellas a idéa do poder creador ou productor « estava intimamente relacionada com a idéa da maternidade, « e portanto, não era estranho, que se adoptasse o synbolo de « uma MULHER como o mais apropriado para representar este « poder. Consequentemente, em quasi todas as mythologias dos « tempos antigos, tanto no oriente como no occidente, havia « uma deusa, cuja maternidade era objecto de culto. Na my- « thologia dos assyrios esta deusa chamava-se Astarte, na dos « sidonios Astaroth, e na dos hindus Basraney. Na mythologia « classica da Grecia e de Roma, sendo, como era, ecclectica, « Venus era adoptada segundo um systema, Juno segundo « outro, etc. e dos dois grandes systemas de religião « mais conhecidos no imperio romano, a saber, a mythologia « classica e o judaismo, o primeiro chamava a Juno « Rainha « do céu », e, quando o segundo foi adulterado, por se ter « misturado com o paganismo das nações vizinhas, foi severa- « ramente reprehendido pelo propheta Jeremias por ter tambem « sua « Rainha do Céu » (Jer. VII : 18 ; LXIV, 17). Em todos « os differentes systemas pagãos esta divindade occupava uma « posição mysteriosa e indefinida. Seu poder e suas funcções « em sua parte principal, dependiam do capricho de seus ado- « radores. Pois bem, o meu argumento contra a Igreja Ro- « mana é, que ella tem adoptado este elemento do paganismo ; « que, em lugar de seguir o exemplo do propheta Jeremias, « que condemnava este culto entre os judeus, em lugar de « imitar o apostolo S. Paulo, que se oppunha a elle entre os « gentios e em vez de combater essa tendencia entre as nações « do imperio romano, antes a alimentava, e com um zelo mal « entendido para facilitar a entrada daquellas nações na Igreja, « permittiu aos orientaes que acceitassem a Virgem como subs-

« tituta de Astarte, sua antiga rainha do céu, e aos do occidente, que acceitassem Maria em lugar de Juno, a quem antes adoravam.

« O facto de que os titulos mais favoritos, que na Igreja Romana se dão a Maria (isto é, os da « Rainha do Céu » e « Mãe de Deus ») são os mesmos, que os antigos davam a essa deusa que representava a maternidade, a saber, « Mãe dos deuses », e « rainha do céu » — não é menos notavel neste assumpto. O imperio romano e a Igreja Romana — a Roma pagã e a Roma papal — estão de accordo sobre o ponto essencial desta materia. O facto de transferir para Maria todo o culto que antigamente era tributado a Juno, a Astarte e a Isis, em nada altera a essencia desta pratica. A adoração de Maria como Rainha do céu é tanto idolatria como o era a adoração de Juno debaixo do mesmo titulo. »

Antes de responder a esta objecção, que com muito apparato de sciencia barata procura tirar, ao culto da SS. Virgem Maria, *sua origem catholica*, quero lembrar ao autor as palavras de um seu correligionario, o anglicano H. Perceval Lord (*Essays on the reunion of christendom*, pag. 88): « E' com grande diligencia », diz elle, « que se tem induzido o nosso povo a deixar de venerar a SS. Virgem Maria; é porém moralmente impossivel adorar o Filho e ao mesmo tempo menosprezar a Mãe, e della fallar sem respeito. . . Essa irreverencia é um obstaculo incencivel para a verdadeira adoração de Christo. E' impossivel que possam ligar-se os sentimentos de desprezo por ella e de adoração para com Elle. » [E' um osso difficil de roer para seus dentes, sr. autor; e olha que, quem diz estas palavras, não é catholico, mas protestante, logo uma pessoa que participa com v. s. as idéas protestantes sobre a mediação de Christo.]

Dito isto, tratemos da objecção. *E' inteiramente falso, que o culto da SS. Virgem Maria nos venha do paganismo.* Seja lá o que quizer da adopção pagã d'uma mulher para exprimir a idéa da maternidade relacionada com a idéa do poder creador, o culto da SS. Virgem Maria não tem suas raizes no paganismo, mas segue *como consequencia legitima e necessaria do dogma da communhão dos Santos e do dogma da Maternidade Divina.* Embora o paganismo não tivesse existido, embora no paganismo Astaroth, Astarte, Juno, Venus, Diana, Freigha não tivessem sido honradas como « Mãe dos Deuses » e « Rainha do céu », a SS. Virgem Maria na Igreja Catholica seria não adorada, mas *venerada como Santa*, por causa da communhão dos Santos; e *invocada como « Mãe de Deus » e « Rainha do céu »* por causa da sua Maternidade Divina. E' por isso, *a analogia casual* entre os titulos da SS. Virgem Maria e os das deusas pagãs não dá direito ao autor de confundir o culto da SS. Virgem

Maria com o das deusas pagãs, e dizer que a Igreja Catholica tem adoptado este elemento pagão; que ella transferiu para Maria todo o culto que antigamente era tributado a Juno; que a Roma pagã e a Roma papal estão de accordo sobre o ponto essencial desta materia, tudo isto é simplesmente mentira. — E cahindo esta asserção, cae tambem o que diz o autor, acerca da pretensa licença de substituir Astarte pela Virgem Maria, que a Igreja teria dada aos gentios para lhes facilitar a entrada na Igreja; como tambem as reprehensões de Jeremias e as condemnações de S. Paulo que reprehendem e condemnam o culto de latria tributado a creaturas, o culto de verdadeira adoração; e não o culto de dulia ou hyperdulia tributado aos Santos e à SS. Virgem Maria.

Mas é nisto que o autor não quer convir connosco e dahi *outra objecção* á qual vou responder no proprio contexto.

« Ha muitas pessoas, em Italia e em Hespanha, escreve, « que de bom grado concordam commigo na maior parte do « que acabo de referir » [nego: que reconhecem *certa analogia*, sim; que concordam *no principal*, não.] « e sustentam que a « generalidade desta idéa entre as nações pagãs da antiguidade « era um leve vislumbre da verdade, uma especie de anteci- « pação prophetica do que havia de cumprir-se na exaltação « da Virgem Mãe. » [O autor infelizmente não comprehendeu o pensamento dos catholicos; o que elles queriam dizer, é, que a SS. Virgem Maria *já annunciada aos nossos primeiros paes no paraizo* logo depois da queda, *em todo o Antigo Testamento é figurada em certas cousas como, por exemplo, na sarça de Moyses, e por certas pessoas como, por exemplo, Esther, Judith, e prophetisada pelos prophetas*, e por isso podia ser conhecida mais ou menos pelos pagãos.]

« Julgam que do mesmo modo porque a promessa do « Messias se espalhou universalmente entre todas as familias « de Noé, assim tambem a mulher por meio de quem este de- « via vir ao mundo, veiu a ser uma esperanza que tomou « forma e personificação em todas essas deusas de suas my- « thologias. » [Sim; podia-o aqui e acolá no sentido agora mesmo explicado] « Este modo de encarar o assumpto é muito « commum nos paizes onde se adora Maria, » [melhor fôra dizer em toda a Igreja Catholica, Apostolica, Romana.] « não « com o nome de *deusa*, mas sim com a mesma veneração, « ceremonias e culto *como se fosse uma deusa*. » [E' uma subtiliza protestante: « não adorar com o nome de deusa, e apesar disto adorar como se fosse uma deusa »; o Catholicismo não admitte esta distincção apparente; adorar a uma pessoa como se fosse deusa identifica-se com adoral-a com o nome de deusa, e tal adoração está longe de ser admittida pela Igreja; por isso condemnou no 4.º seculo a seita dos Collyridianos,

que á SS. Virgem Maria prestavam culto immoderado e latreutico e aos quaes se pudera applicar a pécha de *mariolatria* de que tão desassísado nos accusa o autor.] « Não ha duvida, « continúa elle, que nesses paizes ella é a divindade » [ora essa!!] « mais frequentemente invocada, mais fervorosamente « amada, mais devotamente adorada e em quem se deposita « mais esperança do que no Pae e no Filho e no Espirito « Santo. Se a Igreja sanciona ou não esta pratica, é uma « questão á parte; » [não para s. s., sr. autor; sabe muito bem que se existisse esta pratica a Igreja a condemnaria.] « mas quanto ao facto em si, não póde haver duvida. » [Mentira: este facto absolutamente não existe, o senhor quando olhava para a pratica dos catholicos, tinha os vidros de seus oculos embaciados pela fumaça protestante.]

« E' claro que tudo isto só tende para que seja mais « dura e certa a accusação de idolatria » [aos olhos dos protestantes, sim] « que fazemos á Igreja Romana. Aquillo que « era *religião de Christo* vae-se tornando gradualmente, de dia « para dia, em *religião de Maria*. » [Não ha perigo; o culto da SS. Virgem Maria por mais singular que fôr, ficará sempre culto de veneração, de hyperdulia, ao passo que o de Jesus Christo será sempre culto de adoração, de latria.]

Mas o autor previu esta resposta, por isso procura pulverisal-a. « A resposta, escreve, que a isto costumam dar os « Romanistas é que não adoram a Maria como a Deus, nem « como a uma deusa; que a consideram como uma creatura, « mas uma creatura elevada acima de todas as outras, pois « que é rainha dos anjos e dos homens: » [para que não dizer: pois que é Mãe de Deus? *Eis a base do culto* que lhe tributam os catholicos.] « que como tal lhe tributam um culto « inferior áquelle que tributam a Deus; que, portanto, não « podemos accusal-os de idolatria, a qual, segundo elles, consiste em tributar á creatura aquelle genero e grau de culto « que só é proprio do Creador ». Porem, em vez de reconhecer a justeza desta resposta, o autor obcecado por seu odio de sectario, mantem e oppõe outra vez á contestação dos catholicos sua famosa distincção entre o adorar-se uma pessoa como deusa e adoral-a como se fosse deusa e, accusando-nos de cahirmos neste ultimo crime, procura provar sua asserção dizendo: *que não ha differença entre o culto que tributamos a Maria Santissima e aquelle que rendemos a Deus.* « A oração, « assim escreve, os hymnos de louvor, os votos solemnes, a « consagração ao seu serviço, as offertas, a dedicação dos « filhos, o sacrificio da Missa — tudo isto se offerece a Maria « e se faz em honra della do mesmo modo que se offerece a « Deus e se faz em sua honra. Invocam-na pelas dores que « soffreu ao pé da cruz, allegando seus meritos do mesmo

« modo que costumam allegar os meritos de Jesus Christo. E, « portanto, pergunto — qual é a differença que ha entre o « culto que rendem a Maria e aquelle que tributam a Deus? « A isto os catholicos, segundo o autor, respondem que ha « dois pontos tão notaveis de differença, que os dois generos « e graus de culto não podem confundir-se. O primeiro é que « nunca rogam pelos merecimentos de Maria, mas pelos mere- « cimentos de Jesus Christo; e segundo: que nunca rogam a « Maria como se pudesse conceder alguma cousa por proprio « direito ou poder, que rogam sómente para que use da in- « fluencia para com Jesus Christo, afim de que elle satisfaça « a petição ».

Dito isto, o autor vae examinar esta contestação, e pondo á parte, como declara, as asserções e praticas de particulares para recorrer aos livros de devoção especialmente auctorisados e sanccionados pela Igreja Catholica, pergunta: « *E' ou não é verdade que na Igreja Romana se roga pelos merccimentos da Virgem Maria?* » O judicioso leitor já advinhou qual será o exito deste exame presidido por um presidente tão afferrado ás opiniões protestantes: uma derrota completa para o Catholicismo. E como alcançou-se esta derrota? Pela citação de sete passagens extrahidas de livros catholicos.

Porém, antes de lhe ouvirmos as palavras, quero contestar a contestação dos catholicos, assim como é formulada pelo autor. *Segundo elle*, os catholicos dizem que nunca rogam pelos merecimentos de Maria Santissima, mas só pelos merecimentos de Jesus Christo. Esta asserção precisa de explicação; é preciso distinguir. Se o autor quer dizer, que os catholicos nunca rogam pelos merecimentos de Maria Santissima, como a *unica base, o unico fundamento da efficacia das orações que fazem a Deus*, então concordo com elle, pois a *unica base, o unico fundamento da efficacia de nossas orações*, são *só os infinitos merecimentos de Jesus Christo*; mas se elle quer dizer, que os catholicos nunca rogam pelos merecimentos de Maria Santissima, como *um meio mui apropriado para tornar as nossas orações mais acceitas, mais agradaveis a Deus*, então não posso concordar com elle. Pois o caracteristico do culto que os catholicos tributam aos Santos é que, ao passo que esperam tudo quanto pedem a Deus *unica e inteiramente* dos merecimentos infinitos de Jesus Christo, *se valem do credito e dos merecimentos dos Santos* para tornar sua petição *mais acceita e mais agradável a Deus*.

Vejamos agora o que diz o autor. « I. O que segue, es- « creve elle, é a formula de absolvição que se acha no Manual « Ursulino, livro muito usado entre os catholicos romanos da « Inglaterra. » [O autor podia ter encontrado esta formula de absolvição em todos os Rituaes Romanos do mundo catholico,

pois na Igreja Catholica, Apostolica, Romana ha esta unidade de fé que debalde se procura nas seitas.] « Eu te absolvo de « todos os teus peccados em nome do Pae e do Filho e do « Espirito Santo. Amen. A paixão de Nosso Senhor Jesus Chris- « to, os *merecimentos da bemaventurada Virgem Maria* e de todos « os Santos, todo o bem que fizeres e todo o mal que soffre- « res, te sirvam para a remissão dos peccados, augmento de « graça e recompensa da vida eterna ». Em seguida seguem ainda seis outras citações.

« II. Na « Breve relação da Virgem Maria do monte « Carmelo », publicada na Irlanda, França e Roma, se acha a « seguinte definição da indulgencia: E' uma graça por meio « da qual. . . . se remitte o cumprimento das penitencias que « de outro modo teriam de fazer-se neste mundo ou no purga- « torio por causa dos peccados actuaes, e isto pelos infinitos « merecimentos de Nosso Senhor Jesus Christo e da *bemaven- « turada Virgem Maria* ».

« III. Na « Collecção de orações e obras piedosas ás « quaes vão annexas as indulgencias », publicada em Roma, « com auctorisação ecclesiastica, no anno de 1844, lê-se, na « 8.^a pagina, o seguinte: « E' um thesouro que para sempre « ha de permanecer na luz de Deus, o thesouro dos mereci- « mentos e satisfação de Jesus Christo e da *bemditada Virgem « Maria*. . . . Jesus Christo pelos superabundantes mereci- « mentos da sua paixão, deixou á Igreja militante na terra um « thesouro infinito, não depositado em uma medida de farinha, « nem enterrado em um campo, mas confiado á sua Igreja, « para que seja repartido aos fieis de uma maneira saudavel, « pelo bemaventurado Pedro e seus successores, vigarios de « Christo na terra. Os merecimentos da *bemaventurada Virgem « Maria* concorrem para augmentar a abundancia deste the- « souro » ».

« IV. « Maravilhas de Deus » é o nome de um livro « publicado em Roma no anno de 1841. Na primeira parte « deste livro, Maravilha 23.^a, refere-se o seguinte a respeito « da prioriza do convento de S. Martinho, em Milão: « Tinha « ella o costume de orar pelas almas do purgatorio, invocando « os merecimentos do preciosissimo sangue do Salvador e o « ardente amor que mostrou na cruz. Dava nova efficacia a « esta oração, pedindo esta graça *pelos merecimentos da sua « Divina Mãe* e especialmente pelas dores que soffreu ao pé « da cruz » ».

« V. No « Missal », publicado em Inglaterra para uso « dos leigos, em 1836, acha-se, á pagina 527, a seguinte ora- « ção propria para ser rezada em uma Missa de voto [o au- « tor quer dizer Missa votiva]: « O' Deus, que pela gloriosissima « Mãe de teu Filho quizeste instituir uma nova ordem em

« tua Igreja para livrar os fiéis da mão dos infieis, concede-nos, te supplicamos, que sejamos libertados do Diabo, *pelos merecimentos e orações daquella*, a quem devotamente honramos pela instituição d'uma obra tão caritativa » ».

« VI. No « Breviario Romano », na parte para o inverno, e no officio de Maria, se encontra a seguinte oração: « Conduza-nos o Senhor ao reino do céu, pelas orações e merecimentos da bemaventurada sempre Virgem Maria e de todos os Santos » ».

« VII. No officio da Missa, na parte que se chama « o ordinario da Missa », o sacerdote inclina-se diante do altar e faz a seguinte oração: « Supplicamos-te que *pelos merecimentos de todos os Santos* cujas reliquias aqui estão e pelas de todos os teus Santos, me concedas o perdão de todos os meus peccados. Amen » ».

Depois destas citações, continúa o autor, « por mais tristes que sejam estes sete exemplos podem multiplicar-se indefinidamente, tomando-os do Breviario, do Missal e dos livros mais communs de devoção; mas os citados bastam para decidir a questão, isto é — se os catholicos romanos fazem supplicas pelos merecimentos da Virgem Maria. Julgam, segundo parece, que os merecimentos de Jesus Christo não são sufficientes e que ha necessidade de augmental-os com os de Maria. Nada contrista mais o coração » [d'um protestante] « do que isto, pois nada ha » [aos olhos de protestantes] « que deprecie mais os merecimentos do Salvador, ou que seja tão opposto ao espirito do verdadeiro Christianismo » [protestante].

Respondo: 1. que os catholicos de todo não julgam que os merecimentos de Jesus Christo não sejam sufficientes e que haja necessidade de augmental-os com os da SS. Virgem Maria, tão pouco como *S. Paulo julgou que estes merecimentos de Jesus Christo não eram sufficientes* quando escreveu (Col. I, 24): eu cumpro na minha carne o que falta dos soffrimentos de Christo pelo seu corpo que é a Igreja; e que se *S. Paulo podia* pelo bem da Igreja accrescentar aos infinitos merecimentos de Jesus Christo os seus, a Igreja, em suas orações, *pode igualmente accrescentar para o mesmo fim os merecimentos da SS. Virgem* aos de seu Filho, Jesus Christo, Senhor Nosso.

2. que a Igreja, pedindo alguma cousa a Deus pelos merecimentos da SS. Virgem, a pede propriamente *pelos infinitos merecimentos de Jesus Christo, sem os quaes* os merecimentos da SS. Virgem Maria não sómente não teriam nenhuma virtude, mas nem existiriam. Dahi o costume da Igreja Catholica de findar suas orações sempre pelas palavras « per Dominum Nostrum Jesum Christum », por Jesus Christo, Senhor Nosso.

3. que a Igreja, pedindo alguma cousa a Deus pelos merecimentos da SS. Virgem, não a pede *como proveniente dos meritos de Maria Santissima*; mas só accrescenta os meritos da SS. Virgem Maria para tornar *seu pedido mais acceito e mais agradável a Jesus Christo*, o qual, attendendo aos grandes merecimentos de Maria Santissima e á intima relação que existe entre si e ella, se achará mais inclinado a dar o que se lhe pede em nome de Maria.

4. que, por isso, as palavras do autor sustentando ser doutrina catholica: que nunca se pede alguma cousa a Deus pelos merecimentos de Maria Santissima, mas só pelos merecimentos de Jesus Christo, sob pena de não serem verdadeiras e não reproduzir a doutrina catholica, devem ser entendidas e explicadas *no sentido referido nesta resposta*. Ora sendo isto assim, toda a difficuldade do autor se reduz a nada e não prova contra o culto que os catholicos tributam á SS. Virgem Maria, ficando sempre infinita a distancia entre o culto rendido a Deus e o que se rende á SS. Virgem Maria.

Mas o autor vae tambem examinar a segunda asserção dos catholicos, a saber: que embora invoquem Maria Santissima, *só o fazem para que interceda por elles*; e que não creem *que ella possa fazer cousa alguma por direito proprio, ou por proprio poder*. Para impugnar esta verdade o autor allega muitas provas. A primeira é: *a descida de Maria Santissima ao purgatorio*, para libertar as almas de seus devotos das penas, no sabbado seguinte depois da morte, favor publicado na builla chamada Sabbatina. « Ah! temos, diz o autor, uma bulla de « um papa, confirmada por quatro bullas de outros quatro de « seus successores e de novo publicada por Gregorio XVI em « 1841, ensinando que a Virgem Maria visita o purgatorio « todos os sabbados para livrar certas almas privilegiadas. « A extensão da Ordem do Escapulario é prova da muita fé « que se tem nisto. Pois bem, cremos que ninguém dirá que « se póde chamar *intercessão* de Maria o acto de descer ao « purgatorio para dalli tirar as almas e leval-as para o céu, « pois que é claro não ser isto um acto de intercessão para « com seu Filho a favor dellas, mas sim o exercicio d'um « poder que possui ».

A estas palavras respondo: 1.^o que a bulla do Papa João XXII, que, segundo se diz, publicou pela primeira vez o privilegio Sabbatino, *apezar de todas as pesquisas e indagações nunca foi achada*.

2.^o que Clemente VII, Pio V, Gregorio XIV e Gregorio XVI confirmaram esta bulla *forma communi* e não *forma speciali*, o que, segundo o direito canonico, quer dizer que o *confirmaram em quanto existia*.

3.º que caso Maria Santissima descesse ao purgatorio para dalli tirar as almas e leval-as para o céo, isto, sem duvida, seria um exercicio de um poder; mas ainda não provaria que seria um exercicio de *um poder inherente e proprio della*, de um poder que possui por si mesma sem que lhe fosse communicado por seu Filho. E é só isto que sustentam os catholicos, dizendo: que nem a SS. Virgem Maria nem os outros Santos *de per si* têm poder de nos auxiliar, mas, que todo o poder que têm lhes é communicado por concessão divina, por virtude dos merecimentos infinitos de Jesus Christo e em recompensa da vida santa que levaram nesta terra. — E com esta resposta desaparece toda a difficuldade do autor, sustentando que não ha differença no Catholicismo entre o culto de Jesus e o de Maria.

Outra objecção lhe fornecem as palavras de Santo Affonso de Ligorio, o qual nas «Glorias e louvores de Maria Santissima», cap. VI, § 1, apoiado nas palavras de S. Bernardino de Sena e outros, diz, que todos obedecem aos preceitos de Maria Santissima, até o *mesmo Deus*. ...que ella é omnipotente ...que a mãe deve ter o mesmo poder que tem o Filho, etc. Destas palavras conclue o autor: «Aqui se dá a Maria o « attributo divino da omnipotencia. Afigura-se tambem que é « igual em privilegio e poder a Jesus Christo. Diz-se alem « disto, que o mesmo Deus está sujeito ao imperio de Maria » — e citando em seguida, por inteiro, o texto de S. Bernardino de Sena, no qual, entre outras cousas, se lê: «*tudo o que está debaixo do dominio de Deus, se acha sujeito igualmente á gloriosa Virgem Maria*», escreve: «Segundo estas palavras, a « soberania da Virgem é igual á de Deus. Ensina-se tambem « que Christo quer que a soberania de Maria seja igual á de « seu Pae. Diz-se, além disto, que, assim como a Virgem está « sujeita a Deus, tambem Deus está sujeito á Virgem!

« Taes são as opiniões de S. Bernardino e de Santo Affonso de Ligorio. No acto da canonisação dos Santos, a Igreja « Romana declara que não se acha erro algum em seus escriptos, pois declara que as palavras citadas estão livres de « todo o erro. Apesar disto, porém, um christão verdadeiro » [leia-se protestante] « não póde lê-las sem sentir uma tristeza « e espanto indiziveis ».

Respondo: 1.º que o autor *não entende a extensão da declaração que faz a Igreja a respeito dos escriptos de qualquer Santo*. Esta declaração só significa que nestes escriptos não ha cousa que repugne aos *dogmas* da doutrina Catholica sobre a fé e os bons costumes; porém, não tem a extensão que lhe attribue o autor, como se a Igreja approvasse e subscrisse qualquer das opiniões individuaes sustentadas por elles.

2.º que os *poderes attribuidos pelos Santos e tambem por*

nós a *Maria Santissima*, por mais extensos e singulares que sejam, não podem servir de armas para combater o culto de hyperdulia que tributamos a *Maria Santissima*, porque não dizemos que estes poderes lhe são inherentes, mas só que lhe são concessos por seu Filho, em vista da sua ineffavel dignidade de Mãe de Deus, dignidade que eleva a SS. Virgem, em dignidade e gloria, muito além de todos os Anjos e Santos do céu e pela qual ella por si só constitue uma segunda hierarchia, logo inferior ao Deus Trino e Uno. Ora, possuindo a SS. Virgem estes poderes por favor, por concessão e não por natureza, o autor não nos pôde accusar de mariolatria. O culto, sem duvida, é singular e extremado, mas nunca igual ao do Altissimo.

3.^o que não implica contradicção: estar a Virgem sujeita a Deus, e estar Deus sujeito á Virgem, visto como este facto já se deu, segundo a Biblia (Luc. II, 51), nesta terra: « e lhes estava sujeito ».

Mas o sr. ministro protestante vê na Igreja Catholica « mais outros modos de equalar Maria a Christo ». Seguem-se tres orações:

1.^a A jaculatoria: « Jesus, Maria, José, dou-vos o meu « coração e a minha alma; » [e não como escreve o autor « tende piedade de nós »] etc., etc.

2.^a « Jesus e Maria! vivam vossos nomes em meu coração » etc., etc.

3.^a « Gloria ao Pae, gloria ao Filho, gloria ao Espirito « Santo, gloria á SS. Virgem, por todos os seculos dos seculos. « Amen ».

Depois conclue: « não pôde haver duvida de que aqui « se põe Maria em parallelo com Christo, como objecto de « oração, invocação e affecto. A fórma hespanhola de « *Gloria « Patri* » é mais notavel ainda ».

Respondo: ha duvida; ou para dizer melhor, *ha certeza de que aqui se tributa culto differente a Jesus e a Maria e São José*. O que se pede a Jesus como *á fonte* da graça, se pede a *Maria Santissima* e S. José como *ao canal* da graça; o affecto com que se ora á SS. Trindade ou a Jesus procede do *culto de latría*, é adoração; o com que se ora á SS. Virgem ou a S. José é de *culto inferior*, é veneração.

Porém, lembrando-se destas citações, o autor das « *Noites com os Romanistas* » não pôde mais conter-se; sua indignação da idolatria catholica rebenta e saem-lhe do bico da penna as palavras seguintes: « Devo dizer, a favor de muitos catholicos romanos, que nunca lhes tenho lido estas passagens e « outras eguaes, dos livros de devoção da Igreja Romana, sem « notar que seus semblantes se cobriam de vergonha e confusão, homenagem esta que se viam obrigados a tributar á « verdade. » [Ora essa!! Duas mentiras juntas — os catholi-

cos, fallo de catholicos instruidos e morigerados, não de bôbos ou desmoralisados, não se cobrem de vergonha e confusão ao ouvirem estas passagens, mas repetem-nas com amor e convicção; — e se, ao ouvirem estas passagens, alguns catholicos analphabetos ou de costumes relaxados se cobrem de vergonha e confusão, não rendem homenagem á verdade, mas á mentira que pelos sophismas capciosos do autor lhes parece verdade.] « E' sempre notavel que elles reconhecem que tal linguagem « é blasphema e idolatra e que justifica o forte sentimento de « desgosto que manifestamos contra a pratica. » [terceira mentira, sr. autor] « A unica cousa que ás vezes dizem em « defeza da sua Igreja, é que estas passagens teem um sentido « muito differente daquelle que parecem ter, que devem en- « tender-se em um sentido catholico » [o protestante Vix, sr. autor, já disse a mesma cousa: « Estas rezas não devem ser consideradas de modo differente daquelle de que as considera a Igreja Catholica (não diz Romana como s. s.) a qual as dirige aos Anjos e Santos, não como a seres revestidos de alguma authoridade e poder divino, mas como intercessores perante nosso Redemptor ».] « e que não póde causar damno a pessoa alguma, que sabe, que apezar de tal linguagem parecer blasphema e idolatra » [!!!!] « não deve ser tomada neste « sentido ».

Depois accrescenta: « Muitas vezes tenho perguntado o « que se deve entender por esse sentido catholico, mas nunca « consegui sabel-o: deve, sem duvida, ser mui diverso do « sentido natural das palavras ».

Respondo: *é porque o senhor, obcecado por seu odio, não quer vêr, nem ouvir*, senão já o teria comprehendido bem depressa como o protestante Vix e tantos outros.

Mas o ministro evangelico não gosta de parar em meio caminho. Uma vez que principiou a fulminar contra os livros de devoção que exaltam a SS. Virgem Maria muito além de seu merecimento, vae mais adiante, declarando que os catholicos *não só collocam Maria á mesma altura de Christo, mas que até algumas vezes a collocam acima d'elle.* « Tratemos, diz « elle, em primeiro logar, da *egualdade entre Maria e Christo.* « Nunca em minha vida poderei esquecer a impressão que « senti quando pela primeira vez vi, nas igrejas da Italia, a « Virgem Maria coroada como Rainha do céu e sentada sobre « o mesmo throno em que Jesus tambem estava sentado e « coroado como Rei do céu. Pareciam ser o Deus homem e a « mulher Deus enthronisados do mesmo modo. Por mais que « eu me capacitasse de ter conhecimento do Romanismo » [este conhecimento não é muito grande, senhor; a prova está nos erros repetidos em que s. s. cae, quando propõe uma doutrina como sendo catholica; um menino um pouco instruido

podia confundil-o] « nunca me passára pela idéa que se praticasse uma coisa tão espantosa. Sofri um choque indizível: » [coitado! — Não houve quem lhe offerecesse qualquer perfume, ou um pouco de ether para recobrar o sentido?] « a idolatria mais grosseira do paganismo não me teria feito « sofrer mais. » [*nem a idolatria do dollar yankee?*] « Nada « havia nas imagens que as distinguisse em honra uma da « outra: assemelhavam-se precisamente a Jupiter e Juno, » [o senhor não tem vergonha de fallar assim de *Jesus, seu Unico Mediador?*] « a um homem e sua mulher » [a mesma pergunta, sr. autor] « ou a um rei e uma rainha. Em pouco « tempo fiz a descoberta de que a mesma representação é « commum em todas as partes da Italia, e por mais disposto « que estivesse para interpretar em bom sentido ou julgar « com indiferença » [que duplicidade! uma pessoa tão apaixonada interpretar em bom sentido ou julgar com indiferença!!!] « não pude fechar os olhos ás provas peremptorias de haver « uma tendencia manifesta para collocar Maria no mesmo « nivel de Jesus e para fazer com que o Christianismo seja a « um tempo a religião de Maria e a de Christo ».

Respondo: Quando Bethsabé, mãe de Salomão, compareceu perante este grande rei, este, diz o 3.º livro dos Reis II, 19, levantou-se a vir recebel-a e a saudou com profunda reverencia e se assentou no seu throno e poz-se um throno para a mãe do rei, a qual se assentou á sua mão direita. Teria Jesus feito menos para sua Mãe? E será egualar Maria Santissima a Jesus, fazendo-a assentir *no mesmo throno* para exprimir que Elle que é o Rei do Céu para honrar sua SS. Mãe a proclamou Rainha do Céu?

« Mas, continúa o autor, esta não é nem a unica nem a « mais triste prova dessa pretendida egualdade. E' em demasia « triste e doloroso o ter de confiar ao papel a sombria realidade, que é sufficiente para fazer gelar o sangue nas veias « de qualquer christão, apesar de ser a fé commum e universal da Europa meridional. » [passo este trecho sem commentarios, respeito a commoção do autor e avalio quanto deve soffrer] « O facto é que todos os mysterios e glorias, proprios « da historia de Jesus Christo — sua conceição, seu nascimento, sua resurreição e sua ascensão milagrosa — tudo, « tudo se applica á Virgem Maria, afim de que pareça uma « pessoa tão maravilhosa como o mesmo Jesus, distincta por « sua conceição, seu nascimento, sua resurreição e ascensão, « tudo tão assombroso e maravilhoso como o do proprio Jesus. » [Não, sr. autor, ha sempre alguma differença, a differença de *Deus a homem*. Jesus ascende ao céu e resurge dos mortos *por propria virtude*, é concebido e nasce deste modo *por que quer* ser concebido e nascer assim; Maria Santissima nem em sua

conceição, nem em seu nascimento, nem em sua resurreição, nem em sua assumpção *obra por propria virtude, ou porque assim o quer, tudo aqui é dom, é privilegio* lhe dado por Deus em vista da sua ineffavel dignidade de Mãe de Deus.] « E a » tal ponto se leva a imitação, que, em algumas igrejas, se » acham d'um lado pinturas que representam os successos » mais notaveis do nascimento, da vida, da morte de Jesus » Christo, e de outro lado vêem-se os mesmos incidentes ou » outros semelhantes, representados como proprios do nasci- » mento, da vida e morte da Virgem Maria. Por exemplo: » se a um lado se vê representado o anjo annunciando a Maria » a concepção milagrosa de Jesus, ao outro vê-se tambem a » pintura de um anjo annunciando a Anna a concepção imma- » culada de Maria. Se a um lado se acha o nascimento mila- » grosso e a infancia do Filho; no outro vê-se igualmente o » nascimento e infancia de Maria, etc., etc. E' impossivel vêr » tudo isto sem se ficar convencido de que é a expressão da » crença popular da Igreja Romana e de que esta, auctori- » sando taes representações em seus templos, auctorisa a opi- » nião, que prevalece vulgarmente, de que a Virgem Maria » é uma pessoa igual a Jesus Christo — não, em verdade, na » essencia da sua natureza, mas, sim, em alguma coisa que » essa Igreja nunca tem querido definir e que deixa ao capri- » cho e á imaginação de cada um. » [Falle claramente, sr. autor, que eu responderei; mas deixe de insinuações odiosas e infundadas; isto não é *«faire»* como diz a gente de sua terra.] « Deus legou as Sagradas Escripuras para ensino do povo, » [dado pela competente auctoridade, isto é, os superiores da Igreja; sim] « mas a Igreja Romana tem-n'o privado dellas, » sob pretexto de que este se póde enganar ácerca de seu » sentido, » [mentira; vede meu capitulo primeiro sobre a leitura das Sagradas Escripuras] « e em lugar da Biblia tem-lhe » dado essas pinturas tão apropriadas para extraviar-o. » [este disparate não merece resposta] « Deus não tem permittido que » haja erro algum nas Escripuras, que elle tem dado, e a » Igreja Romana está na obrigação de julgar que não haja » erro nas pinturas que tem substituido em seu lugar. » [Que logica!!! e tambem que mentiras! pois a Igreja não substituiu a Biblia pelas pinturas; além disto, *só as pinturas por ella approcadas, e não todas que são expostas ou se vendem, reconhece como legitimas.*] « A verdade é que as Sagradas » Escripuras não ensinam as doutrinas de Roma » [pois então, quaes? Porventura as doutrinas de Luthero, de Wesley, etc.?] « e é esta a razão por que essa Igreja tem privado o povo » dellas. » [leia-se meu primeiro capitulo] « As pinturas, sim, » ensinam as suas doutrinas anti-biblicas » [*practer-biblicas*, póde ser: porque temos sempre a Tradição que o senhor não

quer admittir embora o deva; *anti-biblicas*, não.] « e por isso
 « as sanciona. Estas pinturas teem para o povo a plena san-
 « cção da Igreja; não é para extranhar, pois, que elle consi-
 « dere Maria co-egual com Jesus Christo *. Assim é que acaba
 o argumento contra o culto da SS. Virgem tirado das pin-
 turas.

+ « Respondo com o Exmo. Sr. Dr. Carlos de Laet: « Des-
 « truidas as futeis arguições relativas á *mariolatria* e ao pre-
 « tenso modernismo do culto de Nossa Senhora, resta-me declarar
 « ao sr. protestante, que muito fóra de propósito andam s. s. e
 « os seus cúmplices de heresia, quando, para amesquinhar a
 « veneração que devemos a Maria Santissima, a todo momento
 « nos fallam do Evangelho, citando com a maxima impertinen-
 « cia textos que nos preceituam o supremo culto devido a Jesus :
 « —porquanto, victoriosamente, nós, os catholicos, lhes respon-
 « demos que *do mesmo Evangelho* é que resalta a especial devo-
 « ção da augusta MÃE DO REDEMPTOR. Leiam-no com attenção
 « os nossos desvairados antagonistas, e em muitos logares hão
 « de ver justificado o culto da Virgem ».

« Se o Evangelho nos mostra os pastores, que a Bethlém
 « correram para ver a Jesus, (pondera um douto escriptor,
 « Scotti-Pagliara, no seu livro « Catholicismo e Protestantismo »,
 « Napoles, 1878, tomo III. pag. 112) elle tambem nos ensina
 « que antes de Jesus viram Maria. Se o Evangelho nos falla
 « dos Magos, que, açodados vieram visitar a Jesus, egualmente
 « diz que o acharam com Maria. Se o Evangelho trata de
 « Jesus que se offerece no templo, conta, que foi Maria quem
 « o poz nos braços de Simeão. Se o Evangelho reza do mi-
 « lagre que em Caná se operou com a mudança da agua em
 « vinho, refere que esse primeiro milagre de Jesus foi feito
 « pela intercessão de Maria. E se o Evangelho diz de Christo
 « o padecer na cruz, logo narra que aos pés da cruz estava
 « Maria.

« Determinado, nas Sagradas Lettras, o *papel unico desta*
 « *incomparavel CREATURA, junto ao seu divino Filho*, duvida não
 « pôde haver quanto á veneração que lhe rendemos, e que
 « grandemente é superior á de que são merecedores os Anjos
 « e os Santos. Por si só (diz um tratadista) constitue a SS.
 « Virgem uma segunda hierarchia, logo inferior ao Deus Trino
 « e Uno... Pois que em dignidade e em gloria mais dista a
 « Virgem dos Seraphins do que estes dos Cherubins. (Gerson,
 « tra., et. IV, super Magnificat.) Culto singular e extremado
 « mas nunca igual ao do Altissimo — Só os protestantes não
 « querem ver isso ! »

Uma nova objecção do autor nos dará a prova. « Algu-
 « mas vezes, escreve, tendo chamado a attenção de meus
 « amigos catholicos para a pratica observada por sua Igreja

« de applicar a Maria aquellas passagens da Sagrada Escri-
 « ptura, que só são applicaveis a Jesus Christo, e até de lhe dar
 « os titulos distinctivos que só a Elle pertencem. Nos livros
 « de devoção dessa Igreja, e até nas suas ladainhas auctorisa-
 « das, se vê claramente esta offensa feita a Jesus Christo. »
 [coitado! o sr. não entende nada nem do Catholicismo, nem
 do culto tributado á SS. Virgem; falla dessas cousas como
 um cego de nascença das côres.] « Nas Sagradas Escripturas
 « é Elle chamado «nosso Advogado» para com o Pae; e na-
 « quelles livros a Virgem é chamada: «nossa Advogada».
 « Nas Escripturas Elle é chamado «nosso Mediador» e na-
 « quelles a Virgem é chamada «nossa Medianeira». Nas Sa-
 « gradas Escripturas, Elle é chamado a Porta, o Refugio dos
 « peccadores, o Pae de misericordias, o Bom Pastor, o nosso
 « Salvador, o nosso Senhor, e o Rei do céu; e naquelles livros
 « ella é chamada a porta do céu, o refugio dos peccadores,
 « etc., etc., assim é que no tocante aos titulos de Christo ella
 « está posta em pé de igualdade com Elle; e, embora os Ro-
 « manistas protestem que não é isto o que querem fazer, o
 « facto é patente e falla por si mesmo. »

Respondo: que o *autor blasphema o que não conhece*. Não;
 os catholicos não igualam a SS. Virgem a seu bemdito Filho,
 attribuindo-lhe os mesmos titulos com que ornarn a Jesus
 Christo; a differença entre estes dois cultos fica sempre im-
 mensa. Attribuindo a Jesus os titulos de Porta do céu, refugio
 dos peccadores, etc., etc., reconhecem que Elle os possui por
direito proprio e inalienavel; attribuindo-os a Maria Santissima
 reconhecem que Ella os possui só por favor, por concessão.
 E nisto procedem mui logicamente, pois, tendo-se Jesus Christo
 associado á SS. Virgem na grande obra da nossa Redempção,
 tomando della o corpo humano que devia ser sacrificado por
 nós no altar da Cruz, com todo direito é que, sem derogar aos
 direitos inalienaveis de Jesus Christo, attribuem á SS. Virgem
 Maria os titulos de « Refugio dos peccadores », « Mãe de mise-
 ricórdia », etc.; e isto não é uma *novidade* na Igreja Catholica,
 não é um culto *moderno*, como o autor se esforça por provar,
 não; é uma cousa antiquissima, uma cousa sempre praticada
 na Igreja desde o seu principio. Em abono quero citar as
 + palavras do eximio padre e escriptor da Igreja Oriental Santo
 Ephrem (379). A SS. Virgem Maria é denominada por
 elle (Serm. de land. B. Mart., tomo III, pag. 528) « visão pre-
 « ciosa do propheta, o claro cumprimento de todas as prophe-
 « cias, a bocca eloquente dos Apostolos, a força dos Reis, a
 « honra do sacerdocio, o perdão dos peccados, a propiciação
 « do justo Juiz, a resurreição dos que cahiram, a redempção
 « dos peccadores. » — E em outra prece: « Depois da TRINDADE
 « sois a Senhora de tudo; outro Paraclito, depois do PARA-

« CLITO; depois do MEDIADOR, a mediadora de todo o mundo. »

« Ora, ali está — observa o Cardeal Wiseman depois de produzir esta citação — « ali está com certeza mais do que é preciso para provar que, se ainda vivêra esse phanal da Igreja Syria, esse amigo do grande S. Basilio, de seu gremio o expulsariam os membros da seita anglicana, » e tambem os da seita methodista accrescento eu. Porém, mais vale ser herege com S. Ephrem e outros luminares da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, do que ser crente com o sr. Seymour e seus sectarios na seita methodista ou protestante.

« Mas, nem aqui pára a Igreja Romana, » diz o autor. « No bem conhecido psalterio de S. Boaventura, uma parte do qual foi reproduzido com auctorisação ecclesiastica, em Roma no anno de 1844, toda a oração, todo o louvor, toda a acção de graças que o Psalmista dirigia a Deus é alterada » [não é verdade] « e applicada » [isso sim] « á Virgem Maria. O nome de Deus se acha supprimido alli, e em seu lugar está posto o de Maria. O titulo de « Senhor » é alli supprimido e substituido pelo de « Senhora ». O excesso de tal blasphemia e sacrilegio » [por amor de Deus, sr. autor, seja mais comedido em suas palavras] « só póde ser avaliado lendo-se as intervertidas paginas daquelle livro. Até a Oração Dominical está viciada pelo mesmo modo e é dirigida á Virgem assim: « Senhora Nossa que estaes no Céu, santificado seja o teu nome, etc. » o *Te Deum* corre igual sorte: « Maria a ti louvamos, e te confessamos por Senhora, etc. »

Respondo: que se o autor das *Noites com os Romanistas* se escandalisa com isto, e nisto vê um esforço blasphemo e sacrilego de igualar a SS. Virgem a Jesus, anda muito errado. Pois não ha alli questão de igualar a SS. Virgem a seu Divino Filho. São apenas calorosas expressões de respeito, confiança e amor que para com a SS. Virgem Maria nutrem os catholicos, que, preconizando-a Mãe de Deus e Mãe do Redemptor do mundo e vendo-a tão honrada por Deus, comprehendem melhor do que os protestantes as consequências necessarias que derivam destas duas dignidades e da interna relação que para todo o sempre Jesus contrahiu com Maria SS. e Maria SS. com Jesus.

Constatemos portanto que o autor não foi feliz em sua primeira argumentação; de todo não provou o facto de os catholicos collocarem a SS. Virgem á mesma altura do Christo. Agora segue-se sua segunda argumentação; vae provar « o facto de os catholicos collocarem Maria acima de Christo. »

Citamos as suas palavras. « Se os referidos livros igualam algumas vezes a pessoa de Maria á pessoa de Christo, em outras vão mais além ainda, e a collocam acima d'elle em todos os attributos de misericordia e amor. Eu mesmo tenho

« sido testemunho disto, pois que nas conversações que tenho
 « tido com varios sacerdotes, em Roma, estes me têm decla-
 « rado repetidas vezes que, como Christo é o juiz que dispensa
 « a justiça, e Maria é a Mãe de misericórdia que exerce pie-
 « dade e amor, melhor é recorrermos a ella do que a Elle ;
 « que o caracter distinctivo de Christo é a justiça e não a
 « misericórdia, ao passo que o de Maria é a misericórdia e
 « não a Justiça ; e que Deus ouve com mais agrado as orações
 « que lhe fazemos por meio della do que as que lhe fazemos
 « por meio d'Elle. Esta crença prevalece universalmente no
 « sul da Europa. A seguinte passagem, tirada das « Glorias
 « de Maria » dissipará toda a duvida da questão ; cap. IV, § 1. »

Até aqui o autor. Antes porém, de citar esta passagem, quero primeiro fazer algumas objecções a respeito da asserção do autor. A crença, (mas esta crença *não é dogma de fé catholica*, e por isso, quem não a admite, já não é herege), a crença que prevalece universalmente não só no sul da Europa, mas *onde quer que haja devotos filhos de Maria SS.*, é, que Jesus. FICANDO TÃO MISERICORDIOSO COMO É JUSTO, exerce sua misericórdia principalmente por meio de Maria SS. E a razão é, que, sendo o peccado mortal DEPOIS DA REDEMPÇÃO, isto é, depois da infinita misericórdia que nos mostrou Jesus morrendo por nós na cruz, um mal para assim dizer DUAS VEZES infinito (por causa do abuso da misericórdia da Redempção), provoca tambem para assim dizer DUAS VEZES a infinita justiça de Deus a castigar o culpado. Segue-se d'ahi, que, para o culpado alcançar o perdão de seu peccado e subtrahir-se aos castigos da divina justiça precisa tambem duma misericórdia DUAS VEZES maior. Pois bem, é crença catholica (mas não dogma de fé) que, para honrar a sua Santíssima Mãe, que para nós foi o canal da primeira misericórdia, subministrando ao Filho de Deus a natureza humana, Jesus lhe confiou o exercicio desta segunda misericórdia, de sorte que ELLE por meio *della* exerce seu officio misericordioso. Resulta disto: 1.º que admittir esta crença não é collocar Maria *acima* de Christo, visto como quem propriamente exerce a misericórdia é sempre Jesus ; resulta tambem que admittida esta crença que não impugna nenhum dogma (nem o de unico Mediador), e além disto honra tanto Jesus como sua Santíssima Mãe, não podem extranhar expressões como as seguintes: que Jesus é o Juiz que dispensa a justiça e que Maria é a Mãe de misericórdia que exerce piedade e amor, ou que JESUS ouve com mais agrado as orações que lhe fazem por meio della, do que as que lhe fazemos sem ella, e que seremos algumas vezes mais depressa ouvidos, recorrendo a Maria do que recorrendo a Jesus. Esclarecidas deste modo as palavras, ouçamos a passagem tirada das « Glorias de Maria ».

« Será mais facil, diz o devoto Blosio, desfazer-se o céu e a terra, do que Maria deixar de alliviar, aquelle que com boa intenção pede o seu soccorro e nella confia. E S. Anselmo, para augmentar a nossa confiança, ajunta que, quando recorreremos a esta Divina Mãe, não só devemos estar certos de protecção mas que *algumas vezes seremos mais depressa ouvidos e salvos recorrendo a Maria e invocando o seu santo nome, do que se invocassemos o nome de Jesus nosso Salvador.* MAIS DEPRESSA ALCANÇAMOS A SALVAÇÃO RECORRENDO À MÃE DO QUE AO FILHO » [isto é ALGUMAS VEZES como escreve S. Anselmo] « não porque Maria seja mais poderosa do que Jesus para salvar-nos, pois sabemos que Elle é nosso unico Salvador, e que com seus merecimentos nos tem alcançado, e alcança a salvação, mas porque, recorrendo a Jesus, e considerando-o como nosso Juiz a quem pertence tambem o castigar, pode ser que careçamos da confiança necessaria para ser ouvidos. Mas, recorrendo a Maria, que não tem outro officio senão o de compadecer-se de nós como de Mãe de misericordia, e de defender-nos como Advogada nossa, parece que nossa confiança é mais segura e maior. *Muitas cousas se pedem a Deus e não se alcançam, e se pedem a Maria e se conseguem.* Como acontece isto? Acontece, responde Nicéforo, « não porque Maria seja mais poderosa do que Deus mas porque Deus tem decretado honrar assim sua Mãe. »

A isto accrescenta o autor : « Esta linguagem é, sem duvida, tão estranha » [aos protestantes, sim ; aos catholicos, não] « como terminante. » [terminante em que?] « Ensina claramente, que as orações de Maria que se dirigem a Deus são ouvidas mais promptamente do que aquellas que se lhe dirigem por meio de Christo. Não é isto outra cousa do que tirar a corôa de Mediador da cabeça de Jesus e lançal-o fóra do seu throno para collocar em seu lugar outro melhor do que Elle. Nenhum homem ou demonio pôde proferir mais blasphemia ou commetter mais sacrilegio. »

Respondo : *e nenhum homem ou demonio pode proferir maior mentira, ou servir-se de meios mais vis para scientemente propagar o erro* do que o sr. ministro protestante, autor das *Noites com os Romanistas*. Ou dizei-me onde e em que lugar do texto allegado está escripto, que as invocações de *Maria*, que se dirigem a DEUS (isto é, ao Deus Pae ; está claro pelo contexto) são ouvidas mais promptamente do que aquellas que se LHE dirigem por meio de *Christo*? O texto falla só das orações feitas a *Jesus Christo*, ou *directamente* a Elle só, isto é, sem intercessão de *Maria*; ou *indirectamente*, isto é, com intermediação de *Maria*; e então diz que ás VEZES (não sempre) ás VEZES seremos mais depressa ouvidos recorrendo a Jesus *por* Maria, do que recorrendo *directamente* a Elle *sem* Maria, e isto

por duas razões: 1.º porque recorrendo a Jesus, que será também nosso Juiz, é facil faltar-nos a devida confiança, condição absolutamente necessaria para a efficacia de nossos corações; o que não se dá com Maria cujo unico officio é exercer misericordia. 2.º porque Deus ás vezes quer honrar sua Mãe dando-nos a graça pedida pelas mãos della. O procedimento do autor na explicação dada aos textos citados, para não servir-me de outro qualificativo, não é muito evangelico; deixa a simplicidade das pombas para seus leitores e arma-se da astucia da serpente.

Desta passagem podemos concluir do que será da outra que o autor allega e da qual diz que falla por si mesma.

« Refere-se nas chronicas de S. Francisco, que fr. Leão « via em certa occasião uma escada vermelha em cujo topo « estava Jesus Christo, e outra branca, no topo da qual estava « sua SS. Mãe: alguns iam subindo pela escada encarnada mas « cahiam abaixo depois de alguns passos, e embora tentassem « de novo subir, cahiam de novo. Aconselhou-se-lhes que subissem pela escada branca, e, tentando-o elles subiram felizmente, porque a bemaventurada Virgem lhes estendia a mão, « e assim chegavam seguros ao céu... Maria em summa, diz « Ricardo de S. Lourenço, é a Senhora do céu, pois que alli « manda a seu arbitrio e introduz nelle a quem quer.» Cap. VIII, § 3.

Depois continua o pastor evangelico, « taes são as palavras de Sto. Affonso, em cujos escriptos se assegura não « haver um só erro » [Esta asserção fica por conta do autor; já expliquei o sentido da aprovação dos escriptos dos Santos, em outro lugar.]

« E, sem embargo, estas palavras declaram terminantemente que os que procuram entrar no céu por Jesus Christo « nunca alcançam subir até ao topo da escada, ao passo que « os que procuram fazel-o por meio da Virgem Maria alcançam « promptamente a gloria. Isto é, quando menos, fazer Maria « superior a Christo. A escada ensanguentada não pôde conseguir o seu objecto, ao passo que a branca, que symbolisa a Virgindade de Maria, sempre tem tido feliz exito. « Christo não offerece ajuda, ao passo que Maria estende a « mão para salvar. »

Respondo: muita parra, pouca uva, sr. autor! O texto *não diz*, que a escada branca tem tido sempre feliz exito, ao passo que a escada ensanguentada não pôde conseguir o seu objecto. Diz sómente que NAQUELLA OCCASIÃO, isto é, naquella visão do fr. Leão, NÃO O PODIA a escada ensanguentada, e *sim* a escada branca. Concluir dum só caso a universalidade dos casos não é boa logica; s. s. também o sabe, mas para atacar a verdade e propagar o erro, todos os meios, quaesquer que

sejam, lhe servem. E por isso não é para esclarecer s. s., pois que é cego pela paixão, mas para illuminar os que talvez se deixassem prender por seu sophisma capcioso, que digo, que esta visão, segundo as intenções de Deus, devia servir para avivar a nossa confiança em Maria SS. e mais uma vez nos ensinar a grande verdade, já ensinada por Sto. Affonso no texto anterior, que *ds vezes* se alcança mais depressa um favor pedindo-o a Jesus por meio de Maria do que pedindo-o directamente a Jesus sem intermediação de Maria. E dito isto, é só para divertir meus leitores que cito a conclusão do autor, em que com fingida indignação (pois sabe melhor) invecta contra Sto. Affonso, que aqui representa a Igreja Catholica, Apostolica, Romana. Eil-a: «E' uma linguagem que altera. «Dizer que é superstição ou idolatria, ou blasphemia, ou heresia, não é senão proferir palavras duras, e nunca tenho visto palavras más surtirem bom effeito. Porém uma linguagem como esta faz bater o coração» [protestante] «de horror» [e o coração catholico de alegria!] «Assim, pois, «aquelle que deixou os céos por nossa causa, que andou no mundo compadecendo-se de nós; que soffreu, derramou seu sangue e morreu por amor de nós; que agora mesmo, nos céos, intercede por nós, cheio de vivo amor, é representado como experimentando por nós menos compaixão, piedade e amor e sympathia do que Maria.» [que fingimento detestavel, apto para fazer-se perder toda a paciência!] «Assim o Creador tem de cobrir o rosto e retirar-se diante da creatura!» [*E' o que acontece no methodismo, etc.*, onde a palavra de Deus na Biblia deve ceder lugar á palavra humana]. «Quão significativas, nesta connexão são as palavras dirigidas pelo apóstolo á Igreja de Roma:» [sim; fallando dos pagãos daquelle tempo] «Adoraram e serviram á creatura antes que ao Creador, «que é hemdito por todos os seculos. Amen.» (Rom. I: 25).

Mas o autor é justiceiro, não nega a seus antagonistas o direito de se defenderem e dahi estas palavras ás quaes vamos responder. «Como porém, esta accusação é a mais tremenda que se póde fazer a uma igreja que se diz christã, é justo, que ouçamos a resposta que se costuma dar em sua defesa. «Esta resposta varia segundo a religiosidade das pessoas a quem se apresenta o argumento.» [Ha só uma resposta, a que já demos, e esta peremptoria; mas acompanhemos o autor, talvez achemos occasião de endireitar alguma cousa.]

«Os membros da Igreja Romana, que são devotos religiosos, e em geral os da Italia e da Hespanha, adoptam esta linguagem a respeito de Maria, defendendo-a como sendo-lhe própria em mui alto grau, sem querer modifical-a em nada» [s. s. diz esta linguagem—que linguagem? interpretada segundo o fez s. s.?—neste caso, nego; nenhum catholico adopta a

interpretação heretica de s. s. — interpretada por mim? sim; neste caso todos os catholicos do mundo inteiro a adoptam.] « São tão ignorantes a respeito das Escripturas e do christianismo nellas ensinado » [porém não tão ignorantes como s. s.; provei-o em meu primeiro capitulo sobre a leitura das Escripturas Sagradas e tornei a proval-o depois milhares de vezes] « que não veem o que possa haver de mau nesta glorificação de Maria, parecendo-lhes, ao contrario, tão justa e propria que procuram exaltal-a ainda mais. » [Graças a Deus!] « Uma senhora romana disse um dia, na minha presença « que tinha grande esperança de vêr augmentar-se a *moralidade na Italia* » porque a religião » [leia-se culto] « de Maria Santissima ia se estendendo muito. » [Teve razão; a historia do protestantismo comprova-o] « E um dos sacerdotes da mesma cidade disse-me com manifesta satisfação, que a religião de Christo se ia gradualmente tornando na religião de Maria » [Das duas uma: ou S. S. não comprehendeu o que disse o tal padre, ou elle era apostata] « A transição é lenta, mas certa portanto, a fim de tirar a Maria da posição inferior que até *agora* tem occupado no ideal do christianismo » [se isto é verdade como então o S. S. pôde sustentar que agora já igualaram até elevarem a SS. Virgem acima de Jesus Christo] « os seus affeiçãoados não vacillam em recorrer á toda extravagancia do culto e de linguagem para eleva-la. »

« Ha não obstante, outra classe de pessoas na Igreja Romana que consideram estas cousas como extravagancias dos devotos e supersticiosos » [que os que fallam deste modo ainda sejam bons catholicos, precisa de prova] « Dizem sempre que os desgosta tal linguagem, por ser mais apropriada para perder o character da sua Igreja no conceito dos protestantes. Julgam no entanto, que poderá ser muito boa para os nossos ignorantes, e por isso não querem fallar contra ella, e argumentam com apparencia de justiça e razão quando dizem que se deve julgar a Igreja Romana segundo estes livros. »

Deixando estas palavras passar sem commentarios vejamos o que responde o autor: « A resposta que tenho dado obrigou essas pessoas a calarem-se » [Por conseguinte um tapabocca] « Digo-lhes, continua elle, que ha um livro que entre nós é apreciado como o livro dos livros » [mas sem fundamento razoavel, pois os protestantes não pôdem provar nem a authenticidade, nem a inspiração da sua Biblia] « o qual apezar de ser reconhecido como divinamente inspirado, e portanto, isento de todo o erro, é prohibido pela Igreja Romana, sob pretexto de sua linguagem estar sujeita a ser mal entendida pela gente simples e ignorante. » [Isto e o que segue é absolutamente falso; o leitor queira ter a bondade de lêr meu primeiro capitulo sobre a leitura das Escripturas Sagradas, em que re-

futei tudo.] « A Igreja Romana em um decreto da congregação
 « do Indice, tem prohibido aos leigos a leitura das Sagradas
 « Escripturas, excepto no caso em que o bispo conceda licença;
 « tem prohibido aos livreiros a venda dellas, a não ser que
 « os compradores tenham permissão do bispo, e até prohibido
 « a sua leitura ao clero regular (isto é, ás ordens monasticas) se
 « não tiver tal permissão » [vede em meu capitulo I a refutação
 destas palavras.] « A Igreja Romana prohibe os livros que con-
 « sidera prejudiciaes á fé do seu povo, e por isso prohibe as
 « Sagradas Escripturas » [Ora essa !!!]

* Agora o que desejamos saber é porque a Igreja Romana
 « não tem prohibido os referidos livros de devoção, se acredita
 « que a gente simples e ignorante pôde enganar-se a respeito
 « do sentido delles. » [E' isto mesmo o que fez e tem feito a
 Igreja; o livro de S. Affonso, « Glorias de Maria », não está
 no indice porque a Igreja julga que por elle os simples igno-
 rantes não pôdem ser enganados mais antes aproveitar muito,
 — porém ha no Indice muitos livros que tratam da SS. Virgem
 escriptos por catholicos; até foi condemnada uma obra escripta
 por um Santo, o B. Grillon de Montfort sobre le doux esclavage
 de Marie.] « E o zelo que a Igreja Romana tem para impedir
 « a circulação da Biblia não implica por ventura, que o povo
 « pôde soffrer mais prejuizo e damno da Biblia do que dos
 « referidos livros? » [já respondi agora mesmo.]

« O facto da prohibição das Escripturas, » [facto que não
 existe; vede meu primeiro artigo sobre a leitura da Biblia]
 « junto á auctorisação para a publicação de taes livros [facto
 que tambem não existe] e dos esforços empregados para a sua
 « circulação, é uma prova irrecusavel de que a Igreja Romana
 « está mais por estes do que por aquellas. »

Agora porém, que o autor está fallando na Biblia, quer
 tirar della mais um argumento contra o culto da SS. Virgem
 Maria e por isso pergunta: « Que é que diz a Escriptura Sagrada?
 O contraste continua, é notavel, na verdade. Os livros de de-
 voção da Igreja Romana estão cheios da *religião de Maria*: »
 [da religião, não; do culto, sim] « as Sagradas Escripturas nada
 « dizem a respeito, e só se occupam da religião de Christo.
 « Estes escriptos sagrados, « dados por inspiração de Deus »
 « e que « pôdem fazer-nos sabios para a salvação por meio da
 « fé, » nada absolutamente, dizem ácerca do *nascimento* de Ma-
 « ria, muito pouco fallam da sua vida e nem uma palavra
 « dizem a respeito de sua *morte*. Este silencio é muito signi-
 « ficativo. »

[Logo, segundo o principio do autor que *nada* admitte
 senão o que está na Biblia, Maria Santissima não nasceu, apesar
 da Biblia fallar de alguns factos da sua vida; e não morreu,
 apesar de todos concordarem da sua morte. A que inconse-

quencia leva o principio methodista e protestante ! — Observo tambem que toda a Escriptura desde o livro Genesis, onde ella é promettida a nossos primeiros pais, até o livro do Apocalypse, onde o Apostolo S. João a viu como a mulher revestida do sol, com a lua a seus pés e a cabeça cingida d'uma corôa de 12 estrellas, falla de Maria Santissima, tanto no Antigo Testamento onde ella é figurada por causas e pessoas, presagiada pelos prophetas, como no Novo onde ella apparece como Mãe de Jesus e por conseguinte Mãe de Deus. Além disto a propria Virgem Maria já prophetisou o culto que lhe ia ser tributado, quando disse : *eis que já desde agora me chamarão bemaventurada todas as gerações* (Luc. I 49). E em Luc. I 45 já temos um exemplo desta veneração.]

« A Igreja Romana, porém, em vez de imitar este silencio « divino a respeito de Maria » [este silencio, como provei na observação, não existe] « occupa-se em entreter-nos com o casamento de seus pais, com o seu proprio nascimento milagroso, « com os incidentes da sua infancia, com o seu trato com José, « com seus esponsaes e casamento, com as suas conversações « com os reis do oriente, com a sua vida posterior, com a sua « morte, enterro, resurreição e ascensão ao céo, e com a sua « coroação como imperatriz dos céos e rainha dos anjos e dos « santos. Certamente não lhe tem falhado o genio inventivo. » [Porém, neste particular, o sr. autor com seus sophismas, falsificações de historia e de estatisticas, leva facilmente a vantagem sobre ella]. « Em tudo o que respeita a Maria ha na verdade, « um estranho contraste entre as Escripturas Sagradas e os « livros auctorisados pela Igreja Romana. » [Não é verdade; a Biblia falla muito e muitissimo em Maria Santissima e o que se lê nos livros auctorisados pela Igreja funda-se no que diz a Biblia].

Em seguida depois de ter dito que não se acha na historia evangelica nenhum exemplo de que Jesus teria chamado a Maria Santissima com o nome de Mãe, nem na sua infancia, nem na sua vida publica, accrescenta : « parece que Jesus nunca « a reconheceu debaixo de tal character, » e para provar esta asserção examina as tres vezes que Jesus se dirigiu a Maria Santissima e as duas vezes que fallou a respeito della com outras pessoas.

Examinemol-as com elle. 1.º *O primeiro caso é o de Luc. II. 48-51*, onde á pergunta de Maria Santissima : Filho, porque usaste assim connosco? Jesus responde : Porque me buscaveis? não sabeis que importa occupar-me nas coisas que são do serviço do meu Pae? A isto observa o autor. « Estas primeiras « palavras que Jesus dirigiu a Maria (as primeiras de que temos noticia) não justificam uma linguagem extravagantemente devota da nossa parte com ella. Pergunto porque não? Será por

ventura porque o autor cahisse no grandissimo erro de attribuir ao Supremo Exemplo de todas as virtudes o mais deploravel menoscabo do quarto artigo do Decalogo. — Honrarás a teu pae e a tua mãe? (Exod. XX. 12) Um Deus a infringir como homem as leis que ELLE proprio dera aos homens! — eis o absurdo a que levam as palavras do autor! Não; aqui não ha vislumbre de reprehensão da sua S. Mãe; é apenas um ensino, que quando se tratava de cumprir sua divina missão Jesus devia pospor tudo ao cumprimento da divina vontade.

O segundo caso occorreu nas bodas de caná, S. João, II, 3, 4. « E faltando o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Elles não teem vinho. E Jesus lhes respondeu: Mulher, que tem isso contigo e commigo, ainda não é chegada minha hora. Aqui interpreta o autor, Jesus se lhe dirige, não como a sua mãe, mas simplesmente como a uma «mulher» — palavra não de desprezo, mais sim um termo de respeito ou de cortezia ordinariamente usada então para com as mulheres. Não usa para com ella de nenhum respeito particular mas sim da mesma linguagem que teria empregado dirigindo-se a qualquer outra das mulheres presentes. E quando ajunta: Que me vae a mim e a ti nisso? as palavras parecem conter uma suave reprehensão por ella intervir nos arranjos do banquete, dando assim a entender que não podia reconhecer nada de commum entre si e ella, nem nenhuma relação da parte della que justificasse a sua intervenção, e que, embora ella pudesse julgar opportuno o tempo para Elle fazer o milagre, Elle comtudo preferia esperar: Ainda não é chegada a minha hora »

Respondo: I.^o que a palavra « *gynai* » «mulher» empregada por nosso Senhor Jesus Christo, *naquelle tempo e naquella circumstancia*; e como sendo resposta a uma pergunta lhe dirigida por sua Mãe, equivalia á palavra Mãe. Pois, como observa o sr. Dr. Carlos Laet: « variam os tratamentos (quem ignora?) segundo os tempos e os logares. Ninguem hoje se lembraria de applicar, como fez Camões o termo *donzella* a uma senhora, mãe de filhos, qual foi Ignez de Castro: « Tal está morta a pallida *donzella*... » *Donzella* era *naquelle tempo* a dama ainda joven. Aos reis e principes se dava outrora o tratamento de *mercê*, reservando então o de *magestade* unicamente ás santas imagens, como bem nol-o explica o douto Witarbo, em seu *Elucidario*.

« Semelhantemente, *mulher*, no tempo e logar em que fallava Jesus era vocabulo demonstrativo de veneração. « Bemdita esta entre as *mulheres* — repete ainda hoje a Igreja na Saudação Angelica » « De tudo isto se infere que então *mulher* tanto valia quanto hoje vale o tratamento de *Senhora*. » — Ora, sendo isto assim, é claro, que Jesus dirigindo-se á sua

Mãe com as palavras « Mulher », *a tratava de Mãe*, do mesmo modo porque ainda hoje os filhos de família interrogados por suas mães, respondem: Senhora. E por conseguinte provou-se ser falsa a asserção do autor: de não achar-se um só exemplo na história evangelica de Jesus chamar a Maria *sua mãe*; a palavra « mulher » neste texto tanto vale quanto a palavra Mãe » e por conseguinte é signal de respeito particular.

2.º que as palavras « que tem isso contigo e commigo; » ou como traduz o autor « que vae a mim e a ti nisso » de todo não contém uma suave reprehensão de Jesus a Maria. Pois, como pondera o mesmo autor, já citado: « Erram na minha opinião, « que aprendi com illustradissimos interpretes, todos os que ás « citadas palavras querem dar uma accepção como esta: — Que « tenho eu que vêr contigo e tu commigo? Ou peor ainda: « — Nada ha de commum entre mim e ti Nem Jesus poderia, como filho obediente e respeitoso, que sempre foi — *et erat subditus illis*, Luc, II. 51. — tão duramente reprehender « sua Santa MÃE, nem se coadunaria tal dureza com as palavras « da SENHORA, como que antecipando o favoravel despacho « da sua petição. Dirigindo-se aos servos ordenou Maria: « Fazei « tudo o que Elle vos disser » — signal evidente de que do « amoroso Filho esperava o impetrado milagre para o qual « tinham aquelles famulos de encher as talhas com agua que « se devia converter em vinho. — Si asperas, ou simplesmente « reprehensivas, houveram sido as palavras de Jesus, claro « está que na ideia da petição não mais tivera Maria insistido, « nem ordenado aos servos que se aprestassem á obediencia « no que lhes ia ser determinado.

« Do mesmo sentir é, entre outros, S. Gaudencio: « Não « o disse (explica elle), não o disse o Salvador a sua Mãe como reprehensão, mas como que lhe quiz mostrar isto: Não « somos nós outros, os que temos á nossa conta o vinho que « se ha de beber nas bodas; mas por amor de vós, SENHORA, « e já que nisto fazeis gosto, fazei quanto desejaes. »

« Nem diversa é no fundo a explicação de Sacy, em nota « que Pereira de Figueiredo transcreveu na sua versão portugueza da Vulgata: « Como si dissessa, com rosto desassombrado « e alegre: Deixa estar, não ha necessidade de tanta pressa, a seu « tempo remediarei a esta falta. Por onde não se devem tomar estas palavras em sentido de reprehensão de alguma « falta, que a SENHORA commettesse, como imprudentemente « escreveram alguns antigos »

« Mais ainda: Segundo o texto grego, observa o erudito « Gaume (Cat. da Pers. trad. port. Porto, 1870. tomo III. pag. « 95 nota.) segundo o texto grego, pôdem essas palavras do « SALVADOR offerecer outro sentido que nos parece preferivel. « Mulher que tem isso contigo e commigo? O' vós que sois a

« mulher por excellencia, Mãe sem deixar de ser Virgem, que
 « nos importa, a vós e a mim que não tenham mais vinho?...
 « *Ainda não chegou a minha hora*; isto é ainda que a hora de
 « operar milagres não chegou para mim, comtudo vós fallastes
 « e isto me basta; eu a anticiparei em consideração de minha
 « MÃE. Ao fim (conclue o piedoso Gaume) assim na primeira
 « parte da resposta, revela o SALVADOR a sublime dignidade
 « de MARIA; e na segunda presta homenagem ao seu valimento
 « e poder omnipotente.

« De accordo com a exegese que ahi fica explanada, tam-
 « bem vejo uma nota á *Biblia Catholica* ingleza, publicada,
 « com autorisação do reverendo bispo Cornelio Denvir pelos
 « editores Dolonan, Londres 1853. Diz assim: Estas palavras
 « do nosso REDEMPTOR, endereçadas a sua MÃE têm sido inter-
 « pretadas por alguns commentadores como sendo asperas, não
 « considerando elles o verseto seguinte: « *Fazei tudo o que Elle*
 « *vos disser* » — palavras estas que bem claramente mostram
 « que a Virgem MÃE sabia do milagre que o FILHO ia fazer,
 « e que era a pedido d'ELLA que ELLE o ia realizar; além do
 « tom em que taes palavras foram proferidas, e da physio-
 « nomia deparada ao tempo em que Jesus as proferia. Isto
 « apenas podiamprehender os que presentes se achavam,
 « ou só se podia saber pelo que depois succedeu; pois que
 « palavras indicativas de colera em um tom de voz, em outro
 « tom se deveram entender exactamente pelo contrario. »

Concluamos portanto com o autor citado:

« 1.º Que no grego, bem como no hebreu não tinha o vo-
 « cabulo *mulher* a significação pejorativa que lhe dão algumas
 « linguas modernas. » [só accrescento eu, que tanto a palavra
 « mulher, pronunciada como resposta á pergunta d'uma mãe, valia
 « to quanto a palavra *Mãe*].

« 2.º Que igual tratamento empregou o DIVINO MESTRE
 « em outras occasiões que completamente excluem qualquer
 « probabilidade de irritação ou colera. » [por exemplo João
 XIX. 26. XX. 15.]

« 3.º Que temeraria, quando não impia é a exegese, que
 « á VIRGEM MARIA, Séde da sabedoria, attribue uma intercessão
 « descabida ou imprudente.

« 4.º Que Jesus não perguntou nem autorisou duvida,
 « quanto ao liame de amor que o prendia e prende a sua MÃE
 « SANTÍSSIMA. »

« 5.º Que apenas manifestou não ser ainda chegada a hora
 « de seus milagres anticipando, todavia, aquelle primeiro, o de
 « Caná por mostrar o valimento da poderosa intercessão. »

« 6.º Que a SANTA VIRGEM longe de se entender como
 « reprehendida, bem comprehendeu que estava deferida a sua

« prece, e logo providenciou recommendando a obediencia ao
« FILHO DE DEUS. »

« E 7.º, finalmente, que deste admiravel passo, onde o pro-
« testantismo obcecado apenas de soslaio enxerga uma impru-
« dencia de MARIA, e um desacato de Jesus para com sua
« SANTA MÃE, achamos, nós os catholicos, de pleno accordo
« com a exegese da Igreja primitiva, uma pathetica prova de
« interesse que nos consagra a excelsa MEDIADORA até nas mi-
« nimas cousas, e a demonstração inconcussa de quanto sóe
« attendel-a seu FILHO, que é DEUS OMNIPOTENTE. »

« 3.º *O ultimo caso é o que se deu quando Jesus estava na*
« cruz. — « Podia crêr-se, diz o ministro protestante, ter sido
« esta a occasião oportuna para lhe dirigir palavras de terno
« affecto filial, mas não. Elle conhecia o que ha nos homens
« e sabia que estes seriam capazes de perverter suas palavras
« para purificar o culto de uma mulher. » [Não blaspheme a
Jesus na ultima agonia, sr. autor, assim como fizeram os algozes.]

« Por este motivo não quiz chamal-a mãe e sim *mulher*,
« e, como ella então era provavelmente viuva, destituida e
« sem casa, elle a recommendou ao cuidado de S. João, seu
« discipulo amado; e quiz que ella dahi em diante conside-
« rasse S. João como filho, e que este protegesse como a sua
« mãe. « Mulher, eis ahi teu filho. » Depois disse ao discipulo:
« Eis ahi tua mãe, » e, em obediencia a este ultimo desejo de
« Jesus, o discipulo amado a tomou para sua casa. » Zie epinon
VII, p. 155, 156.

Respondo: que da propria explicação, que dá o autor á
passagem citada, evidencia-se com quanta ternura Jesus, es-
tando para morrer, lembra-se da sua Santissima Mãe; com que
sollicitude procurou providenciar na sua sorte e com que affecto
filial lhe dirigiu estas palavras: « Mulher eis ahi o teu filho: »
com effeito é justamente a palavra « mulher » empregada por
Jesus *naquelle occasião*, que nos patenteia claramente as finezas
de seu amor filial, a sensibilidade de seu coração amoroso para
com sua Mãe. Pois porque *naquelle transe supremo* Jesus não
se serviu da palavra Mãe? Foi para não contristar ainda mais
o coração afflicto de Maria Santissima. A palavra Mãe teria
lembrado a Maria Santissima mais vivamente, *que Filho* ella
estava em ponto de perder, e foi por isso, dizem muitos inter-
pretes, para poupar-lhe em quanto possível esta nova dor
que Jesus empregou o termo: Mulher. »

Da explicação, portanto, que demos a estas passagens, é
evidente, que o autor erra, quando diz: que nas palavras de
Jesus a Maria narradas no Evangelho, nada ha que possa jus-
tificar a linguagem exaggerada e extravagante, que caracte-
risa os livros de devoção da Igreja Romana, mas pelo con-
trario que estes tres exemplos são proprios para ensinar-nos,

que o Espírito Santo quiz assim tirar todo o pretexto ou occasião para tal linguagem de devoção e de culto, sabendo elle que esta corrupção seria introduzida na Igreja.

A tal disparate a unica boa resposta é repetir a prece do Salvador a seu Pae Eterno: Meu Pae perdoae-lhes porque não sabem o que fazem, quando com tanta teimosia impugnam o culto legitimo de Maria SS. predito por Ella propria no Magnificat « eis que já desde agora me chamarão bemaventurada todas as gerações » (Luc. I. 48).

« Mas diz o autor, as Sagradas Escripturas vão ainda além. Referem-nos dois casos em que Jesus fallou a respeito da sua mãe, e em ambas as occasiões as suas palavras têm uma significação notavel.

« 1.º *O primeiro é referido em S. Matt. XII. 46-50*: « Estando Elle ainda fallando ao povo, eis que se achavam da parte de fóra sua mãe e seus irmãos que procuravam fallar-lhe. E um lhe disse: Olha que tua mãe e teus irmãos estão alli fóra e te buscam. E Elle respondendo ao que lhe fallava, lhe disse: Quem é minha mãe e quem são os meus irmãos? E, estendendo a mão para seus discipulos disse: « eis alli minha mãe e meus irmãos. Porque todo aquelle que fizer a vontade de meu Pae que está nos céos esse é meu irmão, e irmã e mãe. » Nesta occasião, argumenta o autor, Jesus não condescende com os desejos de Maria; e, embora se lhe offerecesse então uma boa oportunidade para exaltá-la aos olhos de todos os circumstantes, evitou cuidadosamente fazel-o, nem se quer a reconheceu como sua mãe. Faz a pergunta: « Quem é minha mãe? » e elle mesmo responde: « Todo aquelle que fizer a vontade de meu Pae que está nos céos, esse é meu irmão, irmã e mãe. » Em seu caracter official não reconhecia as relações naturaes que tinha com qualquer particular, mas sim só os laços de uma natureza commum, que o vinculavam e lhe davam sympathia por todo o povo de Deus. »

Respondo, allegando de novo as palavras do exmo. sr. dr. Carlos de Laet: « Transparente é o sentido de taes dizeres. Entender que com isso mostrou Jesus indifferença ou desprezo por sua Mãe, é absurda e blasphema supposição.

« Seu intuito, já se deixa ver, outro não foi senão ensinar que no exercicio do ministerio espiritual cumpre deixar de parte os nexos da carne e do sangue; preceituando, outrosim, que pela conformidade ás prescripções e mandamentos do ALTÍSSIMO todos nos faremos membros de uma grande familia e nos enalteçemos até á dignidade de irmãos do mesmo Christo.

« No Divino PRÉGADOR cumpre distinguir da pessoa publica a particular; e se, respeitoso cumpridor de todos os

« celestiaes mandamentos, e entre elles do que nos prescreve
 « honrarmos nossas mães, Jesus não podia negar a sua todas
 « as dulcíssimas demonstrações do muito que lhe queria, não
 « obstante, para impor aos discipulos o desapego do que lhes
 « tocava segundo a carne, Elle emittiu aquelles austeros con-
 « ceitos, antepondo aos sentimentos do coração as exigencias
 « rigorosas da divinal propaganda..... Esta distincção entre os
 « deveres de um filho amoroso e o desempenho da funcção
 « messianica apparece na Escriptura em outros logares.....
 « Está no Evangelho expressamente registrado que Jesus era
 « submisso á VIRGEM MARIA E A S. JOSÉ (Luc. II. 51). Obede-
 « cia-lhes. Deus tendo-se feito homem não se designava de
 « preceituar-nos, pelo seu exemplo, como é preciso que aos
 « paes se submettem os filhos. Mas, por outra parte, no mesmo
 « Evangelho, e poucos versetos antes, achamos a resposta de
 « JESUS á MÃE SANTÍSSIMA, quando Ella o foi achar entre os
 « doutores: « Para que me buscaveis, não sabeis que importa
 « occupar-me nas cousas que são do serviço de meu Pae (Luc.
 « II. 49). Toda a difficuldade ahi se explana: DEUS HUMANADO,
 « JESUS ama e venera a excelsa MÃE, o veneravel PAE ADO-
 « PTIVO; HOMEM-DEUS, *Jesus* tudo pospõe á divina missão —
 « que é salvar a humanidade, immolando-se pelos peccadores.»
 — A resposta, parece-me, não póde sêr mais peremptoria.

Porém *ha outro caso, diz o autor anglicano, ainda mais notavel*: « E aconteceu que, dizendo Elle estas palavras, uma
 « mulher, levantando a voz do meio do povo, lhe disse: Bem-
 « aventurado o ventre que te trouxe, e os peitos a que foste
 « criado. Mas Elle respondeu: Antes bemaventurados aquelles
 « que ouvem a palavra de Deus e a põem por obra (Luc. XI.
 « 27, 28). Aqui temos uma mulher, que, com sentimentos tão
 « próprios d'uma mãe, bemdiz a mãe de Jesus. O dito desta
 « mulher serve hoje em dia » [e com pleno jus] « de base a
 « um argumento a favor do culto da Virgem Maria entre os
 « membros da Igreja Romana, e por isso convem notar, o modo
 « por que o apreciou Nosso Senhor. Sua resposta é muito no-
 « tavel, e nos ensina que, por maior que seja a felicidade de
 « Maria em ser sua Mãe, é uma felicidade ainda maior, de
 « que póde gosar toda a mulher christã, pois que « antes bem-
 « aventurados », ou mais bemaventurados são aquelles, que
 « ouvem a palavra de Deus e a põem por obra. Ha sem du-
 « vida alguma um contraste notabilissimo entre as palavras da
 « Escriptura Sagrada e o ensino da Igreja Romana. »

Respondo: Entre a Escriptura Sagrada e o protestantismo, sim, o contraste é notabilissimo; mas não entre a Escriptura Sagrada e o Catholicismo. E é preciso ser muito protestante para não vêr isto. Ou será verdade o que diz o autor, que toda a mulher christã póde ser ainda mais feliz do que a SS.

Mãe de Deus? Não; aqui como no texto anterior e no de Lucas: II. 49. Jesus na qualidade de Prêgador Divino outra vez pospõe às exigências da sua missão os sentimentos de seu coração. Não desmente a exclamação daquela mulher; não ensina que a felicidade de qualquer mulher christã pôde ser maior do que a da SS. Virgem Maria; só quer gravar profundamente no coração de seus ouvintes que a relação de sangue, o parentesco com Elle por mais chegado que fôr, por si só não chegará para a salvação, nem mesmo a Sua Mãe, se não tivesse tido no mais elevado grão a bemaventurança de guardar a palavra de Deus e conservá-la toda no seu coração; que para o homem se salvar é preciso, e peço muito ao autor que medite nisto seriamente, é preciso primeiro ouvir a palavra de Deus, por conseguinte não tapar os ouvidos quando esta palavra de vez em quando é dura, e em seguida pô-la por obra.

Mas antes de concluir seu capítulo, o autor, se escandalisa daquillo, ao que, como diz, se dá mui imprópriamente o nome de «saudação angelica, com outras palavras da Ave Maria». E que objecta contra a dita reza?

1.º Que não é saudação *angelica*; pois contem além das palavras do Anjo, palavras de *Santa Isabel* e palavras que a Igreja lhe accrescentou.

2.º Que a Igreja fazendo arditosamente circular esta oração debaixo do nome de saudação angelica, quer fazer crêr ao povo simples, que o Anjo orou a Maria; e que portanto não pôde ser mau que nós façamos o mesmo.

3.º Que nada ha na saudação Angelica que possa justificar o culto que se offerece á Virgem Maria.

Respondo: 1.º que a Ave Maria se chama saudação angelica (embora eu possa affirmar que a gente simples não me entenderia se fallasse de «saudação angelica»; o povo simples conhece a Ave Maria e não conhece a saudação angelica) se chama saudação angelica, porque principia pela saudação do archanjo S. Gabriel, e tambem porque tudo o que segue a saudação do Anjo, as palavras de Sta. Isabel e as da Igreja nella se fundam.

2.º Que é grande mentira, sustentar com o autor, que a Igreja quer fazer crêr ao povo simples que o anjo orou a Maria; e portanto que não pôde ser mau que nós tambem o façamos;—pois excepção feita dos bobos e dos simplorios, todos os catholicos até meninos e meninas de 8 a 9 annos, quando frequentam o Catecismo, conhecem pelas instrucções do clero a origem da Ave Maria.

3.º Que o culto que na saudação angelica se offerece a Maria se pôde explicar muito bem, pois: a) as palavras «Ave Maria» ou «Deus te salve», embora contivessem a saudação commum daquelle tempo, não deixará de ter uma grande si-

gnificação na bocca d'um Anjo, expressamente enviado para annunciar á SS. Virgem sua eleição como Mãe de Deus; era uma saudação celeste feita em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo a Maria SS. pela bocca d'um Anjo; por consequente um culto de veneração.

b) Tambem as palavras « O Senhor é convosco », embora dirigidas por um Anjo a Gedeão, não tiveram a mesma significação como as que foram ditas a Maria. Alli não exprimiam senão uma assistencia especial de Deus na libertação do povo judaico de seus oppressores, aqui uma permanescencia não interrupta de Deus com a SS. Virgem, porconsequente motivo de veneração da nossa parte.

c) O mesmo deve-se dizer das palavras « cheia de graça » endereçadas tambem a outras pessoas. Se ellas eram repletas de graça aos olhos de Deus, não o eram assim como Maria SS. que desde o momento da sua conceição já estava cheia de graça pelo privilegio da Immaculada Conceição, que nunca, assim como acontece a todos os outros tinha perdido a minima parcella de graça, pelo contrario até o fim da sua vida devia duplical-a a cada instante, privilegio tambem digno do nosso culto.

d) Emfim tambem as palavras « Bemdita sois vós entre as mulheres » applicadas outr'ora a Isabel não têm o sentido das mesmas palavras dirigidas a Maria SS., pois por ellas Maria SS. foi saudada como a mulher por excellencia, como aquella que por seus ineffaveis privilegios se avantajava sobre todas as passadas, presentes e futuras e por isso é falso, absolutamente falso que estas palavras não podem justificar o culto que se tributa a Maria SS.

E agora chegado ao fim deste capitulo, no qual refutei claramente todas as objecções que o odio á SS. Virgem Maria inspirou ao autor *da Noite com os Romanistas* vem mui a proposito relatar umas palavras de Ventura de Raulica: « O odio, observa elle, cega assim como o amor esclarece. Dominado pelo odio, o homem por mais elevado que seja seu espirito, nada mais vê, nada mais ouve, não sabe mais nem o que diz, nem o que faz. Isto explica a insolencia, a injustiça, a sem razão com que a heresia julga e calumnia a Igreja a respeito do assumpto de que tratamos. » [o culto da SS. Virgem Maria] « A Igreja Catholica, essa importante reunião de 200 a 300 milhões de creaturas humanas, entre as quaes unicamente se encontra a maior abundancia de luzes e virtudes, de cujo seio unicamente sahiram e sempre saem os homens verdadeiramente grandes, a gloria da humanidade, pela altura da sua sciencia e pelo heroismo das suas virtudes: uma aspiração tal, dizemos, que unica mantem ha dezanove seculos no meio do mundo, o facho da verdade sem

« nuvens, e a da virtude sem macula, não é para a heresia
« e para a incredulidade sua filha, outra cousa mais do que
« um montão de imbecis, de idiotas e de supersticiosos, que
« fizeram de Maria uma deusa e adoram como se fosse uma
« deusa para a vergonha do verdadeiro e unico Deus! Que
« insolencia! Que cegueira!»

Ouçam, accrescento eu, esses homens receiosos de incidir na mariolatria, ouçam esta piedosa exhortação: « Não se lhe
« (à SS. Virgem) tributem honras unicamente com a lingua,
« com genuflexões, prostrando-os diante d'Ella; tudo isto fazem
« tambem os impios; mas com todas as forças de nosso ser,
« do intimo d'alma, com o pensamento e com os labios, em
« verdade e perante Deus, digamos-lhe: Bemaventurada ó Vir-
« gem. »

Quem foi o piedoso autor que isto escreveu?

Foi Martinho Luthero, o pai primeiro e commum dos Methodistas, protestantes, etc, etc; (Opera. Tomo V. p. 85.)





CAPITULO XII

O SACERDOCIO CHRISTÃO

Assim como o autor das *Noites com os Romanistas* consagrou os quatro capitulos, de que já tratamos, a impugnar a doutrina Catholica no que diz respeito ao culto dos Santos, assim tambem vai consagrar os quatro seguintes a atacar a mesma doutrina no que diz respeito ao Santissimo Sacramento da Eucharistia.

A importancia do assumpto a isto o obrigou. Pois escreve: « A importancia dos principios que envolve, o grande apreço « em que q têm os membros da Igreja Romana, o facto de « ser tido por elles como o maior e mais solemne de todos os « seus ritos, e como o mais efficaz, precioso e inestimavel de « todos os mysterios da sua fé, tornam sempre a sua discussão « particularmente interessante.

« Os elementos mais essenciaes e caracteristicos do romanismo acham-se todos envolvidos neste dogma, ao passo « que as maiores verdades do christianismo protestante estão « em aberta lucta com elle. Por esta razão tem este sido « sempre um assumpto de controversia em meu trato com os « Catholicos Romanos. »

Preparemo-nos portanto para a lucta, que neste capitulo versará SOBRE O SACERDOCIO CHRISTÃO.

Para poder negar a existencia do Sacerdocio Catholico o autor allega as tres razões seguintes:

1.º que na Igreja Catholica, Apostolica, Romana não ha um verdadeiro e proprio Sacrificio propiciatorio;

2.º que na Escripura Sagrada não se falla em sacerdotes do Novo Testamento;

3.º que admittir o Sacerdocio Catholico é virtualmente negar a sufficiencia do Sacrificio da Cruz.

Por isso vou dividir este capitulo em quatro artigos.

No primeiro provarei: a) que o SS. Sacrificio da Missa é um verdadeiro e proprio Sacrificio; b) que este Sacrificio é propiciatorio.

No segundo mostrarei claramente que a Escripura Sagrada falla no Sacerdocio da Nova Lei.

No terceiro, explicarei que admittir o SS. Sacrificio da Missa não é negar a sufficiencia do SS. Sacrificio da Cruz.

No quarto, responderei a algumas difficuldades do autor.

ARTIGO I

A. O SS. Sacrificio da Missa é um verdadeiro e proprio Sacrificio

Antes de provar esta verdade será muito util para seu bom entendimento explical-a brevemente.

Sustentam os protestantes que, pela morte de Jesus na Cruz, pelo sacrificio que Elle offereceu a seu Pae Eterno na sexta-feira santa, não sómente foram abrogados todos os sacrificios da Lei Antiga, senão também impossibilitados todos os sacrificios futuros, de sorte que na Nova Lei não ha sacrificio verdadeiro e proprio a não ser o Sacrificio que Jesus consummou no Calvario. D'ahi as palavras do autor das *Noites com os Romanistas*: « não ha mais do que um sacrificio verdadeiro « e propiciatorio para expiar e tirar os peccados, a saber: o « Sacrificio que Jesus consummou no Calvario. Este é o Sa- « crificio reconhecido por todas as igrejas protestantes e, fóra « deste não reconhecemos nenhum outro por verdadeiro e pro- « piciatorio.»

Pois bem; a verdade, que vou provar contra o autor, neste artigo, é, que o SS. Sacrificio da Missa, pelo qual o cruento sacrificio da cruz é commemorado, representado, reproduzido, é, *no rigor do termo, um verdadeiro e proprio Sacrificio*, reservando-me a provar em seguida, que este sacrificio é também *propiciatorio*.

Ora, para provar esta verdade, eu appello 1.^o PARA A ESCRITURA SAGRADA.

Com effeito na Escripura Sagrada vemos o SS. Sacrificio da Missa *figurado, predito, promettido, instituido e offerecido* como o verdadeiro e proprio Sacrificio da Nova Lei.

Digo 1.^o FIGURADO. E como? Pelo sacrificio incruento de pão e de vinho, que o rei Melchisedech *em qualidade* de sacerdote do Altissimo, offereceu a Deus (Gen. XIV. 18, 19.) Esse rei Melchisedech era uma figura de Jesus Christo, e seu sacer-

docio uma figura do d'Elle; pois a Escriptura Sagrada (Ps. CIX. 4) diz: «Jurou o Senhor e não se arrependirá: Tu és « Sacerdote eternamente segundo a ordem de Melchisedech.» Ora, sendo Jesus Sacerdote para sempre segundo a ordem de Melchisedech, claro está, que assim como esta devia offerrecer a Deus um sacrificio com pão e vinho, e isto não uma só vez mas para todo o sempre.

Ora bem; quando vemos que Jesus offereceu tal sacrificio inculpado de pão e vinho? De certo não foi quando morreu na cruz. Quando então? Na ultima ceia, quando tomando em suas sagradas mãos o pão e o calix com vinho, benzeu-os e os repartiu entre seus Apostolos, dizendo-lhes: Comei e bebei este é o meu corpo que é dado por vós; este é meu sangue que é derramado por vós. Nesta occasião Jesus *offereceu segundo a ordem de Melchisedech*; e quando depois disto disse a seus Apostolos: «fazei isto em memoria de mim» elle se tornou Sacerdote *eternamente* segundo a ordem de Melchisedech, *impondo a seus Apostolos e aos successores delles no Sacerdocio a obrigação de perpetuarem o sacrificio*, que elle acabava de offerecer.

Por consequente, se o sacrificio de Melchisedech foi um verdadeiro e proprio Sacrificio e esta é doutrina expressa já na Biblia tanto no lugar citado, como na carta de S. Paulo aos Hebreus, tambem o é o SS. Sacrificio da Missa. E isto é confirmado pelos SS. Padres da Igreja, dos quaes só citarei S. Clemente de Alexandria que diz: « Melchisedech, o rei de Salem, « o sacerdote do Altissimo, offereceu pão e vinho sanctificado « como figura da Eucharistia, » e pelas palavras de alguns antigos Rabbins, que viveram antes de Jesus Christo, como comprovam estas palavras de Phinces: « No tempo do Messias « cessarão todos os sacrificios, porém *não cessarão os sacrificios « de pão e de vinho*; pois assim se lê em Gen. XIV. 18 e Melchisedech rei de Salem offereceu pão e vinho: » Melchisedech « pois, isto é o rei Messias fará uma *excepção nesta abrogação* para « o sacrificio de pão e de vinho conforme diz Ps. CIX, 5: Tu és « Sacerdote eternamente segundo a ordem de Melchisedech. » (A's objecções que faz o autor no capitulo seguinte, que trata do SS. Sacrificio da Missa, responderei tambem no capitulo seguinte.)

2.º E o que a figura já representava, *tambem o predisse a propheta.*

Entre todas as prophcias, que dizem respeito ao SS. Sacrificio da Missa, escolherei só a do propheta Malachias (I. 10, 11.) « Quem ha entre vós » (assim reprehende, elle em nome de Deus os sacerdotes da Antiga Lei, que se descuidavam do serviço dos altares) « quem ha entre vós que feche as portas « e accenda o lume do meu altar gratuitamente? O meu affecto « não está em vós, diz o Senhor dos exercitos, nem eu rece-

« herei algum donativo da vossa mão. *Porque* desde o nascente do sol até o poente é o meu nome grande entre as gentes e em todo o lugar se sacrifica e se offerece em meu nome uma oblação pura, porque o meu nome é grande entre as gentes, diz o Senhor dos exercitos. »

(Nota-se aqui, que a palavra « *minchah* » traduzida oblação pura, propriamente era um sacrificio de pão e de vinho, que tinha connexão com os sacrificios cruentos do culto mosaico.)

Ora, que esta prophesia se realisou em sua totalidade e em cada uma das suas partes só no SS. Sacrificio da Missa, só o negará quem de todo não quizer abrir os olhos para vêr. — Pois que prediz o propheta?

Prediz: *a) que um novo culto deverá substituir o antigo culto dos judeus*; pois o culto futuro, de que falla elle, é tributado a Deus não somente na terra dos judeus, mas *pelo mundo inteiro* (desde o nascente do sol até o poente;) não somente entre o povo judaico, *mas entre muitos povos* (entre as gentes; gentes na forma plural na Escriptura Sagrada sempre significa uma multidão de povos;) não somente em um só lugar, mas *em todos os logares* (em todo o lugar;) ora todas estas circumstancias são absolutamente contrarias ao culto judaico, que era limitado tanto quanto ao lugar (a cidade de Jerusalem,) como quanto ao povo (os judeus) e á extensão (o territorio das 12 tribus,) e por isso dizem respeito a outro culto, a um culto novo.

Prediz: *b) o tempo em que este novo culto será tributado a Deus*. Pois será no tempo messianico, no tempo de Jesus Christo; e a razão é, porque antes da vinda de Jesus Christo não se terão realisado as palavras: « o meu nome é grande entre os povos. » Só com a vinda de Jesus o conhecimento do verdadeiro Deus espalhou-se pelo mundo todo.

Prediz: *c) a qualidade deste novo culto*. Será um culto não interno, mas *externo*; pois sobre ser comparado como culto mais excellente, que o culto mosaico que era externo, é descrito com palavras que só dizem respeito a um culto externo: « eu não receberei algum donativo de vossa mão — « se sacrifica » — « se offerece uma oblação munda. »

Prediz: *d) a natureza deste culto externo*. Será um *verdadeiro sacrificio*; pois as palavras hebraicas, que o descrevem nunca no Antigo Testamento são empregadas para exprimir um culto interno, ou no culto externo oblações que não sejam *verdadeiros sacrificios*; além disto segundo todo o contexto os sacrificios mosaicos não serão simplesmente abolidos mas *substituidos d'um modo mais excellente* por um novo sacrificio, que será offerecido (como se vê em Malachias III. 3) por sacerdotes preparados por Deus e figurados pelos sacerdotes da tribu de Levi.

Agora pergunto eu: *Em que sacrificio da Nova Lei realisou-*

se esta prophesia de Malachias? De certo, não foi no SS. Sacrificio, que *Jesus offereceu e consummou na cruz*. Pois a razão é evidente; embora fosse « uma oblação pura » não era um « *minchah* » isto é um sacrificio incruento de pão e de vinho; não foi offerecido desde o nascente do sól até o poente, entre as gentes e em todo o lugar, etc, etc; n'uma palavra nelle não se cumpriram todas as circumstancias preditas pelo propheta. E' só no SS. Sacrificio da Missa que ellas se cumpriram todas e de modo mais completo. Por conseguinte, o que predisse o propheta, cumpriu-se no SS. Sacrificio da Missa e portanto a SS. Missa é o novo verdadeiro e proprio Sacrificio predito por Malachias. E na verdade, o SS. Sacrificio da Missa: a) substituiu todos os sacrificios mosaicos; b) foi instituido no tempo messianico; c) é offerecido desde o nascente do sól até o poente; d) entre todos os povos; e) em todo o lugar. Além disto SS. Sacrificio da Missa: f) é offerecido em nome de Deus; g) é uma oblação munda e mundissima, pois contem o verdadeiro corpo e sangue de Jesus Christo, o Cordeiro Immaculado; h) é um verdadeiro *minchah*, isto é sacrificio incruento de pão e de vinho connexo intimamente com o sacrificio cruento da cruz, do qual não differe essencialmente, e que commemora, representa, e reproduz. Por conseguinte o SS. Sacrificio da Missa é o novo verdadeiro e proprio Sacrificio predito pelo propheta Malachias.

3.º A esta prophesia de Malachias junta-se tambem a *promessa do SS. Sacrificio da Missa* feita pelo proprio Jesus Christo João IV. 21, 23. « Mulher, disse elle á samaritana, crê-me, « que é chegada a hora, em que vós não adorareis o Pae nem « neste monte nem em Jerusalem » « Mas a hora vem, e « agora é, quando os verdadeiros adoradores hão de adorar o « Pae em espirito e verdade. » Pois a respeito destas palavras podemos argumentar do modo seguinte: Jesus nellas falla da verdadeira adoração; e sim da adoração no mesmo sentido em que della falla a mulher samaritana: a saber *da adoração por meio de verdadeiros sacrificios*, como claramente se prova pela opposição do monte Garizim, onde os samaritanos offereciam a Deus seus sacrificios ao templo de Jerusalem onde o faziam os judeus.

Pois bem; a respeito desta adoração por meio de *verdadeiros sacrificios*, declara Jesus, que virá o tempo, e que já é chegada a hora, em que ella não será mais ligada a lugar algum, nem ao templo de Jerusalem, nem ao monte Garizim, mas que será uma nova adoração verdadeira e espiritual; sem sombras e figuras, sem algum sentido carnal.

Ora estas palavras, ao passo que *não podem applicar-se com tanta facilidade á simples adoração*, que não estava ligada a um lugar certo, nem era typica: acham seu *inteiro e facil*

cumprimento no SS. Sacrificio da Missa. E por conseguinte o SS. Sacrificio da Missa é a nova adoração por meio de verdadeiros sacrificios promettida por Jesus, e por isso um verdadeiro e proprio Sacrificio.

4.º Mas se a figura, a prophesia, a promessa do SS. Sacrificio da Missa já provam a sua realidade, ainda mais claramente o prova a sua *instituição*; pois é certo, absolutamente certo que *Jesus Christo na ultima ceia offereceu ao Pae Eterno um verdadeiro e proprio Sacrificio, e que o SS. Sacrificio da Missa delle não differe substancialmente*. A circumstancia do tempo, que elle escolheu para sua nova ceia, já é sob este respeito muito notavel e de grande significação. Foi logo depois de ter comido com seus Apostolos o cordeiro pascal dos judeus. Ora é fora de duvida, (os mesmos protestantes que antigamente o negavam, agora se veem constringidos a concedel-o,) que a immolação do cordeiro pascal era tida por todos os judeus na conta *d'um verdadeiro sacrificio*. Só por isto, portanto, que Jesus fez seguir a sua nova ceia immediatamente depois da ceia pascal, elle já quiz mostrar, que sua nova ceia seria tambem um verdadeiro sacrificio.

E isto é plenamente confirmado, ou por melhor dizer evidentemente provado pelas palavras, que Jesus fallou, quando offereceu a seus Apostolos o calix; « Bebei deste (... calix) todos, porque é o meu sangue do novo testamento, que será « (no grego « *é* ») derramado por muitos para remissão dos « peccados. » Por estas palavras Jesus compara *seu testamento*, que elle chama o *novo* testamento, como o antigo testamento com o dos judeus; *seu sangue*, com que confirma seu novo testamento, com que o antigo testamento foi confirmado; *a natureza do seu sangue* com a do sangue do Antigo Testamento. Ora é fora de duvida, que o sangue, com que foi confirmado o antigo testamento, era um sangue *sacrifical*, um sangue derramado por modo de sacrificio, um sangue derramado em remissão dos peccados, como se vê claramente em Exod. XXIV. 8; Hebr. IX 18 e 20, logo o sangue que Jesus em confirmação de seu novo testamento deu a beber a seus discipulos, tambem *devia ser um sangue sacrifical*, um sangue derramado por modo de sacrificio, um sangue derramado em remissão dos peccados. E como Jesus, segundo o texto grego, diz que este sangue *no momento em que offerece o calix aos Apostolos é derramado*, segue-se necessariamente, que *naquelle momento Jesus offerece um verdadeiro sacrificio* que não pôde ser o da cruz porque Jesus falla *no presente* « é derramado, » e não, « *no futuro* « será derramado. » Por conseguinte a ultima ceia era um verdadeiro e proprio sacrificio.

E isto tornar-se-ha ainda mais evidente, se consideramos em sua totalidade as palavras que empregou o Nosso Divino

Salvador na instituição da Eucharistia, referidas por São Matheus XXVI. 26; Marc. XIV. 22; Lucas XXII. 20. I. Cor. XI. 23.

E ceiaando tomou Jesus o pão, o benzeu, o partiu e deu aos seus discipulos e disse: Recebei e comei, isto é meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memoria de mim. Do mesmo modo também tomado o calix depois que ceiou, disse: Bebei deste todos, porque este é o meu sangue do novo testamento que será (no grego: *é*) derramado por muitos (no grego *pelos* muitos isto é por todos) para remissão dos peccados.

Segundo estas palavras pois, Jesus dando-lhes a comer o pão consagrado, disse: Isto (isto que tenho nas mãos e agora vos dou) é o meu corpo, que é dado (isto é, agora mesmo se dá) por vós e não a vós em remissão dos peccados. E depois, dando-lhes a beber o calix com o vinho consagrado, este (isto é, este vinho consagrado que tenho nas mãos e agora vos dou) é o meu sangue do novo testamento (o sangue sacrificial do novo testamento), que é derramado (isto é agora mesmo se derrama) para muitos (... para todos) para remissão dos peccados.

Ora que significam estas palavras senão: que Jesus Christo *naquelle mesmo momento* em que fallava assim e dava aos Apostolos o pão e o vinho consagrado, offerecia um verdadeiro e proprio sacrificio; que *naquelle mesmo momento* dava devéras seu corpo e sangue e morria mysticamente pela separação do seu corpo e sangue em remissão dos peccados; que *naquelle mesmo momento* por uma verdadeira substituição se offerecia pelos homens e morria por elles uma morte mystica para apylacar a ira de Deus Pae e alcançar delle o perdão de todos os peccados de todos os homens?

E não ha logar para o subterfugio dos protestantes que asseveram, que estas palavras diziam respeito *ao sacrificio da cruz*, á morte expiatoria que Jesus no dia seguinte ia morrer no monte Calvario. Pois tanto as palavras de S. Lucas que *não* diz que o seu corpo *será* dado, mas é dado, isto é, *se dá* agora mesmo para remissão dos peccados e que seu sangue *será* mas segundo o grego *é* derramado, isto é, *se derrama* agora mesmo como as de S. Paulo, I Cor. XI. 24, excluem qualquer sacrificio *futuro* e fallam terminantemente d'um sacrificio *presente*. Por conseguinte segue-se da propria instituição que Jesus na ultima ceia offereceu um verdadeiro e proprio sacrificio.

Mas se Jesus na ultima ceia offereceu um verdadeiro e proprio sacrificio, segue-se também, que a SS. Missa *deve ser um verdadeiro e proprio sacrificio*; pois a Missa é a representação, a *reprodução do sacrificio da ultima ceia*, mandada aos Apostolos e aos successores delles pelas palavras do proprio Jesus Christo, quando disse (Luc. XXII. 19): « Fazei isto em memoria de mim, » e *instituida* não por algum tempo mas *para sempre* (I Cor. XI. 26) « até que venha o Senhor. »

5.º Emfim, o que põe remate a toda a nossa argumentação, é, *o facto de ser offerecido o SS. Sacrificio da Missa já desde os tempos dos Apostolos.*

Assim, por exemplo, lêmos (Act. XIII. 2): « No tempo porém em que *elles offereciam o Sacrificio ao Senhor* e jejuavam disselhes o Espirito Santo. » As palavras « offereciam o Sacrificio ao Senhor » são a versão em latim « ministrantibus autem illis Domino, » e as mesmas palavras no grego soam « leitourgoutôn dê autôn tō kyriō. » Ora o verbo leitourgéo nas divinaes letras sempre significa *sacrificar*. Porém como muitos protestantes, embora sem sufficiente fundamento, não admittem esta versão, vou allegar outra prova mais clara ainda :

« O calix de benção que benzemos não é porventura a « communhão do sangue de Jesus Christo? e o pão que distribuímos, não é a participação do corpo do Senhor? Porque, « ainda que em grande numero, somos um mesmo pão, um « mesmo corpo, todos aquelles que participamos d'um mesmo « pão. Considerai a Israel segundo a carne; por ventura não « comem as victimas, não participam do altar? Pois que? digo « que o que foi sacrificado aos idolos seja alguma cousa? ou « que o idolo seja alguma cousa? Porém tudo o que é sacrificado pelos gentios, é sacrificado aos demonios e não a Deus. « Ora eu desejo que não tenhaes sociedade com os demonios; « não podeis beber o calix do Senhor e o calix dos demonios. « Não podeis ser participantes da mesa do Senhor e da mesa « dos demonios! » (I. Cor. X. 16.)

Destas palavras do grande S. Paulo comprova-se com a clareza da luz do dia, que já nos tempos apostolicos o SS. Sacrificio da Missa era offerecido na Igreja.

Com effeito, o fim que o Apostolo S. Paulo se propõe nestas palavras, é, afastar os primeiros christãos de comer das victimas que tinham sido offerecidas nos altares dos falsos deuses dos pagãos. Como procura alcançar este fim? Estabelecendo como principio inabalavel: *quem come das victimas offerecidas n'um altar, por isso mesmo participa deste altar, isto é, participa do culto que se tributa á divindade adorada neste altar;* e illustrando-o pelo exemplo dos judeos e dos gentios. Os judeos, diz elle, comendo as victimas offerecidas no templo de Jerusalem, *participavam por isso mesmo do altar de Jerusalem, isto é, do culto que nesse altar se tributava a Jehovh, o verdadeiro Deus.* Do mesmo modo os pagãos comendo as victimas offerecidas em seus templos, *participavam dos altares desses templos, isto é, do culto que nesses altares se tributava aos falsos deuses.* Estabelecido este principio, o Apostolo d'elle tira a conclusão necessaria: ora, se isto é verdade, se quem come das victimas d'um altar participa do culto tributado á divindade adorada neste altar, como então podeis vós, que fostes

participantes da mesa do Senhor, onde o calix que bebemos é a communhão do sangue de Christo e o pão que distribuimos é a participação do corpo do Senhor, por outras palavras, como podeis vós *que, comendo e bebendo das victimas de nossos altares, comestes e bebestes o corpo e o sangue de Jesus Christo que é offerecido em nossos altares e participastes do culto tributado ao verdadeiro Deus pelo SS. Sacrificio da Missa*, como podeis vós depois comer das victimas offerecidas nos altares dos pagãos e por conseguinte *participar do culto dos falsos deuses, isto é, dos demonios*, pois tudo o que é sacrificado pelos gentios, é sacrificado aos demonios e não a Deus? Não vêdes que isto é uma contradicção? Não vêdes que não podeis beber o calix do Senhor e o calix dos demonios, que não podeis participar da mesa do Senhor e da mesa dos demonios?

Por conseguinte, segundo o Apostolo S. Paulo os primeiros christãos tinham, assim como os judeos e os gentios, um altar em que sacrificavam a Deus; e a victima deste altar era o *corpo e o sangue de Jesus Christo sob as especies de pão e de vinho como é evidente pelo texto*; por outras palavras os primeiros christãos, assim como nós, celebravam o SS. Sacrificio da Missa. E isto é confirmado por estas outras palavras do mesmo Apostolo (Hebr. XIII. 10): «Temos um altar do qual não têm « faculdade de comer os que servem ao tabernaculo. » Aqui S. Paulo diz, que os christãos têm um altar assim como o tinham os judeos, e, por conseguinte, um altar em que se faziam verdadeiros e proprios sacrificios, como segue necessariamente da opposição que delle faz o Apostolo ao dos judeos em que tambem se faziam verdadeiros e proprios sacrificios. Ora qual era este altar? Não pôde ser, assim como o querem os protestantes, *o altar da Cruz*, pois a elle não é applicavel a palavra *comer* de que se serve o Apostolo e que deve ser tomada em seu sentido natural, como provam as palavras: um altar do qual não têm faculdade de comer os que servem ao tabernaculo; pois os sacerdotes da Antiga Lei *deveras comiam* das victimas de seus altares. Jesus *no estado em que morreu* não pôde ser comido como cousa sacrificada; logo deve ser um altar cuja victima pôde ser comida; por outras palavras o altar em que o corpo e o sangue de Jesus Christo é sacrificado ao Pae Eterno, visto como a Igreja fóra do Sacrificio da Cruz e da Missa não reconhece outro. E por conseguinte nos tempos dos Apostolos o SS. Sacrificio da Missa já era offerecido a Deus como um verdadeiro e proprio Sacrificio. Disto tambem nos convencem Act. II. 42; XX. 11, onde os Apostolos celebram na Igreja de Jerusalem e S. Paulo em Troade.

Mas não é somente pela Biblia que provamos terminantemente, que o SS. Sacrificio da Missa é um verdadeiro e pro-

prio Sacrificio; esta verdade é tambem ensinada PELA TRADIÇÃO. Allí os testemunhos são tão claros e tão frequentes, que me dispenso de cital-os e só me limito a referir o que o protestante João Ernesto Grabe (In. S. Iren: L. 4; cap. 17; al. 32) se viu obrigado a escrever, como resultado d'um sério exame: « E' certo, que S. Irineo e outros Santos Padres cujos testemunhos temos, tanto os que ainda viram os Apostolos, como os que immediatamente lhes succederam, consideravam a Eucharistia como o Sacrificio da Nova Lei, e offereciam a Deus Padre sobre o altar pão e vinho, offerecendo essas dadivas sagradas antes da consagração como as primicias das creaturas para reconhecer o seu supremo dominio em todas as cousas; e depois da consagração como o mystico corpo e sangue de Jesus Christo, para assim representar o sacrificio cruento, que elle offereceu de seu corpo e sangue na cruz e para alcançar os fructos da sua morte por todos aquelles por quem é offerecido. Quanto ao mais, esta doutrina não é doutrina de uma igreja, ou de qualquer doutor, mas era a doutrina praxe da Igreja universal. A Igreja a recebeu dos Apostolos, e os Apostolos de Jesus Christo. E' isto o que nos ensina S. Ireneo; o que antes delle nos ensinaram S. Ignacio e S. Justino; o que depois d'elles nos ensinaram Tertulliano e Cypriano. E' isto o que claramente está contido na carta de S. Clemente aos Corinthios. » E depois conclue: « Oxalá pudessem todos, visto como muitos doutores protestantes reconheceram a verdadeira doutrina da Igreja Apostolica a respeito deste ponto e o erro de Luther e Calvino, pudessem todos concordar na resolução de render á Magestade Divina esta honra, que lhe é devida; e por isso restituíssem o uso das sagradas liturgias, que sem razão regeitaram e nas quaes se vê o modo por que se deve offerecer a Deus este Santo Sacrificio. » (Cf. Dallinger, die Lehre der Euch. in den ersten drei Jahrh. pag. 97).

Coitado de Grabe, vencido pela evidencia dos factos, elle quiz voltar ao gremio da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, mas seduzido pelos sophismas capciosos de alguns ministros protestantes, ficou protestante, foi para Inglaterra e deixou ordenar-se padre na igreja anglicana!

Depois destas duas provas tiradas da Biblia e da Tradição, eu poderia allegar ainda muitas outras, valendo-me por exemplo dos argumentos da historia, da prescripção, da razão theologica, mas basta; pois quem não se deixou convencer pelas provas tão claras e preremptorias da Escriptura Sagrada e da Tradição difficilmente será convencido por outras. E por isso vou tratar da minha segunda these provando contra o autor, que o SS. Sacrificio da Missa é verdadeira e propriamente um Sacrificio propiciatorio.

ARTIGO II

O SS. Sacrificio da Missa é verdadeira e propriamente um Sacrificio propiciatorio.

Antes de provar esta segunda parte da minha asserção, quero primeiro explicar o *sentido em que sustento que o SS. Sacrificio da Missa é propiciatorio*. — Dizendo que o SS. Sacrificio da Missa é verdadeira e propriamente um Sacrificio propiciatorio, não quero com isso dizer, que elle *o é no mesmo sentido em que o foi o SS. Sacrificio da Cruz*. Pois na Cruz Jesus mereceu por nós a remissão dos peccados, mas no SS. Sacrificio da Missa elle *não merece mais*; nelle elle *só nos applica* os merecimentos da sua paixão e morte.

Além disto o SS. Sacrificio da Missa não é immediato — mas *só mediatamente* propiciatorio; isto é, elle *não nos dá immediatamente a remissão dos peccados* assim como o fazem os Sacramentos do baptismo ou da confissão; não; elle *só tem a força de nos alcançar immediatamente os auxilios da graça divina, mediante a qual* somos justificados dos peccados mortaes e venias e podemos augmentar nossa justificação. Accresce, que, embora os theologos ensinem, que pelo SS. Sacrificio da Missa se remette sempre e certo, conforme a disposição individual de cada um, aos vivos a *pena temporal* dos peccados (sentido em que se diz que a SS. Missa é propiciatoria para os vivos), isto todavia não é ponto de fé definida; como tambem não é ponto de fé definida, que estes effeitos tanto para os vivos como para os fallecidos são produzidos *ex opere operato*. E' certo porém, que o SS. Sacrificio não aproveita aos fallecidos senão em quanto lhes serve *para a remissão da pena temporal* (mas não para a remissão dos peccados) e que esta pena lhe é remittida *conforme certa lei*, isto é, em quanto *aprouver a Deus applicar-lhes a força propiciatoria do SS. Sacrificio da Missa*. Em fim, embora o valor do SS. Sacrificio da Missa seja *infinito em si*, não é dogma de fé, que o seja tambem *em relação a nós*, pelo contrario, muitos theologos ensinam que com respeito a nós, em sua applicação a nós, é só de valor *finito*.

Se queremos conhecer a doutrina Catholica a respeito deste ponto, basta lêrmos, o que ensina o Concilio Tridentino Sessão XXII, cap. II.:

« Ensina este Santo Synodo que este Sacrificio é verdadeiramente propiciatorio, e que por elle succede, que che-
« gando-nos a Deus com coração sincero e fé recta, com temor
« e reverencia, contrictos e penitentes, alcançamos misericordia
« e achamos graça em auxilio opportuno. Pois aplacado pela

« oblação deste Sacrificio, o Senhor, dando a graça e o dom
« da penitencia, perdoa até crimes e peccados immensos; pois
« é a mesma Hostia, o mesmo Sacrificador, agora porém pelo
« ministerio dos sacerdotes, que então se offereceu na Cruz,
« não havendo differença senão no modo de offerecer. E os
« fructos daquella oblação cruenta se communicam copiosa-
« mente por esta oblação inercuenta; tão longe está que aquella
« se derogue de qualquer modo por esta. »

Dito isto, vou provar que o SS. Sacrificio da Missa é verdadeira e propriamente um Sacrificio propiciatorio.

Se os protestantes não teimassem tanto em admittir esta verdade, não seria preciso gastar muitas palavras para proval-a, pois ella já segue necessariamente da propria *natureza d'um sacrificio*. Na verdade, cada sacrificio verdadeiro e proprio já tende por *sua natureza* a agradar a Deus, a quem é offerecido, a tornal-o propicio e clemente para com os homens e a alcançar delle o perdão dos peccados, a remissão das penas e outros beneficios. Ora, sendo a SS. Missa, como acabo de provar, um verdadeiro e proprio Sacrificio, *força é, que tambem produza os mesmos effeitos*.

Mas deixemos esta prova para allegar outras.

O SS. Sacrificio da Missa, como ficou provado, é o mesmo Sacrificio que Jesus offereceu na ultima ceia: « Fazei isto em memoria de mim ». Por conseguinte deve ter as mesmas qualidades. Ora, « *é impossivel negar, que o Sacrificio offerecido na ultima ceia fosse propiciatorio,* » pois, repartindo o pão consagrado e o vinho consagrado entre seus discipulos, Jesus disse: « isto é o meu corpo que é dado por vós, este é o meu sangue que é derramado por vós *em remissão dos peccados* ». Logo tambem a SS. Missa deve ser um Sacrificio verdadeiro e propriamente satisfactorio, *deve tambem ser offerecido em remissão dos peccados*.

Ha mais: O Apostolo S. Paulo (Hebr. V. 1.) escreve: « Todo o pontifice tomado dentre os homens é constituido a favor dos homens, naquellas cousas que tocam a Deus, para que offereça *dons e sacrificios pelos peccados* ». Deste principio, que estabelece o principal officio de cada sacerdote, conclue S. Paulo, que Jesus do mesmo modo foi tomado dentre os homens e constituido por Deus a favor dos homens para offerecer sacrificios pelos peccados. Ora, como o Divino Salvador *deixou á sua Igreja um altar* (I Cor. X. 14-21. Hebr. XIII. 10) *no qual elle offerece um verdadeiro e proprio Sacrificio por verdadeiros Sacerdotes constituidos por elle, é evidente, que elle alli pelo ministerio delles offerece um sacrificio pelos peccados*; e como este Sacrificio é o SS. Sacrificio da Missa, segue-se que a SS. Missa *é propria e verdadeiramente um sacrificio propiciatorio*.

A' mesma conclusão chegamos tambem considerando a

natureza dos sacrificios do Antigo Testamento que foram abrogados e substituidos d'um modo mais excellente pelo SS. Sacrificio da Missa. Esses sacrificios, como admittem todos os protestantes, eram verdadeiros sacrificios propiciatorios em quanto eram figuras do Sacrificio que Jesus offereceu na Cruz; e de todo não derogaram a este Sacrificio. Ora, sendo isto assim, como então não seria propiciatorio em sentido muito mais elevado e nobre o SS. Sacrificio da Missa, que não é a *figura* do SS. Sacrificio da Cruz, mas a *sua representação*, que contém a mesma Victima que foi offerecida na Cruz, immolada pelo mesmo Summo Sacerdote Jesus Christo, o qual de certo não se offerece para derogar ao Sacrificio que offereceu na Cruz.

Emfim, *ja desde os primeiros tempos do Christianismo o SS. Sacrificio da Missa foi sempre considerado theorica e praticamente como um verdadeiro Sacrificio propiciatorio*. Dahi o costume de offerecer-se o SS. Sacrificio da Missa não sómente para os vivos senão tambem para os fallecidos, como attesta S. Cyrillo de Jerusalem que chama a SS. Eucharistia « *a hostia de propiciação* » e diz: *offerecemos Jesus como Victima tanto por nossos peccados como pelos peccados delles* (dos fallecidos) ». Dahi tambem o uso das mais antigas liturgias como, por exemplo, a de S. Thiago onde lêmos estas palavras e outras analogas: « *Nós vos offerecemos este Sacrificio incruento por nossos peccados e pelas ignorancias do povo.* » Tudo isto prova que já desde os tempos dos Apostolos a Igreja tem considerado o SS. Sacrificio da Missa como verdadeira e propriamente propiciatorio.

Fica, pois, provado contra o autor:

1.º Que o SS. Sacrificio da Missa é um verdadeiro e proprio Sacrificio.

2.º Que é verdadeira e propriamente propiciatorio.

Provemos agora contra elle que a Escriptura Sagrada falla de Sacerdotes do Novo Testamento, isto é, de pessoas, que offerecem verdadeiros sacrificios no Novo Testamento.

ARTIGO III

A Escriptura Sagrada falla em um Sacerdote da Nova Lei

Para poder negar a existencia do Sacrificio Catholico o autor das « *Noites com os Romanistas* » não sómente não admittie que o SS. Sacrificio da Missa, que se offerece na Igreja Catholica, Apostolica, Romana seja um verdadeiro Sacrificio propiciatorio, mas nem admittie, « que em todo o Novo Testamento

« haja um só exemplo, em que os ministros da Igreja sejam chamados *sacerdotes*, palavra esta que significa *quem* ou *o que offerece sacrificios*. Os nomes que ahí se lhes dão, são ministro, pastor, mestre ou instructor, diacono, presbytero, bispo, apostolo. E' um FACTO este que salta aos olhos de todo aquelle que lê a Biblia. »

Provemos pois contra o autor o contrario. Porém, antes uma observação tão justa como necessaria. Cada um entende, que o ponto em litigio, o ponto sobre o qual versa a discussão não é tanto o *nome* como a *cousa*. Pois pouco ou nada importa se o *nome* « sacerdote » sim ou não se encontre no Novo Testamento, ou no Antigo Testamento, pois tem tanto valor como o Novo, porque os nomes pelo andar do tempo podem mudar; basta que nelle se encontre a *cousa*, isto é, que nelle se encontrem *peçoas que offerecem sacrificios ou de quem é predito pelos prophetas que offerecerão sacrificios na Nova Lei*. Encontrando-se taes pessoas, qualquer aliás seja seu nome, quer se chamem presbyteros, quer bispos, quer apostolos, podemos dizer com pleno jus que a Escriptura Sagrada, o Antigo ou Novo Testamento falla em sacerdotes da Nova Lei. Ora bem: sustento contra o autor, que segundo a Biblia 1.º *deve haver Sacerdotes*, isto é, Sacrificadores no Novo Testamento e 2.º que segundo a Biblia *ha Sacerdotes ou Sacrificadores no Novo Testamento*.

Digo: I. *Segundo a Biblia deve haver Sacerdotes, isto é, Sacrificadores no Novo Testamento*. A razão é: a) porque o Antigo Testamento *promette* ao Novo verdadeiros sacerdotes: b) porque o Novo Testamento *suppõe* clara e necessariamente a sua existencia. Com effeito no Antigo Testamento vemos o Sacerdocio Catholico promettido por Deus e predito pelos prophetas. Allego para proval-o em primeiro logar a prophesia de Isaias (LXVI: 21.): « E eu escolherei dentre elles sacerdotes e levitas, diz o Senhor. » Aqui, pois, temos uma promessa formal de Sacerdotes. E que estes Sacerdotes seriam verdadeiros Sacerdotes, isto é, Sacrificadores do Novo Testamento é evidente por todo o contexto. Pois em todo este capitulo o propheta falla da abolição dos sacrificios da Lei Antiga e da sua substituição por outro Sacrificio na Nova Lei, como tambem da conversão dos gentios á verdadeira fé no tempo messianico, e prediz que será mormente *dentre desses gentios*, que Deus escolherá os Sacerdotes deste Novo Sacrificio. Ora, como a Nova Lei não devia haver outros Sacrificios *offerecidos por sacerdotes* a não ser o SS. Sacrificio da Missa, sendo o SS. Sacrificio da Cruz offerecido por Jesus Christo *sem auxilio de sacerdotes*, claro está, que estes Sacerdotes, promettidos por Deus e preditos pelo propheta, deviam ser os que offereciam o SS. Sacrificio da Missa; e, por consequinte, que Deus *prometteu e o propheta predisse aqui o Sacerdocio Catholico*. E como

é impossível que Deus não tenha cumprido esta promessa e que a prophecia não se tenha realisado, é preciso concluir, que na Nova Lei deve haver verdadeiros Sacerdotes, verdadeiros Sacrificadores.

A' mesma conclusão chegamos lendo o propheta Malachias (III. 3.): « e elle purificará os filhos de Levi, e os reficará como o ouro e como a prata, e elles offerecerão sacrificios ao Senhor em justiça. » Aqui tambem o propheta, depois da sua magnifica predição (I. 11) da oblação munda que no tempo messianico será offerecida a Deus entre todos os povos, em todo o lugar e desde o nascente do sol até o poente, em substituição dos sacrificios da Lei Antiga, promette Sacerdotes, isto é, verdadeiros Sacrificadores como resulta claramente da allusão ao *sacerdocio* do Antigo Testamento: « os filhos de Levi » que como Sacrificadores dos sacrificios da Antiga Lei serão substituidos por Sacrificadores da Nova Lei, e da *natureza do Novo Sacrificio*, o qual, como já provei, será um verdadeiro e proprio Sacrificio.

Ora sendo impossível, que este novo sacrificio seja o *SS. Sacrificio da Cruz*, o qual não é offerecido entre todos os povos, em todo o lugar, desde o nascente do sol até o poente, força é, que este novo Sacrificio seja o *SS. Sacrificio da Missa*, e os *Sacerdotes*, de que falla o propheta, *os que offereceriam o dito Sacrificio*. E como tambem esta prophecia deve ser realisada, é preciso concluir, que na Nova Lei deve haver verdadeiros Sacerdotes, verdadeiros Sacrificadores. Por conseguinte; *não podemos negar á Nova Lei um verdadeiro Sacerdocio, por que o Antigo Testamento lh'o promette terminantemente. Mas eu digo mais: o que prometeu o Antigo Testamento, o Novo o suppõe clara e necessariamente.*

De facto, em muitos logares o Novo Testamento falla d'uma mesa, d'um altar, d'um sacrificio (por exemplo Hebr. XIII. 10; I. Cor. X. 16-22.) E esta mesa, este altar, este sacrificio não podem ser a mesa, o altar, os sacrificios dos Judeus, porque o Apostolo os oppõe á mesa, ao altar e aos sacrificios dos Judeus, e diz com expressas palavras que abrogarão e substituirão a mesa, o altar, os sacrificios dos Judeus; nem pôdem ser o *SS. Sacrificio da Cruz*, porque os predicaos delles não combinam com os da Cruz; só são applicaveis ao *SS. Sacrificio da Missa*. Ora não ha mesa, altar ou sacrificio *sem sacerdote, isto é sem sacrificador*. Por conseguinte, se o Apostolo ensina que na Nova Lei ha uma mesa, um altar, um Sacrificio, elle suppõe clara e necessariamente, que *ha tambem um Sacerdocio na Nova Lei*, senão teria dito um disparate. E deste modo fica provado, *que segundo a Biblia DEVE HAVER na Nova Lei verdadeiros Sacerdotes, verdadeiros Sacrificadores.*

Mas eu vou mais adiante e digo, *que segundo a Biblia HA*

na Nova Lei verdadeiros Sacerdotes e verdadeiros sacrificadores.

Isto é absolutamente certo quanto *aos Apostolos*. Pois os Apostolos decerto não podiam esquecer-se da ordem formal, que lhes deu Jesus, quando na ultima ceia lhes disse: « Fazei isto em memoria de mim. » Com estas palavras elle lhes impoz a obrigação de perpetuarem o que elle acabava de fazer, de offerecer o mesmo sacrificio, que elle tinha offerecido. Ora como não se pôde admittir que os Apostolos desobedecessem a esta ordem formal, é preciso crêr, que elles de facto offereceram o SS. Sacrificio da Missa. E isto é confirmado pela Escripura Sagrada. Pois nos Actos dos Apostolos (II. 42) lêmos que elles em reunião com todos os fieis celebravam o SS. Sacrificio da Missa: « E todos perseveravam na doutrina dos Apostolos, *na communicação da fracção do pão* e nas orações. » A *communicação da fracção do pão*, segundo a linguagem biblica, autorizada pelo que fizera Jesus na ultima ceia, e quando appareceu aos Discipulos de Emmaús, significa a Sagrada Eucharistia, quer considerada como Sacrificio quer como Sacramento. Ora, é evidente pelo contexto que *foram os Apostolos* que distribuiam o Sacramento da Communhão e offereciam o SS. Sacrificio da Missa na primitiva Igreja de *Jerusalem*. O mesmo costumava fazer o *Apostolo Paulo*, que chama á Sagrada Eucharistia (I. Cor. X. 16-22) um sacrificio. Elle quando estava *nas Igrejas que visitava*, sempre celebrava o SS. Sacrificio da Missa, como claramente se prova pelos Actos dos Apostolos (XX. 11): « Depois subindo, e partindo o pão e comendo, fallou-lhes ainda largamente até que foi dia, desta maneira partiu. » Aqui tambem a partição do pão significa o SS. Sacrificio da Missa.

Ora, sendo, como provamos nos artigos precedentes, a SS. Missa um verdadeiro e proprio Sacrificio e sim Sacrificio propiciatorio, segue-se que os Apostolos que offereciam este Sacrificio *deviam ser verdadeiros Sacerdotes*, verdadeiros Sacrificadores, e que o Novo Testamento narrando que elles offereciam o SS. Sacrificio da Missa, com isso mesmo provou, que elles *eram verdadeiros Sacerdotes no rigor do termo*, e por conseguinte que tanto o Antigo como o Novo Testamento fallam em verdadeiros Sacerdotes, verdadeiros Sacrificadores da Nova Lei.

Quanto *aos Apostolos*, portanto, não pôde haver duvida; elles, segundo a Biblia, celebravam nas Igrejas que presidiam o SS. Sacrificio da Missa; elles, apesar da negação do autor são claramente reconhecidos pelo Novo Testamento como verdadeiros Sacerdotes, verdadeiros Sacrificadores.

Agora porém, pergunta-se: que era das Igrejas onde os Apostolos não presidiam? Por quem foi offerecido alli o SS. Sacrificio da Missa? Era um direito de quem quer o quizesse, ou era um officio que só podia ser exercido por *uma certa classe de pessoas*?

Respondo: Era um officio exercido por uma certa classe de pessoas. Pois, embora a Escriptura Sagrada não deponha expressamente em favor dessa asserção todavia, os indícios que ella nos dá, confirmados e explicados pelos testemunhos dos que viram os Apostolos e viveram na sua companhia, obrigam a cada um, que não regeita incondicionalmente a verdade, a reconhecer: que já desde o principio o SS. Sacrificio da Missa tem sido offerecido por uma certa classe de pessoas, a quem hoje em dia chamamos Sacerdotes.

Na verdade, já nos tempos dos Apostolos vemos como chefes de cada secção da Igreja, homens, como taes reconhecidos pelos Apostolos, que governavam aquella secção e nella exerciam jurisdição e a quem aquellas secções da Igreja deviam respeito, obediencia e sustento. (Act. XX. 28. I Cor. XVI, 10-11. Eph. IV. 11).

Além disto, vemos que por esses homens, de que se suppõe que residiam em cada secção da Igreja (como claramente se prova por S. Thiago V. 13: « Estâ entre vós algum enfermo? chame os *presbyteros da Igreja* »), eram exercidos junto aos dōntes actos rituaes aos quaes estava ligado perdão de peccados (I. c. 15: « e se estiver em peccados ser-lhe-hão perdoados »); e este perdão, (como provei claramente no capitulo VI sobre a confissão e absolvição) era dado por elles até às pessoas que lhes confessavam seus peccados.

Por conseguinte, já nos tempos dos Apostolos houve uma certa classe de pessoas, *distinctas de todas as outras, que eram reconhecidas pelos proprios Apostolos como encarregadas dos actos rituaes*. E estes mesmos não terão sido encarregados da confecção e administração da Sagrada Eucharistia, que sempre tem sido considerada nas Igrejas christãs como a acção mais augusta e sublime? Já não pede a *sã razão*, que das palavras de São Thiago V. 13 se conclúa, que a celebração do SS. Sacrificio da Missa não era feito por quem o quizesse, mas por uma certa classe de pessoas, *probabilissimamente pelos mesmos que eram chefes daquellas Igrejas e exerciam actos rituaes*? Os *testemunhos dos contemporaneos dos Apostolos* o attestam terminantemente.

O « *Didaché* », escripto nos annos 80 da nossa era, exige para o SS. Sacrificio da Missa *bispos e diaconos* (XV. I). São Clemente Romano attesta no anno 96, que segundo a ordenação de Deus o *summo sacerdote* (o bispo), os *presbyteros e os diaconos* são instituidos para o santo ministerio, isto é, para sacrificar, etc., assim como o *summo sacerdote*, os sacerdotes e levitas na Antiga Lei. Santo Ignacio de Antiochia († 107) não deixa de avisar os fieis contra os herejes, quando diz: que não ha senão um templo; um só altar, uma só eucharistia (ad. Magn: n.º 7); porque não ha senão uma só carne de Nosso Senhor Jesus Christo e um só calix de seu sangue (ad. Philad, n.º 4); que em cada secção da Igreja não ha senão um só bispo

com os presbyteros e os diaconos (ad. Smyrn, n.º 8); que não se deve considerar legitima a Eucharistia que não seja celebrada pelo bispo, ou por quem d'elle tiver obtido licença para isso (ad. Trall. n.º 8); finalmente que aquelle é puro que se chega ao unico altar, ao qual preside o bispo com os sacerdotes e os diaconos.

Ora, se é *facto historico*, e portanto innegavel, *que os Apostolos S. Pedro e S. Paulo viveram até o anno 66*; e se *S. Clemente Romano e Santo Ignacio de Antiochia dizem de si que elles mesmos, quando escreviam suas cartas, já tinham chegado a uma idade muito avançada, temos tres testemunhas, a saber: o Didaché, S. Clemente e Santo Ignacio do tempo Apostolico*, para quem a celebração do SS. Sacrificio da Missa *por quem o quizer*, isto é, por pessoas que não fossem especialmente ordenadas para esse ministerio, é uma *asserção heretica*, absolutamente *contraria á doutrina dos tempos mais antigos, do tempo Apostolico*.

A quem agora devemos dar mais credito, ou ao autor das *Noites com os Romanistas*, cuja má fé se patenteia a cada instante, ou *aos que conheceram os Apostolos e viveram com elles*, não poderá ser duvidoso para quem tiver tino critico. As palavras da Escriptura Sagrada confirmadas, explicadas e esclarecidas por taes testemunhas não deixam logar para duvidar: que desde o tempo dos Apostolos, tem havido na Igreja Sacerdotes exclusivamente encarregados do ministerio da Sagrada Eucharistia e por conseguinte *verdadeiros Sacrificadores*, porque, como já provei, a SS. Missa é um verdadeiro e proprio Sacrificio propiciatorio. Embora, portanto, no Novo Testamento não se leia o nome «sacerdote» mas só os nomes «pastor, ministro, diacono, presbytero, bispo, apostolo, é absolutamente certo, que nelle se lê a *cousa*, a acção sacrificadora, o officio de sacrificador exercido *não por quem o quizesse mas por uma certa classe de pessoas distinctas de todas as outras*. Essas pessoas *hoje em dia* se chamam sacerdotes, *antigamente* tinham outro nome, e muito provavelmente é que muitas vezes, embora não sempre, fossem designadas com o nome de «*presbyteros*», que significa anciãos, porque os Sacrificadores, os Sacerdotes, as mais das vezes eram escolhidos dentre elles.

Resumindo pois, o artigo todo, digo: Nego contra o autor que a Escriptura Sagrada não falle em sacerdotes da Nova Lei no sentido de verdadeiros sacrificadores. Pois, SEGUNDO ELLA: a) *deve haver verdadeiros Sacerdotes da Nova Lei*, 1.º porque no Antigo Testamento Deus o promette e prediz por seus prophetas, e 2.º porque o Novo Testamento suppõe clara e necessariamente a sua existencia.

b) *Ha verdadeiros sacerdotes*, 1.º porque o Novo Testamento nos mostra claramente os Apostolos sacrificando em suas respe-

ctivas Igrejas. 2.º porque o mesmo Novo Testamento (embora não com palavras tão claras) nos mostra uma classe de pessoas, a quem exclusivamente incumbia o officio de sacrificar, isto é, de offerecer o SS. Sacrificio da Missa.

E dito isto, passo ao terceiro artigo em que provarei: que admittir o Sacerdocio Catholico não é virtualmente negar a sufficiencia de Jesus Christo.

ARTIGO III

Admittir o Sacerdocio Catholico não é virtualmente negar a sufficiencia de Jesus Christo.

Todos os catholicos admittem com S. Paulo (Epist. aos Hebr. X. 14), que Jesus Christo é o Unico Summo Pontífice, o Unico Summo Sacerdote do Novo Testamento, que com sua morte na Cruz satisfaz para sempre por todo o genero humano, mereceu para sempre, para todos, a graça da redempção e da justificação.

Seria, por consequente, negar a sufficiencia de Jesus Christo reconhecer *fora delle outro Summo Sacerdote que lhe fosse igual ou outro que como igual lhe succedesse no sacerdocio para, com outro Sacrificio meritorio*, merecer para todo o genero humano a graça da redempção e da justificação; pois, isto seria contradizer formalmente as palavras do Apostolo « que Jesus é o Summo Sacerdote do Novo Testamento, o qual, por uma só offerenda, consummou para sempre aos que foram santificados. »

Porém, não será negar a sufficiencia de Jesus Christo, reconhecer *outros Sacerdotes não iguaes mas inferiores a Elle*, que como ministros delle, em nome e por authoridade delle, offerecem um sacrificio *essencialmente não differente do da Cruz*, pelo qual, os fructos do SS. Sacrificio da Cruz, isto é, a graça da redempção e da justificação, são applicados aos homens. Pois, neste caso o SS. Sacrificio da Cruz *ficando o unico sacrificio*, conservará sempre seu valor infinito, ficará sempre a causa meritoria, a unica fonte da redempção e da justificação; assim como Jesus Christo ficará sempre o Unico Summo Sacerdote, sendo elle o principal ou por melhor dizer o Unico agente, embora com assistencia de seus ministros, na applicação dos fructos da sua morte na Cruz.

Ora bem; é neste ultimo sentido que se falla dos Sacerdotes da Nova Lei. Elles, embora *verdadeiros sacerdotes*, isto é, verdadeiros sacrificadores, *não são iguaes* ao Summo Sacerdote Jesus Christo, são d'uma ordem muito inferior, pois *não são os principaes sacrificadores* no SS. Sacrificio da Missa; quem

propriamente offerece o SS. Sacrificio da Missa é o *proprio Jesus Christo*, pelo ministerio dellez. Por isso diz o Cardeal Manning « que, sendo o sacerdote de Jesus Christo o unico, sem-
« piterno e universal, todos os Sacerdotes da Nova Lei não
« formam com elle senão uma cousa e participam de seu Sa-
« cerdocio. Não ha dois sacerdocios como tambem não ha dois
« Sacrificios pelos peccados. Uma só offerenda remiu para
« sempre o mundo, e esta offerenda é offerecida incessante-
« mente no céu e na terra; no céu pelo Unico Sacerdote no
« altar eterno, na terra por uma multidão e successão de sa-
« cerdotes, que, como participantes de seu Sacerdocio, com
« elle formam uma cousa; não sómente como seus represen-
« tantes, mas em realidade; assim como tambem o Sacrificio
« que offerecem não é uma figura, mas seu verdadeiro real e
« substancial Corpo e Sangue offerecido pelas mãos d'elle. »

Sob este respeito, portanto, não ha nenhuma negação da sufficiencia de Jesus Christo; elle, tanto no SS. Sacrificio da Missa como no da Cruz, é tudo, é o Summo Pontifice.

Nem ha negação alguma da sufficiencia de Jesus Christo com respeito ao *sacrificio* que elles offerecem; pois *não succedem* a Jesus Christo para offerecerem *outro e novo Sacrificio meritorio*. Não; o SS. Sacrificio da Missa é o *mesmo que o da Cruz, é a mesma Victima e o mesmo Sacrificador*, é Jesus Christo que alli se offereceu ao Padre Eterno, assim como elle o fez na Cruz; entre o SS. Sacrificio da Missa e o da Cruz não ha differença especial, elles differem entre si só em cousas accidentaes, mormente no modo da oblação. Por conseguinte, não é *outro e novo sacrificio*, é o *mesmo sacrificio* que é representado, reproduzido. E este sacrificio não é mais *meritorio*, isto é, não merece mais para o genero humano a graça da redempção e da justificação; estes foram os effeitos do SS. Sacrificio da Cruz; o SS. Sacrificio da Missa só *applica* os effeitos do SS. Sacrificio da Cruz, aos para quem é offerecido.

E nisto, tão pouco o autor pôde vêr uma negação da sufficiencia de Jesus Christo; pois todos os protestantes confessam, que o SS. Sacrificio da Cruz, embora mereceu para todo o genero humano a graça da redempção e da justificação, *não é sufficiente* para nossa redempção e justificação, *mas que ainda se precisa de algum meio pelo qual os fructos do SS. Sacrificio da Cruz nos sejam applicados e nos aproveitem*. Elles acham este meio na *fé* e nos *sacramentos*. A fé e os sacramentos segundo elles são os meios, os instrumentos pelos quaes os infinitos merecimentos de Jesus Christo são apanhados e applicados a nossas almas, ou como costumam dizer, nos são imputados. Os catholicos os *acham tambem no SS. Sacrificio da Missa*, pelo qual, sustentam, os infinitos merecimentos de Jesus Christo não nos são imputados *extrinsecamente*, mas applicados

intrinsecamente. Ora, segundo os protestantes, a fé e os Sacramentos, na qualidade de meios pelos quaes os factos do SS. Sacrificio da Cruz nos são communicados, *não negam a sufficiencia de Jesus Christo e do SS. Sacrificio da Cruz*; elles, para não contradizerem á sua propria doutrina, não pôdem sustentar, que o *outro meio, que os Catholicos admittem* como canal pelo qual os infinitos merecimentos do SS. Sacrificio da Cruz nos são applicados, a saber o *SS. Sacrificio da Missa*, nega a sufficiencia de Jesus Christo e da sua morte na Cruz. Pois das duas uma; ou *todos* estes meios, ou *nenhum delles* a nega.

Resta ainda responder ás objecções do autor.

ARTIGO IV

Resposta ás difficuldades do autor

Além dos tres argumentos, por mim já refutados, com os quaes o autor das « *Noites com os Romanistas* » procura impugnar a existencia do Sacerdocio Catholico, a saber, que não tendo a Igreja Catholica, Apostolica, Romana verdadeiro Sacrificio propiciatorio, nem pôde ter verdadeiros Sacerdotes, isto é Sacrificadores; que ignorando o Novo Testamento completamente o nome de Sacerdote, deve tambem ignorar a cousa isto é o Sacerdocio; e que admittir o Sacerdocio Catholico é negar a sufficiencia de Jesus Christo, elle allega mais outras difficuldades, ás quaes vou responder neste artigo.

Assim por exemplo diz que Jesus Christo segundo a Escripura Sagrada é o Unico Summo Sacerdote. A isto respondo, que nenhum catholico o nega, como já estabeleci provando que o Sacerdocio Catholico não é contrario á sufficiencia de Jesus Christo. Porém nada impede que, reconhecendo Jesus como o *Unico Summo Sacerdote* do Novo Testamento, ainda reconheçamos *outros Sacerdotes que lhe sejam inferiores*. A prova temos em Math (XXIII, 9-10), alli se lê: « E a « *ninguem chameis pae vosso sobre a terra: porque um só é « o vosso Pae, que está nos céos. — Nem vos intituleis mes- « tres: porque um só é o vosso Mestre, o Christo.* » E' evidente que, o que neste logar se quiz dizer, é, não que sejam reprovaveis ou condemnaveis os titulos de mestre e de pae, com que distinguimos aos que nos educam e aquelles de quem nascemos, mas apenas, que o grande, o verdadeiro Pae é Deus, autor de toda a vida; e que o mestre especial é Jesus, do quem nos promana toda a verdade. Do mesmo modo e com igual força de logica é preciso distinguir nos textos de S. Paulo. O grande, o principal, é o Summo Sacerdote, é Jesus Christo; os padres Catholicos são Sacerdotes secundarios. Ha

o Pae, o Mestre, o Sacerdote; ha outros paes e mestres e tambem outros Sacerdotes.

Mas, insta o autor, fallando do Summo Pontifice: S. Paulo se refere a Jesus Christo, porém os catholicos, fallando do Summo Pontifice, se referem ao Papa. — Uma objecção tão ridicula quasi não merece séria resposta. Fallando do Papa como do Summo Pontifice, os catholicos em nada derogam ao Summo Pontificado de Jesus Christo, a quem reconhecem Summo Pontifice no mesmo sentido e do mesmo modo que São Paulo. Porém intitulado o Papa Summo Pontifice, querem apenas dizer que elle é o *maior de todos os sacerdotes secundarios*: que elle por ser o chefe *visivel* da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, por ser o *logar-tenente* de Jesus Christo nesta terra, occupa na Igreja militante o summo, o supremo logar depois de Jesus Christo. E com esta resposta cahiu tambem «a difficuldade que, segundo o autor, teem os Romanistas de explicar o summo sacerdocio dos judeus», pois assim como o Papa é o summo, isto é, o maior de todos os Sacerdotes secundarios da Nova Lei, o summo sacerdote dos judeus o era de todos os sacerdotes secundarios da Antiga Lei. Todos os sacrificios se referem ao Sacrificio cruento da Cruz: o SS. Sacrificio da Missa é um sacrificio commemorativo e representativo do da Cruz; os sacrificios da Antiga Lei sacrificios figurativos do da Cruz. Deste modo, Jesus Christo fica sempre o Unico Summo Pontifice; e tanto o summo sacerdote dos judeus como o summo pontifice da Igreja Catholica estão na mesma relação com elle, o dos judeus como figurando, o dos christãos como commemorando e representando o Summo Pontificado de Jesus Christo.

Do mesmo valor intrinseco são as duas objecções seguintes, que procuram impugnar o Sacerdocio Catholico, porque a Escriptura Sagrada (I Cor. XII, 27, 28; Eph. IV, 11, 12), fallando dos varios officios do ministerio christão, não faz menção alguma do Sacerdote ou do Sacerdocio; — e (I Pedro II, 5) não reconhece outro Sacerdocio, fóra do de Jesus Christo, a não ser um sacerdocio espirital, que é proprio a todo o christão. Pois com a maior facilidade respondo á primeira destas objecções: que o nome Sacerdote, com que hoje em dia são intituladas as pessoas que celebram o SS. Sacrificio da Missa, naquelle tempo ainda não era usado; que é certo que alguns dos que allí são nomeados, como, por exemplo, os Apostolos celebraram o SS. Sacrificio da Missa, como já provei; que é evidente que a Biblia ensina que na Nova Lei deve haver e de facto ha verdadeiros sacerdotes. Voltando pois aos textos, digo: das duas uma: ou estes textos não dão uma enumeração completa dos varios officios do ministerio christão, e por consequente nada provam; ou, se a dão, em alguns destes officios

o sacerdocio é subentendido, como, por exemplo, no do Apostolo e do Pastor.

E quanto a este sacerdocio espiritual, de que falla São Pedro, digo, que, por isso mesmo que é proprio a todo o christão, homem, mulher ou menino, já não pôde servir de argumento contra o Sacerdocio Catholico, pois não é o sacerdocio sobre o qual versa a discussão; não suppõe uma classe de verdadeiros sacrificadores, que offerecem um verdadeiro e proprio sacrificio, e por isso não depõe nem em favor nem em desfavor do Sacerdocio Catholico, attribue aos catholicos o titulo de sacerdotes no mesmo sentido em que a Biblia chama Deuses aos reis e aos governadores, e não prova que S. Pedro não admitte outro sacerdocio fóra do de Jesus Christo, a não ser o sacerdocio espiritual, de que falla em sua carta.

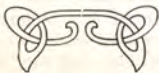
E com esta resposta ponho fim a este capitulo. Só quero fazer ainda umas observações.

1.º Tudo quanto diz o autor ao fim do seu capitulo, « detendo-se sobre a consolação que temos de ter um Summo Sacerdote como Christo, a quem podemos recorrer em todas « às horas », etc., etc.; *é muito bonito — mas nada prova contra o Sacerdocio Catholico*; e por isso não passa de palavras, de palavras ocas e sem sentido, ou talvez de cilada ardilosa para attrahir os que pelos argumentos capciosos ainda não se deixaram prender, o que elle escreve em seguida: « Tenho « notado sempre que os corações dos homens se enternecem « pelas declarações simples e claras sobre o amor de Deus, « a obra de Christo e, em geral as grandes verdades do Evangelho. Muitas vezes depois de acalmado o ardor da controversia, estas verdades, applicadas ao coração, operam como « balsamo, e muitos olhos féros se humedecem, e muitos rostos « atrevidos são cobertos com as mãos, e muitas fronte altivas « se inclinam; os sentimentos de todos se movem, os corações se inflamam, e o lavrador estende a sua callosa mão « com palavras de reconhecimento. Foi o que aconteceu na « occasião a que me refiro. »

2.º Que tratando-se d'um assumpto tão importante como é o SS. Sacrificio da Missa e do Sacerdocio Catholico, que com elle está na mais intima connexão, não é muito *evangelico, ridicularisar e offender a fé de 200 a 300 milhões de catholicos*, fazendo succeder um assumpto de tão alta importancia a uma conversa banal sobre batatas, e insistir em que, com desprezo da discussão, sobre SS. Sacrificio da Missa e do Sacerdocio Catholico, se torne a conversar nessas ninharias. Pois das duas uma: ou esta conversa realmente precedeu a discussão, á qual o autor se diz ter sido forçado, ou não a precedeu. Se a precedeu, o autor podia e devia ter deixado de fazer menção della, porque podia e devia comprehender, que assim

offendeu os catholicos no que têm mais santo; se não a precedeu e foi só phantasia do autor, elle estava obrigado a mais forte razão a deixal-a. A mesma observação é applicavel á pessoa de seu antagonista, que elle nos apresenta, como um padre, que parecia ser muito excitado, que em uma mão tinha um grosso chicote de caça e na outra um livrinho, que se lhe approximava d'um modo muito hostil, que movia de tal modo a mão direita em que tinha o chicote, que abriu um espaço em volta de si, que parecia estar muito ufano e confiado como se tivesse descoberto algum meio de conseguir um triumpho facil sobre elle e que derrotado á primeira resposta, sabiu de alli indignado, caminhando precipitadamente.

3.^o Que o que se diz na «*nota*:» que os *sacerdotes* dos Judeus (segundo as palavras originaes melhor traduzidas por *sacrificadores*) cessaram desde que deixou de reger a lei antiga, não é muito exacto; deixaram de existir, sim; mas foram substituidos de modo mais excellente pelos Sacerdotes Cathlicos, como já vimos neste capitulo. O mesmo vale do que diz a nota a respeito dos *anciãos* dos Judeus (segundo as palavras originaes melhor traduzidas por *presbyteros*). «Elles, diz «a nota, continuaram ou, antes continuou o seu nome, que sob a «dispensação do Novo Testamento foi transferido para o «ministerio Christão.» Isto tambem é inexacto, pois este nome no Novo Testamento é muitas vezes usado para significar os *verdadeiros sacerdotes*, *sacrificadores do Novo Testamento*, porque muitas vezes se entendem pelo nome «presbyteros,» bispos, sacerdotes, diaconos, como se vê claramente nos escriptos dos SS. Padres da Igreja.





CAPITULO XIII

O SACRIFICIO DA MISSA

« Ainda que Nosso Senhor Jesus Christo se offereceu uma
« só vez a si mesmo, pela morte de Cruz, a Deus Pae para
« operar nella a eterna redempção, comtudo, não devendo
« extinguir-se o seu sacerdocio pela morte, na ultima ceia e
« na noite em que foi entregue; para deixar á Igreja, sua
« esposa amada, um sacrificio visivel, como pediu a natureza
« humana, e declarando-se elle Sacerdote Eterno, segundo a
« ordem de Melchisedech, offereceu a Deus Pae o seu Corpo
« e o seu Sangue em sacrificio sob as especies de pão e vinho,
« e ordenou aos seus Apostolos, a quem nomeou sacerdotes da
« Nova Alliança, e aos seus successores no sacerdocio, que
« offerecessem o mesmo sacrificio, dizendo-lhes: « Fazei isto
« em minha memoria », como a Igreja o entendeu e ensinou
« sempre ». — E' assim que o Concilio Tridentino (Sess: XXII,
cap. 2) formúla a doutrina Catholica a respeito do SS. Sacri-
ficio da Missa.

Esta doutrina, é evidente, não póde achar graça aos olhos do autor das *Noites com os Romanistas*. E dahi um capitulo inteiro destinado a combater a crença catholica. Vejamos pois, quaes as objecções que elle lhe oppõe.

Porém, antes de refutar as objecções do autor das *Noites com os Romanistas*, será de grande vantagem resumir com breves palavras o que mais por extenso, já ficou explicado no capitulo precedente sobre « o Sacerdocio christão ». Alli provei claramente: 1.º QUE O SS. SACRIFICIO DA MISSA É UM VERDADEIRO E PROPRIO SACRIFICIO: a) porque como tal na *Escriptura Sagrada foi figurado* pelo sacrificio incruento de pão e de vinho de Melchisedech (Gen. XIV. 18); *predito* pelo propheta Malachias (I. 10-11); *promettido* pelo proprio Jesus Christo (João

IV: 21, 23); *instituido* na ultima ceia (Math, XXVI. 26; Luc. XXII, 20); *offerecido* nos tempos dos Apostolos (Act. XIII. 2; I Cor. X. 16-22; Hebr. XIII 10; Act. II. 12; XX, 11);

b) porque *como tal foi sempre reconhecido na Igreja*, já desde os mais antigos tempos, já desde o tempo dos Apostolos, como os proprios protestantes concedem. Alli tambem provei não menos claramente: 2.º, QUE O SS. SACRIFICIO DA MISSA É UM VERDADEIRO SACRIFICIO PROPICIATORIO; appellando tanto para a *Tradição* como para os textos claros da *Biblia*.

Convido, portanto, o leitor a reler, para melhor entendimento do que vai seguir, o primeiro e segundo artigos do dito capitulo.

Para empugnar a doutrina Catholica, o autor, como bom protestante, appella antes de tudo *para a Biblia*. A Escriptura Sagrada, diz elle, 1.º *proclama distinctamente* (Hebr. IX. 11-14; I Pedro I, 18, 19; Col. I 19-22; I João II 1, 2) *como verdade cardinal do Evangelho, que o Sacrificio de Jesus Christo na Cruz é a unica oblação e o unico sacrificio satisfactorio pelos peccados dos homens* — e 2.º *nega emphaticamente que haja ou possa haver outro sacrificio expiatorio fóra do que foi offerecido na Cruz*. (Hebr. XVIII. 14-18).

A esta objecção respondo com a seguinte distincção: Se o auctor quer dizer, que o Sacrificio de Jesus na Cruz é a unica oblação e o unico sacrificio que *de condigno nos mereceu* o perdão dos peccados — eu concordo com elle plenamente, pois, é a doutrina Catholica; porém se quer dizer, que o SS. Sacrificio de Jesus na Cruz é o *unico Sacrificio propiciatorio*, no sentido, que *exclua qualquer outro sacrificio* pelo qual a remissão dos peccados, que Jesus nos *mereceu* com sua morte na Cruz, nos seja *applicada* — então nego a sua asserção. E a razão, em que me apoio, são os mesmos textos que elle allega. Com effeito, a intenção de S. Paulo se patenteia alli evidentemente pela antithese que elle faz entre os sacrificios da Antiga Lei e o SS. Sacrificio da Cruz. Os Sacrificios da Lei Antiga, diz elle, embora multiplicados e diariamente iterados, não tinham de por si o poder de apagar os peccados dos Judeos e tornal-os santos. Este poder só o teve o SS. Sacrificio da Cruz, que, por ser de valor infinito, *com uma só oblação produziu superabundantemente e para sempre um e outro*; de sorte que depois deile não se precisa mais de outro e novo Sacrificio para nos remir e santificar. Eis o verdadeiro sentido de todos os textos citados.

O Apostolo, portanto, ensina, que aquillo que todos os sacrificios da Antiga Lei não pretenderam effectuar, a remissão dos peccados e a justificação, foi effectuado, merecido de condigno pelo unico Sacrificio, que Jesus offereceu no alto da Cruz. Este Sacrificio, segundo elle, é a unica causa *meritoria*

da remissão dos peccados e da justificação. Porém, com isso o Apostolo *não nega a possibilidade de outro sacrificio* pelo qual aquillo, que Jesus Christo nos mereceu na Cruz, a remissão dos peccados e a justificação nos sejam *applicadas*. Muito pelo contrario; elle mesmo *ensina claramente a existencia d'um tal sacrificio* em I Cor. X. 16-22; Hebr. XIII, 10.

E, ensinando-o, prova mais uma vez, que a explicação, que dão os catholicos a suas palavras, é *a unica verdadeira*; e que o autor *erra muito* quando diz, que a Escriptura Sagrada (Hebr. XVIII, 14-18) nega emphaticamente que haja ou possa haver outro Sacrificio expiatorio fóra do que foi offerecido na Cruz.

Mas o autor se esforce por provar sua affirmacão tambem *pela razão*: « Se o Sacrificio de Christo, na Cruz, escreve elle, « foi pleno, perfeito e sufficiente pelos peccados de todo o « mundo, *não temos necessidade de mais sacrificio algum, e o « Sacrificio da Missa é inutil*. Se o Sacrificio da Cruz tira todos « os nossos peccados, não ha mais peccados a tirar pelo Sa- « crificio da Missa; de sorte que dizer que o Sacrificio da « Missa expia e tira nossos peccados tão efficazmente como o « Sacrificio da Cruz, ou ensinar que aquelle é necessario de- « pois de offerecido este, é o mesmo que dizer que o Sacri- « ficio da Cruz não é sufficiente e que este necessita do auxilio « da Missa — é igualar a Missa ao Sacrificio da Cruz, o que « nada menos é do que offender a Christo, desprezar o seu « Sangue e blasphemar contra a sua Cruz. »

Respondo, que, sem dar com isso, o autor *com estas palavras condemnou a si e a toãos os protestantes*; pois do mesmo pretenso crime, que exprobam aos catholicos, elles proprios se se tornam culpados. De facto, com seu proprio systema (como já provei no capitulo precedente) os protestantes reconhecem a insufficiencia do SS. Sacrificio da Cruz para o perdão de nossos peccados e nossa justificação; pois sustentam, *que a fé e os Sacramentos são necessarios, instrumentos indispensaveis pelos quaes os fructos do SS. Sacrificio da Cruz nos são applicados*, ou como costumam dizer, pelos quaes a justiça de Jesus nos é imputada extrinsicamente. O SS. Sacrificio da Cruz, portanto, no systema delles, *nada nos aproveitaria* se não tivessem um *meio para nol-o applicar*, ou, como dizem, imputar. Ora bem; *é isto mesmo, e só isto, o que sustentam os catholicos quando dizem*, que o SS. Sacrificio da Missa é um verdadeiro e proprio Sacrificio propiciatorio; pois, então sustentam, que embora o SS. Sacrificio de Jesus na Cruz e *elle só nos tenha merecido de condigno* a remissão dos peccados e a justificação, pouco nos aproveitaria este Sacrificio se não tivessemos um meio para nol-o applicar. A unica differença entre nós e os protestantes é, que elles reconhecem como meios para este fim só a fé e

os Sacramentos, e nós além da fé e dos Sacramentos reconhecemos também como tal meio o SS. Sacrificio da Missa. Mas se elles, sustentando sua doutrina, *não igualam a fé e os Sacramentos ao SS. Sacrificio da Cruz*; se elles com esta doutrina da necessidade d'um meio que nos applique ou impute os infinitos merecimentos de Jesus na Cruz, *não offendem a Christo, não desprezam o seu Sangue, não blasphemam contra sua Cruz e não negam a sufficiencia do sacrificio offerecido na Cruz, nem nós, os catholicos podemos fazel-o*, ajuntando aos dois meios reconhecidos por elles mais outro meio, o SS. Sacrificio da Missa; pois das duas uma: ou *todos* esses meios negam a sufficiencia do SS. Sacrificio da Cruz ou *nenhum delles* a nega.

E por conseguinte e com tudo o que allegou o autor, quer com os argumentos da Biblia, quer com os da razão, não adiantou nada, não provou o que devia provar, a saber: que não ha e nem pôde haver outro sacrificio propiciatorio fóra do que foi offerecido na Cruz.

Mas o autor quer experimentar outro meio para impugnar a doutrina Catholica; sabe que a Igreja Catholica, Apostolica, Romana ensina que o SS. Sacrificio da Missa não differe essencialmente do da Cruz. *Por isso procura provar que elles differem essencialmente entre si*, ou na phrase d'elle, que não são uma mesma cousa.

« O primeiro argumento, diz elle, consiste em que as Sagradas Escripturas declaram expressamente, que Christo morreu uma só vez, que sua morte não se repetiria e que por esta morte, consummou a obra da expiação de nosso peccado. As seguintes passagens provam o que fica dito: « Sabendo, que tendo Christo resuscitado dos mortos já não morre, nem a morte o dominará mais. Porque, emquanto ao haver morrido pelo peccado, morreu uma só vez; mas emquanto ao viver, vive para Deus » (Rom. VI: 9-10). « Nem entrou para se offerecer muitas vezes a si mesmo, como o summo pontifice entra cada anno no santuario com sangue alheio; de outra maneira lhe seria necessario padecer muitas vezes desde o principio do mundo, emquanto agora na consummação dos seculos, uma vez se manifestou para aniquilar o peccado, fazendo-se elle mesmo victima. E assim como está estabelecido aos homens que morram uma só vez e que depois seja o juizo, assim também Christo foi uma só vez immolado para apagar os peccados de muitos e a segunda vez appareceria sem peccado aos que o esperam para os salvar » (Hebr. IX. 25-28). E outra vez: « Foi em virtude desta vontade que somos santificados pelo offerenda do corpo de Jesus Christo feita uma vez. Na verdade todo o sacerdote se apresenta cada dia a exercer o seu ministerio e a offerecer muitas vezes as mesmas hostias que nunca podem tirar pec-

« cados. Mas, este offerecendo uma só hostia pelos peccados, « está sentado para sempre á dextra de Deus. Esperando o « que resta é que seus inimigos sejam postos por escabello dos « seus pés. Porque com uma só offerenda consummou para « sempre aos que foram santificados (Hebr. X : 10-14).

« Nestas palavras acha-se uma petição notavel de ter-se « Christo offerecido *uma só vez*, e de ter consummado para « sempre, com esta unica offerenda, a obra da expiação. As « palavras parecem ditadas pelo Espirito Omnisciente (a quem « o presente e o futuro são egualmente presentes) exactamente « para este caso, e ensinam-nos que o Sacrificio da Cruz nunca « se havia de repetir e que portanto o sacrificio da Missa não « é repetição nem continuação do sacrificio que Jesus consummou « na cruz. »

Respondo: que nenhum catholico diz nem dirá, que o SS. Sacrificio da Missa é uma *repetição, continuação* ou uma *renovação* do SS. Sacrificio da Cruz, *como meritorio nem como cruento* (*). Se os catholicos ensinassem isto, o autor poderia com razão allegar contra elles os textos citados, pois então haveria *mais sacrificios da Cruz*, e que seria contrario á doutrina de S. Paulo, que Jesus com *uma só offerenda* consummou *para sempre* aos que foram santificados. — Não; o Concilio Tridentino ensina (Ses. XXII, cap. 1) « que Jesus deixou á sua Igreja « um sacrificio pelo qual aquelle sacrificio cruento, que só « uma vez havia de ser offerecido na cruz, *seria representado* « e sua memoria ficaria até os fins dos seculos »; e portanto, o SS. Sacrificio da Missa é *apenas uma representação do da Cruz*, representa aquillo que fez Jesus na Cruz, representa sua morte seu sacrificio cruento d'um modo incruento, o reproduz mas não o repete, continúa ou renova. E' d'elle, para servir-me desta comparação vulgar *embora imperfeita* como d'um espelho, por mais que uma pessoa se colloque diante d'elle, o espelho não repete, não continúa, não renova a imagem daquella pessoa, só a representa, a põe presente, a reproduz; do mesmo modo o SS. Sacrificio da Missa não repete, não continúa, não renova, o SS. Sacrificio da Cruz, só o representa, o põe presente, o reproduz e d'este modo fica claro que não ha questão no SS. Sacrificio da Missa d'uma *repetição* da morte de Jesus Christo d'uma *repetição, continuação* ou *renovação* do SS. Sacrificio da Cruz, e que o autor pôde impugnar, apoiado nesta razão, a doutrina Catholica: que o SS. Sacrificio da Missa não differe essencialmente do SS. Sacrificio da Cruz; que entre ambos não ha differença essencial, havendo a mesma victima e o

(*) Se em varios autores catholicos encontra-se a expressão ser a missa *renovação* do sacrificio da cruz, deve-se sempre esta palavra explicar com a dita distincção: *renovação não do sacrificio como meritorio, nem como cruento.*

mesmo offerecedor principal (Christo), os sacerdotes sendo apenas seus ministros. Dahi se vê tambem qual deve ser a resposta *às seguintes palavras do autor, pelas quaes procura confirmar sua asserção*, a saber: « que sendo cada Missa uma cerimonia
« distincta e separada, tendo principio e fim, e sendo cele-
« brada em horas e dias differentes, em differentes parochias
« e paizes, por differentes sacerdotes e perante congregações
« differentes, não pôde ser uma continuação, mas uma repe-
« tição; que, quando os sacerdotes pedem o dinheiro, que pe-
« dem pelas Missas que dizem para descanso das almas dos
« defuntos, sempre fazem a conta segundo o numero de Missas
« distinctas e separadas que disseram ou hão de dizer, con-
« tando sempre uma, dez, ou vinte Missas, e nunca como uma
« só Missa seguida. »

Pois responde-se com toda a facilidade, que embora cada Missa seja acção distincta e separada, disto de todo não se segue que o repetir e augmentar o numero das Missas, seja repetir e augmentar o numero dos SS. Sacrificios *da Cruz*. Pois sendo o SS. Sacrificio da Missa, não a repetição, do sacrificio da cruz *como meritorio nem como cruento*, mas a representação *incruenta* do mesmo, o numero das Missas não lhe pôdem mudar a natureza, e por isso embora se digam mil Missas, essas Missas nunca chegarão a ser outras tantas repetições, renovações do SS. Sacrificio da Cruz; serão apenas mil acções que o representam e reproduzem. Para illustral-o servir-me-hei da comparação que o Padre Laynez propoz no celebre colloquio de Poisy: — Um rei, depois de uma campanha victoriosa, quer dar uma representação scenica da sua victoria no campo de batalha. Devéras, seriam representados a sua victoria e os perigos, que tem corrido, pela sua presença e pela acção scenica. E esta representação podia-se reproduzir quantas vezes quizerá; mas a propria victoria, a propria batalha ficaria sempre uma e a mesma. O mesmo dá-se com SS. Sacrificio da Missa: o SS. Sacrificio da Missa é a representação, a reproducção do SS. Sacrificio da Cruz; por isso augmentae quanto quizerdes o numero das Missas, nunca chegarão a ser repetições, renovações do SS. Sacrificio da Cruz, serão apenas representações, reproducções do mesmo SS. Sacrificio da Cruz.

Mas, insta o autor, « seja como fôr, o facto é, *que estes*
« *sacrificios repetidos ou continuados, não teem poder algum para*
« *tirar os peccados*. As Escripturas declaram terminantemente
« que a lei, sendo a sombra dos bens futuros, não a mesma
« imagem das coisas, nunca pôde por aquellas victimas, que
« se offerecem incessantemente cada anno, fazer perfeitos aos
« que se chegam ao altar: de outra sorte terão elles cessado
« de offerecer, pelo motivo de que não teriam dalli em diante
« consciencia de peccado algum os ministros que uma vez

« fossem purificados (Hebr. X. 1. 2). E outra vez: « Todo o
 « sacerdote se apresenta cada dia a exercer o seu ministerio e a
 « *offerecer muitas vezes as mesmas hostias que nunca podem tirar*
 « *os peccados* (Hebr. X. 11). Logo, se o sacrificio da Missa é um
 « mesmo sacrificio, offerecido anno por anno e dia por dia; se
 « é, como querem persuadir-nos, uma repetição ou continuação
 « do Sacrificio da Cruz celebrado annual e diariamente, então,
 « segundo este mesmo principio, o Sacrificio da Missa não pôde
 « ser um sacrificio expiatorio, e é, antes, um daquelles sacri-
 « ficios que nunca podem tirar os peccados. »

Respondo: 1.º que já provamos agora mesmo que o SS. Sacrificio da Missa *não é uma renovação, repetição ou continuação* do SS. Sacrificio da Cruz como meritorio nem como cruento, mas só *uma representação e reproducção*.

2.º que tendo o SS. Sacrificio da Cruz necessidade d'um meio pelo qual seus fructos sejam *applicados* a nossas almas (verdade admittida tambem pelos protestantes como já vimos), e sendo o SS. Sacrificio da Missa, segundo os catholicos, um dos principaes meios para este fim, a Missa *sempre haverá* de ser offerecida até o fim dos seculos, porque *nunca faltarão* homens a quem os fructos da morte de Jesus deverão ser applicados, e por isso embora seja *offerecido annual e diariamente, ficará sempre verdadeira e propriamente satisfactorio* no sentido explicado no Capitulo XII, artigo 2.º.

3.º que não ha lugar *para comparação entre os Sacrificios da Lei Antiga*, que, apezar de offerecidos diariamente, não podiam tirar os peccados, e o SS. Sacrificio da Missa offerecido annual e diariamente na Igreja Catholica, Apostolica, Romana; porque, differindo entre si essencialmente, não ha paridade. Pois, os sacrificios dos judeus eram *figuras* do SS. Sacrificio da Cruz e *por isso não podiam tirar os peccados*, mas o Santissimo Sacrificio da Missa é a *representação, a reproducção* deste mesmo Sacrificio, e por isso delle não differe essencialmente e *pode por si só o que não podiam todos o sacrificios dos judeus*.

Demonstrada, portanto, a falsidade do principio, em que se baseia o autor, para impugnar a doutrina Catholica, demonstrou-se tambem a inanidade da sua objecção.

Mas eis *que apresenta outra difficuldade* para provar que o SS. Sacrificio da Missa e o da Cruz differem essencialmente e não são essencialmente uma e mesma coisa.

« Se isto fosse verdade, disse eu, continuando, seguir-se-ia que, segundo a argumentação do Apostolo, Nosso Senhor Jesus Christo tinha de soffrer todas as agonias do sacrificio da Cruz cada vez que fosse immolado no sacrificio da Missa. O apostolo, porém, diz: « E não entrou para se offerecer muitas vezes a si mesmo... de outra maneira lhe seria necessario padecer muitas vezes desde o principio do

« mundo (Hebr. IX, 25, 26) ». Os padecimentos e agonias de Jesus na Cruz excederam a tudo o que a lingua dos homens e dos anjos pôde exprimir — foram infinitos, como os padecidos dos homens pelos quaes padeceu, e como as exigencias da justiça divina que satisfizes; e as palavras do apostolo ensinam que, se o sacrificio da cruz se offerecesse muitas vezes todos estes padecimentos infinitos teriam de ser muitas vezes soffridos por Jesus Christo. Portanto, argumento, que, se o sacrificio da Missa não é mais do que uma continuação ou repetição do sacrificio da Cruz, segue-se que Jesus Christo está sujeito a todas as agonias e horrores daquella morte, todas as vezes que se offerece o sacrificio da Missa ».

Negando que o SS. Sacrificio da Missa seja a continuação, reitteração, repetição, renovação, etc., do SS. Sacrificio da Cruz, e sustentando que é apenas sua representação, sua reproducção, como já provei, respondo: que o *SS. Sacrificio da Missa não renova os padecimentos da Sagrada Paixão e Morte de Jesus Christo* e isto por duas razões: 1.^a, porque *Jesus depois da sua gloriosa Resurreição e Ascensão ao céu, segundo o Apostolo, é impassivel e immortal* (Rom. VI, 9), e por isso não pôde mais soffrer e morrer; e 2.^a, porque *a morte cruenta de Jesus Christo no SS. Sacrificio da Missa é representada, reproduzida de modo incruento*, pois no SS. Sacrificio a Victima, isto é, Jesus Christo, assim como está presente sob as especies de pão e de vinho, é immolado de modo incruento.

E, portanto, esta accusação de uma crueldade e impiedade sem igual em repetir ou continuar os padecimentos de Jesus, que faz, o autor, aos sacerdotes catholicos e aos leigos catholicos, cada vez que elles offerecem o SS. Sacrificio da Missa ou a elle assistem, os deixa indifferentes e frios, pois não é motivada; não ha nenhuma renovação destes padecimentos. A objecção não serve senão para patentear a ignorancia do autor em assumptos que tocam á doutrina catholica.

Mas esta resposta não fica sem contestação da parte do autor das *«Noites com os Romanistas»*. Disto mesmo, que sustentamos, que o SS. Sacrificio da Missa é *um sacrificio incruento, elle tira a occasião para novas difficuldades*.

Ouçamos suas palavras: «Contestei, dizendo que queria «fazer tres observações sobre o que se tinha dito tão claramente e com tanta moderação:

«*Primeira*: que o argumento do nosso amigo tinha sido, «a principio, que o Sacrificio da Missa e o Sacrificio de Jesus Christo na cruz são uma e a mesma coisa, porém, que «agora nos dizia que eram inteiramente differentes; pois, que «o da cruz foi um sacrificio cruento e o da missa é um sacrificio incruento; que o da cruz foi um sacrificio de soffri-

« mentos, e o da Missa não o é; que a morte no sacrificio da
 « cruz foi uma morte verdadeira e que no da Missa apenas
 « ha uma morte mystica. E apesar de tudo isto, diz-se-nos
 « ainda que os dois são uma e a mesma coisa — inteiramente
 « identicos !

« A *segunda observação*, na qual devemos todos fixar a
 « attenção, é que, se o sacrificio da Missa é um sacrificio
 « incruento, não póde ser um sacrificio expiatorio. Toda a
 « pessoa que conhece a doutrina do sacrificio, como é revelada
 « nas Escripturas, deve saber que a expiação ou perdão são
 « coisas intimamente relacionadas com o *derramamento de san-*
 « *gue de uma victima*. Moysés estabelece no Velho Testamento
 « o principio de que o sangue é para a *expiação da alma*
 « (Lev. XVII, 11) e S. Paulo o estabelece tambem no Novo
 « pelas seguintes palavras: « *Sem effusão de sangue não ha*
 « *remissão* » (Hebr. IX, 22). Segundo a doutrina das Escri-
 « pturas, pois, não póde haver expiação nem remissão de
 « peccados, quando não ha derramamento de sangue no sacri-
 « ficio. Os defensores da Igreja Romana dizem que a Missa é
 « um sacrificio incruento; e, portanto, segundo os seus pro-
 « prios principios, é um sacrificio que não póde alcançar a
 « remissão dos peccados.

« A *terceira observação* é que a pretensão de ser a Missa
 « um sacrificio incruento é inteiramente incompativel com o
 « dogma da transsubstanciação. Afim de evitar o ser accusada
 « de crueldade e impiedade, a Igreja Romana ensina que o
 « sacrificio da Missa é incruento; porém, por outra parte nos
 « diz que, depois da consagração, o pão e o vinho se mudam
 « verdadeira e substancialmente no corpo e sangue de Jesus
 « Christo, de modo que não fica mais no altar o pão e o
 « vinho, mas sim o corpo e sangue do Senhor. Pois bem; se
 « o vinho se muda de tal sorte em sangue, como é que se
 « nos póde dizer que na Missa não ha sangue, que ella é um
 « sacrificio *incruento*? Quando estão defendendo a transsub-
 « stanciação tudo é *cruento*, e quando defendem o sacrificio
 « da Missa tudo á *incruento*? »

Principiando pela ultima destas observações, digo: que
 é falso, *absolutamente falso*, que a Igreja Catholica, Apostolica,
 Romana, ensinando que o SS. Sacrificio da Missa é um Sacri-
 ficio *incruento*, sustenta que *na Missa não ha sangue*. Pelo
 contrario, ensina que *pelas palavras da consagração* e não,
 como diz o autor, *depois* da consagração, a substancia de pão
 e de vinho deixam de existir e se convertem na substancia
 do corpo e sangue de Nosso Senhor Jesus Christo. *Incruento*,
 portanto, não quer dizer *que não ha sangue* na Missa, mas
 que *este Sangue não se separa mais realmente do Corpo de*
Jesus Christo, assim como isso se deu no SS. Sacrificio da

Cruz, *mas só mysticamente*. Quando Jesus morreu na Cruz, elle ainda era passivel e mortal, podia padecer e morrer. Na Cruz seu Sangue podia, portanto, realmente ser separado, e de facto foi separado de seu Corpo e elle mesmo podia morrer, e de facto morreu pela real separação de seu Corpo e Sangue. Porém, depois da sua gloriosa Resurreição e Ascensão ao céu (Rom. VI, 9), Jesus se tornou impassivel e immortal; não pôde mais padecer e morrer; seu Sangue não pôde mais ser separado realmente de seu Corpo, e elle mesmo não pôde mais morrer por uma real separação de seu Corpo e seu Sangue. Por isso, tanto o Corpo como o Sangue de Jesus estão presentes sob cada qual das especies; na Hostia consagrada não está só o Corpo de Jesus mas tambem seu Sangue; no Vinho consagrado não está sómente o Sangue de Jesus senão tambem seu Corpo. Pois bem; para representar a morte de Jesus, que se deu *pela real separação de seu Corpo e de seu Sangue*, o padre, quando celebra, *separa o Corpo do Sangue de Jesus mysticamente, de modo incruento, pelas palavras que pronuncia sobre o pão e sobre o vinho e que de per si não effectuam mais do que significam*. Dizendo pois na consagração do pão: isto é meu corpo; e na consagração do vinho: este é meu sangue, elle *por virtude das suas palavras* muda o pão só no Corpo e o vinho só no Sangue de Jesus Christo; e embora *pela concomitancia natural*, (o Sangue não podendo mais separar-se do Corpo de Jesus, e o Corpo não podendo mais separar-se do Sangue de Jesus), tanto o Corpo como o Sangue de Jesus estejam presentes sob cada qual das duas especies, o padre os separou mysticamente e representa d'um modo incruento a morte cruenta de Jesus Christo na Cruz. Dahi se vê, que não ha vislumbre de contradicção entre um sacrificio incruento e o dogma da transubstanciação. Ha realmente Sangue, mas este sangue se derrama d'um modo incruento pela consagração do padre.

Dahi tambem se vê, qual deve ser a resposta á segunda observação do autor, que é tão mal fundada como a precedente, que um sacrificio incruento não pôde ser um sacrificio expiatorio, não havendo perdão sem effusão de sangue. Pois como acabo de provar, no SS. Sacrificio da Missa ha *realmente Sangue e este sangue tambem é derramado*, não de modo cruento mas *de modo incruento como no SS. Sacrificio da ultima ceia*: « Este é o meu sangue do Novo Testamento *que é derramado* por muitos para remissão dos peccados » (Math. XXVI, 28. Luc. XXII, 20).

Resta ainda, a refutar a primeira observação do autor, que o SS. Sacrificio da Missa é inteiramente differente do da Cruz, sendo este cruento aquelle incruento, sendo este um sacrificio de soffrimentos aquelle não; morrendo Jesus Christo

neste uma morte verdadeira, naquella uma morte mystica. Respondo : esta differença é só *accidental* não essencial; e provo-o pelo SS. Sacrificio, que Jesus Christo offereceu na ultima ceia, quando elle instituiu o SS. Sacrificio da Missa, dizendo aos Apostolos: « fazei isto em memoria de mim. » *Este sacrificio tambem era* incruento, foi offerecido sem soffrimentos; nelle Jesus tambem morreu uma morte mystica. Ora, se apezar de tudo isto, este sacrificio não differe essencialmente do da Cruz, nem o póde o SS. Sacrificio da Missa.

E por isso, quando em conclusão de seu capitulo diz o autor, que suas tres observações produziram um effeito soberbo no animo dos ouvintes, os quaes deram provas inequivocas de que o seu argumento tinha causado profunda impressão em todos, e que ninguem se apresentou para contestal-o, podemos avaliar o valor da sua victoria como tambem o de todas as outras, que elle diz ter alcançado sobre os irlandezes entre os quaes, segundo elle, nunca se deu o caso que em discussões desta ordem um só protestante se converteu para o Romanismo mas sim o de muitos centenaes de catholicos romanos não sómente adoptarem o protestantismo, mas tambem se tornarem christãos sinceros, devotos e santos!!!!

« *Risum teneatis amici!* » Conhecemos a sinceridade e a devoção desses pretensos convertidos. Se a causa não é amor ás mulheres, — é amor ao dinheiro!! « A tragedia protestante, já disse em seu tempo Erasmo, termina sempre, como as comedias, com um casamento. »

Refutadas as objecções do autor, *passemos a algumas observações :*

Referindo a doutrina Catholica, o ministro evangelico como temos visto, em cada qual dos seus capitulos, dá provas duma ignorancia tão crassa, quer verdadeira, quer *pretensa*, que qualquer menino do Catecismo poderia corrigil-o. A mesma ignorancia se patenteia neste capitulo e por isso elle faz dizer a seu antagonista *catholico* cousas, *que de todo não são catholicas*. Assim, por exemplo, o tal antagonista catholico sustenta « que a verdadeira differença entre catholicos e protestantes a respeito do SS. Sacrificio da Missa consiste nisto, « que os catholicos romanos consideram a Missa pelo mesmo « modo por que consideram o Sacrificio de Jesus Christo, isto « é, *consideram-na como uma repetição ou continuação d'elle*; « ao passo que os protestantes crêem que a Santa Ceia nada « mais é do que a commemoração desse sacrificio »

Ora esta doutrina não é a da Igreja Catholica Apostolica, Romana; ella não considera o SS. Sacrificio da Missa como *uma repetição ou continuação do SS. Sacrificio da Cruz* como meritorio, nem como cruento, mas sim, *como a representação, a reproducção d'elle*. Esta differença é immensa; pois, sendo repre-

sentação, reprodução do SS. Sacrificio da Cruz, o da SS. Missa, é o mesmo Sacrificio, delle não pôde differir *essencialmente*; mas, sendo repetição, renovação, etc., do sacrificio meritorio e cruento *não é mais o mesmo sacrificio* e dá occasião às objecções protestantes tiradas da sufficiencia do SS. Sacrificio da Cruz.

O mesmo pôde se applicar á resposta affirmativa, que deu o tal Catholico á pergunta do autor, se elle queria identificar o Sacrificio da Missa com o Sacrificio de Jesus Christo, e a *ceremonia executada pelos Sacerdotes Romanos com a crucificação perpetrada pelos soldados romanos*. — Apenas o antagonista respondeu que sim, o autor, faz contradizer-lhe por outros catholicos presentes. « Eu não creio em semelhante coisa, exclamou um dos catholicos, porque na Missa não ha cruz nenhuma, a não ser o signal que o sacerdote faz com a mão, quando levanta o bemdito Jesus, elevando a hostia, que adoramos; não ha crucificação nem ladrões aos lados, nem a Bemaventurada Virgem aos pés, nem soldados para injurial-o e traspassal-o com a lança ».... Nem tão pouco o creio eu, disse outro no meio da sensação que tinha causado a objecção anterior, porque a Bemdita Mãe de Deus estava presente á crucificação, e Santa Maria Magdalena tambem, pois que foi nessa occasião que a espada atravessou, de lado a lado, o coração da Bemdita Virgem, e nada disto ha na Missa: se a Missa fosse a mesma coisa que a crucificação, certamente a Bemdita Virgem Maria estaria alli, disse outro Romanista com certa ironia. Ella lá está — pintada sobre o altar. »

Aqui tambem a ignorancia verdadeira ou *pretensa* do autor é a causa de todos estes disparates na bocca de catholicos, *assim como seu odio fanatico o é das asserções burlescas*. Pois, a Igreja Catholica, Apostolica, Romana sustenta, que o SS. Sacrificio da Missa é a representação, a reprodução *incruenta* do *cruento* Sacrificio da Cruz, e por isso nega « que a « cerimonia executada pelos Sacerdotes Romanos seja identica com a crucificação perpetrada pelos soldados romanos; o « Sacrificio é o mesmo, sim; mas o modo de sacrificar é diferente.

Outro disparate na bocca do antagonista catholico, devido á mesma causa, é, o que o autor o faz dizer a respeito do SS. Sacrificio da Missa; a saber que o SS. Sacrificio da Missa *não é um sacrificio real, mas sim mystico*.

Pois, a Igreja Catholica, Apostolica, Romana ensina, que o SS. Sacrificio da Missa é *um verdadeiro e proprio Sacrificio*, um *Sacrificio real* no qual Nosso Senhor Jesus Christo sob as especies de pão e de vinho consagrados se offerece ao Pae Eterno. Este Sacrificio é tão real como foi o da Ultima Ceia e da Cruz; tanto na Missa comoa Ultima Ceia e na Cruz *Jesus Christo* se offerece a si proprio ao Pae Eterno. A pa-

lavra « mystico » diz só respeito *ao modo porque* elle se offerece, não *ao proprio Sacrificio*; a palavra « mystico » se identifica com a palavra « incruento; » e quer dizer que na Ultima Ceia e na Missa Jesus se offerece d'um modo incruento, ao passo que na Cruz elle se offereceu d'um modo cruento. Se o SS. Sacrificio da Missa não fosse real, então teria fundamento para a exclamação que ao ouvir isto fez um dos presentes: « Homem! isso que dizeis é nem mais nem menos do que a « doutrina dos mesmos protestantes; » agora porém não ha motivo algum para isto. Emfim, *uma ultima inexactidão* na bocca do antagonista catholico é: que não póde haver soffrimentos reaes onde não ha *derramamento de sangue*. Pois, *na missa ha derramamento de Sangue*; segue-se evidentemente das palavras de Jesus Christo na Ultima Ceia: « Este é o Sangue do Novo Testamento *que é derramado* por muitos para a remissão dos peccados (Math. XXVI, 28. Luc. XXII, 20). Porém este derramamento de Sangue se dá d'um modo mystico e *por isto o antagonista* devia ter dito: que não póle haver soffrimentos reaes onde ha *mystico* derramamento de Sangue.

Estas são as observações que tinha que fazer á doutrina *Catholica* (!!) *do autor protestante*. Mas o capitulo finalisa com uma *nota* devida provavelmente ao *traductor* portuguez. Esta nota tambem não póde passar sem contestação da minha parte. Diz o seguinte: « Ha diversos textos que os catholicos « romanos costumam citar para justifiarem o seu dogma de « ser a Missa um sacrificio verdadeiro, proprio, propiciatorio « e expiatorio pelos peccados. ». Em seguida cita dois destes textos a saber: Actos XIII, 2 e Gen. XIV, 18, cuja força probatoria nega e depois conclue: « Estes são os dois textos principais, que citam a favor da doutrina da Missa; os outros, « de que se servem algumas vezes, são ainda mais fóra de « proposito do que os antecedentes. »

Respondo: que é preciso ser uma pessoa *ignorantissima* ou *fanatiquissima* para poder fazer tal asserção. Os *textos da Escripura Sagrada*, que os catholicos allegam para provar a verdade da sua doutrina a respeito da Missa, são *avultadissimos em seu numero*.

Já citei neste capitulo, e expliquei no precedente, muitos textos, pelos quaes se vê, que a Missa, como Sacrificio verdadeiro, proprio e satisfactorio, é *figurado, predicto, promettido, instituido, e offerecido*; podia acrescentar-lhes ainda muitos outros, que deixei de proposito. E estes textos não são fora de proposito, mas *provam evidentemente* a verdade da doutrina Catholica; a sua luz até é tão forte, que offusca os olhos dos protestantes, os quaes, reconhecendo que não lhes pódem contradizer, têm todo o cuidado de escondel-os aos olhos de seus correligionarios, com medo, que vendo-os, se tornem ca-

tholicos, como já tem acontecido a tantos protestantes *sinceros* e não fanaticos. Dito isto, vou responder á contestação dos dois textos allegados pelo traductor.

O primeiro é o de Act. XIII, 2. Alli se lê no grego: « leitourgountôn dé autôn to kuriô, kâi nêsteuônton, éipen tô pneuma tô agion »; o que a vulgata latina traduz: « ministranti-bus autem illis Domino et jejnantibus, dñscit illis Spiritus Sanctus »; e a versão portugueza: « No tempo, porém, em que elles offereciam o Sacrificio ao Senhor, e jejuavam, disse-lhes o Espirito Santo ». Esta versão *portugueza* é impugnada pelo traductor; segundo elle o grego e o latim devem ser traduzidos: « ministrando elles ao Senhor, isto é, estando elles reunidos para algum serviço religioso... disse o Espirito Santo »; depois continua: « Como, porém, o Sacrificio da Missa não se encontra nas Escripturas Sagradas, os traductores da Biblia franceza chamada a Biblia de Bordeaux, resolveram-se a pol-o alli por sua propria deliberação; e por uma falsificação atroz, que nada menos é do que um sacrilegio, traduziram a passagem como se segue: « E estando elles offerecendo ao Senhor o sacrificio da Missa e jejuando... », etc., afim de enganar o povo com a crença de terem a Biblia a favor da sua doutrina. »

A estas palavras observo: 1.º; que, como provei com a clareza da luz do dia neste e no precedente capitulo, o SS. Sacrificio da Missa *se encontra multissimas vezes na Biblia*. 2.º; que estando *convencidos*, de que a palavra grega « leitourgountôn tô kuriô só podia dizer respeito ao SS. Sacrificio da Missa, os traductores da « Biblia de Bordeaux » não falsificaram sacrilegamente a Biblia traduzindo-a assim como o fizeram, segundo diz o autor, pois eu não conheço esta traducção.

Dito isto, vou provar a fidelidade da traducção: « e estando elles offerecendo ao Senhor um sacrificio » (o qual deve ser o da Missa, porque não ha outro na Igreja Catholica). Diz o traductor, que a palavra « leitourgein » em II Cor. IX. 12 e em Rom. XV. 27, diz respeito aos dinheiros, que se collectavam a favor dos pobres, etc., e que esta mesma palavra em Hebr. I. 14 é applicada aos anjos enviados a favor dos herdeiros da salvação. Dizem outros protestantes, quasi a totalidade delles, que ella significa a prégação e as orações que se faziam nas reuniões. Pois bem, tanto elle como os outros erram. A genuina traducção é: estando elles *offerecendo um sacrificio ao Senhor*, e jejuando, disse-lhes o Espirito Santo. Pois a palavra « leitourgein », embora uma ou outra vez possa ser empregada para exprimir outra idea, *na septuaginta*, isto é, na versão antiga dos setenta *é sempre usada dos sacerdotes e levitas que faziam o serviço do tabernaculo* (Exod. XXVIII. 35; XIX, 30; Num. IV, 39; XVI 9), *e do templo* (Joel. I. 9; II

Chron. XXXI, 2; I Mach. X. 42). Por isso S. Paulo (Hebr. VIII, 2 e Rom. XV. 16) falla *do sacerdote* como *leitourgos*; no mesmo sentido esta palavra é usada por *escriptores profanos*. Por conseguinte, não obsta a circumstancia de ser esta palavra uma ou outra vez empregada para exprimir sentido differente, o sentido primitivo e principal é o de sacrificar. Dahi a traducção de Erasmo, este grande hellenista, infelizmente enredado nos laços do erro protestante, *dum illi sacrificarent*, isto é, no tempo em que offereciam um Sacrificio.

Nem pôde esta palavra ser entendida da *prégação*, porque obsta a palavra « *tô kuriô* » « *ao Senhor* », pois não se préga a Deus mas *aos* homens; nem pôde significar *as orações*, que se faziam nas reuniões; pois, para exprimir a oração o grego usa constantemente (como, por exemplo, no verseto seguinte) da palavra « *proseúchesthai* ». E por isso estas palavras não podem ser entendidas como do culto que se tributa a Deus pela simples oração, mas do culto que se tributa pelo ministerio sacerdotal pelos sacrificios; com outras palavras a traducção é fiel.

Outro texto allegado pelo traductor é Gen. XIV. 18. A respeito d'elle escreve o seguinte: « Muitas vezes citam tambem « Gen. XIV. 18, onde se diz que Melchisedech, saindo ao encontro de Abrahão, depois do resgate de Loth, e offerecendo « pão e vinho (porque era sacerdote de Deus Altissimo) abençoou a Abrahão. » Deduzem destas palavras, que Melchisedech, « sendo como era sacerdote e typo de Christo, offerecêra pão « e vinho em sacrificio, como se faz no Sacrificio da Missa.

« A resposta a isto é clara: Melchisedech offereceu este « pão e vinho como que para dar as boas vindas e refrescar « a Abrahão e á sua gente, depois da sua expedição nocturna. « Josepho, o historiador, refere a occurrencia por este modo, « e nada vemos na narração que possa suggerir a idéa de « sacrificio. Porém na traducção Romana o traductor se afastou mui imprópriamente do original hebraico, e traduziu as « palavras originaes em « *porque* era sacerdote », em lugar de « — « *e* era sacerdote... »

Respondo quanto á ultima observação: que embora a particula do texto original propriamente signifique « *e* », pôde e deve muitas vezes ser traduzida por « *porque* », como, por exemplo, Gen. XX. 3; XXX. 27; Isai. LXIV. 5: traducção esta que aqui tambem parece muito motivada. Agora quanto ao proprio texto, ha tres explicações. A primeira é a dos protestantes. Elles unem as palavras « *porque* (ou *e*) era sacerdote do Altissimo » ás palavras que seguem, « *e elle o abençoou e disse* » e sustentam que Melchisedech na qualidade de *rei*, que era, agasalhou a Abrahão e sua comitiva, dando-lhes o pão e o vinho, isto é, dando-lhes de comer e beber; mas na

qualidade *de sacerdote* o abençoou, e por isso recebeu dizimos. Contra esta explicação pôde-se allegar: 1.º que estas palavras *podem* ser unidas ás seguintes, mas que *não é preciso fazê-lo*, tanto menos porque *não explicam porque Melchisedech era sacerdote*, visto como o abençoar não era uma acção exclusivamente *sacerdotal* como se vê, por exemplo, Jos. VIII. 13; XXII. 6; II. Reg. VI. 18; III Reg. VIII. 55.; ao passo que unindo estas mesmas ás que precedem *«offerecendo pão e vinho»*, ellas *explicam perfeitamente, porque elle era sacerdote*; porque offerecer é acção *exclusivamente sacerdotal*.

2.º que se a palavra *«pão»*, *«offerecendo pão»* pode significar em geral *comidas*, sendo um agasalho feito só com pão por demais frugal para gente que volta da guerra; isto não se pôde applicar á palavra *«vinho»*, que por isso não pôde significar em geral *bebidas*; o que além disto seria contrario ao uso de fallar dos hebreus.

3.º que não se pôde admittir, que Melchisedech *só por causa da sua bênção*, que não era acção exclusivamente sacerdotal, *tenha recebido dizimos*.

4.º que a explicação de ter trazido Melchisedech pão e vinho *para refeição* de Abrahão e sua comitiva não é muito provavel, por voltarem elles da guerra *carregados dos despojos dos inimigos*.

5.º que mesmo segundo esta explicação protestante Melchisedech não deixa de ser o typo de Jesus Christo *e do Sacrificio incruento da Nova Lei*. — Pois o sacerdocio de Melchisedech (cf. Hebr. VII. 10), abençoando a Aarão nos lombos de Abrahão, era o typo do Sacerdocio de Jesus Christo, muito mais excellente do que de Aarão. Por isso Jesus com pleno jus é chamado Sacerdote segundo a ordem de Melchisedech, e não segundo a ordem de Aarão (Hebr. VII. 11). E Melchisedech offerecendo pão e vinho, embora não para sacrificar mas agasalhar, segundo a explicação protestante, é um typo muito proprio de Jesus Christo offerecendo pão e vinho para sacrificar. — Por tanto mesmo seguindo a explicação protestante não se pôde negar, que o que fez Melchisedech era a figura do que faria Jesus Christo, offerecendo-se ao Pae Eterno sob as especie de pão e de vinho.

As duas outras explicações são explicações catholicas. A primeira dellas, *«negando que a causa porque Melchisedech é chamado sacerdote possa ser a bênção, que lançou em Abrahão e sua comitiva, porque benzer não é acção exclusivamente sacerdotal; sustenta que, attentos os costumes dos povos orientaes e hebreos, não se pôde negar, que Abrahão depois de tão gloriosa victoria tenha offerecido a Deus um sacrificio em acção de graças; que o offerecimento de tal sacrificio, devia admittir-se nem que o texto sagrado delle dissesse palavra alguma, porém,*

que agora *que o texto facilita esta explicação*, isto é o admittir um sacrificio por causa das palavras « offerecendo pão e vinho », é *mister explical-o deste* e não de outro modo; que se Melchisedech na sua qualidade de sacerdote sahio ao encontro de Abrão (Hebr. VII. 1.) decerto na qualidade de sacerdote offereceu um sacrificio e que Abrão lhe pediu que o offerecesse; pois não se pôde admittir que Abrão lhe desse dizimos só por causa da sua benção mas por um perfeito serviço secerdotal, isto é por um sacrificio.

Emfim a outra explicação catholica reúne as duas primeiras. Sustenta que o e pão o vinho estavam lá presentes para serem offerecidos, e, depois de offerecidos, comidos pelos que tomaram parte no sacrificio; pois este era o costume geral em todos os sacrificios que não eram holocaustos.

E deste modo desaparecem as difficuldades do traductor.





CAPITULO XIV

O CAPITULO SEXTO DE S. JOÃO

« Não posso deixar de compadecer-me dos membros da « Igreja Romana, que se agarram tão tenazmente a este discurso do Senhor » [referido no capitulo sexto de S. João], « pois o facto é que estão tão habituados a consideral-o como « o maior apoio do seu dogma favorito, que a menor duvida « a respeito da sua applicação a esse sacramento é para elles « como um terremoto, que abala os alicerces da sua fé. E, « sem embargo, um espirito imparcial e sem preocupações, « que examinar cuidadosamente o assumpto, chegará forçosa- « mente a concluir que Nosso Senhor não fazia allusão ao Sa- « cramento. »

E' com estas palavras que conclue o autor das « *Noites com os Romanistas* » seu artigo sobre o capitulo sexto de S. João. — Valendo-me das mesmas palavras digo eu, que não posso deixar de compadecer-me dos membros do protestantismo, que se agarram tão tenazmente a este discurso do Senhor, pois o facto é que estão tão habilitados a consideral-o como apoio de seu dogma favorito, que a fé em Jesus Christo basta para a salvação, que o menor esforço a respeito da sua applicação ao SS. Sacramento é para elles como um terremoto, que abala os alicerces da sua fé. E, sem embargo, um espirito imparcial e sem preocupações, que examinar cuidadosamente o assumpto, chegará forçosamente a concluir: que Nosso Senhor falla nelle da manducação real e da bebida real de sua carne e de seu sangue como condição imprescindivel da salvação.

E' o que vou provar neste capitulo; e, para não deixar sem resposta cousa alguma do que allegou o autor contra a doutrina Catholica, dividirei este capitulo em tres artigos:

No primeiro fallarei do sentido que devemos dar ás palavras de Jesus Christo no capitulo sexto de S. João.

No segundo explicarei os textos conforme este sentido.

No terceiro responderei a todas as objecções do autor e de seu traductor.

ARTIGO I

O sentido do capitulo sexto de S. João

Para proceder methodicamente na indagação do sentido deste capitulo, resumirei primeiro seu conteudo.

Principia o Evangelista sua narração, contando (VI. 1-13), que Jesus sustentou com cinco pães e dois peixes cinco mil homens; — refere depois (v. 14-21), como, subtrahindo-se ás turmas, Jesus appareceu aos seus discipulos, que navegavam para Capharnaum, caminhando sobre o mar em occasião de tormenta; — em seguida (v. 22-59) reproduz o sermão que ás mesmas turmas fez Jesus sobre o pão da vida, que é elle proprio, o qual lhes promete como comida e bebida para que tenham vida eterna; — emfim nos communica a exhortação de Jesus aos seus discipulos para não se escandalizarem das suas palavras, e o facto de muitos o abandonarem e outros lhe permanecerem fieis (v. 60-72).

Eis pois o capitulo sobre o qual versa a discussão.

Todos, tanto catholicos como protestantes, concordam na explicação de seu sentido até o verseto 50; todos reconhecem que o pão da vida, de que falla Jesus até o verseto 50, *não é o SS. Sacramento da Eucharistia*, mas *Elle proprio como objecto da fé salvadora*. Porém, a partir deste verseto, ha grandissima divergencia; pois, ao passo que os protestantes sustentam, que *em todo o capitulo, de Jesus não diz nenhuma palavra a respeito do SS. Sacramento, mas continua a fallar de si proprio como objecto de fé*, affirmam os catholicos, que *elle na segunda parte, isto é, desde o verseto 50, falla do SS. Sacramento da Eucharistia*; e embora esta explicação não seja de fé definida, isto é, não seja declarada dogma de fé, não póde ser substituida por outra, como claramente ensina o Concilio Tridentino allegando (sess. XIII. cap. 2 e sess. XXI. cap. 1) os versetos 58, 54, 52, 55, em favor da doutrina do SS. Sacramento.

Reivindicemos, portanto, contra os protestantes a explicação catholica valendo-nos dos argumentos de Mons. Antonio do Nascimento Castro em seu optimo trabalho « Refutações dos erros do protestantismo sobre o dogma da Eucharistia. » *Que Jesus, a partir do verseto 50 em diante, não falla mais de si como objecto de fé mas como Sacramento, segue-se claramente:*

1.^o da *differença dos doadores desse pão da vida* — Pois na primeira parte (v. 32, 33, 39, 40, 43, 44) Jesus falla constantemente deste pão *como vindo do Pae*; porém, na segunda parte elle oppõe ao pão que dá seu Pae, o pão que *Elle mesmo dará*, (v. 52) « e o pão, que eu darei, é minha carne entregue pela vida do mundo. » No grego lê-se: « Kai o ártos *dê* », isto é, *porém*, o pão que eu darei; phraseologia grega pela qual este pão se torna mais *accentuado* e, n'um certo sentido *se oppõe* ao pão de que Jesus tinha fallado. Ora, não sendo os mesmos os que dão o pão, e havendo, segundo a phraseologia grega, certa opposição entre o pão que *Jesus* dará e o que dará o Pae, claro está, que deve *haver differença, na dadica*.

E isto se torna ainda mais claro, 2.^o *pela differença de consequencias, que produzirá o pão da vida, nos que delle participarem*. Na primeira parte ellas consistirão em « *ser attrahido para elle* », em « *vir* » a elle (VI, 35, 36, 44, 45), expressões estas *sempre applicadas á fé*; mas, na segunda parte estas consequencias vão — « *permanecer nelle* », « *ser incorporado a elle* » — palavras que no Evangelho *sempre denotam amor e caridade*; o que demonstra a promessa de uma instituição, que nos unirá a Jesus Christo, não mais simplesmente pela fé, porém *principalmente pelo amor*.

Demais, prova-se com evidencia, 3.^o *pelo modo differente de que falla Jesus do pão, que é dado por seu Pae e do pão, que elle dará*. Na verdade, na primeira parte do capitulo, *onde Jesus falla do pão da vida como objecto de fé*, elle evita toda a expressão, que desperta a idéa *de comer sua carne ou beber seu sangue*; nem uma só vez pronuncia estas palavras; nem faz allusão a ellas; muito pelo contrario; quando parecia estar obrigado a empregar estas palavras « *comer* » e « *beber* » para designar as idéas oppostas ás da fome e da sede, elle as evita cuidadosamente e as substitue por outras, como, por exemplo, VI, 5: « Eu sou o pão da vida, aquelle que *vem a mim* (e não, quem me come) não terá mais fome, aquelle que *crê em mim* (e não, quem me bebe) não terá mais sede. » Prova irrefutavel de que estas expressões são escolhidas de caso pensado, de modo a *excluir* toda a idéa de manducação real de sua carne e de bebida real de seu sangue, e a *indicar* só a idéa de fé.

Mas na segunda parte, *onde Jesus falla do pão da vida como sacramento*, da sua carne como real comida, de seu sangue como real bebida, *tudo muda de repente*. Alli deixa toda a metaphora com medo de ser mal entendido e vem com expressões tão fortes e decisivas, que é impossivel entendel-as no mesmo sentido. Falla com as fórmãs mais positivas de « *comer sua carne e beber seu sangue* » (v. 48-53). « Sou eu o « pão da vida. O manná comeram vossos paes lá no deserto, e morreram. Este é o pão do céu descido, para que não

« morra quem delle comer. Aqui está o pão vivo que descí
 « do céu. Quem deste pão comer, viverá eternamente. E o
 « pão que eu darei é minha carne entregue pela vida do
 « mundo » (v. 54-58). « Em verdade... eu vol-o digo: Sem
 « comer a carne do Filho do Homem e beber seu sangue não
 « tereis em vós a vida. Aquelle que come minha carne e
 « bebe meu sangue, em si tem a vida eterna, e eu o resus-
 « citarei no ultimo dia. Minha carne com effeito é um ver-
 « dadeiro manjar; verdadeira bebida é meu sangue. O que
 « minha carne come e bebe meu sangue, em mim fica e eu
 « nelle ».

E este comer a carne do Filho do Homem e beber o seu sangue não pôde ser entendido no sentido figurado de crêr em sua carne, e em seu sangue, de viver por fé nelle, como sustenta o autor, e alimentar nossas almas nelle, buscando a nossa vida em sua morte expiatoria; este é um modo de entender absurdo, uma interpretação estúpida, que ninguém imaginou dar ás palavras divinas senão os sonhadores do evangelismo protestante; — não; deve ser entendido no sentido litteral e real de verdadeira manducação e de verdadeira bebida de seu Corpo e Sangue.

De facto; se Jesus tivesse empregado a expressão comer sua carne, beber seu sangue em outro sentido a não ser o sentido litteral de manducação, de bebida, elle teria promettido a vida eterna a todo aquelle que o calumniasse. Que monstruosidade, que absurdo, que blasphemia! A razão é, porque, tanto na *Escriptura Sagrada*, como na lingua que então se fallava e ainda hoje se fallava na Palestina, e na lingua fallada por Jesus Christo, da qual hoje apenas ha um dialecto, a locução « comer a carne d'uma pessoa », NO SENTIDO FIGURADO INVARIÁVEL E UNIFORMEMENTE ACCEITO, servia só para exprimir um mal grave, a calumnia, ou accusações falsas e mentirosas. Assim temos na Biblia: Ps. XXVI, 2; Job XVI, 11; XIX, 22; Mich. III, 3; Eccl. IV, 5; Thiago V, 3; onde a expressão « comer carne d'uma pessoa » tem a significação de fazer-lhe grave mal, sobretudo por meio de calumnia. A mesma expressão com o mesmo sentido encontramos entre os arabes, que conservam, como é universalmente sabido, as opiniões e os costumes, dos contemporâneos do Salvador. Assim lemos no *Alcorão*, o código das leis mahometanas: « Não comais a carne de vosso irmão, fallando mal delle. » Mais: a lingua Igrochaldaica, e a lingua aramaica fallada por Jesus Christo não possuem outros termos para exprimir a acção de caluniar senão estes: *comer um pedaço da pessoa calumniada*.

Logo, se não queremos cahir no absurdo de sustentar que Jesus tenha promettido a vida eterna a todo aquelle que o calumniasse — devemos necessariamente admitir, que elle a prometteu a

quem comesse sua carne, a quem bebesse seu sangue; com outras palavras, devemos necessariamente admittir, que Jesus não fallou no sentido figurado mas *no sentido natural*. E com isto se provou ao mesmo tempo o absurdo da explicação protestante, que quer dar ás palavras de Jesus, comer sua carne, beber seu sangue, um sentido *intermediario* entre o litteral e o figurado, ou *outro sentido figurado*, entendendo-as da fé em Jesus Christo; pois *não temos nenhum direito de estabelecer um sentido intermediario ou outro sentido figurado a não ser que se prove com exemplos ter encontrado no uso commum da linguagem*. Ora, isto elles não o pôdem; pois não tem exemplo, que prove, que a expressão «comer a carne d'uma pessoa e beber seu sangue» *era univ ersalmente acceita para exprimir a idea de crêr nella*.

Outra razão, porque a locução de comer a carne e beber o sangue de Jesus Christo não pôde ser entendida em sentido figurado, é: porque Jesus, empregando-a no sentido figurado, se teria servido d'uma figura que *exprime uma culpavel violação da lei, a mais terrivel das maldições*. — Com effeito; beber sangue no Antigo Testamento era prohibido como uma grave violação da lei de Deus, e considerado como a maior maldição, que Deus podia infligir a seus inimigos. Vemol-o claramente em Gen. IX. 4; Lev. VII. 27; Reg. XIV. 83; Judith: XI. 10-11; Sap. X. 7; XVI. 6; Jerem. XIX. 8-9. Ora, é admissivel, que Jesus empregasse os termos «comer sua carne, beber seu sangue», expressões tão terribéis e repulsivas para judeus, locuções tão proprias a tornar a sua doutrina odiosa como contraria a uma lei positiva, divina e sagrada, *se não fossem a expressão litteral unica para propor a doutrina da sua presença real no SS. Sacramento da Eucharistia?* Se elle quizesse fallar da fé em sua pessoa no sentido figurado, e não no sentido litteral da manducação de sua carne, da bebida de seu sangue, porque *não continuou no mesmo estylo e na mesma figura de pão* (tão propria para explicar a fé, a doutrina, Prov. IX. 5; Eccl. XV. 3; XXIV. 29), que tinha empregado na primeira parte deste capitulo? Porque deixou-a afim de usar, continuando no mesmo assumpto, de uma figura, que só servia para exprimir uma culpavel violação da lei; a mais terrivel das maldições? A unica resposta é, que viu-se n'uma necessidade tal, que *era forçosamente obrigado a servir-se destes termos sem poder substituil-os por outros*. Por conseguinte, devemos necessariamente admittir, que Jesus não fallou em sentido figurado da fé em sua pessoa, *mas em sentido litteral da real manducação de sua carne, da real bebida de seu sangue*.

A' mesma conclusão chegamos forçosamente, *analysando o procedimento de Jesus e seus ouvintes*. E' claro como a luz do dia, *que todos os ouvintes entendiam nesta segunda parte do*

capitulo as palavras de Jesus no sentido litteral como da real manducação de sua carne e real bebida de seu sangue.

Pois á asserção de Jesus, que elle era o pão descido do céu, os judeus *duvidando* da sua origem celeste *murmuraram entre si*: « Pois não é este o filho do carpinteiro. » Apenas, porém, Jesus respondendo a esta objecção, lhes mostrára longamente a necessidade que tinham de crêr nelle, *convencidos por estas palavras*, deixam-no continuar seu sermão sem interrompê-lo com outras objecções. — Mas eis que Jesus, deixando de fallar na fé em sua pessoa, *passa á fé em seu SACRAMENTO* « o pão, que eu darei é a minha propria carne » (v. 52) e outra vez *principia a murmuração dos Judeus*: « Como pôde este homem dar-nos sua carne a comer (v. 53)? Deverás, se Jesus continuasse no mesmo assumpto, se não mudasse de assumpto e aindó fallasse na fé em sua pessoa, não haveria *motivo algum* para esta nova murmuração dos Judeus; por conseguinte, se elles murmuraram outra vez, foi *porque Jesus mudou de assumpto*; porque elles comprehenderam que Jesus não mais fallava no sentido figurado de crêr nelle, *mas no sentido litteral de comer sua carne, beber seu sangue*. Nem pôde-se assignar outra causa destas outras palavras dos ouvintes de Jesus: « Mas muitos dos seus discipulos, ouvindo isto, disseram: *Duro é este discurso, e quem o pôde ouvir?* » Representavam-se, em seu espirito grosseiro, que Jesus lhes daria sua carne cortada em pedaços a comer e seu sangue em qualquer vaso a beber: não comprehendiam que ia dar-lhes seu verdadeiro corpo e sangue *sob as especies de pão e de vinho*. E dahi a sua repugnancia, a sua nausea que os fez exclamar: *Duro é este discurso quem o pôde ouvir?* Elles, portanto, entenderam estas palavras *comer a carne e beber o sangue de Jesus*, não em sentido figurado, *mas em sentido litteral*. E tão convencidos estavam, que Jesus não empregava uma figura mas fallava da real manducação de sua carne, real bebida de seu sangue, que embora Jesus tentasse explicar-lhes, que esta manducação, esta bebida, se fariam d'um modo espirital, isto é, sob as especies de pão e de vinho (v. 62-66). elles, *horrorisados pela idéa de comer carne e beber sangue*, *tornaram atras e já não andaram mais com Jesus* (v. 67).

Logo, é fóra de duvida, que os ouvintes entenderam as palavras; que Jesus fallou a partir do verseto 48, no sentido litteral, da real manducação, da real bebida da carne e sangue de Jesus Christo.

Que fez agora Jesus Christo? Se elle tivesse julgado que seus ouvintes se enganavam, tomando erradamente suas palavras no sentido litteral em vez de tomal-as no sentido figurado, com outras palavras, se o Salvador tivesse julgado, que seus ouvintes não entendiam suas palavras no mesmo sentido em que elle as entendia, *elle devia ter chamado a attenção de seus ouvintes*

para este engano, lhes devia ter explicado suas palavras e mostrado que, ao passo que elles as entendiam no sentido litteral, elle as entendia no sentido figurado; que, ao passo que elles julgavam que fallára da real manducação e da real bebida de sua carne e seu sangue, elle fallára da fé em sua pessoa. Assim o exigiam não sómente a importancia do assumpto senão também o *costume de Jesus que sempre explicava suas palavras, quando eram mal entendidas por seus ouvintes* (João III. 3; Math. XVI. 11-12; Luc. XII. 1; João IV, 32; XI. 14; Math. XIX. 26; João VIII. 23; Math. IX. 5; João VIII. 58).

Ora bem; que faz Jesus? Longe de explicar que fallára no sentido figurado e não real, longe de dizer aos seus ouvintes que não fallára da real manducação e da real bebida de sua carne e seu sangue, elle *responde com emphase e insistencia ás murmurações dos Judeus*: « Como póde este homem dar-nos a sua carne a comer; » *mantem suas palavras, repete-as e exige terminantemente de seus ouvintes um acto de fé, pleno e firme*: « Na verdade, na verdade vos digo: se não comerdes a carne
« do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue não tereis
« a vida em vós. O que come a minha carne e bebe o meu
« sangue tem a vida eterna; e eu o resuscitarei no ultimo dia;
« porque minha carne verdadeiramente é comida, e meu san-
« gue verdadeiramente é bebida. O que come minha carne e
« bebe meu sangue, esse fica em mim e eu nelle (João VI.
« 51-58) » — O mesmo procedimento elle tem com os que murmuraram: « Duro é este discurso, quem póde ouvi-lo? »
« Isto vos scandalisa? » assim falla, « pois que será se virdes
« o Filho do Homem subindo aonde estava antes? O espirito é
« o que vivifica, a carne nada aproveita; as palavras que eu
« vos tenho dito são espirito e vida » (v. 62-63); confirmando com estas palavras o sentido litteral em que entenderam os termos « comer a carne, beber o sangue » e convidando-os a crêrem no SS. Sacramento da Eucharistia, e o receber como explicarei longamente mais adiante. E quando apezar destes esforços de Jesus os ouvintes perseveraram em sua repugnancia, em sua nausea de comer e beber a carne e o sangue de Jesus, e por causa disto se afastam d'elle e não querem mais ser seus discipulos, Jesus em vez de attrahil-os a si, e dizer-lhes que o entenderam mal, em confirmação da sua doutrina, *deixa-os ir e pergunta a seus Apostolos: por ventura quereis vós também retirar-vos?* » (v. 68).

Emfim, a *ultima razão*, pela qual se prova evidentemente, que Jesus na segunda parte do capitulo sexto de S. João fallou não em sentido figurado mas em sentido litteral da real manducação e real bebida de sua carne e seu sangue, é a *rapida analyse das proprias palavras de Jesus Christo, do modo*

porque as repetiu e das circumstancias particulares que as acompanhavam.

Jesus expõe aqui uma doutrina, além disto dá um preceito. Ora, quando se expõe uma doutrina ou dá-se uma ordem, não se costuma fallar no sentido figurado *mas no sentido litteral*, para que o sentido seja bem claro e obvio. Por conseguinte, quando Jesus, expondo a doutrina de sua presença real, diz: « Minha carne é *verdadeiramente* comida e meu sangue *verdadeiramente* bebida », a sã razão pede que não entendamos estas palavras como ditas d'uma comida e bebida figuradas, *mas d'uma comida e bebida no sentido litteral*, e, isto tanto mais, que a expressão *verdadeiramente* torna impossível qualquer sentido figurado.

Da mesma fôrma devemos argumentar a respeito da ordem, do preceito, que elle nos dá: « Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do Homem e beberdes o seu sangue não tereis a vida em vós » (v. 54). Aqui trata-se d'um preceito, de cuja observancia tudo depende: a salvação ou a condemnação; o céu ou o inferno; pois diz na fôrma negativa, quem não comer e beber a carne e o sangue do Filho do Homem não terá a vida, isto é, perder-se-á para sempre; e depois na fôrma affirmativa, que quem a fizer terá a vida eterna, isto é, salvar-se-á. Ora, tal preceito, cujas consequencias são *eternas, cuja sancção é a maior felicidade ou a maior desgraça para todo o sempre*, não pôde ser dado em termos metaphoricos; nenhum legislador procederá desta sorte, sempre as leis são dadas em termos claros e precisos. Accresce, que Jesus distingue entre *comer* a sua carne e *beber* o seu sangue, repetindo emphaticamente estas expressões. Ora, se elle fallou no sentido figurado, é *um absurdo distinguir estas duas partes*. Si quiz fallar da fé, que é um acto simples do entendimento, por maiores que sejam os esforços da imaginação a mais methodista e protestante, é impossível dividil-a em dois actos, caracterisados cada um por duas operações physicas: « comer a carne e beber o sangue ».

Concluindo, posso, portanto, dizer com o autor já citado: « Diante de argumentos tão decisivos e de provas tão evidentes, é preciso estar dominado pela cegueira da ignorancia », « mais crassa, pela covardia do respeito humano, pela vil ambição dos avultados vencimentos da sociedade biblica, « pela commodidade d'uma vida « sem as boas obras », para « que possam resistir aos fulgurantes lampejos da verdade catholica sobre o ineffavel mysterio Eucharistico ».

Dito isto, vamos explicar o capitulo sexto de S. João a partir do verseto 48, que constitue a transição entre a primeira e a segunda parte, até o fim.

ARTIGO II

Explicação do capítulo sexto de S. João

v. 48. « Eu sou o pão da vida ».

v. 49. « Vossos paes comeram o manná no deserto e
« morreram ».

v. 50. « Este é o pão que desce do céu, para que o que
« delle comer não morra ».

v. 51. « Eu sou o pão vivo, que desci do céu ».

v. 52. « Se alguém comer deste pão, viverá eternamen-
« te; e o pão que eu darei, é a minha carne para ser a vida
« do mundo ».

v. 53. « Disputavam, porém, os judeus entre si, dicen-
« do: Como pôde este dar-nos a sua carne a comer? »

v. 54. « E Jesus lhes disse: Em verdade, em verdade
« vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do Homem e
« beberdes o seu sangue não tereis a vida em vós ».

v. 55. « O que come a minha carne e bebe o meu san-
« gue tem a vida eterna; e eu o resuscitarei no ultimo dia ».

v. 56. « Porque a minha carne verdadeiramente é co-
« mida e o meu sangue verdadeiramente é bebida ».

v. 57. « O que come a minha carne e bebe o meu sangue,
« fica em mim e eu nelle. »

v. 58. « Assim como me enviou o Pae que vive, e eu vivo
« pelo Pae, do mesmo modo o que me come tambem elle vi-
« verá por mim. »

v. 59. « Este é o pão que desceu do céu. Não como
« vossos paes que comeram o manná e morreram. O que co-
« me este pão viverá eternamente. »

Eis as palavras com as quaes Jesus promette o SS. Sa-
cramento da Eucharistia e que vamos agora explicar.

Repetindo o que já disséra no verseto 35: « Eu sou o pão da vida; o que vem a mim não terá fome e o que crê em mim não terá sede, » Jesus diz no verseto 48: « *Eu sou o pão da vida,* » já indicando que será o pão da vida *d'um novo modo*, que explicará no verseto 52. E como os judeos falláram do manná como d'uma cousa magnifica, muito superior a todos os milagres, que até então fizéra Jesus, o Salvador continua no verseto 49: « *vossos paes,* » separando-se com esta palavra « *vossos* » de seus ouvintes e significando que só tinha por pae a Deus, « *comeram o manná no deserto e morreram,* » isto é, foi dado o manná a vossos paes para conservar-lhes a vida, porém nem lhes pôde conservar esta vida de tal fórma que os preservasse da morte; — mas o mesmo não se dá com o pão da vida; v. 50 « *Este é o pão que desce de céu, para que o que delle co-*

mer não morra, » pois este pão em dois sentidos leva a vantagem sobre o manná; é dado para conservar a vida da alma e tem em si a força, a efficacia de tornar esta vida *sempiterna*. — Agora Jesus vai applicar a si proprio tudo quanto disséra do pão da vida, v. 51: « *Eu sou o pão vivo que desci do céu;* » elle é o pão vivo, este pão que tem em si aquella vida espiritual e sempiterna e, por conseguinte, também a póde commu-nicar. E dahi, v. 52: « *se alguém comer deste pão viverá eternamente.* » E este pão não é dado pelo Pae assim como o primeiro pão de que tinha fallado Jesus, não; é dado por elle mesmo, « *e este pão que eu darei;* » donde segue que Jesus não mais considera o pão da vida sob o mesmo respeito *sob o qual até então o tinha considerado*, isto é, como objecto de fé, *mas sob outro respeito*, a saber: como Sacramento; por isso continua: « *é a minha carne para ser a vida do mundo,* » isto é, a minha carne, que é dada ou será dada; para ser a vida do mundo, insinuando deste modo que esta mesma carne seria offerecida como sacrificio e ao mesmo tempo dada em alimento de nossas almas, e estabelecendo também claramente a relação que haveria entre o SS. Sacrificio cruento da Cruz e a Sagrada Eucharistia.

Depois de tantos milagres, mormente depois da multiplicação milagrosa do pão, com a qual provou claramente seu poder creador illimitado para lhes dar um alimento corporal, e de um passeio milagroso sobre as aguas do mar no meio d'uma tormenta, pelo qual provou claramente que elle podia subtrahir seu corpo ás leis da natureza para lhes dar um alimento espiritual, isto é, seu corpo e sangue debaixo das espécies de pão e de vinho, os ouvintes deviam têr acceito sua doutrina com reverencia e pedir a elle com humildade a solução das cousas, que lhes pareciam impossiveis; porém, assim não fazem, discorrem entre si das palavras de Jesus como d'uma cousa falsa e impossivel. v. 53 « *Disputavam porém os judeos entre si, dizendo: Como póde este dar-nos sua carne a comer?* »

Esta pergunta « *como* » mostra evidentemente, que não acreditaram ás palavras do Salvador; a palavra « *este* » denota nos ouvintes bastante arrogancia. Jesus, porém, que com pleno jus póde exigir que suas palavras sejam recebidas com fé e com intima persuasão que elle é o meio digno e apto para realisalas, lhes responde de tal fórma que elle affirma ser a cousa não sómente *não impossivel* mas *absolutamente necessaria*; para que humilhados por esta resposta lhe peçam explicação. v. 54, « *E Jesus lhes disse: Em verdade, em verdade vos digo: Se não comederdes a carne do Filho do Homem e beberdes o seu sangue não tereis a vida em vós.* » Jesus, portanto, confirma aqui o que tinha dito; lhes mette medo, affirmando mais claramente, que é absolutamente necessario que comam sua carne e que bebam seu sangue e

que sem isto não terão parte na gloria eterna; vêde, lhes diz, quão nociva vos é vossa incredulidade, pôde levar-vos á eterna condemnação se, não lhes dando crédito, vos abstiverdes de comer e beber minha carne e meu sangue. Jesus fallando da absoluta necessidade de comer e beber sua carne e seu sangue falla dos adultos, pois exige fé nelle antes de o receberem; por isso, as creanças que morrem antes dos annos de discrição, e os adultos, que de todo não pôdem comer e beber a sua carne e o seu sangue, não sentirão as más consequências desta falta. Só aquelles que não quizerem ou se descuidarem de cumprir este preceito de Jesus experimentarão em si as consequências terribéis de seu peccado. Esta observação servirá para refutar no artigo seguinte algumas objecções do autor. Mas Jesus continua, juntando á sentença negativa outra affirmativa para deste modo melhor alcançar seu fim, dahi o verseto 55: « *O que come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna,* » por conseguinte, este pão da vida, a carne e o sangue de Jesus, não sómente servem para preservar o homem da condemnação eterna, mas tambem para que alcance a vida espiritual, a conserve e augmente e deste modo se salve, por isso accrescenta: « *e eu o resuscitarei no ultimo dia.* » E' disto, isto é, que a sua carne e o seu sangue operam em nossa alma do mesmo modo que a comida e a bebida o fazem em nosso corpo, isto é, conservando e augmentando-lhe as forças, que Jesus quer convencer mais internamente seus ouvintes, e por isso, repete no verseto 56: « *porque a minha carne verdadeiramente é comida e o meu sangue verdadeiramente é bebida.* »

« Eu, assim fallára Jesus (v. 51-52), sou o pão vivo, que desci do céu. Se alguém *comer* deste pão, viverá eternamente; e o *pão que eu darei é a minha carne para ser a vida do mundo* ». Estas palavras, como provei claramente tanto no primeiro como no segundo artigo, devem ser entendidas no sentido litteral, isto é, da carne de Jesus que elle promette dar como comida e de seu sangue que prometto dar como bebida aos seus discipulos. E este sentido era tão claro, tão fóra de toda a duvida, que seus ouvintes o entenderam do mesmo modo e dahi sua disputa narrada no verseto 53: « Disputavam, porém, os judeus entre si, dizendo: Como pôde este dar-nos [o que?] sua carne [para que?] a comer? » Esta disputa, portanto, absolutamente não versa sobre o sentido espiritual e figurado, *mas unicamente sobre o sentido litteral e real*, sobre a real manducação de sua carne e a real bebida de seu sangue. Agora Jesus vae lhes responder. Nunca houve occasião mais favoravel para elle explicar, que fallava no sentido espiritual e figurado e não no sentido litteral e real. Porém, que faz Jesus? Responde com toda a emphase e insistencia ás murmurações dos judeus, como responderia ao autor das

« *Noites com os Romanistas* » e todos os assecclas das seitas methodistas e protestantes de hoje: (João VI, 54-58) « Em verdade, em verdade vos digo: Se não *comerdes a carne* do Filho do Homem e não *beberdes o seu sangue* não tereis a vida em vós. O que *come a minha carne e bebe o meu sangue* tem a vida eterna, e eu o resuscitarei no ultimo dia; *porque a minha carne verdadeiramente é comida, e o meu sangue verdadeiramente é bebida. O que come a minha carne e bebe o meu sangue*, esse fica em mim e eu nelle ». — Ora, estas expressões não podem ser entendidas no sentido figurado e espirital do autor, sem violar directamente as leis mais communs da linguagem. Por conseguinte, Jesus confirma aqui o sentido litteral e real das suas palavras, proscree absolutamente todo o sentido espirital e figurado, e está tão longe de approval-o que ameaça com a ultima desgraça, com a condemnação eterna todos os que, acceitando-o, não comem sua carne, não bebem seu sangue.

Segue-se disto, 1.º, que *o deixar de citar as palavras dos versetos 51, 52 e 53 para só principiar com o verseto 54 mostra em toda a sua fealdade a hypocrisia, a má fé, o procedimento sacrilego do autor das « Noites com os Romanistas »*, que, vendo nestes versetos a condemnação mais cabal da sua heresia diabolica, os esconde aos olhos de seus leitores para enganar-os depois com seu famoso argumento inventado e formulado pelo mesmo Senhor Jesus contra a transubstanciação.

Segue-se tambem, 2.º, que *nem as palavras de S. João VI, 62-64, o famoso baluarte do autor para abrir brecha nas trincheiras da doutrina catholica, nem quaesquer outras palavras de Jesus* tomadas de qualquer logar do Novo Testamento, podem servir de argumento contra o sentido litteral e real e com esta palavra, *verdadeiramente* duas vezes repetida exclue, terminantemente todo o sentido figurado, confirma solidamente o sentido litteral, e dá a entender que falla d'uma real manducação, d'uma real bebida, de sua carne e de seu sangue. O que mais é, como se para sempre quizesse tirar-nos toda a possibilidade da mais leve duvida a respeito do sentido, em que fallara, repete outra vez suas palavras, acrescentando-lhes agora a razão porque nesta manducação tinham penhor da vida eterna e da gloriosa resurreição, v. 57 « *O que come a minha carne e bebe o meu sangue fica em mim, e eu nelle* ». Será o effeito da intima união que se estabelece entre Jesus e o que come sua carne e bebe seu sangue. Notai aqui que a palavra grega « *ὁ τρώγον* » exprime como emphase a idea de manducação, porque significa o ruido que causam os dentes quando mastigam cousas duras; notai tambem, que aquelle que recebe o corpo e o sangue de Jesus Christo, recebe a Jesus Christo *por inteiro*, porque se diz: o que come a *minha* carne... fica

em mim e eu nelle, e isto confirma a doutrina catholica, que Jesus por inteiro está presente no SS. Sacramento da Eucharistia, não por virtude das palavras da consagração, que não produzem mais do que significam, mas por virtude da *concomitancia*. Dito isto, Jesus no verseto seguinte 58: « *Assim como o Pae me enviou e eu vivo pelo Pae, do mesmo modo o que me come tambem elle viverá por mim,* » explica com uma sublime comparação, porque nesta manducação ha vida intima com elle e por elle. Assim como eu vivo, diz Jesus, porque o Pae, em si mesmo vivo, é para mim continuamente principio de vida, assim aquelle que me come viverá tambem, porque eu vivo, lhe serei principio de vida, elle viverá pela vida lhe communicada por mim. Emfim, Jesus conclue seu sermão dizendo: v. 59: « *Este é o pão que desceu do céu* »; este de que fallei agora. « *Não como vossos paes que comeram o manná e morreram,* » não; este pão é de uma natureza inteiramente differente, pois, « *o que come este pão viverá eternamente* ». Jesus, portanto, volta ao ponto donde partiu. Pediram-lhes os judeus um signal, objectando-lhe o manná como uma cousa magnifica, um signal celeste nunca excedido ou igualado por elle. Jesus lhes responde, que lhes dará um pão que devéras desce do céu, que é tanto superior ao manná quanto á vida corporal a vida espirital, quanto á morte a vida sempiterna.

Concluindo, pois, este artigo, posso dizer com o eximio exegeta *Knabenbauer*: que é certo, absolutamente certo, que Jesus falla aqui do SS. Sacramento da Eucharistia, isto é, que promette aqui aos judeus *o que devéras realisou na ultima Ceia*, quando disse aos seus Apostolos, dando-lhes a comer sua propria carne e a beber seu proprio sangue, « isto é o meu corpo, este é o meu sangue. » Segue-se claramente tanto das palavras agora mesmo explicadas como do que se passou na ultima ceia. Na verdade, se Jesus, fallando da SS. Eucharistia, quizesse descrevel-a, não podia servir-se de palavras mais claras, mais proprias, mais expressivas; elle distingue entre sua carne e seu sangue, entre a manducação e a bebida, palavras que acham seu unico e inteiro cumprimento na SS. Eucharistia, e de todo não são applicaveis a qualquer outra cousa. A isto se junta a mesma instituição da Eucharistia na ultima ceia; alli os Apostolos comeram e beberam tão aberta, tão propriamente o corpo e o sangue de Jesus, que é tornar-se ridiculo negar cousas tão claras, tão faceis, tão manifestas, para substituil-as por cousas escuras, difficeis e metaphoricas. Com effeito, se Jesus depois desta promessa da SS. Eucharistia, *não tivesse instituido o SS. Sacramento do Altar*, a exegese estaria muito embaraçada com o capitulo VI, podendo os incredulos exprobrar aos christãos, que Jesus não tinha guardado a sua palavra, pois nunca os incredulos acceitariam a explicação dos

methodistas, tão *abertamente* contraria ao uso da lingua, á significação das palavras e a todas as circumstancias, em que o discurso foi feito.

De tal difficuldade nos exime a instituição da SS. Eucharistia, que promete aqui, v. 52: « o pão que eu *darei* » e insitue na ultima ceia (Math. XXVIII. 19), de sorte que nas palavras explicadas promette, um anno antes da sua instituição, a SS. Eucharistia. Assim tambem o entenderam todos os SS. Padres da Igreja ja desde os tempos Apostolicos. Catholicos e protestantes convêm nisto.

Respondamos agora ás objecções do autor.

ARTIGO III

Resposta ás objecções do autor.

A grande objecção do autor das *Noites com os Romanistas* é, que as palavras de Jesus (João VI. 54-57) não devem ser entendidas no sentido litteral mas *espiritual*, e para provar a importancia e a verdade desta objecção cita, nem mais nem menos, do que *um argumento*, que diz *inventado e formulado pelo mesmo Senhor Jesus contra a transubstanciação*. São os versetos 62, 63 e 64: « Sabendo, porém, Jesus dentro de si « mesmo que murmuravam disto seus discipulos, disse: Isto « vos scandalisa? Pois que será se virdes o Filho do Ho- « mem subindo aonde estava antes? O espirito é o que vivi- « fica, a carne nada aproveita, as palavras que eu vos tenho « dito são espirito e vida. » — Estas palavras, diz o autor, « segundo as explicações de Santo Agostinho, Santo Athanasio « e outros SS. Padres, significam que, quando os discipulos « murmuravam de suas palavras, Jesus lhes perguntou: « Isto « scandalisa-vos? isto é: Esta linguagem vos extravia ou vos « serve de tropeço? — Pois que será, se vós virdes subir o « Filho do Homem aonde elle primeiro estava? » Isto quer « dizer: se o visseis subir ao céu, como o vereis, não poderieis « pensar mais em comer materialmente a sua carne e beber « materialmente o seu sangue. Serei enthronizado no céu dos « céos, e como podeis pensar tão nesciamente, que eu queria « dizer que haveis de comer-me na terra? E, em seguida, « accrescentou que deviam ter percebido que suas palavras « deviam entender-se em sentido espiritual e não carnal. O « espirito é que vivifica, a carne para nada aproveita, as pa- « lavras que eu vos disse são espirito e vida. Pois bem, con- « clue em seguida o autor, este é o sentido, que os padres e « santos da Igreja deram á passagem, e devo confessar que « estou de accordo com elles »; e em abono cita uns textos de

Eusebio, Tertulliano, Santo Athanasio e Santo Agostinho; este ultimo, até tres vezes nas paginas 297, 299 e 300.

Eis pois, ao que se reduz o seu famoso argumento inventado e formulado pelo mesmo Senhor Jesus contra a transubstanciação.

Respondo: que o autor procede nesta objecção com toda a astucia serpentina dos herejes, pois, deixa propositalmente de dizer, que as palavras tão claras, tão expressivas e tambem tão decisivas em favor do sentido litteral, que lêmos em João VI. 54-57 e que seu antagonista lhe objectára, são a *confirmação da doutrina, que Jesus pregara no verseto 52 e a resposta peremptoria á disputa entre os judeos, narrada no verseto 53.*

« Eu, assim fallára Jesus (v. 51-52), sou o pão vivo, que
« desci do céu. Se alguém *comer* deste pão, viverá eterna-
« mente; e o *pão que eu darei, é a minha carne para ser a*
« *vida do mundo.*» Estas palavras, como provei claramente
tanto no primeiro como no segundo artigo, devem ser enten-
didas no sentido litteral, isto é, da carne de Jesus que elle
promette dar como comida e de seu sangue que promete dar
como bebida aos seus dicipulos. Este sentido era tão claro, tão
fora de toda a duvida, que seus ouvintes o entenderam do
mesmo modo e dahi sua disputa narrada no verseto 53: « Dis-
putaram porem os judeos entre si dizendo: Como pôde este
dar-nos [o que?] sua carne [para que?] a comer? Esta dispu-
ta portanto absolutamente não versa sobre o sentido espiritual
e figurado *mas unicamente sobre o sentido litteral e real*, sobre
a real manducação de sua carne e a real bebida de seu sangue.
Agora Jesus vae-lhes responder. Nunca houve occasião mais
favoravel para elle o explicar, que fallava no sentido espiri-
tual e figurado e não no sentido litteral e real. Porem, que faz
Jesus? Responde com toda a emphase e insistencia ás murmura-
ções dos judeos, como responderia ao autor das « *Noites com*
os Romanistas » e todos os assecclas das seitas methodistas e
protestantes de hoje! (João VI:54-58.) « Em verdade, em ver-
« dade vos digo: Se não *comerdes a carne* do filho do homem
« e não *beberdes o seu sangue* não tereis vida em vós. O que
« *come a minha carne e bebe o meu sangue* tem a vida eterna, e
« eu o resuscitarei no ultimo dia; *porque* minha carne é *ver-*
« *dadeiramente* comida, e o meu sangue *verdadeiramente* bebida.
« O que *come minha carne e bebe o meu sangue*, este fica em
« mim e em nelle.» Ora, estas expressões não podem ser enten-
didas no sentido figurado e espiritual do autor, sem violar
directamente as leis mais communs da linguagem. Por conse-
guinte, Jesus confirma aqui o sentido litteral e real das suas
palavras, proscree absolutamente todo o sentido espiritual e
figurado, e está tão longe de aproval-o que ameaça com a

ultima desgraça, com a condemnação eterna todos os, que aceitando-o, não comem sua carne, não bebem seu sangue.

Segue-se disto, 1.^o que *o deixar de citar as palavras dos versetos 51, 52 e 53 para só principiar com o verseto 54, mostra em toda a sua fealdade a duplicidade e má fé do autor*, que não discute para chegar ao conhecimento certo da verdade, mas só por paixão, para sustentar uma opinião anteriormente enunciada, embora ao depois reconhecida como falsa.

2.^o, que as palavras de Jesus (v. 62 e seg.) por conseguinte não querem dizer, assim como afirma o autor: « Se o visseis « subir ao céu, como o vereis, não podereis pensar mais em « comer materialmente sua carne e beber materialmente seu « sangue. Serei enthronizado no céu dos céus, e como podereis « pensar tão nesciamente que eu queria dizer que haviéis de « comer-me na terra. » A razão é, porque Jesus, a Verdade infallivel, a Veracidade infallivel *não pôde contradizer a si proprio*, não pôde dizer *sim e não em relação á mesma cousa considerada sob o mesmo respeito*. Da sua resposta, contida nos versetos 54-59 á disputa dos judeus (v. 53), segue necessariamente, que estes versetos *devem ser entendidos no sentido litteral e real e que de todo não podem ser entendidos no sentido figurado e espirital*. Logo, opponha o autor quanto quizer contra este sentido natural e real, revolva céus e terra, chame em seu auxilio todos os sophismas capciosos imaginados desde Luthero até o dia de hoje pelos lutheranos, calvinistas, methodistas, anabaptistas e outros « *istas* », nada adiantará; Jesus não pôde contradizer a si mesmo; *não pôde dizer que fallou no sentido espirital, depois de ter declarado terminantemente que tinha fallado no sentido litteral*. Emfim, segue-se, 3.^o, que a *explicação* que deu o autor da « *Noites com os Romanistas* » aos textos allegados por elle, S. João VI, 62-64, *deve ser forçosamente erronea* e, o que peor é, *heretica*, porque não combina com *a que deu o proprio Jesus*, João VI, 54-59, mas lhe contradiz do modo mais cathorico; que *o mesmo é applicavel aos textos* de Eusebio, Tertulliano, Santo Athanasio e Santo Agostinho, *supposto que digam o que o autor lhes faz dizer*, porque, como já vimos milhares de vezes, elle infelizmente, embora ministro evangelico, não merece confiança nas citações, nem de autores, nem de datas historicas, nem de estatisticas, nem da propria Biblia. E de facto, deixando de banda as palavras de Tertuliano, as quaes, assim como são allegadas pelo autor, são assaz escuras e vagas, nem explicam a relação entre os versetos 63-64 e provavelmente são escriptas no tempo em que Tertuliano, por causa da sua heresia, já não era mais membro da Igreja Catholica — nenhuma das outras citações autoriza a explicação, que lhes dá o autor. Pois, embora digam que *as palavras*

de Jesus não se devem entender em sentido carnal, mas sim espiritualmente, não impugnamos o sentido litteral e real destas mesmas palavras. O que Eusebio, Santo Athanasio, Santo Agostinho e mesmo ao que parece Tertuliano, queriam dizer, era, que os ouvintes entendiam as palavras de Jesus *no sentido litteral e real*, como fallando da real manducação de sua carne e da real bebida de seu sangue, *mas ao mesmo tempo no sentido carnal e material*, como se a carne de Jesus devesse ser cortada em pequenos pedaços e seu sangue dividido em pequenas porções e que elles, como verdadeiros antropophagos, devessem comer alguns destes pedaços e beber alguma destas porções. E' neste sentido que devem ser entendidas as palavras de Eusebio: « não penseis que estou fallando da carne de que estou revestido, como se *houvesseis de comer della*; nem imagineis, que haveis de beber o meu sangue *sensível e corporalmente*, mas deveis entender claramente que as palavras que eu vos disse são espirito e vida ». O mesmo é applicavel ás palavras de Santo Athanasio, quando diz: « Distingue a carne do espirito, afim de ensinar aos homens, que suas palavras não se deviam entender em sentido carnal, mas sim espiritualmente; porque » [e eis a prova do que avanço] « *quantas pessoas pensaes que poderiam comer de seu corpo para que este pudesse servir de alimento a todo o mundo?* » Mais claramente ainda o dizem as palavras de Santo Agostinho: « Entendei espiritualmente o que vos tenho dito. Não haveis de comer *este corpo que vêdes*, nem beber *este sangue, que derramarão os que me hão de crucificar*. Pelo contrario, tenho vos ordenado *certo Sacramento* » [e aqui Santo Agostinho, apesar da observação do autor ao pé da pagina, *anda muito acertado*] « que vos vivificará se o entenderdes *espiritualmente*, porque embora haja de celebrar-se *visivelmente*, deverá entender-se *invisivelmente* ». E em outro lugar: « Isto escandalisa-vos? Imaginaes, porventura, *que darei em pedaços este meu corpo que vêdes e que despedaçarei os meus membros para dar-vol-os?* Pois que será se vós virdes subir o Filho do Homem aonde elle primeiro estava? *Pois é certo que aquelle que subir inteiro não poderá ser comido* ». Nenhum destes tres autores, portanto, nega ás palavras de Jesus o sentido litteral e real; muito pelo contrario: sustentam-no e rejeitam o sentido figurado e espiritual do autor; sómente impugnamos o sentido carnal e material dos ouvintes e quando dizem que devem ser entendidas no sentido espiritual, querem com isto dizer, assim como o provam claramente as palavras de Santo Agostinho, que Jesus lhes dará a *comer a sua verdadeira carne e o seu verdadeiro sangue* não d'um modo material mas espiritual, isto é, d'um modo sacramental sob as especies de pão e de vinho. Por outras

palavras, Eusebio, Santo Athanasio e Santo Agostinho nestas palavras não ensinam o sentido figurado e espiritual do autor das « *Noites com os Romanistas* » e de tutti quanti, *senão ensinam o sentido litteral e real dos Catholicos*, e, por isso, o autor não pôde apoiar-se na autoridade delles, nem tem motivo justo para esta odiosidade ao endereço dos catholicos: que se estas mesmas testemunhas *em outras passagens* ensinam a doutrina Catholica, *aqui* ensinam a doutrina protestante e por isso, só demonstram que são homens muitos incoherentes, pois que tem escripto em ambos os sentidos, e portanto não são competentes para ensinar-nos a interpretação das Escripturas. — Que bobagem! O escuro autor das « *Noites com os Romanistas* », que não entende nada da Escriptura Sagrada, que não acerta com a verdadeira explicação de nenhum dos textos que allega, como se prova nesta obra A CADA INSTANTE, *elle, sim, tem competencia para interpretar a Biblia* — mas Santo Athanasio, Santo Agostinho, gigantes que pôdem pulverisar entre dois dedos milhares de pygmeos do jaez do ministro evangelico, *não têm competencia para isso*, é para morrer de rir-se!!!

Opponhamos, portanto, á explicação erronea, que dá o autor, aos versetos 62, 63 e 64 a verdadeira explicação dos exegetas catholicos para vermos ainda mais claramente ao que se reduz *este argumento inventado e formulado pelo mesmo Senhor contra a transubstanciação*. Rezam os textos: « Sabendo porém Jesus dentro de si mesmo que murmuravam disto seus discipulos, disse: Isto vos escandalisa? Pois que será se virdes o Filho do Homem subindo aonde estava antes? O espirito é o que vivifica, a carne nada aproveita: as palavras que eu vos tenho dito são espirito e vida. »

A doutrina de Jesus, mormente a que dizia respeito ao SS. Sacramento, no qual sob as especies de pão e de vinho, lhes daria a comer e beber sua carne e sangue, não deixára de escandalisar o espirito orgulhoso e grosseiro de muitos dos seus ouvintes; julgavam que Jesus faria em pedaços sua carne e dividiria em porções o seu sangue, e assim, contra as prohibições terminantes da lei, lh'os offereceria a comer e beber. E isto lhes dava assumpto de murmurações e grandes repugnancias. Dahi o verseto 61: « Mas muitos dos seus discipulos ouvindo isto, disseram: Duro é este discurso e quem o pôde ouvir? » v. 62 « Sabendo, porém, Jesus dentro de si mesmo que murmuravam disto seus discipulos, disse: Isto vos escandalisa? » Jesus, portanto, sabia que entendiam suas palavras no sentido litteral e real, embora d'um modo carnal e grosseiro. Que faz elle? Não nega o sentido litteral e real das suas palavras; não lhes diz que se enganaram a respeito da real manducação e da real bebida de sua carne e seu sangue, pelo contrario os confirma neste entendimento das suas palavras,

como se lhes dissesse: Isto vós escandalisa, que vos disse que darei a minha carne como comida e meu sangue como bebida? Sómente quer precaver e excluir uma cousa: que não entendam suas palavras d'um modo tão carnal e grosseiro, como se devesse fazer em pedaços sua carne e dividir em porções seu sangue para dar-se-lhes como comida e bebida. O caminho para este fim abre-o o verseto 63: « Pois que será se virdes o Filho do Homem subindo aonde estava? » Como se dissesse: Julgai, que, como verdadeiros antropophagos, deveis comer minha carne feita em pedaços e beber o meu sangue dividido em porções, tereis ainda a mesma idea grosseira e carnal da manducação e da bebida de minha carne e de meu sangue se me virdes subir ao céu? Ou não comprehendes, que aquelle que pôde tornar meu corpo e meu sangue celeste, poderá também achar um meio de vol-os dar como comida e bebida d'um modo espiritual, isto é, escondido sob as apparencias de pão e de vinho, e não d'um modo tão carnal e grosseiro? v. 64. « O espirito é que vivifica, a carne nada aproveita. » Não; o effeito da vida eterna não deve ser attribuido á carne, considerado em si, mas ao espirito, á divindade unida á carne. Depois conclue: « as palavras que eu vos tenho dito são espirito e vida », isto é, as palavras que tenho dito, a minha doutrina é espirito e vida no que a accceita com fé e conforme ella vive, minha palavra converterá o pão e o vinho no meu corpo e sangue, e quem os receber será de algum modo convertido em mim.

Por conseguinte « *a haute nouveauté* » do autor nesta discussão religiosa, o famoso argumento inventado e formulado pelo mesmo Senhor contra a transubstanciação, se reduz a muito pouca cousa; não prova de nenhum modo a explicação do ministro evangelico. Mas o pastor protestante não é tão afferrado ao argumento *divino*, que se dedigne de argumentos *humanos*. Dahi outra difficuldade que propõe nestes termos: « Perguntei-lhe » [já sua bella antagonista, pois era uma senhora] « se cria que a carne do Senhor, que havia de ser comida, e o seu sangue, que havia de ser bebido, eram a carne e o sangue do mesmo corpo, que tinha nascido da Virgem Maria? Disse-lhe ainda, que eu suppunha que assim ella cria, porque o Catecismo do Concilio de Trento diz que é « o verdadeiro Corpo de Christo, o mesmo que nasceu da Virgem e que está sentado á dextra do Pai no céu, que é contido no Sacramento. Cap. IX, pag. 26.

« Respondeu-me, que, sem duvida, assim o cria, porque Jesus não tinha outra carne senão a que era da substancia da sua Mãe. Porém, ajuntou ella, porque me faz o senhor esta pergunta?

« Não pôde deixar de divertir-me a sua simplicidade, e

« disse-lhe que a sua resposta, tão clara e terminante, cortava
 « pela raiz a interpretação que ella dava a esse capitulo, por-
 « que Nosso Senhor em todo elle, está fallando não daquelle
 « que recebeu da Virgem Maria, mas sim daquelle que desceu
 « do céu. Diz : Aqui está o pão que desceu do céu para que
 « todo o que d'elle comer não morra, etc, etc; — Assim é
 « evidente que não está fallando de carne e de sangue que
 « recebeu da sua Mãe, e que, por isso, eram da terra, mas sim
 « de alguma cousa vinda do céu. E é claro que, quando
 « fallava de comer a sua carne e beber o seu sangue, era
 « este o seu pensamento, porque no verso que segue, se ex-
 « plica dizendo : Aqui está o pão *que desceu do céu*. Em todo
 « este discurso está fallando de seu divino amor, manifestado
 « em ter descido do céu para nossa salvação. Este pão era
 « a sua natureza divina que tinha descido do céu e tomado a
 « nossa natureza por amor de nós. E a propria vida da alma
 « consiste em termos fé naquelle facto alimentando com elle
 « as nossas almas. « Eu sou, disse Jesus, o pão da vida : o que
 « vem a mim não terá fome, e o que crê em mim não terá
 « sede » (v. 35). A promessa de não ter fome nem sede faz-se
 « áquelles que veem a elle e nelle crêem, e esta é justamente
 « a promessa que Jesus Christo faz aquelles que comem a sua
 « carne e bebem o seu sangue, o que demonstra que estes
 « actos se referem simplesmente a viver por fé nelle, e alimentar
 « nossas almas nelle, buscando a nossa vida em sua morte
 « expiatoria.

« A unica difficuldade, que ha para a comprehensão deste
 « discurso de Jesus, provem de não se ter em conta a figura,
 « que lhe deu origem. Nosso Senhor accusou os judeos de o
 « seguirem com o unico fim de serem alimentados por elle
 « outra vez, por uma repetição do milagre dos pães e dos
 « peixes, dizendo-lhes : « Em verdade, em verdade vos digo,
 « que vós me buscaes, não porque vistes os milagres, mas
 « porque comestes dos pães e ficaste fartos. Trabalhae, não
 « pelo comida que perece, mas pela que dura até a vida eterna,
 « a qual o Filho do Homem vos dará (v. 26-27). Estas pala-
 « vras deram principio ao discurso, e são a chave que nos
 « manifesta seu sentido, ensinando-nos o razão porque Jesus
 « usou da figura de comer e beber, quando queria apenas
 « dizer : *vir a elle e crêr nelle.* »

Respondo : que se a simplicidade da sua bella antagonista
 divertiu o autor das « *Noites com os Romanistas* »; a cegueira
 e o fanatismo religioso d'elle proprio, me contristam. Com effeito,
 é claro como a luz do dia, que Jesus Christo neste capitulo, a
 partir do verseto 50 em diante, fallando do pão da vida que
 desceu do céu, falla de sua carne e seu sangue, deste mesmo
 corpo e sangue que recebeu da SS. Virgem Maria e que pro-

mette dar a nossas almas como verdadeira comida e verdadeira bebida para a vida eterna. Os argumentos, com que os provei, são irrespondíveis; não admittem a partir do verseto 50 em diante o sentido figurado do autor e dos protestantes. Por isso, a promessa de não ter fome nem sede, que se faz aquelles que *vem a elle e nelle crêem*, NÃO É JUSTAMENTE a promessa, que Jesus Christo faz aquelles, que *comem a sua carne e bebem o seu sangue*. *E' totalmente differente*; pois no verseto 35, donde o autor tirou estas palavras, Jesus falla de si, não como Sacramento mas só como objecto de fé, e por isso não diz: « quem *me come* quem, *me bebe* não terá mais fome e sede; não; evita cuidadosamente toda a idea de comer e beber e diz: quem *vem a mim*, quem *crê em mim*, expressões estas que só são proprias para denotar a fé n'uma pessoa, e não a manducação, a bebida de sua carne, de seu sangue. As expressões comer e beber, portanto, na bocca de Jesus não são como quer o autor, uma figura para exprimir vir a elle e crêr nelle; muito pelo contrario; significam a *manducação real, a bebida real da carne e do sangue de Jesus Christo*. Nem ha lugar para a objecção pueril e ridicula do autor, que o pão da vida descido do céu de que falla Jesus, é a natureza divina que recebera de seu Pae, e não a natureza humana que recebera da sua SS. Mãe; pois cada um sabe que depois da Incarnação do Verbo de Deus, pela união hypostatica, estas duas naturezas não pôdem mais ser separadas, mas são hypostaticamente unidas na Pessoa do Verbo, de sorte que quem na Sagrada Communhão recebe o Corpo e o Sangue de Jesus Christo ao mesmo tempo recebe a divindade de Jesus Christo. Por isso Jesus disse: (João VI. 57) « o que come a minha carne e bebe o meu sangue fica em MIM e EU nelle; » — e (v. 58) « o que ME come tambem elle viverá por mim. » Demais, á natureza humana de Jesus, n'um certo sentido, são applicaveis as palavras « descido do céu »; pois embora o Corpo e Sangue do Salvador sejam tomados e formados da substancia do Corpo e Sangue da SS. Virgem Maria — são-no por milagre celeste, pela operação do Espirito Santo (Luc. II. 55). — Resta ainda de dizer algumas palavras sobre a *tal chave* do capitulo sexto « de S. João, que, segundo o autor, nos manifesta seu sentido « ensinando-nos a razão porque Jesus usou da figura de comer e beber, quando queria apenas dizer: vir a elle e crêr nelle. » Nós tambem no servimos da mesma chave, e ella (para continuarmos a metaphora illegitima do autor, visto como uma chave não serve para *manifestar* uma cousa mas sim para *abril-a*) nos manifestou seu sentido, qual a razão porque Jesus usou da figura de *chegar-se* ao pão da vida, de *crêr* no pão da vida, e a deixou quando fallou em *comer e beber* o pão da vida. Esta chave é ter em conta a figura que deu origem ao discurso de

Jesus. Era o milagre da multiplicação dos pães e dos peixes. Os judeus seguiram a Jesus com o unico fim de serem alimentados outra vez. Jesus lhes exprobra isto e conclue: Trabalhae não pela comida que perece mas pela que dura até á vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará (v. 26-27). Estas palavras, segundo o autor, provam que comer e beber são uma figura para exprimir vir a elle, crêr nelle.

E' justamente o contrario do que *nós* sustentamos. O milagre da multiplicação dos pães e dos peixes é muito mais proprio para d'elle concluir ao sentido litteral e real das palavras « comer e beber » do que ao sentido figurado e espirital do autor. Com effeito, o Salvador tinha sempre por costume aproveitar-se da oportunidade d'um milagre, para inculcar uma doutrina adaptada ás circumstancias do prodigio. Dando vista a um cêgo, falla de cegueira espirital dos Phariseus (João IX). O milagre da cura do paralytico offerece-lhe occasião de explicar a doutrina de resurreição (João V). Depois da expulsão do demonio falla dos maus espiritos (Math. XII). Ora, sendo este o costume de Jesus, podia offerecer-se occasião mais favoravel para fallar da SS. Eucharistia do que a multiplicação milagrosa dos pães e dos peixes, que sob tantos respeitos é uma figura tão bella e verdadeira do SS. Sacramento do altar: com que alimenta, sob as fracas apparencias de pão e de vinho, com seu verdadeiro corpo e sangue não cinco mil homens mas tantos milhões de homens quantos ha catholicos no universo? E não combinam melhor com a verdadeira e real manducação e bebida do Corpo e Sangue de Jesus do que com qualquer alimentação espirital as palavras de Jesus: « Trabalhae, não « pela comida que perece mas pela que dura até a vida eterna, « a qual o Filho do Homem vos dará? »

Mas a série dos argumentos contra o sentido litteral e real das palavras « Comer e beber » ainda não chegou a seu fim, pois, como diz o autor, « ha varios outros pontos naquelle « discurso de Jesus, que impugnem a doutrina da Igreja Romana. O primeiro acha-se nas palavras: Se não comerdes a « carne do Filho do Homem e *beberdes o seu sangue* não tereis « a vida em vós. O que come a minha carne e *bebe o meu « sangue* tem a vida eterna, e eu o resuscitarei no ultimo dia. « (v. 54-55).

« E' evidente que, a tomar litteralmente estas palavras, « o *beber o sangue* de Christo é tão necessario como comer a « sua carne; é tão necessario receber o calix como receber a « hostia no Sacramento da Eucharistia. » [que tour de force na logica!!!]. « Isto toca muito de perto á pratica da Igreja « Romana, que dá ao commungante o pão consagrado, mas « nega-lhe o calix. Pois bem, se a linguagem de Nosso Se- « nhor se refere ao Sacramento, ensina necessariamente que a

» promessa da vida eterna se refere sómente aos que bebem
« o vinho e comem o pão ao mesmo tempo, e, neste caso,
« privar os leigos do calix é tirar-lhes toda a esperança da
« vida eterna. »

Respondo : Pobres catholicos ; como é possível que possais ficar, ainda por um só instante no gremio da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, nesta Igreja, que vos tira toda a esperança da vida eterna ? passai com tantos outros, que não o fazem *por amor do dollar yankee*, por *esperança d'um rico casamento* ou por *previsão d'uma vida mais facil* mas por mera convicção, ao templo dos methodistas ou protestantes, onde não se tira toda a esperança da vida eterna, usando seus membros, na ceia, o calix de vinho. — Ou merece outra resposta objecção tão insipida ? — Sim ; é *evidente* que, a tomar litteralmente as palavras de Jesus Christo, *o beber o sangue do Salvador* é tão necessario como o *comer a sua carne*, mas NÃO É EVIDENTE, que é tão necessario receber o *calix* como receber a *hostia* no SS. Sacramento da Eucharistia. Só a ignorancia mais crassa ou a mais decidida má fé podem sustentar o contrario. E a razão é clara ; pois *tanto* recebe quem communga sob *uma* especie qual for, quer a do vinho consagrado quer a do pão consagrado, *quanto* recebe quem communga sob *as duas* especies do pão e do vinho. Segue-se necessariamente do estado do Corpo de Jesus depois da sua gloriosa resurreição. Seu Corpo não póde mais ser separado realmente de seu Sangue, e por isso, embora pela virtude das palavras da consagração o pão se converta no Corpo de Jesus e o vinho em seu Sangue, e o Corpo e o Sangue de Jesus, pela virtude da natural concomitancia, estão presentes sob cada uma das duas especies ; e portanto quem communga *só o vinho consagrado* recebe tanto o Corpo como o Sangue de Jesus, bem como os recebe, o que communga *só o pão consagrado*, ou quem communga *as duas* especies.

Vejam os agora o *segundo ponto* : « Se tomarmos este *discurso* ao pé da letra, escreve o autor, ficará demonstrado o *contrario* da transsubstanciação, pois que, senas palavras « este é o meu corpo, e este é o meu sangue, o verbo substantivo « *é* » implica a conversão do pão no corpo e a do vinho no sangue de Jesus Christo, segue-se, que nas palavras « *eu sou* » o pão » o verbo substantivo « *sou* » deve implicar igual mudança, ensinando-nos que Christo se converte no pão ; de modo que, se o primeiro texto demonstra a transsubstanciação, e que o pão póde converter-se em Christo, o segundo demonstra que Christo póde converter-se em pão ! »

Respondo : pobre logica ; para ti não ha asylo nos arraiaes dos methodistas e protestantes ! Na verdade será possível imaginar maior absurdo ? Não ha paridade alguma entre o

« é » do este é o meu corpo e este é o meu sangue, » e o « sou » do : Eu sou o pão da vida ; pois no « este é o meu corpo, este é o meu sangue, » a palavra « é » deve ser tomada no sentido litteral e real, mas no « eu sou o pão da vida » a palavra « sou » é só tomada representativa e figuradamente, como nestas outras palavras de Jesus Christo « eu sou a porta » (João X. 7) « eu sou a videira » (João XV. 1) como provarei longamente no capitulo seguinte, que trata da transubstanciação, e onde a *explicação da palavra « é » será um dos principaes argumentos* contra a opinião heretica do ministro evangelico.

Chega a *terceira* consideração, que, segundo o autor, tem grande força para com muitas pessoas. Porém, porque o traductor n'uma nota desenvolve mais extensamente este argumento, refutarei o que escreve o traductor. Eis as suas palavras : « Note-se em primeiro logar a virtude que Jesus attribue « á participação da sua Carne e Sangue : Eu sou o pão vivo « que desci do céu. Se alguém comer deste pão, viverá eternamente ; e o pão que eu darei é a minha carne, para ser « a vida do mundo (v. 51-52). « O que come a minha carne « e bebe o meu sangue tem a vida eterna (v. 55). O que « come a minha carne e bebe o meu sangue esse fica em « mim e eu nelle (v. 57). O que come a mim esse mesmo « tambem viverá por mim... o que come deste pão viverá « eternamente » (v. 58-59). — Destes versos vê-se claramente « que a *única* condição de que Jesus faz depender a vida « eterna, nestes repetidos exemplos, é a de comer a sua carne « e beber o seu sangue. Pois bem ; crêem os Catholicos Romanos, porventura, que todos os que commungam têm a « vida eterna, ficam em Christo e Christo nelles, vivem por « Christo e viverão eternamente ? Não ; nada disto elles crêem. « Elles mesmos admittem que muitos comem e bebem indig- « namente, e que, segundo S. Paulo, comem e bebem para « si a condemnação. E, comtudo, segundo o dogma Romano, « todo o commungante, por mais indigno e peccador que seja, « come verdadeiramente a carne e bebe verdadeiramente o « sangue de Jesus Christo, e Jesus disse expressamente que « todo aquelle (sem excepção alguma) que comesse a sua « carne e bebesse o seu sangue terá a vida eterna. Claro é, « pois, que Jesus fallava de alguma cousa essencialmente dis- « tincta do sacramento. No sentido em que Elle fallou, nin- « guem póde comer e beber « indignamente » porque esse acto « salva e purifica ainda o maior peccador ».

Respondo outra vez : pobre logica, pobre logica banida para sempre das escolas dos methodistas e protestantes, quanto te lamento ! !

Quem diz alguma cousa por bocca de outro, porventura não o diz tambem com sua propria bocca ? Ora, que disse

Jesus Christo pela bocca de seu *Apostolo S. Paulo?* Fallando do SS. Sacramento da Eucharistia, disse (I Cor. XI, 23-30): « Eu mesmo recebi do Senhor o que tambem vos ensinei a vós: que o Senhor Jesus na noite em que foi entregue tomou o pão. E, dando graças, o partiu e disse: Tomae e comei: este é o meu corpo que será entregue por amor de vós: fazei isto em memoria de mim. Por semelhante modo, depois de haver ceiado, tomou tambem o calix, dizendo: Este calix é o Novo Testamento no meu sangue, fazei isto todas as vezes que o beberdes em memoria de mim. Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este calix annunciareis a morte do Senhor até que venha. » [S. Paulo, portanto, falla aqui do SS. Sacramento; depois continua:] « Por isso é que todo aquelle que comer este pão ou beber o calix do Senhor *indignamente*, será réo do corpo e sangue do Senhor. Examine-se pois a si mesmo o homem; e assim coma daquelle pão e beba do calix. Porque o que *come e bebe indignamente*, come e bebe o seu proprio juizo, não fazendo do discernimento do corpo do Senhor. Por isso ha entre vós muitos enfermos e fracos e dormem muitos ».

Por conseguinte, é falso, absolutamente falso, que Jesus disse expressamente *que todo aquelle* (SEM EXCEPÇÃO ALGUMA) *que comesse a sua carne e bebesse o seu sangue teria a vida eterna*; é justamente o contrario que disse; disse pela bocca de S. Paulo *que todo aquelle que comesse a sua carne ou bebesse seu sangue indignamente comeria e beberia o seu proprio juizo*, com outras palavras: SE CONDEMNARIA. Portanto, da comparação com o texto de S. Paulo segue-se claramente, que Jesus Christo dizendo (v. 52, etc.) o que come, se suppõe *« dignamente »*. E deste modo é claro que Jesus NÃO fallava de alguma cousa essencialmente distincta do Sacramento — mas do proprio Sacramento.

« Nota-se, em segundo lugar, diz o traductor das « Noites com os Romanistas, o que Jesus disse da absoluta necessidade desta participação para que nos salvemos, dando emphasis ás suas palavras por uma solemne repetição: « Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós. v. 54. Nesta parte, Jesus falla com tão pouca limitação como na anterior. A imprescindivel condição de termos a vida espirital e eterna em nós é a de comermos sua carne e bebermos o seu sangue. Se applicarmos esta linguagem ao Sacramento a asserção vem a ser tão inexacta como a anterior. Crêem por ventura os Catholicos Romanos que todos os que não commungam se perdem? Sem duvida que não. Perdem-se por ventura os meninos que morrem sem commungar? Não. Perderam-se aquelles martyres que

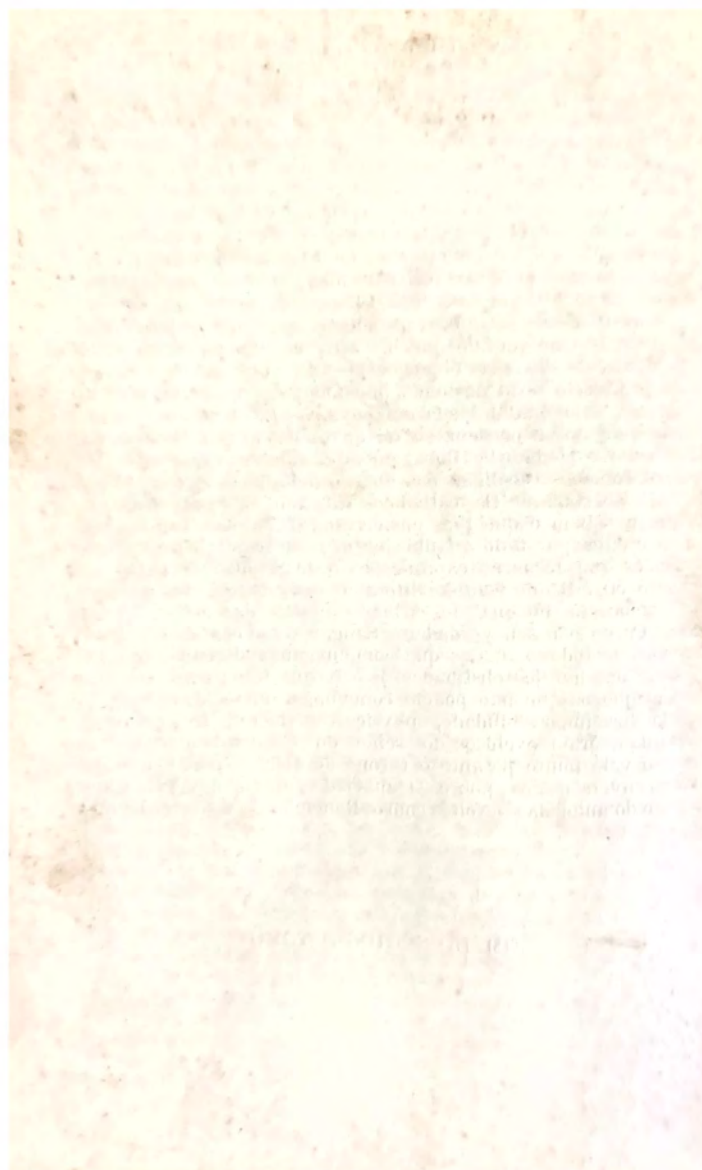
« morreram sem participar dos symbolos do corpo e do sangue
 « do Senhor? Não. Ao ladrão que se salvou na cruz, Jesus
 « disse: Hoje serás commigo no paraizo embora nunca tivesse
 « commungado, nem soubesse sequer que havia sacramento. E,
 « com tudo, Jesus disse, sem limitação alguma que não pôde
 « salvar-se o que não comer a sua carne e beber o seu sangue.
 « Daqui resulta forçosamente, que, como no caso anterior,
 « Jesus não fallava do Sacramento. Em ambos os casos o
 « argumento é funesto para a interpretação Romana. Muitos
 « se salvam sem receber o Sacramento, e muitos dos que o
 « recebem se perdem! Segue-se pois, que Jesus fallava de
 « uma cousa bem diversa. »

Respondo: que Jesus disse com termos ainda mais fortes, porque empregou a forma negativa (João III. 5): « Em verdade
 « em verdade te digo, instou Jesus, que *no reino de Deus não*
 « *terá entrada quem não renascer da agua e do Espirito Santo.* »

Agora pergunto eu: Crêem porventura o traductor das Noites com os Romanistas e os mais methodistas e protestantes que todos que não renasceram da agua e do Espirito Santo se perdem? Sem duvida que não. Perdem-se por ventura os martyres que sem serem baptisados confirmam com o testemunho de seu sangue a verdadeira doutrina de Jesus Christo? Não. O ladrão que se salvou na cruz por ventura foi baptisado? Não. E, comtudo Jesus disse sem limitação, quem não renascer da agua o do Espirito Santo não terá entrada no reino de Deus. Daqui resulta forçosamente *que Jesus, como no caso anterior, podia fallar do SS. Sacramento da Eucharistia*, e que suas palavras « se não comerdes etc » não excluem excepções; que só contem uma condição imprescindivel para os *que podem* commungar: que *não dizem respeito aos meninos e crianças*, que ainda não podem ter a fé que Jesus tambem requer para commungar-se dignamente; que não dizem respeito aos *que de todo não podiam commungar*, como por exemplo, ao bom ladrão, aos martyres, etc., etc., mas que são applicaveis só aos *que culpavelmente não commungarão*.

« Mas, diz o traductor, este capitulo nos subministra,
 « além disso, uma refutação completa do dogma da transsub-
 « tanciação. Segue-se necessariamente do que fica dito « que
 « muitos recebem o sacramento sem comer a carne e beber o
 « sangue de Jesus Christo » [isto é impossivel] « e por isso se
 « perdem » [não se perdem por não receberem o SS. Sacra-
 « mento, isto é, o corpo e sangue de Jesus Christo; mas por
 « recebê-los indignamente como diz S. Paulo, I. Cor. XI. 29].
 « Segue-se tambem que muitos sem receber o Sacramento comem
 « a carne e bebem o sangue de Jesus Christo, e a prova é que
 « se salvam » [nego absolutamente que comam a carne e bebam
 « o sangue de Jesus Christo; isto sem communhão é impossivel

e por conseguinte, não se salvam PORQUE comem a carne e bebem o sangue de Jesus Christo. A prova do traductor é o que se chama em boa logica «*petitio principii*,» prova que não é prova, prova de bôbos e ignorantes]. «Logo, como Jesus «disse que todo aquelle que come a sua carne e bebe «o seu sangue se salva, e que todo aquelle que não come a «sua carne nem bebe o seu sangue se perde, segue-se evidentemente que: o Sacramento da Eucharistia não é o corpo «nem o sangue de Jesus Christo mas sómente um symbolo «deste corpo e deste sangue.» [Esta conclusão do autor é inteiramente falsa porque as premissas são falsas, pois Jesus não disse isto no sentido que lhe attribue o autor como vimos nas refutações das suas objecções]. «De outro modo, o mesmo «Jesus Christo teria ensinado que todos os commungantes se «salvam; seja qual for sua conducta; e que todos os que não «commungam se perdem, sejam quaes forem sua fé, arrependimento e piedade! [Bobagem do traductor] «Que os catholicos romanos escolham das duas conclusões a que acharem «mais acertada.» [Os catholicos romanos não precisam de escolher, sabem o que lhes ensina sua fé e são confirmados nesta crença por tudo quanto leram neste capitulo; estão convencidos que Jesus no capitulo sexto de S. João a partir do verseto 50 falla no sentido litteral e real do SS. Sacramento da Eucharistia no qual Jesus lhes promette dar o seu verdadeiro Corpo e o seu verdadeiro Sangue como comida e bebida; sabem que todos aquelles que commungam indignamente terão a sorte dos herejes obstinados, isto é, que irão para o inferno; sabem que os que não podem commungar impedidos por uma verdadeira impossibilidade, physica ou moral, só por causa disto não serem exclusos do reino do Céu; sabem que sua oração vale muito perante o throno de Deus e por isso rezam pela conversão dos pobres transviados, mormente pela conversão do autor das «Noites com os Romanistas» e seu traductor].



INDICE

CAP.	PAG.
VIII A Oração dos Santos	5
IX A Invocação dos Santos	27
X O Culto dos Santos	54
XI A Virgem Maria	79
XII O Sacrificio da Missa	112
XIII O Sacrificio da Missa	136
XIV O Capitulo VI de S. João	153



ERRATAS

Como soe acontecer, escaparam alguns erros de typographia, que o leitor benevolo corrigirá por si.

Comtudo não me parece ocioso indicar os seguintes:

PAG. LIN.	ERRO	EMENDA
77 38	servil-o	servir-lhe
78 14	recorriam	recorressem
101 34	continua	continuo
104 34	fazei	farei
117 27	como o antigo	com o antigo
117 29	com que	com o com que
119 7	a versão em latim	a versão do latim
129 36	provavelmente	provavel
131 3	o sacerdote de Jesus	o sacerdocio de Jesus
131 15	pelas mãos delle	pelas mãos delles
132 1	Ora, segundo	Ora, se segundo
141 11	segundo e numero	segundo o numero
141 27	Deveras seriam	Serão representados pela acção scenica todos os pormenores da victoria. Por mais, porém, que forem reproduzidos não representarão senão uma e mesma victoria
155 18	vão	são